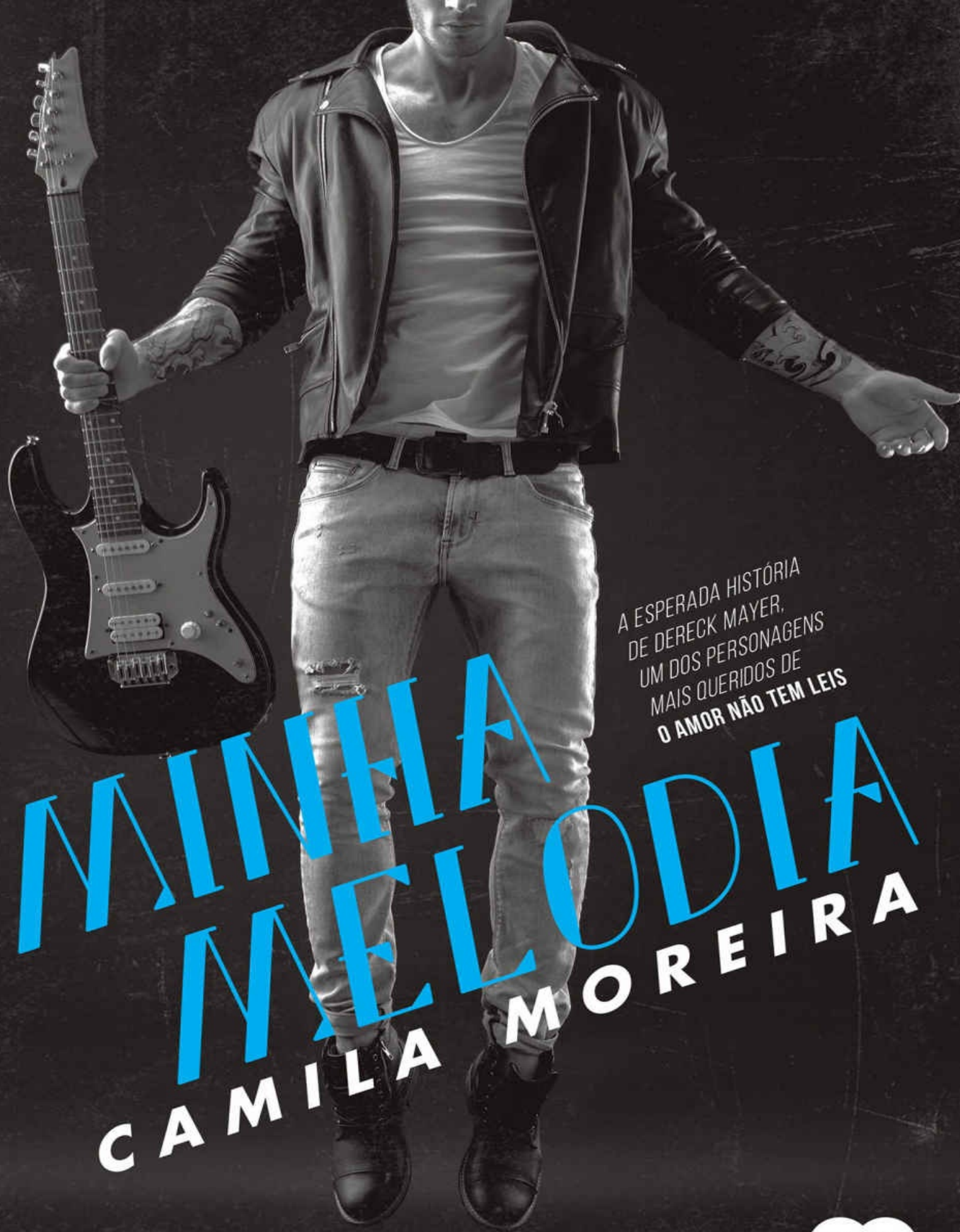




A ESPERADA HISTÓRIA
DE DERECK MAYER,
UM DOS PERSONAGENS
MAIS QUERIDOS DE
O AMOR NÃO TEM LEIS

MINHA MELODIA

CAMILA MOREIRA

SUMA
de letras



MINHA MELODIA

CAMILA MOREIRA

Dedico este livro a todos aqueles que um dia se entregaram à dor.

“A dor não vai te matar, a não ser que esse seja o seu desejo.”

Nota da autora

Minha melodia é um livro repleto de músicas. Não poderia ser diferente, pois Dereck Mayer é a própria música.

No início de cada capítulo, há o título de uma canção. Ao longo do texto elas podem aparecer também, mas muitas vezes não terão uma relação direta com as cenas descritas.

Enquanto eu escrevia *Minha melodia*, escutei diversas músicas que me inspiraram, e foram essas que senti necessidade de compartilhar com vocês.

Montei uma playlist para os leitores que quiserem embarcar na leitura escutando as mesmas músicas que me acompanharam e que despertaram em mim tantas sensações maravilhosas.

Então, aperte o play, vire a página e se entregue ao mundo da música.

Com carinho,

Camila Moreira

Playlist

“Seize the day” – Avenged Sevenfold
“This ain’t a love song” – Bon Jovi
“Back in black” – AC/DC
“Want to want me” – Jason Derulo
“Let me go” – 3 Doors Down
“Não vá embora” – Marisa Monte
“It’s time” – Imagine Dragons
“Seu olhar” – Seu Jorge
“Hello” – Adele
“Hoje” – Ludmilla
“I won’t let you go” – James Morrison
“Eduardo e Mônica” – Legião Urbana
“Stay with me” – Sam Smith
“Let her go” – Passenger
“Primeiros erros” – Capital Inicial
“É isso aí” – Ana Carolina
“I’ll fight” – Daughtry
“Let me down slow” – The Rolling Stones
“Every time I look at you” – Kiss
“Um dia lindo” – O Rappa
“Don’t look back in anger” – Oasis
“Os cegos do castelo” – Nando Reis
“Iris” – Goo Goo Dolls
“Wherever you will go” – The Calling
“Há tempos” – Legião Urbana
“Love will show you everything” – Jennifer Love Hewitt
“Savin’ me” – Nickelback
“I still haven’t found what I’m looking for” – U2
“Thinking out loud” – Ed Sheeran
“42” – Coldplay
“This time” – Jonathan Rhys Meyers
“I don’t want to miss a thing” – Aerosmith
“Whatever it takes” – Lifehouse

“Patience” – Guns N’ Roses

“A noite” – Tiê

“Apologize” – One Republic

“How long will I love you” – Ellie Goulding

“Eu preciso dizer que te amo” – Cazuza

“Always” – Bon Jovi

“Ela vai voltar” – Charlie Brown Jr.

“Coming home” – Diddy-Dirty Money

“Dear God” – Avenged Sevenfold

Prólogo

DERECK

“Seize the day”, Avenged Sevenfold

Encarei o convite em minhas mãos pela décima vez. Sei que ela não fez por mal, mas, porra... doeu pra caramba ver o nome dele e o dela juntos.

Alexandre Mendes Ferraz & Maria Clara Gomes Bueno

Um convite de casamento. Endereço, data e hora da cerimônia em que minha gatinha se entregaria para sempre a outro homem.

Burro! Burro! Burro!

Bati a cabeça várias vezes no balcão do bar. Quando olhei em volta, me vi mais uma vez sozinho. Não era nenhuma novidade, mas dessa vez eu tinha pedido ao dono do bar que reservasse a área VIP para mim, pois queria ficar isolado de todos.

A música alta ressoava no ambiente, e meu primeiro instinto foi memorizar cada acorde, como faço desde criança. Desde aquela época, o que para muitos são sons incoerentes para mim é música. Na adolescência, eu já tinha a minha banda.

O fato de ter morado nos Estados Unidos ajudou muito minha carreira, sem dúvida. Sou filho de brasileiros que emigraram em busca de uma vida melhor — e conseguiram! Depois de um tempo, meus pais voltaram para o Brasil, pois nada aplacou a saudade que sentiam de casa, do país onde nasceram e cresceram, mas eu fiquei lá, estudando e tendo a chance de me dedicar ao que me completa: a música.

Hoje sou realizado. Minha última turnê me tornou um músico conhecido em todo o mundo, que estampa notícias em sites, jornais e revistas praticamente toda semana, mas isso ainda não diminuía a dor que rasgava meu coração. Havia anos sofria por uma mulher que não era minha, nunca foi e nunca seria.

Vi Clara pela primeira vez no pub de um amigo. Ela era linda, sorridente, desinibida e parecia cheia de vida, sem amarras, totalmente livre. No entanto, quando a conheci, descobri que estava dilacerada, sofrendo por alguém que tinha perdido. O noivo de Clara morrera em uma mesa de cirurgia, dando a própria vida para que ela pudesse sobreviver, com o rim doado por ele.

Eu me aproximei dela, tentei ser seu porto seguro. Por causa da culpa que sentia, Clara não se permitia a felicidade, escolhendo sofrer por um amor que já havia partido. Fascinado por ela e por sua história de vida, dor e perda, eu a chamei para viajar o mundo comigo. Não tive dúvidas do que queria. Desde o primeiro momento, eu sabia que aquela mulher precisava ser minha, e eu, dela. Decidida a se afastar das lembranças que a faziam sofrer, Clara aceitou meu convite.

Ao embarcarmos para os Estados Unidos, eu me sentia cheio de esperanças. Não estava mais sozinho.

Passei com minha gatinha os melhores meses da minha vida. Um ano inteiro de companheirismo, carinho e, claro, sexo, muito sexo. Éramos insaciáveis. Não existia parceira mais perfeita. Clara era uma mulher totalmente diferente de todas que haviam passado pela minha cama. Ela comandava, deixava-se ser comandada, tinha fantasias e as realizava sem nenhum pudor. Embarcava em todas as minhas loucuras e não hesitava quando o assunto era sexo. Ela era única.

Eu a queria ao meu lado para sempre, queria apresentá-la como minha garota. Clara era a única capaz de me tirar do chão, me fazer flutuar. Mas ela não estava no mesmo momento que eu. Com o coração trancado pelo passado, não me deixou entrar por completo, até que me abandonou, me lançando em um abismo profundo.

Eu sentia falta do seu sorriso, do seu cheiro, até dos seus palavrões. Ela era espontânea, desprovida de qualquer barreira. Mesmo arrasado, eu sabia que Clara precisava de um tempo, e lhe dei o espaço que ela havia, em silêncio, me pedido. Passei alguns meses me dedicando totalmente ao trabalho, mas sem jamais esquecê-la.

A música era o que me mantinha de pé. Era o que me fazia encarar cada dia com a convicção de que tudo daria certo. Então, finalmente voltei para o Brasil em busca da mulher que ocupava meus sonhos e pensamentos. Vim cheio de esperança e vontade de tê-la novamente em meus braços.

Mas cheguei tarde.

Clara tinha deixado um homem entrar em seu coração, e esse homem não era eu.

Ainda lutei, saí daquele furacão sabendo que fiz tudo o que estava ao meu alcance para conquistar Clara, mas ela se entregara a um advogado, que conseguiu o que mais ninguém tinha conseguido: Alexandre a trouxe de volta à vida. Ele a resgatou da escuridão.

E, apesar de odiar o homem que tomou de mim meu bem mais precioso, eu lhe devia minha gratidão. Ele a salvara.

Já tinha retornado aos Estados Unidos, e, quando Clara me convidou para seu casamento, pensei muito se deveria ir. Depois de tudo que havia acontecido, voltar ao Brasil seria difícil. Analisei as probabilidades, as chances de sofrer, de me arrepender, e me dei conta de que não era um homem de arrependimentos. Fiz as malas.

Ali estava.

Achei que já tivesse superado a perda de Clara. Ledo engano. Assim que pisei neste país, as lembranças de tudo que vivi nos últimos anos me atingiram em cheio. E, mesmo me esforçando para ver a garota que eu amava alcançar a felicidade, não consegui ir ao casamento. Cheguei a vestir o terno e pegar o carro, mas, no caminho até a igreja, enquanto eu dirigia, a música preferida de Clara tocou na rádio. Eu pirei.

Dei meia-volta enquanto escutava o vocalista cantar “Seize the day”. Parei no primeiro bar que vi e me sentei a uma mesa. Ali, bebi metade da garrafa de Jack Daniel’s que pedi.

Eu não queria acreditar que a estava perdendo para sempre, mas era um fato inquestionável. A dor dessa constatação ardia em meu peito e me deixava enjoado. A sensação de fracasso me destruía mais que o álcool.

Eu tinha esperado por tempo demais.

Demorado demais para agir.

A quem eu estava querendo enganar?

Ela nunca tinha olhado para mim como olhava para o advogado. O velhote conseguira e eu falhara, e esse sentimento esmagava meu peito a cada segundo. Ele tinha entrado no coração dela, enquanto eu só conseguira entrar em seu corpo. Confesso que isso não era tão ruim, mas eu queria mais, algo que Clara não conseguiu me dar, mas que deu a ele: seu amor.

Juro que tentei voltar para minha vida, mas não tinha ao que me agarrar. As esperanças se esvaíram e nem o que eu mais amava conseguia me tirar do buraco em que eu havia me enfiado. Por mais que eu lutasse, a música já não fazia tanto sentido em minha vida, assim como todo o resto.

Ao ouvir a plateia gritando meu nome, eu apenas constatava que, mesmo diante de uma multidão, estava sozinho. Precisava preencher o vazio de alguma forma, mesmo não sabendo como, com quem ou com o quê.

Nos últimos meses, vivi um milhão de coisas.

Depois que Clara me deixou, não suportei: me entreguei ao álcool, fiz coisas das quais me arrependo e que ainda me perseguem. Praticamente vegetava ao longo dos dias. Faltava a ensaios, chegava a shows arrastado pela minha banda e não dava a mínima para nada. É claro que a imprensa não saiu do meu pé.

Cada vacilo e cada pisada de bola da minha parte eram estampados nos quatro cantos do mundo. “Dereck Mayer, o mais novo rei dos escândalos.” Cada dia era uma matéria sensacionalista diferente, e eu estava ficando cansado de tanta perseguição e falta de privacidade. Esse foi o segundo motivo para eu voltar ao Brasil. Apesar de saber que a proximidade de Clara poderia me torturar ainda mais, eu queria me esconder, e escolhi como abrigo o país que tanto amo.

Admito que estava sendo mais difícil do que eu havia imaginado.

Só depois que Clara me deixou foi que percebi que meu coração pertencia a ela por inteiro. Estava completamente à mercê da mulher que agora se casava com outro.

E eu? Continuaria perdido.

Um cantor conquistando o mundo, mas sem a única pessoa que queria ao seu lado. Eu não sabia por quanto tempo sofreria por aquela perda, mas sabia que seria suficiente para entender que não haveria outra como ela. Clara era única, e eu só podia esperar que o desgraçado nunca se esquecesse disso.

— O senhor quer que eu chame um táxi para levá-lo?

Notei quando o gerente do bar se aproximou, preocupado com minha situação. Olhei para ele e para a garrafa à minha frente. Tirei duas notas de cem reais da carteira. Ele pegou e logo se afastou, entendendo meu pedido. Ainda tinha quase metade da garrafa de uísque e não sairia dali enquanto não anestesiasse a porra da dor que eu sentia.

Balancei a cabeça, sorrindo. Impossível! Nem o álcool me aliviaria.

Abri a carteira e peguei um pacotinho. Não era nada de mais, apenas uma coisa que me faria esquecer. Eu precisava descansar, ou pelo menos parar de pensar.

Fui até o banheiro e tranquei a porta. Em seguida, espalhei o pó branco sobre o mármore da pia, enrolei uma nota de cinquenta dólares e aspirei. Senti o pó atravessar o nariz e a garganta queimar. Minha respiração acelerou e tudo ao redor começou a pulsar, com a mesma intensidade com que meu coração batia. Eu sabia que em questão de minutos ficaria tudo bem. Sempre ficava.

Resolvi olhar o celular para me torturar um pouco mais. Procurei o nome dela nos contatos, mas

não liguei, fiquei olhando para a imagem: uma selfie de nós dois em frente a um estádio em Londres, em um show de rock que abri. Minha carreira estava começando a decolar, e ela estava comigo. Clara beijava minha bochecha enquanto eu sorria para a câmera. Uma imagem que nunca esquecerei, assim como sempre me lembrarei da sua voz dizendo que amava as covinhas que se formavam no meu rosto quando eu sorria. Ela não perdia a oportunidade de repetir aquilo, e agora eu me amaldiçoava por não ter dito que a amava. Sim, eu a amava, mesmo depois de descobrir que o destino dela estava traçado e que não seria ao meu lado.

Voltei para a mesa, desisti de pegar o copo e bebi o uísque direto da garrafa, virando todo o líquido. A bebida me trouxe alívio, mas me deixou ainda mais tonto.

Amo suas covinhas.

Amo você.

Apaguei.

Quando acordei, levei um tempo para me situar. Minha cabeça girava e eu não conseguia lembrar onde estava. Senti um toque delicado no rosto e por um momento pensei que fosse ela, mas, quando enxerguei o rosto, veio a decepção.

Não era Clara.

Mesmo não sendo ela, segurei a mão que me tocava, para que a pessoa ficasse e me ouvisse. Alguém teria que me ouvir. Meu coração gritava e eu precisava que ao menos alguém entendesse aquilo pelo qual eu estava passando, sem me julgar e me rotular de fraco.

— Você já amou uma pessoa sabendo que ela nunca seria sua? — perguntei, implorando compreensão.

— Sim, já amei — respondeu a desconhecida, em voz baixa e transmitindo certa melancolia, como se soubesse muito bem o que eu sentia.

— Isso dói.

Desviei o olhar, envergonhado.

Senti novamente o toque suave. A desconhecida me encarou, e seus olhos brilhavam com lágrimas que desciam livres pelo rosto.

— Dói. Mas não mata.

— Como faço pra esquecer?

Eu queria uma resposta que me fizesse reagir ou que pelo menos me ajudasse a descobrir o caminho a seguir.

— Se descobrir, me avise. Também gostaria de saber.

Reconheci em sua voz o mesmo sofrimento que o meu, mas também vi em seu olhar a vontade de seguir em frente. Sorri em agradecimento, e ela retribuiu com um sorriso que me prendeu. Seu rosto escondia algo, e eu conhecia aquele olhar: ela sorria para me tranquilizar. Sofria, eu tinha certeza, mas me mostrava que era possível seguir adiante.

Percebi que não estava sozinho. Alguém, em algum lugar no mundo, compartilhava minha dor.

“This ain’t a love song”, Bon Jovi

Com vocês... Dereck Mayer!

DERECK! DERECK! DERECK! DERECK!

Alguns sons são música para os nossos ouvidos, e não seria diferente comigo. A primeira vez que subi em um palco, cantei minha verdade, minha paixão, e, quando ouvi meu nome ser gritado aos quatro ventos, tive certeza de que nascera para aquilo.

O que me motivava não era a sensação de ser aclamado, ovacionado ou reconhecido, e sim o fato de alguém notar que eu estava ali, saber da minha existência e procurar por mim, por minha música.

Eu *sou* Dereck Mayer.

A música era minha vida, mas, depois que Clara me deixou, nem isso me salvava do martírio que eram meus dias. Ela era o sol que iluminava e aquecia minha existência. Sem ela, eu estava no vazio... no escuro... e no frio.

Dói.

E quando digo que dói, quero dizer fisicamente. É real, machuca de verdade. A mente sente, o corpo se entrega e tudo parece girar em torno de algo que você ainda não descobriu o que é, mas que o atrai como um ímã. Eu precisava reencontrar o equilíbrio, descobrir um novo apoio, mas estava perdido, sem esperanças de encontrar um caminho e seguir em frente.

Abaixei a cabeça e subi no palco.

O lugar que por muito tempo tinha sido meu chão. Minha tábua de salvação.

A primeira música já havia começado, mas eu não conseguia cantar. Daquela vez, sabia que não suportaria sequer iniciar o show. Nos últimos, tinha abandonado o palco no meio da apresentação.

Assim que olhei para a multidão, o pânico me engoliu. Por mais que eu quisesse continuar, por mais que minha mente me mandasse seguir, meu corpo simplesmente não obedecia.

Passei as mãos pela calça jeans e sequei o suor que brotava na pele. Minha cabeça girava e tinha vontade de sair correndo, mas me mantive no lugar, e talvez tenha sido isso o que desencadeou a crise de pânico. Eu queria estar no palco, queria estar com minha música, mas era impossível superar o medo e a angústia que se apoderaram de mim.

Era maior que eu.

Peguei o microfone e fiz um sinal com a mão, indicando que a banda deveria parar. No início eles não entenderam, mas logo vi o semblante deles mudar. Decepção era o que eu via no rosto dos meus músicos, menos no de Dimitri, meu baterista e amigo de infância: a raiva pelo que eu acabara de fazer era nítida. Em um ataque de fúria, ele se levantou e jogou as baquetas no chão, saindo descontrolado do palco e empurrando todos que se colocaram em seu caminho. Eu tinha discutido

com Dimitri alguns dias antes de viajarmos, e por isso ele soube, mesmo sem que eu dissesse uma única palavra, que eu estava abandonando o show.

As primeiras semanas sem Clara tinham sido torturantes. Somente o álcool amenizava a dor que eu sentia, mas o preço por esse pequeno alívio era alto: passei a faltar aos ensaios e, quando ia, chegava atrasado e de ressaca. Todos à minha volta já haviam reclamado da minha falta de profissionalismo, mas Dimitri foi o único que teve coragem suficiente para atirar na minha cara que eu estava jogando fora minha carreira. E o pior é que eu não me importava.

Eu me concentrei na plateia e tentei ignorar Dimitri, embora soubesse que minha decisão não afetaria somente a mim, mas a todos os que me acompanhavam havia anos. Eu estava me afundando e os levando comigo.

O estádio de futebol estava lotado.

Vi nos jornais que havia dias fãs dormiam na fila para conseguir um lugar o mais perto possível do palco. Nem chuva, nem frio nem cansaço impediriam aquelas pessoas de estar ali. E isso me deixava ainda mais culpado. Elas se entregavam de corpo e alma para mim, e eu não conseguia retribuir com a mesma intensidade.

Estávamos no Rock in Rio Lisboa pela segunda vez, pela segunda edição consecutiva, mas, ao contrário da edição anterior, agora eu estava no palco principal e como a atração mais esperada da noite.

Os fãs ainda gritavam meu nome, mas, quando notaram que eu continuava parado, sem esboçar reação, ficaram em silêncio. Um por um, foram se calando na escuridão da noite e me tornando o centro de tudo. Um refletor se acendeu sobre mim, praticamente a única iluminação do palco. Lá embaixo, as luzes dos celulares predominavam. Alguns tirando fotos, outros filmando o que poderia vir a ser minha última apresentação.

Vendo nos olhos de todos a apreensão, resolvi explicar (ou pelo menos tentar) o que estava acontecendo, antes que tudo se tornasse ainda mais doloroso.

— Nunca achei que amaria tanto alguma coisa como amo a música, a união de letra e melodia. Sempre me dediquei ao extremo a tudo que faço, e o amor por cantar me fazia levantar todos os dias e extrair o máximo da vida. Buscar o melhor de mim.

Todos me encararam com um misto de ansiedade e surpresa. Um nó se formou na minha garganta e tive que me esforçar para continuar falando. As palavras escaparam, deixando um amargo que eu nunca imaginara existir.

— Sinto muito...

Precisei esperar alguns segundos até que os gritos cessassem. Ouvi um burburinho atrás de mim e não tive coragem de olhar nem para minha própria banda, que não tinha culpa da minha decisão egoísta, que dirá para a plateia.

Sim. Fui um covarde. Mas a dor que eu sentia ao subir no palco era maior do que a paixão que um dia havia me impulsionado.

— A música e eu sempre fomos um só — continuei, em um tom mais alto. O silêncio caiu novamente. — Não podíamos ser separados, não havia começo e fim. Mas hoje, quando canto, sinto que falta alguma coisa. E isso vem se arrastando há alguns meses. A adrenalina não me move como antes. E não é justo com vocês, comigo e, principalmente, não é justo com a música. A música está lá,

mas eu não estou, e ela merece mais. A música merece um Dereck Mayer completo e não somente a metade do homem que hoje sou. E vocês merecem muito mais, não a merda de apresentação que eu faria.

Passei os olhos por todos aqueles que esperavam o show e que teriam visto apenas mais uma das minhas patéticas apresentações. Vi rostos apreensivos. Garotas choravam, alguns homens expressavam decepção e raiva. Muitos uniam as mãos em um gesto de oração, como se isso pudesse me fazer ficar, enquanto outros vaiavam, formando um coro de condenação.

— *Sorry. I can't* — falei, em inglês, pois até então, fugindo do habitual, eu tinha usado o português para me despedir. — Desculpe, não consigo cantar — murmurei, tentando me convencer de que havia feito a coisa certa.

Fui em silêncio até o centro do palco e coloquei no pedestal o microfone que estava em minhas mãos. Olhei para o objeto que era minha ferramenta de trabalho e, antes de dar as costas para todos, aproximei os lábios do microfone e cantei uma estrofe de “This ain’t a love song”, do Bon Jovi.

*And now it's so sad that whatever we had
Ain't worth saving oh oh oh
If the love that I've got for you is gone
If the river I've cried ain't that long
Then I'm wrong, yeah, I'm wrong
This ain't a love song.**

— Esta não é uma canção de amor — sussurrei antes de sair do palco, deixando tudo e todos para trás.

* Agora é tão triste que o que quer que nós tivemos/ Não vale a pena salvar/ Se o amor que eu tinha por você se acabou/ Se o rio que eu chorei não foi suficiente/ Então eu errei, sim, eu errei/ Esta não é uma canção de amor.

“Back in black”, AC/DC

Um ano depois

— Nem acredito que estamos indo ao Brasil. Não vou lá há tanto tempo que estou ansioso. Você sabe como o anúncio da turnê me deixou pilhado.

Desde que saímos de Nova York, meu primo Ryan não conseguia conter sua empolgação. Na verdade, ele tinha visitado a terra natal dos nossos pais pouquíssimas vezes e mal lembrava como era o país, mas agora, trabalhando comigo, estava animado com os shows que faríamos no Brasil. Eu, no entanto, não fazia muita questão, já que tinha sido lá que minha queda começara.

Eu estava passando por um momento complicado em minha carreira. Fazia um ano que vinha enfrentando os mais diversos problemas. *Bobagem!* Não havia como reparar o estrago que eu vinha causando. A verdade é que estava me afundando, destruindo meu nome e tudo o que conseguira através da música.

Acontece que, pelo visto, todo mundo achava que o país onde nasci era o lugar perfeito para eu dar a volta por cima. Meu empresário, minha banda e Ryan, que era uma das únicas pessoas que ainda me mantinham nos palcos, todos pensavam assim.

Ryan e eu tínhamos morado juntos quando Ryan era adolescente, mas acabamos tomando caminhos diferentes e só nos reencontráramos fazia pouco tempo. Eu estava no Canadá para fazer um show; caminhava sozinho, perdido pelas ruas de Vancouver, pensando em Clara, quando Ryan apareceu de surpresa e me arrastou para um bar de strippers. Foi uma das noites em que mais bebi na vida — só perde para a vez que entrei em coma alcoólico, justamente no dia do casamento de Clara. Mas, no Canadá, as consequências foram ainda piores. Eu tentava esquecer aquela noite, ou pelo menos o pouco que me lembrava. Apaguei e quando acordei, me vi em uma cama rodeado por mulheres nuas. Não fazia ideia de onde estava, de como tinha chegado ali e muito menos de quem eram elas.

Jurei que nunca mais faria uma loucura como aquela.

Ilusão pura. Eu estava virando especialista em quebrar promessas, e aquela foi apenas mais uma de tantas que não cumpri. Parar de beber; parar de sair com fãs; parar de contratar prostitutas; parar de usar drogas.

Com um sorriso no rosto, Ryan me trouxe de volta ao presente ao perguntar:

— Será que vou conseguir pegar muita brasileira?

Encarei meu primo. Ele ainda era um moleque, apesar de estar se provando um excelente profissional. Não me arrependia de tê-lo contratado como minha babá, como ele mesmo dizia.

Não respondi, apenas balancei a cabeça em negativa. Inclinei a poltrona o máximo possível e coloquei os fones de ouvido, pois a viagem seria longa. Mas, antes de começar a ouvir um rock,

resolvi avisar a Ryan que ele estava muito afoito para o meu gosto.

— Tá achando que é só ir chegando? — Sorri. — Quero ver você levar muito toco das brasileiras. Ainda me lembrava dessa expressão e adorei usá-la com Ryan, pois sabia que ele não entenderia.

— *What?*

Percebi sua confusão, então expliquei:

— Levar um fora, ser dispensado, tomar um pé na bunda.

Ele se irritou assim que entendeu. Tentou me dar um soco no braço, de brincadeira, mas eu me esquivei.

— Fala sério. Elas não vão resistir ao charme do gringo aqui.

Após aquele surto de narcisismo, Ryan se virou para a poltrona ao lado e piscou. Inclinei o corpo para a frente e fiz uma careta para o que vi: a garota devia ter no máximo uns quinze anos, mas não tirava os olhos dele, babando pelo meu primo idiota.

— Vê se segura esse pau dentro da calça para não me meter em problemas. Não quero ter que salvar sua bunda.

Ele se recostou na poltrona, contrariado.

— Tá foda — murmurou, em decepção. — Estou vendo que você vai ser um babaca de primeira.

Ignorei. Apertei o play do meu iPod, e pronto: era como se alguém tivesse me desligado do mundo e eu passasse a viver o que a letra da música dizia. Não estava mais em um avião a caminho do Brasil, e sim em uma realidade paralela onde podia fazer tudo. Escolhi AC/DC, e, segundos depois, minhas mãos já estavam voando no ar ao ritmo da música.

Quando percebi que todos em volta estavam me olhando, baixei os braços, ficando imóvel no assento. Não que eu ligasse para o que as pessoas pensavam, mas era melhor me conter. Não queria chamar atenção. A ideia de passar um tempo no Brasil tinha como objetivo justamente me proporcionar paz e sossego. Apesar de ter dois shows agendados, minha intenção era tirar algumas semanas de férias. Seriam os últimos shows da turnê, e depois eu passaria um tempo com meus pais, que raramente via.

O último ano tinha sido um tormento. Após o desastre em Portugal, eu praticamente vivia fugindo dos repórteres, que me perseguiram em todos os lugares. Quase surtei. Na verdade, acho que perdi parte da minha sanidade, mas logo eles desistiram e foram infernizar outra pessoa.

Estar no Brasil seria um martírio, mas depois de um ano, aceitei voltar. Eu precisava encarar os problemas ou nunca conseguiria me recuperar por completo. Sabia que não seria fácil, tinha plena consciência disso. Na minha última passagem pelo país, tinha entrado em coma alcoólico e ido parar no hospital, no dia do casamento de Clara. Pensei que tomar todo o álcool do mundo faria minha dor desaparecer.

Mas relembrar aquela noite no hospital também me fez pensar no anjo que esteve comigo.

Eu não me lembrava bem do rosto dela, tampouco sabia seu nome, mas tinha certeza de que ela tinha um sorriso lindo, capaz de iluminar qualquer lugar. Naquela noite, quando eu acordara, não tinha mais ninguém no quarto do hospital. Em um primeiro momento, achei que tivesse sonhado, mas então vi que ela tinha deixado um bilhete ao lado da cama. *Beba menos. Seu fígado agradece.*

Guardei o bilhete por um tempo, mas acabei perdendo-o com o passar dos meses. Era um alívio saber que aquela conversa não havia sido uma alucinação, ainda que eu nunca mais voltasse a ver o

anjo.

Ao sair do hospital, perguntei se tinha recebido alguma visita, mas fui informado que não. Então, desisti de descobrir quem era ela. Eu não saberia como agir caso a encontrasse, afinal, estava perdido e nem um pouco a fim de arrastar alguém comigo.

Quando voltei para os Estados Unidos, tudo virou um caos. O coma foi uma bela representação de como estava minha vida. Um verdadeiro desastre.

Agora, em um avião para o Brasil, Ryan e eu passamos a viagem toda em meio a risadas. Ele tirava sarro de tudo e pegava no meu pé o tempo inteiro, até o momento do desembarque. Eu praticamente travei.

— Tudo bem, Dex?

Respirei fundo algumas vezes e peguei minha mala da esteira. Olhei para Ryan e sorri. Ele sabia sobre a Clara, mas nunca tinha perguntado nada, não dissera uma palavra sobre ela. Sem que eu precisasse dizer, ele sabia que era assunto proibido.

— Quando vai parar de me chamar assim? — Ryan me lançou um sorriso moleque, antes de responder:

— Nunca!

Quando Ryan era pequeno, não conseguia pronunciar o meu nome e começou a me chamar de Dex. O tempo passou, meu primo aprendeu a falar, três idiomas, para ser mais preciso, mas nunca deixou o apelido idiota para trás.

Ajeitei o boné e levantei o capuz da jaqueta. Não estava frio, mas eu não queria que me reconhecessem. Coloquei os óculos escuros e ajeitei as mangas da jaqueta para que cobrissem todas as tatuagens.

Eu empurrava o carrinho com a bagagem enquanto Ryan puxava uma mala de rodinhas. Ele observava tudo e tecia comentários sobre cada mulher que atravessava nosso caminho.

— Porra! Você não tem jeito, moleque — brinquei depois que o vi dando em cima da moça do aluguel de carros.

Entreguei o cartão de crédito. Ela olhou o cartão e depois me encarou. Tentei disfarçar, mas já era tarde.

De quem foi a ideia de pagar o aluguel com um cartão escrito Dereck A. Mayer? Seu idiota!

Fiquei de cabeça baixa por alguns segundos e não ouvi nenhum grito histérico nem pedido de foto, então levantei o rosto e encarei a mulher à minha frente. Ela usava o cabelo loiro preso em um coque que não deixava sequer um fio solto e vestia um uniforme azul, com um lenço vermelho no pescoço. Era jovem e parecia envergonhada na minha presença.

— O carro estará esperando o senhor na saída 8. Assine aqui e aqui, por favor — disse ela, indicando duas folhas.

Peguei a caneta da mão dela.

Será que ela não tinha me reconhecido?

Digitei a senha do cartão e assinei o contrato de locação. A segunda folha me surpreendeu:

Seu segredo estará guardado se me der um autógrafo.

Voltei minha atenção para a garota, que parecia apreensiva. Ela mordia o lábio e me olhava como se tivesse feito algo errado. Sorri para tranquilizá-la. Olhei o nome no crachá e rabisquei no papel

algumas palavras.

Tatiane, eu serei o seu segredo.

Dereck Mayer.

Pisquei ao entregar o bilhete. Ela corou e estendeu a chave para mim, que peguei tocando sua mão em forma de agradecimento: nem todo mundo faria aquilo por mim.

— Caramba, não acredito que você deixou aquele docinho passar, nem pediu o telefone dela. Daqui a pouco vou achar que você está mudando de time, Dex.

— Você é um otário, Ryan.

— Você já disse isso.

Sorri.

— Só pra constar.

“Want to want me”, Jason Derulo

— Você sabe que não vai conseguir se esconder por muito tempo, não sabe? Uma hora ou outra alguém vai reconhecer você. Não tem como se disfarçar pra sempre. Cara, você é o Dereck, o sonho molhado de toda mulher. Temos que aproveitar essa fama toda... de uma forma positiva, é claro. Além do mais, ficar escondido não vai promover os seus shows. Temos que mostrar ao mundo que você ainda é Dereck Mayer, a grande revelação do rock.

Ryan ainda me infernizava por causa da minha opção de buscar um pouco de privacidade. Desde que chegáramos, eu me mantinha escondido, e queria com todas as forças continuar assim, mesmo sabendo que não conseguiria por muito tempo. Meu objetivo era ficar longe de todos que pudessem se assustar com minhas crises de pânico, pois ainda não conseguia explicar o que acontecia. Tudo que envolvia minha vida de astro do rock despertava em mim sentimentos ruins, como se eu estivesse perdido dentro do meu próprio mundo.

Ainda pela manhã, chegamos ao flat que eu tinha em um bairro nobre de São Paulo, muito bem localizado.

Ryan devia ser ligado na tomada, pois não parava quieto nem por um minuto. Eu também era assim, uns dez anos antes. A banda chegaria em uma semana e ficaria em um hotel. Todos estavam animados, o que me deixava ainda mais preocupado. O medo de decepcioná-los mais uma vez era grande, e a angústia por causa disso me acompanhava diariamente.

— Balada hoje?

— Cara, acabamos de chegar de viagem. São onze da manhã e você já está pensando em noitada? — falei, um pouco sério demais.

— Calma, Dex. Só perguntei porque você recebeu um convite. Inauguração de uma boate. Achei que seria uma boa espairecer, esfriar a cabeça e, principalmente, aparecer na mídia.

— Me deixa ver isso.

Tomei o envelope da mão dele assim que a porta do elevador se abriu. Ryan liberou a entrada do flat com seu cartão enquanto eu lia o convite. Abri um sorriso ao ver de quem era a tal boate: Danilo, um empresário com quem eu havia trabalhado na última vez que estivera no Brasil. Ele era também agente de um cantor com quem gravei uma música.

Parecia que meu amigo estava expandindo os negócios. Segundo o convite, a Voyeur tinha sido projetada para ser a maior casa noturna do país. Fiquei surpreso, pois nunca tinha ouvido falar nada a respeito do projeto.

— E aí? — Ryan olhava ansioso para o convite endereçado a mim.

— Vamos ver — respondi, sucinto, sem dar muitas esperanças. Meu primo ficou desapontado.

Joguei a mochila nos ombros e entrei no corredor que levava ao meu quarto. Tudo estava impecavelmente arrumado.

Mesmo sabendo que custava caro manter um lugar como aquele em um país que eu não visitava nunca, eu não abria mão de ter meu próprio canto no Brasil. Nunca me arrependi da compra, que fiz com meus primeiros cachês. Além da boa localização, o prédio era frequentado por pessoas discretas e a segurança não deixava a desejar.

Tomei um banho rápido e me joguei na cama.

Desde que marquei a viagem ao Brasil, Clara tinha voltado a rondar minha cabeça, mas agora eu pensava também na mulher misteriosa que havia me visitado no hospital na última vez que eu estivera aqui.

Não conseguia esquecê-la. Seu sorriso não desaparecia da minha mente e era impossível esquecer o som da sua voz. Uma voz doce e ao mesmo tempo forte. Um timbre perfeito. E a forma como ela falou de amor e perda fez com que eu me reconhecesse em suas palavras.

Perfeito, Dereck! Não bastasse tudo que eu havia passado por causa de Clara, agora eu tinha outra mulher para azucrinar minha vida. Eu devia ter feito algo de muito errado no passado, isso sim.

Adormeci, e a única que rondou meus sonhos foi a dona do sorriso perfeito.

— Porra! — xinguei quando percebi que Ryan não me deixaria em paz.

Fazia alguns minutos que ele estava batendo na porta e me chamando como um louco. Tentei ignorar, mas era impossível. Nem o travesseiro sobre o rosto abafou os gritos do retardado do meu primo.

— Última chance, Dex, ou vou buscar uma saia pra você vestir. Pare de chorar como um bebê. Honre esse pau que está no meio das suas pernas. Não que ele seja grande coisa, mas é o único que você tem, e ele está prestes a cair de tanta melação, seu bosta. *Fuck!*

Joguei as pernas para fora da cama. Estava pronto para arrebentar a cara do Ryan por menosprezar meu pau daquela forma. Tudo bem que o coitado já tinha vivido dias melhores, mas Ryan havia passado dos limites.

Abri a porta, e, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Ryan esfregou uma folha de jornal no meu rosto.

Dei alguns passos para trás e peguei o papel.

— Ela se casou, mano. Não tem mais volta. Veja a foto da família feliz. — Ele apontou para o jornal em minhas mãos. — Só faltaram o cachorro e a cerca branca.

Passei os olhos pelo texto, não cheguei a ler, mas a foto era nítida e falava por si só.

Dei as costas para Ryan e analisei a imagem da minha gatinha em um restaurante. Ela estava linda com um vestido branco que revelava suas curvas e um sorriso estampado no rosto. Era a mulher mais linda que eu já tinha visto. Estava ao lado de Alexandre, que segurava uma bebê linda no colo. A garotinha sorria, e era o mesmo sorriso de Clara.

— Sei que você sofreu muito por ela e que está revivendo muitas coisas desde que aceitamos fazer esses shows no Brasil. Não vou julgar. Nunca me apaixonei, e nada do que eu disser vai adiantar. Nunca falei nada até agora, mas estou vendo você se deixar dominar pelas lembranças, Dex... — Ryan colocou a mão em meu ombro antes de continuar: — Está na hora de reagir, de voltar a ser aquele cara divertido e bacana. Está na hora de voltar a viver. Caralho! Está na hora de voltar a ser o

pegador que você sempre foi e arrebentar calcinhas por aí. Desde que ela te deixou, você nunca mais foi o mesmo.

Ele tinha razão. Meu primo tinha toda a razão.

Clara sempre estaria em meu coração, eu não acreditava que outra mulher pudesse substituí-la. Afinal, ela era única, mas me fechar para o mundo não a traria de volta, assim como não consertaria as merdas que eu tinha feito.

— Desde quando você é psicólogo? — perguntei, amassando a folha de jornal antes de jogá-la na lixeira.

— Eu sou foda, né?!

— Me dá cinco minutos e estarei pronto.

— Isso aí, moleque. Reage. — Ele tocou minha mão e bateu o ombro no meu, aprovando minha atitude. — Vai ser ótimo uma aparição sua. Estamos a três semanas do primeiro show. Publicidade é tudo.

Assim que ele se virou, acertei um tapa em sua cabeça. O estalo ecoou pelo quarto, seguido dos resmungos de Ryan.

— *Oh, shit!* Isso é o que eu ganho por resgatar você?

— Não! Isso é o que você ganha por falar que meu pau não é grande coisa.

Ele saiu do quarto ainda resmungando, e me segurei para não soltar uma gargalhada. Olhei para a lixeira e vi o jornal, tão amassado quanto meu coração ficou quando Clara me deixou. Atravessei o quarto e abri a porta que dava acesso à sacada, encarando a rua. Já era noite, eu não havia percebido que tinha dormido tanto. O trânsito, mesmo àquela hora, continuava frenético. A cidade não parava. Nunca dormia.

Inspirei o ar, enchendo os pulmões, e depois soltei, como se fosse uma libertação. Precisava me sentir livre outra vez. E aquele seria o primeiro dia.

Tomei um banho rápido, vesti uma calça jeans preta e uma camiseta escura. Optei por tênis em vez das habituais botas. Passei as mãos pelo cabelo com a intenção de colocá-lo no lugar, mas os fios estavam longos, quase na altura dos ombros. Tinha deixado que crescessem nos últimos meses.

Quando me olhei no espelho, gostei do que vi. Piercing, alargadores, tatuagens. *Esse sou eu.*

Tive que esperar Ryan terminar de se arrumar, e confesso que já estava impaciente, mas, quando gritei por ele pela terceira vez, meu primo finalmente apareceu. Saímos com destino à boate.

Ryan também estava despojado, de jeans, camiseta branca e jaqueta de couro escura. Diferente de mim, ele calçava coturnos.

Desde que começara a trabalhar comigo, Ryan vinha se soltando mais, até tatuagem o moleque fez. Ele era um pouco parecido comigo: alto, pele clara, mas tinha o cabelo quase raspado, estilo militar. Os olhos eram castanhos como os da tia Rachel, mãe dele. Não tinha todo o meu charme, mas preciso admitir que ele fazia sucesso com as mulheres. Só podia ser o sotaque!

Eu queria dirigir, então dispensei Sony, meu motorista. Apenas ele e Johnny, o chefe da segurança, tinham vindo conosco ao Brasil. No caminho, liguei para Danilo e combinamos que Ryan e eu não entraríamos pela porta principal. Ele me passou as coordenadas e eu digitei tudo no GPS.

Não demoramos a chegar. Um manobrista nos esperava na entrada lateral da boate, e entreguei as chaves do carro para ele. Já dava para perceber que o lugar ficaria lotado, pois a movimentação em

volta era enorme. Vesti uma jaqueta preta de couro e coloquei óculos escuros. Sim, óculos escuros à noite. Eu usava durante os shows, para proteger os olhos da iluminação, e acabou virando um hábito. Quase não saía sem eles.

Caminhei com Ryan ao meu lado. Quando disse meu nome ao segurança, ele sequer olhou na lista e já foi abrindo espaço para que meu primo e eu entrássemos.

— Bem-vindo, sr. Mayer.

Agradei com um aceno de cabeça.

— *Wow, man!* É disso que eu estou falando.

Ryan esfregava as mãos uma na outra e arregalou os olhos assim que entramos. E não era à toa: eu também estava fascinado pela boate.

A porta pela qual entramos dava acesso ao segundo andar, acima do qual havia mais um espaço, totalizando três ambientes. O azul predominava, dando um ar moderno ao local. Isolado por um vidro, o andar em que estávamos era com certeza o mais luxuoso, com sofás elegantes rodeados por obras de arte, em uma decoração bem harmoniosa

O tema era o sexo, e tudo fazia referência a isso: fotografias e quadros com modelos nus e esculturas em posições sexuais. Os funcionários também eram verdadeiros top models, com corpos esculturais e belezas exóticas.

Só então o nome da boate fez sentido para mim. Apesar de não ser um clube de sexo, a Voyeur era um lugar nitidamente feito para o prazer, mesmo que apenas sensorial. Uma jogada que, sem dúvida, daria certo.

A música eletrônica vibrava em meus ouvidos.

— Dereck Mayer na minha boate? Que honra! — cumprimentou Danilo, se aproximando.

— Caramba, Danilo, ficou top. Uma das melhores que eu já visitei — elogiei.

Ryan fez o mesmo:

— Melhor que muitas de Nova York. Parabéns, cara!

Apresentei os dois.

— Ele também é músico? — perguntou Danilo.

O som estava alto, mas conseguíamos conversar numa boa.

— Não. O artista da família é o Dex. Eu sou só a babá.

Revirei os olhos e abri a mão, lembrando a ele o tapa que lhe dera mais cedo. Ryan recuou, e Danilo apenas nos observou, sorrindo.

— Não está mais aqui quem falou — disse Ryan. — Vou atrás de algumas gatinhas.

— Já deixei algumas reservadas para vocês. É só seguirem reto. O camarote que estiver cheio de champanhe, mulheres e uísque é o de vocês.

Pronto! Bastou ouvir “mulheres e álcool” que Ryan abriu um sorriso.

— Vê se aprende com seu amigo. É assim que se trata a família, Dex.

Ryan seguiu a direção indicada e eu só pude sorrir. Aquele garoto ainda me daria muito trabalho.

— O cara parece gente boa — disse Danilo.

— Meio convencido, mas é um grande amigo, e ainda por cima é da família.

— Fiquei sabendo dos seus problemas com a imprensa. Na verdade, foi o assunto do ano, não se falava em outra coisa. Cara, você causou um alvoroço e tanto.

Eu sabia que aquele momento chegaria. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas mais próximas a mim questionariam minhas escolhas.

— Passei por algumas complicações nos últimos meses e não estou conseguindo dar o meu melhor. Você sabe, mais do que ninguém, que no mundo da música não existe meio-termo. Ou você está lá, ou não está. E eu andei fazendo umas besteiras.

Falei a verdade, me preparando para o que viria a seguir. Mas Danilo foi sutil:

— Mulher? — questionou, levantando uma sobrancelha.

— *Yes!*

— Elas são terríveis. Quando a gente menos espera, puxam o tapete e derrubam a gente no chão. Não podemos dar mole, ou elas conquistarão a porra do mundo inteiro — brincou Danilo, e rimos juntos, pois a constatação era a pura verdade, por mais que doesse em nosso ego.

Enquanto conversávamos sobre a boate e sobre o cantor com quem eu tinha gravado, Danilo me levou ao meu camarote, onde Ryan já estava. Parei na entrada, observando: meu primo não poderia estar em lugar melhor. Aquilo era o paraíso.

Ryan estava sentado em um grande sofá, com uma morena ao lado segurando uma taça de champanhe e sorrindo maliciosamente, enquanto uma ruiva sentada em seu colo distribuía beijos em seu pescoço. Outras mulheres dançavam pelo espaço reservado, algumas bem-vestidas e elegantes, outras não tão vestidas, mas todas belíssimas, e muito gostosas, tenho que admitir. Danilo tinha caprichado!

— O melhor para o melhor — disse ele, sorrindo. — Hoje é dia de diversão, mas depois quero falar com você sobre um novo projeto. Se topar embarcar nessa, vamos revolucionar o mundo da música. — Fiz uma cara de espanto, mas Danilo já estava saindo. — Agora tenho que ir, porque o olho do dono é que engorda o gado.

Tenho certeza de que fiz uma cara de merda diante do comentário dele. Claro, não entendi o que vacas tinham a ver com boate.

— É um ditado brasileiro — explicou ele. — Quer dizer que as coisas só funcionam direito sob a minha vigilância.

— Ahhh! Entendi.

Eu, hein! Brasileiros e suas metáforas.

Danilo se afastou e eu entrei no camarote.

Ryan continuava alheio a tudo, beijando a morena, que quase o engolia com a boca. Fui até uma mesa no canto e me servi uma dose de uísque. Pelo menos Ryan estava se dando bem.

Além das duas mulheres que estavam com ele, havia mais quatro no camarote. Elas levaram apenas alguns segundos para me descobrir.

— Uau!!! Dereck Mayer?! — exclamou uma loira, se espantando ao me ver.

Apenas sorri e levantei o copo em saudação. Uma morena se colocou ao lado dela, e ambas sorriram. Pela maneira como reagiram, deduzi que estavam acostumadas à companhia de pessoas públicas.

Observei, através do vidro que separava o camarote do restante da boate, as mulheres à minha frente. Apesar de lindas, nenhuma delas despertava em mim o menor interesse. Nenhuma se comparava a Clara.

Porra! Mais uma vez lembrando dela. Desde que chegara ao Brasil, eu não parava de pensar nela. Era impossível evitar.

Enquanto eu mergulhava nas lembranças, a boate inteira explodiu em palmas e gritinhos de animação. Até as garotas que estavam com Ryan se levantaram para dançar. O som aumentou, e a voz inconfundível de Jason Derulo preencheu todo o ambiente.

*Girl, you're the one I want to want me
And if you want me, girl, you got me
There's nothin' I, no, I wouldn't do (I wouldn't do)
Just to get up next to you.**

De onde estava, eu via toda a pista de dança. Ninguém conseguia ficar parado com aquela música.

Duas garotas se aproximaram de mim e começaram a dançar de forma sensual, como a batida pedia. A loira dançava atrás de mim enquanto passava as mãos pelas minhas costas e a morena rebojava até o chão ao meu lado.

Não me importei com o show que faziam e continuei encarando a multidão.

Pensava em quantos deles sabiam quem eu era.

Quantos deles conheciam o verdadeiro Dereck Mayer?

Quantos faziam alguma ideia do que eu tinha passado? De quantos remédios precisara tomar para dormir?

E a resposta era a mesma. *Nenhum!*

De repente, meu olhar pousou em uma mulher que estava com um grupo de pessoas. Eu a conhecia de algum lugar, mas não conseguia lembrar de onde. Alta, pele morena, e o cabelo cacheado caindo de lado sobre o ombro me deixava vislumbrar o pescoço longilíneo e nu. Essa sempre foi a parte do corpo de uma mulher que mais me excitou. Ela usava uma roupa elegante e sexy ao mesmo tempo. Acho que o mais sensual era a forma como se movimentava. Tinha belas pernas, coxas grossas, cintura fina e uma bunda bem desenhada.

Apesar de ter analisado bem seu corpo, foi seu rosto que prendeu meu olhar. Infelizmente, eu não conseguia detectar a cor dos olhos dela. Ela conversava animadamente com uma mulher loira, quase tão bonita quanto ela, mas que não me despertava o mesmo interesse, e segurava uma garrafinha de água. Parecia deslocada.

Porra! De onde eu a conhecia?

Foi então que ela sorriu.

— Caralho! É ela — gritei.

Eu me afastei das garotas que se esfregavam em mim e deixei o copo na mesa. Fiz todo o trajeto do camarote até a pista no térreo de cabeça baixa. Não queria que ninguém me parasse no caminho, senão eu a perderia de vista, e precisava falar com minha mulher misteriosa.

Quando estava quase a alcançando, a perdi de vista. Olhei para todos os lados, procurando por ela freneticamente, até avistá-la passando entre a multidão. Àquela altura, muitas pessoas já tinham me reconhecido e se aproximavam, tentando falar comigo. Mas não parei em nenhum momento.

Precisava falar com ela.

Apressei o passo, e estava quase correndo quando a alcancei. Puxei-a pelo braço e a fiz olhar para

mim. Então a garota sorriu, e minhas esperanças se esvaíram. Não era o mesmo sorriso.

— *Sorry!* Pensei que fosse outra pessoa — falei, me desculpando.

— Posso ser quem você quiser, gatinho — respondeu ela, com um sorriso sexy e um olhar predador, passando o dedo pelo meu braço.

Eu me afastei.

— Duvido muito — falei, com desdém.

— Filho da puta convencido!

Ela se ofendeu, com razão, e se afastou, lançando na minha direção alguns palavrões que eu não conhecia. Ainda tentei me desculpar, mas a música estava alta demais para que ela me ouvisse.

Depois da decepção, resolvi voltar para o camarote e avisar a Ryan que a noite estava encerrada. Não tinha mais clima para continuar ali.

— Se aquela era a melhor cantada dela, imagina o resto do repertório — ouvi dizer uma voz atrás de mim.

Antes mesmo de me virar eu já sabia quem era.

Reconheceria aquele timbre em qualquer lugar do mundo, mesmo depois de tanto tempo. Quando se trata de som, minha memória nunca falha.

Era minha visita misteriosa.

A mulher para quem eu abrira meu coração em uma cama de hospital, mais de um ano antes.

— Pelo amor de Deus, não vá entrar em coma alcoólico outra vez. Hoje é meu dia de folga — disse ela, confirmando o que eu já sabia.

Eu me virei sorrindo, mas congelei assim que vi a mulher à minha frente. Caralho! Eu a conhecia, e não só daquele dia.

Era a médica de Clara.

Meu olhar se deteve em seu rosto, tentando entender o que estava acontecendo, até que a ficha caiu.

Claro. Eu tinha conhecido a Manuela na casa da Clara, para uma reunião que fizemos na tentativa de convencê-la a voltar para o Alexandre. Mesmo sendo apaixonado por ela, não suportava ver como a Clara sofria longe dele.

— Acho que nunca fomos apresentados formalmente. — Ela estendeu a mão, sorrindo. *Porra!* Era aquele mesmo o sorriso. — Manuela. Mas pode me chamar de Manu.

— Dereck Mayer — respondi, apertando sua mão.

— Eu sei — disse ela, com uma piscadela atrevida. — Conheço algumas músicas suas. E, se bem me lembro, é bem difícil colocar soro na sua veia.

— Espero não ter sido um péssimo paciente — eu disse, usando a música alta como desculpa para me aproximar do seu ouvido.

Senti seu cheiro delicioso. Um perfume doce, totalmente feminino. Combinava com ela.

— Com certeza entrou para a lista dos melhores bêbados dos meus plantões. Nunca tive outro igual.

Ela deu uma risada, e eu me aproximei novamente, dessa vez ainda mais perto.

— Que bom que diverti você, Manuela.

Imediatamente ela parou de sorrir.

Os olhos verdes brilharam e se encheram de surpresa.

Desde aquele dia no hospital, aquele sorriso não saía da minha cabeça. Era a única coisa capaz de afastar meus pensamentos de Clara.

— Pode me chamar de Manu, todo mundo me chama assim.

Sua voz saiu diferente naquele momento, meio rouca, transbordando sensualidade. Ela me provocava perigosamente, mas acho que não tinha consciência disso.

Não pensei em mais nada. Enlacei a cintura dela e a puxei para mim. Senti uma eletricidade me atingir, a adrenalina voltar.

— Acontece que... — sussurrei, junto ao seu ouvido — eu não sou todo mundo.

Ela não recuou. Parecia gostar do meu toque e mais ainda das minhas palavras, pois fechou os olhos por alguns segundos. Quando voltou a abri-los, percebi que alguma coisa nos ligava. Então me lembrei de suas palavras e suas lágrimas.

Não era amor, paixão ou desejo.

Era sofrimento. Em sua forma mais pura.

* Garota, você é única que eu quero que me queira/ E, se você quiser, então você me tem/ Não há nada, não, nada que eu não faria/ (Que eu não faria)/ Para acordar ao seu lado.

“Let me go”, 3 Doors Down

Dereck Mayer!

Dereck Mayer!

Put a merda! É ele mesmo.

Respira, Manu. Não entra em pânico.

Não é nada de mais.

Você simplesmente está nos braços do Dereck, o ex-namorado rock star da Clara.

Surtei!

Eu me desvencilhei dos braços dele e, sem deixar que me alcançasse, corri até o banheiro feminino.

Maravilha! Tinha acabado de dar uma de louca no meio da inauguração da boate mais badalada do país, e diante de um dos cantores mais famosos do momento.

Bem a minha cara.

Abri a porta de uma das cabines e me sentei no vaso com a tampa abaixada. Apoiei a cabeça nas mãos e tentei me recompor.

Maldita a hora em que aceitei vir a esta boate. Obrigada, Amanda!

Minha amiga tinha notado que eu andava meio deprê e acabara me arrastando para uma noitada. Ela era médica no mesmo hospital que eu. Uma garota prodígio, mas sem um pinga de juízo na cabeça quando se tratava de farra. Eu estava tão cansada de ficar enfurnada em casa que aceitei o convite. Afinal, quase todos os jovens médicos e enfermeiros que não estavam de plantão iriam. Mas nada me fez desviar os olhos *dele*.

Eu o notei assim que chegou. Do térreo, vi o exato momento em que aquele furacão passou pela porta.

Dereck era um fenômeno da natureza. Por onde passava, arrastava todos os olhares. Alto, músculos definidos, ombros largos, peitoral desenhado sob a camiseta preta. O cabelo castanho e liso na altura dos ombros me fez sorrir: ele tinha deixado crescer e passava as mãos na testa o tempo todo, afastando os fios dos olhos ocultos pelos óculos escuros.

Assim que pousei o olhar nele, me lembrei de cada detalhe de quando o vira. Sua indiferença com todos à sua volta me fez lembrar aquela madrugada.

Eu tinha chegado ao hospital por volta de meia-noite, depois de passar em casa para trocar o vestido que usara no casamento da Clara pelo uniforme. Era para ter sido meu fim de semana de folga, queria aproveitar a festa, mas, infelizmente, fui informada de que dois médicos não poderiam cumprir o plantão e que, portanto, minha presença era imprescindível. Ainda bem que fui avisada

logo que saí da cerimônia, porque assim não deu tempo de ingerir álcool. Se bem que eu quase não bebia mesmo.

O casamento foi perfeito. A noiva estava linda e era nítido o amor entre o casal. Fiquei bastante emocionada com a felicidade que os dois transmitiam, mas não consegui deixar de pensar em Felipe. Ele amava tanto a Clara que abdicara da própria vida para salvá-la. Era ele quem deveria estar ali.

O homem generoso por quem eu era apaixonada, mas que nunca soube dos meus sentimentos. Eu o amava, e ele morreu sem sequer ter a chance de conhecer esse amor.

Às vezes me arrependo de ter optado pelo silêncio. Queria que ele ao menos tivesse sabido que era o dono do meu coração. Mas então me lembro de todas as vezes que o vi com Clara e tenho certeza de que fiz a coisa certa. Ele nunca olharia para mim como a olhava.

Aquele olhar transmitia o amor em sua forma mais sublime.

Felipe se foi, e eu sofri calada sua perda enquanto servia de apoio para a mulher que ele amava incondicionalmente. Fui o ombro de que Clara precisava e a âncora que a segurou quando estava prestes a afundar. Fui muito mais que uma amiga, escondi minha dor, meu amor e todos os sentimentos que me devastavam. Ninguém poderia saber. Eu já havia perdido Felipe; se perdesse também a amizade de Clara, não sabia se suportaria.

Acontece que Clara seguiu sua vida e eu fiquei parada no tempo, presa a sonhos que nunca cheguei a viver, a lembranças que não eram minhas e a um amor não correspondido.

Pensei muito em Felipe durante o casamento de Clara, mas resolvi não me entregar. Se ela tinha superado, eu também conseguiria.

Quando cheguei ao hospital, Eduardo — meu companheiro de plantão, com quem eu vinha ficando — me deu o poder de escolha: atropelamento sem lesões graves ou coma alcoólico. Fiquei com o bêbado, para evitar sangue.

Não fazia ideia de que essa escolha me levaria a *ele*.

Antes de ir ao quarto, chequei o prontuário, mas não reparei no nome. O dono de um bar tinha chamado a ambulância ao ver o cliente desmaiar depois de beber mais de uma garrafa de uísque. Ele chegou ao hospital desacordado.

Típico de uma noite de sábado.

Chegando ao quarto, verifiquei o soro e, quando me virei para aferir a pressão e os sinais vitais do paciente, quase desabei.

Eu conhecia aquele rosto. Era difícil esquecer tanta beleza.

— Dereck Mayer — murmurei.

O nome do astro de rock que Clara havia namorado.

Impossível não o reconhecer. As tatuagens estavam à mostra no corpo definido, e o rosto era sereno e ao mesmo tempo másculo. Deus! Eu estava cobiçando um paciente desacordado.

Se liga, Manu. Corre que é cilada!

Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos quando um par de olhos azuis perdidos me encarou. Senti algo crescer dentro de mim, meu coração batendo mais forte enquanto ele me fitava.

Queria colocá-lo no colo..., foi minha primeira reação.

Não sei o que aconteceu, mas perdi a razão e também o profissionalismo: passei a mão pelo seu rosto. Ele a segurou. Em seguida, aconteceu algo que eu não esperava: uma divagação sobre

relacionamentos amorosos, entre uma médica e um paciente que praticamente acabara de despertar de um coma alcoólico. Realmente, eu era um chamariz para situações surreais.

Dereck abriu o coração. Eu sabia que ele falava de Clara, enquanto compartilhava com ele o mesmo sofrimento pensando em Felipe.

O dia tinha sido triste para nós dois.

Eu amava Felipe, que amava Clara, que Dereck amava. Mas ela só tinha olhos para o Lobo Mau, que era louco por ela. Nessa história toda, reconheci um coração tão partido quanto o meu, pois, mesmo depois de tantos anos, ainda sentia que um pedaço de mim estava com Felipe. Uma parte do meu coração foi enterrada junto com o único homem que já amei.

Sem deixar que soubessem o que eu sentia, testemunhei Clara vivendo com Felipe tudo aquilo que eu desejava para minha própria vida: amor, amizade, companheirismo, respeito e paixão. Amei escondida. Sofri sozinha e senti toda a dor de ver o amor da minha vida morrer, sem que eu pudesse me declarar.

E agora, cinco anos após a morte de Felipe, eu sentia meu coração bater descompassado novamente. E o homem que havia me despertado não era um mero desconhecido — era ninguém menos que Dereck Mayer.

Mais uma vez eu me via ligada a Clara. Mais uma vez meu coração batia por alguém que não me pertencia.

Saí do ambulatório e pedi que outro médico o atendesse, alegando que não estava me sentindo bem. Deixei um bilhete para que Dereck soubesse que eu estivera ali, mas não o assinei.

Agora, depois de um ano, reencontrar Dereck só podia ser um castigo, ou o destino me pregando uma peça. Esbarrar com ele justamente naquela boate, estar em seus braços e me ver presa em suas palavras era uma brincadeira de muito mau gosto.

— Manu, não me diga que está vomitando! Falei para você não beber aquela merda de caipirinha. Você sabe que não pode com álcool! Devia ter tomado um prosecco.

Levantei o rosto ao ouvir a voz de Amanda. Tinha escutado enquanto ela batia de porta em porta e pedia *com licença* e *desculpa* ao mesmo tempo. Logo ela chegou à cabine onde eu havia me escondido.

— Já vou! Não precisa arrombar a porta — gritei, e me levantei, determinada a sair e encarar Amanda.

Clara sempre foi uma das minhas melhores amigas, mas nos últimos anos ela havia se afastado, o que era perfeitamente natural diante de tudo que vivera. Minha amizade com Amanda começou assim que ela ingressou no hospital. Nossa sintonia foi instantânea.

Abri a porta e a vi em frente ao espelho, retocando a maquiagem. Fui até ela e comecei a fazer o mesmo. Ficamos caladas por alguns instantes.

— Tem algum homem lá fora? — perguntei finalmente, quebrando o silêncio.

Ela me olhou como se eu fosse uma idiota sem noção, pois havia centenas de homens lá fora. Reformulei a pergunta:

— Quer dizer, um cara alto, musculoso, cheio de tatuagens, óculos escuros, piercing no lábio e alargadores nas orelhas. De jeans, camiseta e jaqueta de couro.

Amanda abriu a boca e fechou, como se tivesse acabado de ouvir a descrição do paraíso.

— Sua filha da puta sortuda! — exclamou ela. — Se você me disser que está pegando um cara assim, serei sua fã número um pelo resto da vida.

— Deixa de besteira. — Ignorei a brincadeira e me olhei no espelho. — Você sabe muito bem quem eu estou pegando.

Eu estava com um vestido e um blazer pretos. Completei o visual com um maxicolar prata e sandálias de salto alto. Arrumei os cachos para um lado, depois de uma enorme dose de musse para que ficassem no lugar. Minha maquiagem estava bem leve, como eu gosto; só escondi as olheiras causadas pelo plantão e destaquei um pouco os olhos, finalizando com rímel e blush. Na boca, só um gloss clarinho, o que me rendeu um grande sermão. Amanda achava o cúmulo do absurdo que eu não usasse uma maquiagem exuberante. Mas eu sou assim.

— É o Dereck Mayer — contei, mas logo me arrependi.

Amanda engasgou, os olhos saltaram em seu rosto.

— Quem? — perguntou ela. — Repete. Achei que você tivesse dito...

— Dereck Mayer — sussurrei, praticamente inaudível, enquanto limpava o gloss do canto dos lábios.

— Manu... — Ela segurou meus ombros, me virando para encará-la. — Foca aqui, gata! Você está me dizendo que Dereck Mayer, *aquele* Dereck Mayer, está aqui? E que você encontrou com ele do lado de fora do banheiro feminino? E está me perguntando se ele está lá fora esperando por você?

Fiz que sim. Ela sorriu.

— Sua filha da puta sortuda!

— Não é isso que a sua cabecinha está pensando. — Apoiei o corpo na bancada da pia e cruzei os braços. — Você sabe muito bem quem ele é.

— Ahhhh! Ô se sei. — Era praticamente impossível falar sério com Amanda. — Faz doze meses que eu escuto sobre como ele foi parar no hospital justo no seu plantão depois de beber até quase morrer pela sua melhor amiga — relembrou ela, bem-humorada.

Amanda escolheu a profissão certa. Crianças e adolescentes a adoravam, a pediatria estava em seu sangue. Apesar de ainda não ter se prendido a ninguém, todos os homens do hospital babavam por ela. Linda, estilo mignon, magra e com pele de porcelana, com cabelo loiro que descia liso até o meio das costas e olhos azuis profundos e expressivos, além de divertidíssima e muito inteligente, ela era o destaque da residência em pediatria.

— Ele é um roqueiro gostoso pra caralho. Se você não pegar, eu pego. Se bem que eu nem sei se tenho alguma chance... Gringos gostam de morenas de bunda grande, e não loiras aguadas como eu — disse ela, olhando para o próprio traseiro no espelho.

— Não fala besteira, Amanda.

— O quê? — Ela se fez de desentendida. — É verdade. Olha o tamanho da sua bunda! — E apontou para mim com as duas mãos.

Fiquei em silêncio, levei o polegar à boca e comecei a roer a unha.

— Xiiiiii... — murmurou Amanda, pois já sabia o que aquilo significava. — Você está nervosa. Vamos lá, vou te ajudar.

Ela me pegou pelo braço e foi me empurrando para a porta.

— Tá doida? Eu não vou sair.

Colei os pés no chão.

— E vai fazer o quê?! Pedir emprestado o uniforme da zeladora e ficar aqui, disfarçada? Ou vai sentar na pia e fingir que é um vaso de flor? Cai na real, Manuzita, essa não é você.

Ela estava enganada. Amanda, assim como todo mundo, conhecia somente um lado meu: a Manu independente, de espírito livre e espontânea. Acontece que essa Manu acabava de desaparecer, e agora meu lado inseguro e medroso tomava seu lugar.

Respirei fundo. *Seja o que Deus quiser. Sou uma mulher, não uma adolescente diante do seu ídolo.*

Coloquei um pé para fora do banheiro, ainda desconfiada. Olhei de um lado para o outro antes de sair de vez. Amanda me acompanhava, colada nas minhas costas. Ouvi quando ela abriu um sorriso.

— Estou me sentindo como os pinguins de *Madagascar* em uma missão supersecreta — brincou ela. — Relatório Kowalski!

Não consegui conter o sorriso. Ainda por cima, Amanda estava bêbada. Puxei-a pelo braço e seguimos no meio da multidão. A música eletrônica soava alta. Eu não via Dereck em lugar algum. *Melhor assim.*

Atravessamos quase toda a boate até encontrarmos nosso grupo de amigos. Nenhum sinal de Dereck. Embora aliviada, eu também me sentia decepcionada por ele ter ido embora. Confuso, eu sei.

Além de Amanda e eu, estavam na boate Marina, Lucas, Sabrina e o casal fofo do ano: Layla e Bruno. Ele era médico do hospital, e ela, uma cantora que encantava qualquer um à sua volta. Tinham se casado havia pouco e ainda estavam vivendo em lua de mel. Era até difícil ficar perto dos dois.

O som ali não era tão alto e dava para perceber que o papo estava legal, pois todos sorriam e conversavam animadamente.

Eu estava distraída quando senti a cotovelada de Amanda.

— O que há com você, Amanda? — perguntei, brava, e ela fez sinal com a cabeça.

Levantei o olhar e tremi.

— Oi, Manuela.

Era Dereck, com um sorriso de orelha a orelha. Duas covinhas se formaram em suas bochechas, deixando-o irresistível. Minhas pernas ficaram tão bambas que quase desmoronei diante dele.

Ouvi Amanda suspirar alto antes de soltar um dos seus bordões (ela adorava repetir frases virais da internet):

— Amanda está DESMAIADA!

Todos riram. Menos Dereck e eu. Eu estava paralisada enquanto ele encarava meu rosto à espera de uma resposta que eu não conseguia formular.

— Oi, Dereck. Que surpresa!

— Concordo. Danilo me trouxe até aqui para me apresentar a Layla. Muita sorte, já que nos perdemos a caminho do banheiro.

— Está bem cheio.

Eu não sabia quem soava mais falso: Dereck, por fingir não ter percebido que eu corraera dele, ou eu, por dar uma desculpa esfarrapada.

Todos os meus amigos me encaravam e eu não estava nem um pouco à vontade em ser o centro das atenções. Geralmente, Amanda fazia esse papel muito bem, mas minha amiga estava ocupada demais babando por Dereck. A sem-vergonha nem disfarçava a cara de quem estava louca para dar

para ele.

Dereck se levantou da banquetta e foi em direção a Layla e Bruno.

— Foi um prazer conhecer uma cantora tão maravilhosa. Adorei os vídeos que Danilo me mostrou. — Ele apertou a mão dela, evitando outro tipo de cumprimento, provavelmente ao perceber o olhar de Bruno. — Cuide bem dela, doutor.

Bruno assentiu.

— Foi um prazer, pessoal, mas vou roubar um pouco a Manuela de vocês. Prometo que devolvo antes do fim do ano — disse ele, segurando minha mão sem sequer perguntar se eu queria acompanhá-lo.

Como se eu pudesse dizer não. Estava hipnotizada.

Tudo aconteceu de forma natural: entrelacei os dedos nos dele e o segui, sem me importar em saber para onde iríamos. Quando dei uma última olhada por cima do ombro, vi todos os meus amigos de queixo caído. Ninguém esboçou reação. Só Amanda, que levantou os dois polegares em sinal de positivo, sorrindo.

Olhei para a frente, ignorando Amanda, mas, quando percebi o que estava fazendo, parei repentinamente, para a surpresa de Dereck.

— Pode parar! — falei, bem alto, por causa da música. — Aonde vamos?

Dereck sorriu ao me olhar. Se ele parasse um pouco de sorrir, ficaria tudo mais fácil, mas ele não estava colaborando.

— Sei que você sentiu o mesmo que eu naquele dia — disse ele — e de novo agora, quando a gente se reencontrou. Não tenho como explicar o que está acontecendo, mas sei que precisamos conversar, Manuela. De preferência em um local onde a gente não fique cego com a porra desses flashes.

Não entendi ao que ele se referia, até que minha visão embaçou: estávamos sendo fotografados de todos os lados. Provavelmente, eu ia parar em algum site de fofoca. Sei disso porque nos últimos meses Dereck vinha sendo o foco de todos eles, por isso não hesitei quando ele mais uma vez me guiou, me puxando entre a multidão. Logo percebi que um homem alto, forte e com cara de bravo tentava afastar as pessoas da nossa frente. Deduzi que fosse um segurança.

Pensei em Felipe, em Clara e no meu passado.

— Eu vou para o inferno — murmurei.

— Não se preocupe. Tem bastante gente conhecida lá — retrucou ele, sorrindo mais uma vez.

Malditas covinhas!

DERECK

O que eu estava fazendo?!

Era o que eu me questionava duramente desde que deixamos a área principal da boate, sem encontrar resposta. Eu só tinha certeza de uma coisa: os dedos de Manuela entrelaçados nos meus.

Por quê?

Só Deus saberia, pois eu não fazia a mínima ideia. Esperava que nossa conversa revelasse o que estava acontecendo comigo.

Eu tinha certeza de que a mesma inquietude que tomava conta de mim se apoderava dela. Manuela tinha agido de maneira espontânea até certo ponto, quando fugira, como se minhas palavras tivessem

lhe causado um desconforto que ela não era capaz de suportar.

— Fique aqui. Volto em um minuto — pedi, e ela assentiu.

Estávamos no piso superior, onde ficava o camarote. Eu precisava avisar Ryan que estava indo embora, para não deixá-lo preocupado.

Dei dois passos e fiquei com medo de perdê-la de vista mais uma vez. Voltei e segurei sua mão, sem querer arriscar.

— Melhor você vir comigo. Não queremos ninguém fugindo novamente, não é mesmo?

Outra vez, Manuela não recuou, mas ouvi quando ela suspirou alto. Não devia estar acostumada a seguir ordens. Bem, aquilo não era exatamente uma ordem, era mais um pedido sem direito a resposta negativa, mas não deixava de ser um pedido; pelo menos na minha cabeça insana.

— Quem você pensa que é? — disse ela, contrariada, confirmando o que eu acabara de pensar. — Tá achando que só porque é famoso, musculoso, tem um sorriso irresistível e uma bundinha deliciosa que pode sair me arrastando para onde quiser?

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Eu sou tudo isso?

Tenho certeza de que estreitei os olhos, esperando uma reação, embora ela não pudesse notar por causa dos meus óculos escuros.

— Não seja convencido, Dereck — bradou Manuela.

Continuei caminhando. Tinha a impressão de que o camarote estava mais longe do que quando chegamos, ou era minha paciência que estava no fim. Avistei Ryan na mesma situação que antes, só a mulher era diferente.

Dei um tapa na cabeça dele ao me aproximar. Ryan me fuzilou com o olhar e abriu a boca para proferir o que eu achei que seriam alguns palavrões bem cabeludos, mas sua atenção se desviou para Manuela. Assim que viu a mulher ao meu lado, meu primo abriu um sorriso que quase partiu seu rosto ao meio.

— Moleque esperto. Não perde tempo, hein? Achei que fosse passar o resto da vida chorando pela noivinha perdida.

— Cala a boca, seu idiota.

Senti Manuela puxando a mão, tentando se desvencilhar de mim, mas não permiti. Ela percebeu que Ryan falava de Clara, tenho certeza, e confesso que me incomodei com aquilo. Eu estava superando o incidente, ou pelo menos não pensava mais nela tanto quanto antes.

— Se eu não voltar em uma hora, você se vira para chegar ao flat — falei, deixando claro que ele estava por sua própria conta e risco. — Nada de mulheres. Se eu pegar alguma estranha na minha casa, ponho você e ela no olho da rua. Estamos entendidos?

Eu sabia que estava sendo um estraga-prazeres, mas minha casa era meu refúgio e eu não queria nem imaginar o que aconteceria se descobrissem onde eu estava. Ryan concordou, pois também sabia quais seriam as consequências: a imprensa no meu pé e o fim do meu sossego.

Recado dado, voltei a me dirigir à saída. Manuela não pronunciou uma palavra. Na certa estava me achando um doido. Na certa eu *era* um doido.

Sáímos da boate e não demorou até que meu carro fosse trazido à porta, mas mesmo assim não consegui evitar alguns fotografos. Tentei ao menos me manter na frente de Manuela, para que ela não

fosse exposta. Johnny nos acompanhou até o carro, mas, após um sinal meu, se afastou.

A madrugada estava fria. Vi quando Manuela passou as mãos pelos braços, tentando se esquentar. Não precisei pedir: quando abri a porta do carro, ela entrou. Devia ser tão doida quanto eu, pois só uma louca me seguiria em meio a uma crise cujo significado nem eu mesmo sabia decifrar.

Ganhei as ruas da cidade sem saber ao certo para onde ir, e o tempo todo não conseguia olhar para Manuela, pois não saberia explicar o que estava acontecendo. Logo que a vira na boate, eu soube que ela era a dona do sorriso e das palavras em que me apoiara naquele dia e que me perseguiram ao longo daquele ano. Eu só pensava em como faria para encontrá-la. E o papo nada convencional que tivemos antes de ela fugir me deixou ainda mais intrigado.

Eu tinha percebido em seu olhar um sentimento tão profundo quanto o que me devastava, e, quando me lembrava de suas palavras no hospital, tinha certeza de que precisava conhecê-la. Só assim eu descobriria qual caminho seguir, pois ela era a única que tinha me compreendido.

— Podemos ouvir alguma música? — perguntou ela insegura. — Esse silêncio está me matando.

Peguei o iPod e estendi em sua direção para que ela escolhesse o que ouvir. Depois de alguns minutos, uma música começou a ressoar no carro.

Perfeito! “Let me go”, do 3 Doors Down.

Apertei o volante, tentando entender que porra era aquela que estava acontecendo comigo.

— Eu gosto — disse Manuela, com naturalidade. — Banda excelente.

Na verdade, desde que eu a reencontrara, cada gesto, palavra ou atitude de Manuela soava o mais natural possível, o que estava me fascinando. Era totalmente diferente do que eu sentia com as mulheres que já tinham passado pela minha vida.

Exceto por Clara.

Apertei ainda mais o volante, como se a raiva em pensar nela mais uma vez pudesse passar das minhas mãos para o objeto que segurava. Nessas horas, eu detestava entender cada palavra da música, pois provavelmente assumia um significado maior do que deveria. De repente, ouvi Manuela pronunciar um trecho que acabávamos de ouvir. E isso me surpreendeu, pois ela cantava derramando sentimentos em cada palavra, exatamente como eu fazia no palco.

In my head there's only you now

This world falls on me

In this world there's real and make believe

*And this seems real to me.**

— Adoro esse trecho. Escrevi na minha agenda. Bem coisa de adolescente, eu sei — disse ela, de forma contida, se encolhendo no banco como se tivesse dito algo errado.

Tentei tranquilizá-la com o olhar, pois não sabia o que dizer. Manuela mexeu comigo de um jeito diferente.

De um jeito que me assustava.

De um jeito que me desafiava.

E o pior: eu estava gostando.

Avistei uma espécie de cafeteria e resolvi parar. Como não tinha quase nenhum cliente, seria mais difícil ser reconhecido. Antes que ela abrisse a porta, senti que precisava dizer alguma coisa.

— Sei que parece loucura — falei, encarando minhas mãos no volante —, mas não consigo parar de pensar em você desde aquele dia. Nem sabia quem você era, porque não me lembrava de muita coisa e deixei o Brasil logo em seguida. Não estava passando por um momento fácil, mas sabia que de alguma forma rolou uma conexão entre a gente naquela noite, e reconheci isso assim que vi você.

Ela escutava sem dizer nada.

— Eu me quebrei, Manuela, de todas as formas possíveis. Sei que você sabe o motivo, e pode me julgar pensando que sou um idiota, ainda apaixonado por uma mulher casada que nunca vai ser minha. — As palavras soaram amargas. — Mas de uma coisa eu tenho certeza: você levou um pedaço de mim no momento em que sorriu naquele hospital.

Enfim consegui olhá-la. Queria ver sua reação diante de tudo o que tinha confessado.

Manuela mal respirava.

— Diz alguma coisa — supliquei.

— Acho que um coração ferido reconhece um semelhante — sussurrou ela, olhando para as próprias mãos.

Não soube o que pensar. Não conhecia nada daquela mulher, não sabia o motivo da tristeza que via em seus olhos nem da amargura que envolvia seu coração. Na verdade, até o dia anterior não sabia sequer seu nome.

— Que tal um café? — sugeri, tentando aliviar o clima.

Ela sorriu.

— Excelente ideia. Mas adianto que você vai pagar. É o mínimo, depois de ter me tirado do evento do ano.

— Vai ser um prazer, baby.

Ela me olhou por um momento, e um sorriso surgiu novamente em seu rosto. Foi impossível não acompanhá-la em algo tão natural.

* Em minha cabeça só existe você agora/ Este mundo cai sobre mim/ Neste mundo existem o real e o faz de conta/ E isso parece real para mim.

“Não vá embora”, Marisa Monte

Encarei Dereck e pela décima vez me perguntei o que estava fazendo ali com ele. Abri um sorriso, que com certeza pareceu forçado, e fiz cara de paisagem: aquela cara que a gente faz quando olha para tudo e para o nada ao mesmo tempo.

— Seu expresso. — A garçonete entregou a xícara a Dereck: — E seu chocolate quente.

Claro que ele chamou a atenção dela instantaneamente, mas acho que ela não o reconheceu, pois, ao contrário do que havia acontecido na saída da boate, só ficou babando por ele, sem pular em cima dele pedindo fotos e autógrafos. Alheio a isso, Dereck me observava atentamente, como se estivesse me analisando. Eu, no entanto, não conseguia ver seus olhos sob os óculos escuros.

Como se ouvisse meus pensamentos, ele abaixou a cabeça e os tirou, colocando-os sobre a mesa. Assim que Dereck me olhou, senti meu estômago se contrair.

Puta merda!

Coloca de volta.

Coloca de volta.

Coloca de volta.

Diante daqueles olhos azuis, percebi que estava fodida ao ponto do irreversível.

— Então... — comecei, tentando quebrar o gelo entre nós. Alguém tinha que dar o primeiro passo.

— O que trouxe você de volta ao Brasil?

— Estou encerrando a turnê com dois shows aqui — respondeu ele, antes de levar a xícara à boca.

Acompanhei todo o movimento. O.k., ele tinha minha total atenção.

— Desculpa, eu tinha ouvido falar sobre isso. Devo ter esquecido em algum momento no caminho até aqui. — Sorri.

— As coisas não andam muito bem nos últimos meses. Estamos torcendo para que os shows por aqui sejam uma forma de dar a volta por cima. O Brasil vai ser sempre a minha casa. E o meu refúgio.

Fiquei feliz em perceber o orgulho que ele tinha do país. Eu sabia que Dereck não era um cara prepotente ou arrogante, pois Clara sempre falou muito bem dele, e, nas duas vezes que o vi antes daquele dia, havia percebido o carinho que ele tinha por ela, mesmo sabendo que Clara nunca seria dele novamente. Mesmo assim, me espantei ao ouvi-lo falar daquela forma sobre a carreira. Eu tinha lido em sites que ele estava com problemas. Dereck era notícia em praticamente todos os meios de comunicação — a revelação do rock, sempre metida em confusões. Discussões com paparazzi, fãs e até outros músicos eram um prato cheio para a mídia. Dereck também tinha abandonado alguns shows, e em outros nem chegara a subir ao palco.

Fiquei surpresa ao perceber como sabia tanto sobre ele. Acho que, mesmo sem querer, após aquele plantão eu acabara passando a acompanhar sua carreira. Não consegui evitar a tristeza ao vê-lo confessar aquilo; além de lindo de morrer, ele era um excelente músico.

— Sinto muito.

Por que eu disse isso?!

— Por quê? — questionou ele.

Por que ele perguntou isso?!

Eu não sabia muito bem como explicar. Hesitei por alguns segundos, procurando as palavras certas.

— Ninguém devia se afastar daquilo que ama. O amanhã é uma incógnita criada para que a gente viva o hoje. O destino pode ser cruel, e pode ser que a gente nunca tenha uma segunda chance. Pessoas são tiradas de nós sem nosso consentimento e compreensão, oportunidades são perdidas pelo simples medo de tentar. Amores se vão, e o vazio pode ser preenchido ou não. Cabe a você decidir seguir em frente ou se deixar levar. A diferença é grande, e as consequências muitas vezes são irreversíveis. Por isso, devemos sempre nos dedicar àquilo que amamos e ao que nos faz feliz. Sem medo.

Cacete! De onde surgiu isso?!

Dereck me olhou como se eu fosse o próximo dalai-lama ou algo assim.

— Você fala como quem sabe o que é sofrer.

— Ninguém está imune ao sofrimento. — Continuei filosofando: — Corações partidos existem aos montes. O que importa é descobrir como colar os pedaços. — *Acho que me empolguei.* — Eu sei que você sofreu e ainda sofre pela Clara, mas, vai por mim, a dor não vai te matar, a não ser que esse seja o seu desejo. O que seria um desperdício para a população feminina. — Preferi mudar de assunto pois não queria jogar meu passado sobre ele no primeiro encontro.

Encontro?! Fala sério, Manu.

Dereck sorriu. Seu rosto se suavizou, como se ele se tornasse outra pessoa.

— Me conta um pouco sobre você — disse ele, se recostando na cadeira. — Me conta quem é a médica que gosta de filosofar para estranhos na madrugada.

Com uma das mãos ele segurava o café, com a outra batucava na mesa de madeira. Eu observava tudo. Cada entrada e saída de ar que faziam seus músculos mexerem: nada passava despercebido aos meus olhos.

Dei de ombros, sorrindo. Não tinha muito a dizer. Eu sabia que ele não se contentaria com um simples “Oi, sou Manuela Andrade e tenho trinta e dois anos”. Dereck não parecia o tipo de cara que aceitaria menos do que tudo.

— Tenho trinta e dois anos e sou médica. Clínica geral, para ser mais específica. Por isso livreli a sua cara naquela madrugada. Não curto álcool, moro sozinha, mas tenho um gato e uma samambaia. Não tenho irmãos e minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos. Meu pai se casou de novo e eu saí de casa aos dezesseis. Temos uma relação boa, mas não muito amorosa. Tenho duas melhores amigas. E faz meia hora que fui sequestrada por um roqueiro famoso e ainda não disse qual será o resgate. É, acho que é isso.

Dereck soltou uma gargalhada que fez todos os outros clientes do café nos olharem. Naturalmente,

fiquei tímida. O lugar estava relativamente vazio, já que as pessoas ainda estavam em festas ou baladas, mas, graças ao riso incontrolado de Dereck, nos tornamos o centro das atenções.

— Gostei — disse ele. — Sua vida não é nada monótona. Tem namorado?

Meu estômago voltou a se contrair, e só naquele momento me lembrei de Eduardo. Não que eu estivesse fazendo algo errado, mas, se pensar for pecado, eu estava bem perdida.

Outra vez dei de ombros. *Droga!* Aquilo já estava virando um hábito.

— Mais ou menos.

Em um primeiro momento, vislumbrei uma expressão de decepção, mas logo ele sorriu.

— Não sei como se namora “mais ou menos”.

— Estamos ficando.

— Entendi. — Ele pareceu desapontado, me deixando confusa.

— Minha vez.

Ele se inclinou sobre a mesa e cruzou os braços, a jaqueta de couro grudando ainda mais nos braços.

Deus tenha piedade de mim.

— Tenho trinta anos — começou ele. — Acabei de chegar ao Brasil e tomei o maior porre da minha vida há um ano. Nunca mais bebi daquela maneira, pode acreditar. — Ele piscou. — Ainda bem que existem médicas gatas por aí para salvar a bunda de roqueiros inconsequentes. Vivo no mundo entre hotéis frios e ônibus fedorentos e, quando tenho shows no Brasil, procuro um pouco de paz e descanso. Não tenho gatos nem plantas, mas tenho o Ryan, que vale por tudo isso e mais um pouco. Sequestrei uma linda mulher em uma boate e o preço do resgate é a chance de conhecê-la um pouco melhor.

Ele levantou a sobrancelha, esperando minha resposta, mas eu estava imóvel desde o momento em que ele me chamara de gata, e tenho certeza de que meu coração disparou quando “linda” surgiu em seus lábios.

Dereck aguardava impaciente, mas eu travei, pois não acreditava que uma relação, qualquer que fosse, pudesse surgir entre nós. As coisas já estavam indo longe demais.

— Não sei, Dereck. Tem um monte de coisas envolvidas nisso. Você é ex-namorado da minha melhor amiga, e eu... bem, eu não quero ir por esse caminho de novo.

Ele pareceu confuso com as minhas palavras. E eu também estava perdida, pensando em Clara e em Edu. Não tinha a menor chance de aquilo dar certo.

Foi quando senti a mão dele sobre a minha. Com o polegar direito, ele acariciou minha pele, me fazendo arrepiar.

É quente.

Frio.

Quente.

Frio.

Foda-se.

Não sentia mais porra nenhuma.

— “Oportunidades são desfeitas pelo simples medo de tentar.”

— Filho de uma... Usando minhas palavras contra mim.

Tentei parecer brava, mas não consegui sustentar a seriedade por muito tempo.

— O mundo é dos espertos. Além do mais, não estou pedindo você em casamento, só um tempo juntos, como amigos. Acho que temos muitas coisas em comum. Se o seu namorado não se importar, é claro.

— Ele não é meu namorado. Saímos algumas vezes, só isso.

Depois de muita insistência do Edu, acabamos ficando nos últimos meses. Apesar de ele não ser meu namorado, naquele momento não havia outro homem em minha vida.

Dereck sorriu, e, mais uma vez, lá estavam elas. As malditas covinhas. Não sei como Clara pôde deixá-las para trás.

Quer dizer... sei, sim: Alexandre Ferraz.

— Ei, você não é Dereck Mayer? — perguntou uma garota, se aproximando da nossa mesa.

Dereck se mexeu na cadeira, visivelmente desconfortável com a interrupção. Fiquei surpresa, já que ele tinha a fama de ser acessível aos fãs. Clara sempre destacou o carinho que ele tinha por quem acompanhava seu trabalho, mas senti que sua reação ia além do desconforto.

— Claro que não, está louca? — falei.

— Mas o cabelo... — insistiu a garota.

Não deixei que ele falasse.

— Coisa da sua cabeça.

— ... e as tatuagens...

— Não existe só uma Maria no mundo. Além do mais, você acha que se ele fosse o Dereck Mayer estaria tomando café comigo?

Ela me olhou com desdém de cima a baixo.

— É. Tem razão.

Excelente ideia, Manu. Agora vou me sentir um ser insignificante.

A garota encarou Dereck mais uma vez e, concluindo que de fato não era ele, se afastou. Pelo menos deixou nossa mesa, mas era questão de tempo até outra reconhecê-lo, então me levantei para ir embora.

Mas Dereck segurou meu braço, com um olhar de quem não gostou nem um pouco do que eu tinha acabado de fazer.

Mal-agradecido.

— Obrigado — disse ele, verdadeiramente constrangido. — Não precisava ter se exposto para me esconder. Você é uma mulher incrível, eu é que devo agradecer pela sua companhia. Não estou lidando muito bem com tudo o que anda acontecendo. Só isso.

— Fiquei sabendo.

Os últimos dois shows de Dereck tinham sido noticiados em toda a imprensa. Todo mundo dizia que ele estava doente, pois sequer conseguira subir ao palco. Muita gente apontou que estava em depressão, mas Dereck deu uma entrevista afirmando que tinham sido episódios isolados.

Dei um meio sorriso e segui em direção à porta. Dereck me acompanhou, e, assim que a porta se abriu, senti o ar frio atravessar meu corpo. Dei três pulinhos, tentando me aquecer. Como tinha ficado tão frio? Os pelos das minhas pernas se arrepiaram e tive vontade de voltar para dentro. Se Amanda estivesse ali, me diria para ser forte, pois “piriguete não sente frio”.

Ao me lembrar da minha amiga, peguei o celular para conferir se ela havia me ligado. Para minha surpresa, além de ligar, ela havia mandado uma mensagem, assim como Eduardo. Achei melhor não visualizar a dele, pois não teria tempo para responder. Digitei rapidamente um “sim” para a mensagem de Amanda, que me perguntava se eu estava bem.

Eu estava muito *bem encrocada*, isso sim.

Dereck abriu a porta do carro e entrei mais que depressa, me encolhendo no banco de couro. Sou a pessoa mais friorenta desse mundo, então fazia de tudo para me proteger do ar gélido da noite paulistana.

Como se pressentisse que eu estava com o celular na mão, Eduardo me ligou. Senti uma pontinha de remorso ao recusar a ligação, mas, infelizmente — ou felizmente, ainda não havia decidido —, não consegui dizer não ao pedido de Dereck. Por mais que parecesse loucura (e eu sabia que era), também sentia a conexão que ele havia mencionado.

O celular voltou a tocar e mais uma vez não atendi. Percebi Dereck encarando o visor, a foto do Edu estampando toda a tela. Confesso que o sorriso dele poderia muito bem competir com o do Dereck. Era lindo!

—É o seu namorado? — perguntou ele.

Eu me fiz de desentendida e não respondi, mas Dereck insistiu, apontando para a bolsa onde eu acabara de guardar o celular.

— É o Eduardo — respondi. — Já falei que ele não é meu namorado.

— Ele me parece bem insistente para um “mais ou menos” — retrucou Dereck, brincando com o que eu tinha dito.

Bem feito para mim. Quem mandou não guardar a língua dentro da boca e falar mais do que devia?

Passamos alguns minutos conversando amenidades, e o papo fluiu como se fôssemos amigos de infância. Ele estava certo: tínhamos várias coisas em comum, desde o gosto musical e as bandas favoritas até comidas e lugares preferidos no Brasil.

Expliquei o endereço do meu apartamento e descobrimos que morávamos relativamente perto. Mais uma coincidência — ou não, já que não acredito muito em acaso. Dereck me levou até em casa, e fiquei impressionada em ver como ele dominava o trânsito de São Paulo, sem se perder em nenhuma rua. Eu era um zero à esquerda nesse aspecto, já havia me perdido no meu próprio quarteirão, e andar sem GPS era quase um suicídio.

— Prontinho. Está entregue. Vou voltar e buscar meu primo antes que ele vá parar na cadeia, ou no hospital — disse Dereck assim que parou em frente ao meu prédio.

Sorri ao ouvi-lo mencionar hospital, mas na verdade eu estava enrolando: não queria descer. Ficamos alguns segundos olhando um para o outro, e o constrangimento se instalou dentro do carro. Não sabíamos o que dizer. Na verdade, não sabíamos nem por que estávamos ali juntos, mas me parecia certo. Tirei o cinto de segurança, e, vendo que eu estava pronta para descer, Dereck tomou a iniciativa. Ele tirou um cartão do porta-luvas e me entregou.

Vi seu nome, e-mail e número de telefone impressos. Um cartão sofisticado, preto, com elegantes letras em prata. Guardei-o na bolsa e abri a porta, mas ele puxou meu braço e fui obrigada a encará-lo.

— Sei que nada do que aconteceu hoje faz sentido e já falei isso. Pode parecer loucura, mas sinto que nossos caminhos estão ligados de alguma forma e conto com você para descobrir exatamente em que ponto eles se encontram.

Engoli em seco. Depois dessa, eu só podia concordar.

— Eu te ligo — prometi.

Ele se aproximou mais, e senti seu cheiro me invadindo. Reconheceria seu perfume dentre centenas. Era algo único, amadeirado, forte e marcante, assim como o próprio Dereck.

Ele se aproximava cada vez mais.

De repente, o carro se tornou pequeno e o ar desapareceu, deixando meus pulmões vazios, pois eu respirava e respirava e nada de oxigênio. Pensei em Eduardo e desviei o rosto. Não era justo. Senti os lábios de Dereck em minha bochecha e respirei fundo, tentando acalmar meu corpo prestes a entrar em combustão. Dessa vez meus pulmões se encheram, e quando soltei o ar era mais como um gemido.

É... eu gemi. Foi patético.

— É bom ligar mesmo, ou vou ser obrigado a quebrar uma perna para ver você.

— Nada de visitas hospitalares, você tem que estar inteiro para os shows. Quando é o primeiro?

— Daqui a três semanas.

— Se eu não estiver de plantão, faço questão de prestigiar você.

— Será muito mais que bem-vinda — respondeu ele, animado.

Nos despedimos, e eu entrei no prédio. Apoiei as costas na parede gelada do elevador. Eram três horas da manhã. Eu estava sozinha, mas não podia fechar os olhos por um segundo sequer, pois minha mente era inundada por lembranças de covinhas perfeitas.

Parabéns, Manuela. Você acaba de provar que seu dedo podre para homem continua intacto. Esse aí significa PROBLEMA não só com P maiúsculo, mas com todas as letras garrafais e estrelinhas de neon.

Quando a porta do elevador se abriu, levei um susto. A noite estava só começando.

— Eduardo? O que está fazendo aqui?

— Oi, Manu.

Ele sorriu!

Putá merda, hoje é dia santo e eu não sabia?

“It’s time”, Imagine Dragons

Não voltei para casa nem busquei Ryan na boate. Liguei para ele e disse que se virasse. Estava me sentindo perdido, precisava de um tempo sozinho.

Dei várias voltas pela cidade até parar o carro em frente a uma igreja. O dia estava quase amanhecendo. Não sei o que me deu, nunca fui muito ligado a religião, mas acredito em Deus e sempre pensei na vida como um presente, não como um destino imutável. Acredito que temos livre-arbítrio e que somos, acima de tudo, protagonistas de nossa própria história.

A igreja era antiga, uma construção de encher os olhos. Eu estava sendo guiado por uma energia que me chamava. Enquanto subia os degraus, pensava em um monte de coisas: na vida que eu tinha escolhido, nos problemas que vinha enfrentando na carreira, nos shows que eram minha esperança de voltar a ser o que era, em meu amor por Clara e no encontro com Manuela.

Era tudo muito louco.

E estranho.

E confuso.

Eu não tinha noção do que estava acontecendo. Ainda sofria por Clara, meu coração estava aos pedaços, mas Manuela tinha me revigorado de alguma forma, como se ela tivesse chegado no momento certo, como se soubesse que eu precisava do seu apoio.

Ao entrar na igreja, notei que acontecia uma espécie de vigília. Uma música tocava baixinho em meio às orações, que podiam ser ouvidas por todo o lugar. Eu me sentei na última fileira e aproveitei o clima tranquilo para absorver aquela paz. Tentava me reconhecer, ou melhor, me conhecer, porque não sabia mais quem eu era.

— “E o pecador entra no templo, com a esperança de que Deus lave sua alma e leve sua tristeza através das águas” — murmurei, dando voz às palavras que me vieram à mente.

Fosse outra época, eu escreveria esse trecho em um bloco de anotações, onde ele esperaria uma melodia lhe dar vida. Mas não dessa vez. Assim como as palavras vieram, elas se foram. Ainda não me sentia preparado para compor. Havia meses não escrevia nada nem compunha uma melodia. Será que não era melhor cancelar os shows e me afastar dos palcos de uma vez por todas? Afinal, nem compor eu conseguia mais.

Fiquei mais alguns minutos admirando o lugar, até que uma senhora se sentou ao meu lado. Ela sorriu, e por um momento me lembrei da minha mãe. *Ela deve estar uma fera comigo.* Mas eu ainda não me sentia pronto para encarar meus pais.

A senhora me olhou por mais alguns segundos, analisando o piercing no meu lábio e, depois, meu cabelo. *Putz!*

— Sabe... — começou ela. — Às vezes queremos algo que não está ao nosso alcance e esquecemos o que temos. É nas coisas mais simples que Deus se revela.

— Acho que ele andou se esquecendo de mim.

Ela sorriu novamente e retirou da bolsa um terço. Antes de se ajoelhar e começar a rezar, voltou a me olhar.

— Nenhum fardo é dado a quem não tem força para carregá-lo. Deus só testa os capazes.

Assenti, pois, de certa forma, ela tinha razão. Eu tinha sofrido muito, mas era exatamente como Manuela dissera: a dor não iria me matar. E, com o pensamento nela, decidi ir embora.

Antes de sair da igreja, toquei no ombro da senhora. Quando ela ergueu o olhar para mim, agradei.

— Deus o acompanhe — respondeu ela, e segurou minha mão por alguns segundos para então voltar a contemplar o altar, retomando sua oração.

Assim que coloquei os pés para fora da igreja, vi os primeiros raios de sol iluminarem o dia. O clima estava ameno e o calor era uma das coisas de que eu mais sentia falta fora do Brasil. Entrei no carro e ganhei as ruas novamente. Logo estaria em casa.

Casa. Eu tinha uma.

— O que deu em você? Não desgruda do celular! É a terceira vez que olha o visor, tá parecendo uma garotinha de colégio.

Assim que Ryan chamou a atenção sobre o meu comportamento, coloquei o telefone no bolso e abri um pouco a cortina da sala. Já era tarde da noite. Fazia alguns minutos que eu andava em círculos pelo cômodo, sem saber o que fazer.

— Devia ter pegado o número dela — falei para mim mesmo, ainda olhando pela janela, mas saiu alto demais, porque Ryan replicou:

— Cara, eu até agora não entendi. Você saiu da boate acompanhado de uma das morenas mais gostosas que já vi, voltou com o dia claro, disse que não comeu ela, e agora está aí, grudado na porra do telefone.

— Você não entenderia.

Vai por mim. Nem eu entendo.

— Não mesmo — respondeu ele, dando de ombros. — Quer sair hoje? Conheci duas gatas ontem. Irmãs. Vão dar uma festinha na casa delas. Se quiser, deixo uma para você.

Ele só podia estar de brincadeira com a minha cara.

— Já falei que você é doente?

Eu me joguei no sofá e peguei o controle da TV, zapeando pelos canais enquanto Ryan resmungava que doente era eu. Tentei ignorá-lo. Era o melhor a fazer.

Ao chegar em casa, depois de ir à igreja — impossível não estranhar isso: eu na igreja; chegava a ser irônico —, eu encontrara Ryan na portaria, também chegando. Pelo visto, a noite dele foi excelente, pois o moleque estava com uma cara de quem tinha se dado bem.

Eu estava exausto. Meu corpo ainda sentia o cansaço dos últimos dias. Já tinha enfrentado a inauguração da boate, um encontro inesperado e até uma visita à igreja. Estava me saindo melhor do que a encomenda.

Dormi durante toda a tarde, mas confesso que qualquer barulho era motivo para que me levantasse.

Como Ryan havia dito, eu não desgrudava do celular.

Manuela tinha dito que me ligaria, mas o domingo já estava chegando ao fim e nenhum sinal dela. Eu andava pela casa como um cachorro perdido. Claro que tinha sido um idiota. Devia ter pegado o número dela. Pelo menos não estaria uma pilha de nervos.

— Tem certeza de que está tudo bem? — perguntou meu primo. Assenti com a cabeça e ele saiu, me deixando sozinho.

Além de sozinho, estava sem sono. Não tinha nada para fazer. Tirei os chinelos e me joguei novamente ao lado do sofá. Estava me sentindo confortável, com uma camiseta e uma calça de moletom. Voltei a zapear e parei em um canal voltado para música. A emissora transmitia um show ao vivo do Imagine Dragons, uma banda que eu adorava. Várias músicas deles faziam parte do meu repertório.

Now don't you understand

*That I'm never changing who I am...**

“It's time” era uma delas. Cantarolei todas as músicas que vieram a seguir. Tudo era muito natural, como se minha vida não tivesse virado de cabeça para baixo.

Nenhum fardo é dado a quem não tem força para carregá-lo.

Lembrei-me da senhora na igreja. Ela tinha razão: eu não podia entregar os pontos. Voltei minha atenção para a TV e continuei curtindo o show. Senti um aperto no peito, uma saudade de ser quem eu era. A música e o palco sempre foram meu lar, para onde eu sempre voltava. Não importava o que acontecesse, o violão e a guitarra sempre estavam à minha espera.

Aumentei o som e fui pegar uma cerveja na geladeira. Precisava relaxar, mas sabia que só o álcool não seria suficiente, então fui ao quarto buscar algo que tinha guardado. Voltei para a sala e abri a porta que dava para a sacada. Acendi o baseado enquanto observava a cidade lá embaixo, o vaivém dos carros. A fumaça invadia meus pulmões.

Em poucos minutos meus músculos começaram a ceder e eu relaxei totalmente. Minha cabeça ficou pesada e eu já não pensava em nada. Era o que eu queria: desamarrar as cordas que me prendiam. E a maconha estava cumprindo muito bem seu papel.

No início, era só para relaxar. Fumava após os shows e assim conseguia dormir uma noite inteira sem pensar em minha vida vazia. Depois, passei a usar para me apresentar, para me livrar do medo de subir ao palco. Até que chegou o momento em que não fazia mais tanto efeito, então precisei de algo mais forte.

Não que eu nunca tivesse usado drogas antes; na estrada, era o que mais tinha. Conheci bandas em que todos os músicos eram viciados e sentiam orgulho disso.

Não era o meu caso. Experimentei algumas coisas, mas nunca usei com a regularidade que vinha usando nos últimos tempos. Antes era só curiosidade, para curtir um barato ou me enturmar, mas acabou se tornando essencial. Não conseguia mais me apresentar sem estar chapado e só terminava um show se estivesse sob o efeito da cocaína. Eu ficava louco. Tudo tomava uma proporção gigantesca e eu me sentia a porra de um deus no palco.

Já a maconha me acalmava, trazia o descanso de que eu tanto precisava e que às vezes era impossível alcançar naturalmente.

Quando terminei o baseado, subi para o meu quarto. Por mais que tivesse dormido boa parte do dia, a maconha me deixou com sono. Assim que eu caísse na cama, seria uma viagem sem volta.

E foi o que aconteceu.

— Estou saindo — avisei a Ryan, que comia na cozinha. Devia ter acabado de chegar, pois estampava uma cara de zumbi com ressaca que dava medo. — Vê se não põe fogo na minha casa.

— Como se eu tivesse forças para isso. — Ele colocou o braço na mesa e apoiou a testa. — Falei que eram irmãs, né? Cara, estou morto.

— Você pegou as duas? — perguntei, atônito.

— Não, elas é que me pegaram — explicou ele, rindo. — Mas não faz essa cara. Elas nem se tocaram.

Soltei um suspiro de alívio e peguei as chaves em cima da mesa. Incesto não era a minha.

Eram nove da manhã e eu estava pronto para consertar minha burrada. Manuela não tinha me ligado, então eu iria atrás dela no hospital. O.k., baby! Nada melhor que um check-up completo para começar uma segunda-feira.

Não demorei a chegar. Estacionei o carro e fui direto à recepção em busca de informações.

— Posso ajudá-lo? — ofereceu uma senhora de meia-idade.

— Claro, Beatriz — respondi, com intimidade, após ler o nome dela no crachá. Sei que é errado fazer isso, mas foda-se, o desespero exige medidas mais desesperadas ainda. — Preciso de uma informação.

Ela abriu um sorriso, mostrando que nem as coroas eram imunes a mim.

Viu? Funcionou.

— Preciso encontrar a dra. Manuela, você pode me ajudar?

O nome Manuela soava encantador em minha mente, mas dizê-lo em voz alta, acompanhada do tratamento “doutora”, foi mágico. Fez cócegas na minha língua, como uma canção. Beatriz me encarou com surpresa, na certa imaginando o motivo da minha cara de desespero.

— O senhor está bem? É paciente? Tem horário marcado? — perguntou, preocupada.

— Sim, estou bem. — A senhora soltou um suspiro de alívio. — Na verdade, sou um amigo. Preciso muito falar com ela. É um pouco urgente.

Ela ficou em silêncio por mais alguns segundos. Sorri abertamente. Se Clara estivesse certa, aquilo me ajudaria. Ela sempre dizia que meu sorriso arrancava calcinhas, então seria fácil conseguir uma simples informação.

— A doutora está em uma consulta de rotina. O consultório dela é no segundo andar...

Nem esperei que ela terminasse de falar e saí em disparada para o elevador. Entrei e aguardei que ele subisse. Não estava tão cheio, mas algumas pessoas me encararam; meus braços, mais precisamente. Estava quente, então eu usava apenas uma regata preta com jeans escuro e botas. E óculos escuros, é claro.

Assim que as portas do elevador se abriram, comecei a procurar o consultório de Manuela. Para minha sorte, todos tinham placas indicando o nome dos médicos. Na terceira porta, li o que eu queria:

DRA. MANUELA ANDRADE VIEIRA

Sorri, pois agora ela tinha sobrenome. E combinava perfeitamente com ela. Eu estava adorando a caçada, cada nova descoberta era emocionante.

Levantei a mão para bater na porta, mas decidi esperar um pouco mais. Não sabia se ela estava com paciente, e não havia ninguém na sala de espera para me informar. Achei melhor aguardar um pouco, para não atrapalhar. Eu me recostei em uma enorme janela e fiquei observando o jardim para o qual ela tinha vista. Crianças brincavam na grama, provavelmente pacientes internadas, pois todas vestiam a mesma roupa.

Algumas liam livros, outras brincavam de roda e algumas apenas conversavam e riam. De repente, me vi preso naquela cena. Seres tão indefesos e inocentes, com a vida inteira pela frente, presos a um lugar onde ninguém deveria estar.

Estava absorto em meus pensamentos quando ouvi vozes que reconheci. Por mais que tivesse ido até ali atrás de Manuela, por mais que estivesse pensando mais nela do que em qualquer outra pessoa, por mais que dissesse a mim mesmo que havia superado, meu peito apertou e fiquei sem ar.

Olhei disfarçadamente para a porta do consultório e tive sorte, pois uma pilastra me escondia. Clara estava saindo. Fiquei encantado com sua beleza, que iluminava todo o ambiente. Minha gatinha exibia um sorriso no rosto e levava nos braços um bebê. Não consegui ver o rosto da menina, apenas o cabelo castanho. Com um vestido longo amarelo, Clara estava ainda mais linda do que da última vez que eu a vi. Manuela e Clara se olhavam com cumplicidade, e vi como eram amigas. Então entendi o receio de Manuela com minha aproximação repentina. Eu não imaginava que fossem tão próximas.

A porta do elevador se abriu e um homem saiu. É claro que ela não estaria sozinha. Alexandre se aproximou, trocou algumas palavras com Manuela, fez um carinho no rosto de Clara e pegou a menina nos braços. A pequena se aconchegou em seu pescoço e continuou dormindo.

Foi impossível ficar indiferente. Vários sentimentos me invadiram. Eu amava aquela mulher. Dera a ela o que tinha de melhor em mim. Senti raiva, medo, ciúme e, acima de tudo, ódio de mim mesmo, por estar sendo tão egoísta. Ela merecia ser feliz, mas era angustiante ver a cena.

Ambos se despediram de Manuela. Clara lhe deu um beijo no rosto e recebeu um abraço carinhoso em troca. Com o olhar, acompanhei o casal até o elevador. Só quando a porta se fechou é que eu soltei o ar e consegui voltar a respirar. Olhei para a porta do consultório: Manuela não estava mais lá. Pensei por alguns momentos se deveria ou não procurá-la, mas a imagem de Clara ainda estava viva em minha memória, então fui embora.

Mais uma vez, havia sido derrotado por meus sentimentos.

* Você não entende?/ Que nunca mudarei quem eu sou?

“Seu olhar”, Seu Jorge

— Quer me matar de susto, Amanda?

Levei a mão ao peito, esperando minha respiração acalmar enquanto aguardava Amanda explicar por que tinha entrado como uma louca no meu consultório.

— Está preparada, dra. Manuela? — Ela arrastou a voz um pouco mais que o normal ao dizer meu nome. Devia ter perdido mais um parafuso. — Adivinha quem está no *Diva Glamorosa*?

— Aquele site de fofoca?

— O próprio.

Dei de ombros. Desde quando eu me importava com celebridades? Não tinha tempo e muito menos saco para cuidar da vida dos outros. Mal dava conta da minha. Continuei a olhar a agenda, a lista de pacientes a atender, até que uma possibilidade surgiu em minha mente.

Não pode ser! Ou pode?

Ergui os olhos devagar, como se o fato de não encarar Amanda pudesse mudar alguma coisa. Ela me olhava, segurando o maldito celular. Me levantei depressa e quase caí ao tropeçar nos meus próprios pés. Arranquei o celular das mãos dela, já em pânico.

O desespero tomava conta de mim a cada linha que eu lia. Só podia ser um pesadelo.

Dereck Mayer desembarca no país e mais uma vez é visto cercado por beldades brasileiras. Quem será a sortuda da vez?

Uma foto o mostrava abrindo a porta do carro para mim. Ainda bem que não dava para ver meu rosto, mas eu sabia que era questão de tempo até descobrirem que era a mesma garota vista com ele na boate, onde as fotos só podiam ter saído bem nítidas.

— Pelo menos você tem uma bunda fotogênica. — Olhei incrédula para Amanda. — Sério. Devia ficar feliz que não aparece nenhuma celulite nas suas pernas. Se fosse a minha, estaria mais esburacada que as estradas brasileiras. Mas vamos falar do que realmente interessa. — Eu sabia o que viria. — Já ligou para ele?

— Não.

Devolvi o celular e voltei a me sentar. Desde que eu contara a Amanda o que tinha acontecido, ela vinha enchendo meu saco para ligar para ele. Confesso que pensei várias vezes se deveria me deixar levar, mas considerei todas as opções e acabei desistindo. Nunca daria certo.

Na verdade, “nunca” ainda era pouco quando Dereck e eu éramos colocados na mesma equação.

— Manu, você diz que eu sou pragmática demais. Está cansada de falar que eu devia mudar, mas não entendo o porquê dessa complicação toda. Você e Dereck são adultos. Rolou uma química que você mesma disse que foi quase incendiária. Qual o problema, então?

— Maria Clara Gomes Bueno Ferraz e Eduardo Vilella. Esses são os problemas.

— Deixa de besteira, Manu. Você me contou que a Clara é loucamente apaixonada pelo marido. Ela não tem mais nada com o Dereck. Ele é livre e desimpedido, não tem por que vocês não se darem essa chance. E tem outra: você sempre disse que você e o Eduardo eram como água e óleo. Vocês não têm nada a ver.

— Chance de quê, Amanda? — perguntei, fingindo indiferença. — O Dereck é um cantor mundialmente conhecido. Prova disso são essas merdas dessas notícias. Ele está no Brasil de passagem. Você acha o quê? Que vamos viver um romance de cinema e sair por aí como um casal comum? Não viaja. Além do mais, ele ainda é apaixonado pela Clara, por isso bebeu até entrar em coma alcoólico no dia do casamento dela. E, você gostando ou não, estou ficando com o Edu.

— Já faz um ano que a Clara casou.

— Se ele a ama de verdade, pode se passar uma vida inteira.

Amanda se sentou na minha frente e bateu as mãos espalmadas na mesa. Ela estava determinada a me convencer do contrário.

— Quem falou em relacionamento, Manu? Estou falando de transar com um cara gostoso. Só isso. Ele é o pecado em forma de gente. Vai me dizer que nos dois últimos dias não se imaginou lambendo aquelas tatuagens? Ou tocando aqueles gominhos? — Ela piscou, atrevida. — Pois é, minha amiga, até eu me imaginei passando as mãos por aquele corpinho. O cara é quente. E, mais uma vez: apaixonado ou não, ele está SOL-TEI-RO, assim como você.

Peguei uma revista que estava sobre a mesa e a joguei em Amanda. A revista caiu em seu colo e ela explodiu em uma gargalhada que encheu todo o consultório. Amanda não tinha jeito. Primeiro, Clara; depois, ela. Eu só tinha amigas malucas.

— Ciúmes, dra. Manuela? — Ela se levantou, ainda sorrindo. — Uma dica: existem milhares de mulheres querendo ser a guitarra do rock star, só para poder sentir no corpo as mãos dele. Não dá mole não. “Quem não dá assistência abre para a concorrência.”

Levei as mãos ao rosto.

— Você se superou dessa vez, Amanda. Essa frase é ridiculamente clichê.

Ela deu de ombros, não se importando com minha aversão às suas frases feitas.

— Às vezes o ridículo faz todo sentido.

E, dizendo isso, ela saiu.

Fiquei alguns segundos olhando para a porta. Certo...

Estava de boca aberta. Como aquela destrambelhada conseguia usar uma frase de quinta como aquela para me dar um grande sermão? Claro que não dava para entender, mas comecei a pensar naquelas palavras.

Graças a Amanda e sua filosofia barata, fiquei absorta em meus pensamentos. A lembrança do meu encontro com Dereck voltou à minha memória mais vívida do que nunca. Eu estava incomodada com tudo que havia acontecido. Ele mexia comigo, sem dúvida. Nossa estranha conversa era uma prova de que nos conhecíamos mais do que imaginávamos.

Já tinha visto Dereck duas vezes antes daquela fatídica noite no hospital. A última foi quando nos reunimos na casa de Clara, em uma tentativa de fazê-la entender que seu lugar era ao lado de Alexandre.

Diego também estava lá, havia acabado de sair do hospital e precisava da minha total atenção. Não saí do lado dele. Foi um dia especial. Diego havia entrado em minha vida para ficar. Não vou negar que não cogitamos a possibilidade de um envolvimento amoroso, mas ambos aceitamos que o que nos unia era a amizade. O que, para nós, era mais do que suficiente.

Sorri ao me lembrar do meu príncipe. Clara o chamava assim, e foi como o apelidei também. Diego não gostava, dizia que era um apelido idiota e que ele não era príncipe nenhum. Mas gestos valem mais do que palavras, e nunca conheci um homem como Diego. Ele estava acima de todos os outros. Sua educação, seu cavalheirismo e seu respeito deixavam qualquer mulher babando por ele. Sua beleza era somente um bônus que acompanhava toda a sua personalidade. Se existia perfeição em forma de homem, ela era Diego Ferraz.

Peguei o celular e mandei uma mensagem para ele:

Que tal um happy hour?

Assim que o coloquei de volta na mesa, o aparelho apitou com uma mensagem.

Em plena segunda-feira? A doutora não trabalha?

Enviei uma carinha triste. Sabia que ele entenderia que não tinha gostado do puxão de orelha. Ele mandou mais uma mensagem:

Não fica assim. Tenho uma reunião hoje. Amanhã é dia de karaokê, aguenta até lá?

Respondi sem deixar transparecer o desespero que sentia:

Sem problemas, Príncipe! <3

Amanda era uma grande amiga, mas acreditava que só Diego seria capaz de acalmar meu coração. Eu sempre me sentia segura com ele, e ele me ajudaria a colocar as coisas em ordem antes de tomar uma decisão.

Eita, Manu. Já está cogitando ficar com o Dereck?!, pensei.

Meu celular apitou novamente e sorri para o visor ao ler a mensagem seguinte:

Você não existe. Bj, linda!

Se alguém lesse minhas mensagens com Diego, pensaria uma de duas coisas:

1: Que era meu namorado.

2: Que ele era gay.

Diego era hétero, disso eu tinha certeza. E sortuda seria a mulher que conquistasse seu coração, embora o acidente o tivesse deixado um pouco mais retraído para relacionamentos; e de qualquer tipo, mesmo amizades. Sem contar o bendito concurso para o qual ele estava estudando que nem um louco. Ministério Público, acho que era isso.

Eu ainda estava olhando o celular quando minha secretária bateu na porta.

— Sua próxima paciente chegou. Fiz como você pediu e encaixei a Maria Clara na semana que vem — avisou ela, com a agenda nas mãos.

— Obrigada. Ela está com um pouco de anemia. Não queria alarmá-la, mas é bom ficarmos de olho.

— Falando nisso, o dr. Ferraz também pediu um horário ainda essa semana para falar com você.

— Era de se esperar.

Sorri.

— Ele é louco por ela, né? É o tipo de amor que a gente percebe de longe. Queria eu ser tudo isso para alguém — confessou ela, levando a agenda ao peito e suspirando.

Ao olhar para minha secretária, Ayra, eu não conseguia entender por que ela ainda estava sozinha. Era inteligente, educada e excelente profissional, além de muito bonita. Tinha uma beleza exótica, por causa da ascendência indígena. Pele bem morena, olhos negros, cabelo escuro e liso.

— E quem não queria, não é mesmo?! — Eu também desejava o mesmo que ela: ser tudo aquilo para alguém. — Pode pedir para a Vanda entrar.

Organizei alguns papéis sobre a mesa e peguei os exames da paciente de dentro de uma pasta. Ayra saiu assim que Vanda entrou. Apesar de ser minha secretária havia dois anos, não tínhamos uma relação muito íntima. Ela era extremamente reservada, e eu respeitava isso.

— Bom dia, Vanda. Como está se sentindo hoje?

Fui até a senhora à minha frente e peguei sua mão para conduzi-la até a maca. Ela era muito simpática, mas visitava o hospital praticamente toda semana, muitas vezes sem necessidade.

— Ah, minha filha... estou sentindo uma dor aqui, no meu coração.

Vanda se sentou na maca e começou a se lamuriar.

Abri um sorriso gentil. Muitas vezes, os pacientes só precisam de um pouco de atenção. A doença pode estar ligada ao lado emocional. Principalmente a solidão e a perda fazem os idosos se refugiarem em algo que esconda seus sentimentos.

— Dona Vanda, já expliquei à senhora que o coração não dói.

Tentei acalmá-la, pois essa era sua principal queixa. Comecei a aferir a pressão, mas não deixava de olhá-la.

— Então, minha filha... — Ela colocou a mão no meu peito, bem em cima do coração. — Você não sabe o que é o amor. Desde que o Leônidas partiu que meu coração não funciona como devia. Por isso, dói sim.

Encarei-a por alguns segundos. Pela segunda vez naquele dia, fui nocauteada por palavras que com certeza ficariam presas em minha mente.

DERECK

Voltei para casa me sentindo um derrotado. Mais uma vez, tinha deixado meu sentimento por Clara definir minhas ações.

Estava determinado a procurar Manuela para conversar, quem sabe até convidá-la para jantar ou simplesmente tomar um café. Queria conhecê-la melhor, pois o pouco que conversamos havia me marcado e eu tinha a impressão de que ainda existia muito mais a ser descoberto. Mas então Clara surgiu, levando embora todos os meus planos.

Meu Deus! Até quando eu sofreria por ela? Até quando sua presença iria interferir na minha vida?

Clara era passado. Eu precisava me libertar dela.

Estava me sentindo sufocado, mas isso não era assunto para discutir com meu primo. Ryan já tinha me dado um sermão e eu não precisava que ele se metesse mais uma vez nos meus problemas. Teria que achar uma solução sozinho, e rápido, pois toda aquela loucura estava me tirando o foco.

— Senhor Dereck, o almoço está pronto. Posso servir?

Eu estava jogado no sofá fazia mais ou menos meia hora. Ryan ainda dormia. Olhei para a

empregada e me toquei que nem sabia seu nome, mas fiquei com uma puta vergonha de perguntar.

— Não precisa. Pode deixar no forno. Estou sem fome, e o Ryan não vai acordar tão cedo. Quando a fome bater, a gente se vira.

— Tá certo, então.

Ela se virou e voltou para a cozinha. Minutos depois, já estava de volta, bolsa no ombro, pronta para ir embora.

— Sua mãe também ligou. Disse que o senhor tem até amanhã para ligar para ela, senão... senão...

— Ela parou, tentando se lembrar das palavras da minha mãe. — Senão ela vem aqui dar uns tapas na sua bunda — completou, totalmente constrangida. — Desculpe, sr. Dereck, dona Magda me fez prometer que daria o recado.

Não pude evitar o sorriso que despontou em meu rosto ao me lembrar da minha velhinha.

— Sim, é bem a cara da minha mãe dizer isso. Não se preocupe, obrigado.

E ela se foi. Peguei o celular no bolso da calça. Havia várias chamadas não atendidas. Além da minha mãe e do meu empresário, Danilo também tinha entrado em contato. Resolvi ligar primeiro para minha mãe. Ela atendeu antes mesmo do segundo toque.

— DERECK AUGUSTO MAYER, eu espero que você tenha uma excelente explicação para querer matar sua mãe do coração. E, se mentir, juro que em uma hora estarei em um avião para te mostrar o que ainda sou capaz de fazer nesse seu traseiro inconsequente.

Putá merda. Se ela tinha metido o “Augusto” no meio era porque a coisa estava feia para o meu lado. Augusto era o nome do meu avô materno, e Mayer, o sobrenome do avô americano do meu pai, o motivo de eles terem escolhido os Estados Unidos para morar.

— Oi, mãe...

Apoiei a cabeça no encosto do sofá e fechei os olhos, me preparando para o sermão da dona Magda. Passei vários minutos tentando explicar por que ainda não tinha ido a Gramado.

— Tudo certo para os shows? Vamos ver você tocar. Seu pai e eu.

Fiquei sem reação. Uma coisa é cantar para uma multidão desconhecida, e outra bem diferente é ter seus pais assistindo. Fui sincero, mas sem revelar o que realmente sentia:

— Não sei, mãe. Está tudo um pouco complicado para mim. Preciso me focar, mas algumas coisas andam me distraindo.

— É a menina Clara, não é?

A pergunta foi como uma lança me atravessando. Eu nunca me acostumaria com a dor de ouvir o nome dela.

— Não quero falar sobre a Clara.

Minha mãe fez uma pausa. Achei que ela tivesse desistido, mas, para meu desespero, continuou:

— Não era para ser. Quando for, você vai descobrir, pois ela vai estar do seu lado. Amar é se doar, mesmo que a gente não saiba o motivo, mesmo que nada faça sentido, meu filho.

Se a velha tinha a intenção de me esclarecer as coisas, devia estar mais louca que eu, pois acabava de embaralhar ainda mais meus pensamentos. Porém, mesmo sem entender sua filosofia, não quis prolongar a conversa pedindo uma explicação. Prefери encerrar a ligação com a promessa de que a visitaria em breve.

E, pelo bem do meu traseiro, teria que cumpri-la o mais rápido possível.

“Hello”, Adele

— Fomos convidados para uma festa na casa da Nicholle. Vamos?

Eu estava sentado em uma banquetta, ao lado do bar da sala. O copo de uísque pesava nas minhas mãos já havia algum tempo, e nem notei Ryan chegando.

— Quem diabos é Nicholle? — perguntei, levando o copo mais uma vez à boca.

O álcool queimava minha língua, provocando um ardor bem-vindo, mas eu sabia que precisava de alguma coisa mais forte. O uísque não fazia mais o efeito que eu tanto desejava.

— Quem se importa? O que importa é que ela é gostosa e tem uma mansão cheia de gatas me esperando. Tudo bem se você não quiser ir, eu desisto. Empresta o carro? — pediu Ryan, já caminhando em direção à mesa de centro, onde estavam minhas chaves.

— Vou com você — falei.

Ryan ficou paralisado no lugar.

— Vai? — Ele ergueu uma sobrancelha, duvidoso.

— Preciso repetir? — falei, irritado.

— *Nope*. — Ele ergueu as mãos. — Não precisa.

Subi ao quarto para buscar os óculos escuros e a jaqueta e calçar as botas. A camiseta e o jeans que eu vestia estavam de bom tamanho. Quando voltei à sala, Ryan estava ao telefone, mas assim que me viu encerrou a ligação, se levantando.

— Avisei à Nicholle que você vai e pedi total discrição, inclusive em relação a câmeras fotográficas e celulares dos convidados. Ela me garantiu que nada vai ser fotografado ou comentado.

— Obrigado, mas não estou muito preocupado com a minha imagem. Esta noite eu só quero comer alguém.

Ryan sorriu abertamente, gostando do meu comentário.

— Primo, garanto que boceta não vai faltar — disse ele, e deu dois tapinhas no meu ombro.

E eu esperava encontrar várias, pois só assim conseguiria esquecer as duas mulheres que estavam fodendo com a minha cabeça.

Tinha que tirar o chapéu para o meu primo. Ele não estava brincando quando disse que o local era luxuoso. E, ao ouvir o aviso da hostess, tive certeza de que ele também não estava errado em relação à segurança:

— Por favor, deixem os celulares com o segurança. Após passar pelo detector de metais, podem se encaminhar ao salão principal.

Demos mais alguns passos e fomos interceptados por dois brutamontes. Por maior que eu fosse, os caras pareciam montanhas perto de mim. Fomos revistados, nossos celulares colocados em sacos

plásticos que foram lacrados e identificados com nossos nomes. Antes de sermos liberados, passamos pelo detector de metais.

Eu já tinha estado em várias mansões como aquela, mas pelo visto era a primeira vez do meu primo. Ele observava atentamente cada detalhe, os olhos arregalados, desde o lustre de cristal até o corrimão talhado na madeira. Eu o seguia, sorrindo pelo seu deslumbramento. O moleque tinha muito o que viver ainda.

Chegamos em frente a duas portas de vidro que se abriram automaticamente, nos dando passagem. — *HOLY SHIT!* — exclamou Ryan, e se pôs a bradar vários palavrões em inglês.

E não era à toa.

As portas deram para um salão enorme. As paredes eram revestidas de espelho, refletindo tudo que acontecia ali. O lugar era oval, por isso se via praticamente tudo. Os móveis eram sofisticados e a decoração, impecável. Quem quer que fosse Nicholle, ela vivia muito bem.

Eu tinha certeza de que Ryan não babava pela decoração do salão, mas pelas convidadas da festa. A maioria das mulheres e dos homens andava nua ou quase nua, em diversos estágios. Pareciam bem à vontade. Só os garçons estavam vestidos, e impecavelmente.

Meu primo havia me levado para uma festa privada de sexo. Uma festa em grande estilo, devo confessar.

A música não estava muito alta, e eu reconhecia a voz da cantora. Adele soava muito sexy, era uma escolha perfeita. Caminhamos entre os convidados, e, apesar de ser uma orgia, era tudo organizado. Ninguém tentou nos tocar, nenhuma mulher sequer se aproximou. Muitas olhavam, é claro, e eu via no rosto delas que me reconheciam, mas nenhuma se atrevia a dar o primeiro passo. Imaginei que fosse uma das regras do local. Apesar de não ter muita experiência naquele tipo de evento, era fácil perceber que todos obedeciam a regras impostas pela organização.

— Bebê, que bom que você chegou!

Uma mulher se aproximou e logo envolveu Ryan em um abraço. Era alta, maior que ele. Usava uma saia longa com uma fenda até a coxa e mais nada; os seios estavam à mostra. Morena, o cabelo preso em um penteado que deixava seu pescoço à mostra, ela teve minha atenção por alguns segundos. Passei os olhos sobre seus seios empinados, enquanto ela dava um beijo rápido em meu primo. Só depois ela me encarou.

— Bem-vindo, sr. Dex, meu nome é Nicholle Fontes e hoje sou sua anfitriã — disse ela, estendendo a mão para que eu a beijasse.

A mulher tinha atitude, eu não podia negar.

— A senhorita tem uma bela casa — elogiei, depois de beijar a mão dela.

— Senhora — corrigiu ela. — Meu marido logo se juntará a nós.

Olhei para meu primo. Como ele não reagiu, concluí que já soubesse.

— Nosso menino me informou sobre sua condição, e posso lhe garantir que meus convidados são de inteira confiança. Esta festa nunca aconteceu.

Pensei em dizer algo, mas apenas assenti.

— As regras são simples: não toque em ninguém a não ser que a pessoa consinta e não será tocado. Preservativo é obrigatório, e trocar telefones não é permitido. O que acontece em minha sala fica entre os espelhos das paredes. Acredito que o senhor saiba como funcionam as coisas, então, divirta-

se. Agora, com licença. — Ela se dirigiu a Ryan. — Venha comigo, bebê.

Ele a seguiu sem nem me olhar.

Depois que os dois se afastaram, caminhei pelo salão principal observando os mais variados tipos de sexo. Em um sofá, um homem comia ferozmente a parceira. Ao lado deles, duas loiras se beijavam e se tocavam.

Fiquei hipnotizado por aquela cena. As duas me encararam cheias de luxúria. Impossível não ficar excitado. Meu pau começou a endurecer dentro da cueca, e percebi o momento em que uma delas, notando minha reação, lambeu os lábios. O sangue ferveu em minhas veias e parei um instante, somente para admirá-las. Então me recostei em uma pilastra e observei quando uma delas se deitou no sofá. Sua cabeça pendeu no encosto do móvel e seu cabelo chegou ao chão. Os seios estavam empinados na minha direção e ela continuava a me encarar. Sua boca se entreabriu no exato instante em que a outra loira abriu as pernas dela e se perdeu entre as coxas. Ela me olhava enquanto era chupada, sua expressão me dizendo que ela estava praticamente implorando para que eu participasse da brincadeira.

Foi preciso um autocontrole de outro mundo, mas me segurei. Quando um garçom passou por mim, peguei um copo de uísque. Assim como eu, um homem também começou a observar as garotas. Alguns segundos escutando os gemidos da loira deitada e ele, que até então estava vestido, colocou o pau para fora e começou a bombear o próprio membro. A garota começou a gemer ainda mais alto, e cogitei fazer o mesmo que o homem, mas desisti quando Ryan apareceu ao meu lado.

— Não falei que valia a pena? — Meu primo estava só de calça jeans, e o cabelo bagunçado indicava que sua escapulida com Nicholle tinha rendido. — Vamos para a piscina?

Fomos para uma área externa, que, assim como o restante da casa, era de muito bom gosto. As cores claras contrastavam com a obscuridade do sexo explícito praticado ali. Me instalei em uma poltrona reclinável e sorri para um casal ao meu lado. A mulher me olhava com um misto de desejo e receio, enquanto o homem se preocupava em encher o copo de uísque, sem se importar com os olhares lascivos que a mulher me dirigia.

— Aceita, senhor? — ofereceu um garçom.

Olhei para a bandeja de prata que ele segurava e não vi nada. Então, o homem ao meu lado se levantou e pegou um pacotinho sobre a bandeja e voltou para a cadeira. Entre nós dois havia uma pequena mesa; ele espalhou o pó no vidro e aspirou. Com o polegar e o indicador, apertou o nariz enquanto sacudia a cabeça. Depois, se virou e cochichou alguma coisa no ouvido da morena ao lado, distribuindo beijos e carícias no pescoço dela. Sem hesitar, ela se inclinou sobre ele e alcançou a mesa, os olhos fixos nos meus. Ela sabia que eu a observava e parecia se excitar com isso. Seus seios mostravam aréolas perfeitas com bicos protuberantes, o que estava me deixando cheio de tesão. Ela repetiu o gesto de seu companheiro e inalou o pó.

Em vez de se sentar ao lado do homem, como antes, a mulher retirou a toalha que estava sobre ele e se sentou vagarosamente sobre seu membro. Os dois começaram a transar ao meu lado, depois de cheirarem.

Bebi meu uísque tentando não dar muita importância para aquilo, mas era claro que estava cheio de tesão.

O garçom que os tinha servido havia voltado com a bandeja do inferno, ou talvez ele nunca tivesse

saído de perto de mim, não sei ao certo. Recusei com um gesto de cabeça, e ele entendeu que não estava interessado. Pelo menos não naquele momento.

Senti no rosto os respingos de água. Quando olhei para piscina, vi Ryan se divertindo com a minha cara.

— *Motherfucker*. — Ele estava com duas mulheres, as loiras de antes, uma em cada braço. — Você é um merdinha, sabia?

— Que isso, Dex. Você não vive sem mim. — Sorri junto com ele. — Meninas, por que não fazem companhia ao Dex? Ele levou um pé na bunda e está precisando de um belo par de bocetas para esquecer a maldita. Vocês dão conta do recado, não é?

Ryan piscou para as duas, que se animaram com o pedido. Os gemidos ao meu lado aumentavam, tornando tudo ainda mais excitante.

Ryan ajudou as garotas a saírem da piscina e as duas caminharam com sensualidade até mim. Notei que a cor do cabelo era a única semelhança entre as duas, pois cada uma tinha um tipo de beleza.

A primeira a se aproximar tinha a boca rosada e os seios da mesma cor. Eram pequenos, assim como todo o seu corpo. Os olhos eram azuis, e, mesmo molhada, a maquiagem escura ainda enfeitava seu olhar. Demorei um tempo observando todo o seu corpo, inclusive a boceta pequena e totalmente depilada.

A segunda era a garota que me olhava enquanto era chupada pela amiga. Era mais alta, os seios maiores, cheia de curvas. Os lábios carnudos e pintados com um batom vermelho me deixaram ainda mais duro, pois logo imaginei aquela boca deliciosa me chupando gostoso. As duas pararam na minha frente, esperando minha ordem.

Abri o zíper da calça e puxei o pau para fora. Já estava duro havia muito tempo.

As duas se entreolharam e me encararam ainda mais excitadas. Segurei meu membro duro com a mão direita e comecei a bombear. Poderia gozar apenas olhando as meninas, mas eu queria mais, queria esquecer toda a merda fodida da minha vida.

Apenas um aceno de cabeça: foi tudo que precisei fazer. As duas se aproximaram e logo uma já estava de joelhos à minha frente.

— *Honey*, coloque as mãos para trás — ordenei, e prontamente ela me obedeceu, cruzando os braços atrás do corpo.

Enrolei seu cabelo na minha mão e movimentei sua cabeça para que viesse de encontro ao meu pau. Ela me engoliu o máximo que conseguiu, rodeando meu pênis com os lábios vermelhos. Assim que retirou a boca, ela salivou, deixando a baba cair na cabeça do pau, que estava muito duro, as veias saltadas e brilhando. Ela passou a língua pela abertura diversas vezes, e eu estremeci.

Puxei para mim a outra loira, que estava ao meu lado, e pedi que se sentasse no braço da poltrona. Gemi alto quando a que estava de joelhos apertou meu saco, acariciando as bolas. Quando sua bunda se apoiou no móvel, eu me deitei, fazendo com que minha boca ficasse na altura de sua entrada. Abri mais suas pernas e ataquei sua bocetinha. Imediatamente ela se contorceu, fazendo com que eu projetasse minhas mãos para segurá-la. Com meu movimento repentino, a primeira loira parou de me chupar, mas logo minha mão estava novamente em sua cabeça, fazendo meu pau entrar em sua boca.

— Só pare quando eu mandar, entendeu? Seja uma putinha obediente e volte a chupar meu pau. Só

vou parar quando gozar na sua boca gostosa.

Ela não disse nada, apenas concordou e voltou a me envolver com sua boca quente e molhada. Talvez eu estivesse esperando que ela protestasse, mas ela não o fez. Nem todas eram como Clara.

Eu explodiria mesmo assim, deixando o instinto dominar o momento.

— Traz essa bocetinha gulosa aqui. Nem meti meu pau e já está toda molhada.

Conferi, enfiando o dedo na boceta dela antes de capturar seu clitóris com os dentes e chupar violentamente.

Ambas gemiam enlouquecidas. Estávamos envoltos em uma nuvem de luxúria, e eu não conseguiria mais parar. Me levantei rapidamente e troquei as duas de posição. Deitei o encosto da poltrona totalmente e coloquei uma delas deitada de frente para mim. Puxei a outra pelo braço e a fiz ficar de quatro, por cima, a boceta na altura da boca da amiga. E nem precisou pedir: ela começou a chupá-la com urgência. Tirei meus sapatos e a calça jeans, alcancei minha carteira e peguei um preservativo.

Com o pau protegido, eu estava pronto para o show.

Coloquei o dedão na boca e a lubrifiquei com a minha saliva. Dobrei os joelhos e meti o pau na boca da loira que estava deitada. Enquanto ela me recebia, cravei as mãos na bunda à minha frente. Rapidamente meu dedo viajou até sua boceta, mas logo procurou outro local. Eu estava louco para comer um cuzinho, e o que estava à minha frente se mostrava muito apetitoso.

— Vem aqui, cadelinha. Me dá essa bunda gostosa.

Enfiei o polegar em seu buraquinho e ela começou a rebolar, gemendo ainda mais alto. Ficou descontrolada, implorando por mais e mais. Dei a ela o que tanto ansiava. Enfiei dois dedos em seu ânus e a escutei gemer quando meti fundo. Ela devia estar acostumada com sexo anal, pois os gemidos eram de puro prazer.

O tesão era avassalador. Meu saco pesava ao ser sugado pela loira, que não parava de me provocar com as mãos, ora me masturbando, ora arranhando minhas coxas. Deslizava a língua por minha pele, me fazendo estremecer. Eu tinha duas mulheres ao meu dispor. Duas mulheres que ansiavam por me satisfazer. Era uma fantasia que refletia o contrário da minha triste realidade.

Voltei a me concentrar no sexo, no meu dedo entrando no ânus dela, e me liberei dos pensamentos que me dominavam.

— Que porra apertada. Meu pau vai adorar se enfiar nesse buraquinho — sussurrei, alcançando seu ouvido e deixando-a ainda mais louca.

Eu me sentia um animal pronto para atacar, por isso não media as palavras, e elas estavam ali com o mesmo objetivo que eu: sexo cru, livre e devasso. Era o que teriam de mim. Apenas isso.

Quando percebi que não duraria muito mais, puxei a bunda da que estava na minha frente e me enfiei nela. Meu pau sumiu dentro do seu traseiro.

— Mexa-se. Me ajuda.

Deixei meu pau deslizar. Ela apenas arfou. Excitada demais para responder, fez o que eu pedi, se mexendo e fazendo meu pau entrar cada vez mais no seu cuzinho.

A outra loira apoiou as mãos na cintura da garota que eu comia e começou a lamber a boceta da amiga enquanto ela dava a bunda, lhe proporcionando um prazer incontável.

Eu sentia meu pau abrir espaço no cuzinho dela. Peguei sua bunda e segurei firme sua carne,

deixando marcas em sua pele clara. Estava a ponto de explodir, mas queria que ela também gozasse. Saí e entrei algumas vezes, em movimentos constantes. Então, saí de dentro dela e a fiz se sentar na boca da outra, que começou a chupar com avidez, lambendo e sugando a amiga. Sua língua deslizava pelos lábios rosados e pequenos. Ela expôs o clitóris da outra e passou a língua ali, causando tremores na mulher sobre ela.

Tirei o preservativo e quase gozei quando segurei meu pênis. Uma das loiras gritou, e percebi que havia gozado. Em seguida, ela retribuiu o prazer recebido dando à amiga o mesmo tratamento. As duas estavam em um delicioso 69, e várias pessoas acompanhavam nosso show.

Bombeei mais algumas vezes, enquanto a outra loira gozava na boca da amiga. Era a minha vez. Tinha que me saciar, pois meu corpo implorava pelo orgasmo iminente.

— Vem aqui.

Apontei para o chão e a fiz se ajoelhar.

— Hoje eu sou quem o senhor quiser que eu seja — falou ela, sem pudor.

A mulher mostrou total rendição a mim e às minhas vontades. Seus olhos baixos e suas bochechas rosadas chamaram minha atenção. Percebi que era uma verdadeira submissa. O modo como me olhou e como se prostrou diante de mim me fez me sentir imundo, um devasso, e não gostei daquilo. Gostava de mulheres que me desafiavam, que me davam experiências e me faziam querer mais. Mas eu estava com muito tesão para negar sua submissão.

— Eu disse que ia encher essa boquinha vermelha de porra. Engole tudinho.

Entre no jogo. Ela abriu a boca, me recebendo sem questionamentos. Segurei sua cabeça com as duas mãos e meti até o fundo. Comi sua boca impiedosamente. Não dava descanso. Nada me fazia parar. Meus impulsos tomaram as rédeas do meu corpo e eu agia como um louco. Nem seus gemidos e suas lágrimas conseguiram me deter.

Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás, sentindo quando meu abdômen se contraiu e meu pau latejou. A porra saiu sem que eu ao menos pudesse avisar a garota. Geralmente eu não era tão rude, mas não consegui evitar. Além do mais, queria fazer isso desde que a vira. Meu corpo soltou espasmos involuntários até que o último jato de esperma saiu, lambuzando seus lábios quando puxei o pau de dentro de sua boca.

A garota me olhou satisfeita, engolindo tudo que eu lhe dava. Estendi a mão e a ajudei a se levantar.

— Obrigado — falei, e lhe dei um beijo na testa.

Ela me olhou confusa. Não era porque eu tinha acabado de comê-la como um louco que precisava descartá-la.

Ela se juntou à amiga e ambas saíram sem ao menos olhar para trás.

Depois de me vestir, caí sentado na poltrona que acabara de ser palco de uma transa louca. As pessoas próximas se dispersaram, talvez buscando outro show para assistir.

Levantei os olhos assim que notei alguém se aproximar de mim. O mesmo garçom, a mesma bandeja, os mesmos saquinhos de cocaína. Então me lembrei da manhã que tivera, e a necessidade me atingiu.

Duas mulheres rondaram minha mente, mas não como antes. Uma representava o passado que eu não conseguia esquecer; a outra, o futuro e uma luz que eu não sabia para onde me levaria.

Pensei se era aquilo mesmo o que eu queria e, antes de o garçom se virar, alcancei a bandeja.

Encarei o pó branco que me ajudaria a esquecer. Pelo menos por uma noite.

“Hoje”, Ludmilla

— E aí, ligou?

— Não sei do que você está falando. E que mania é essa de ficar entrando no meu consultório para fofocar, Amanda? Não tem nenhuma criança precisando de você não? — falei, irritada. Ela arregalou os olhos.

Juntei de modo abrupto os papéis sobre a mesa e me sentei na cadeira. A impaciência me comandava de uma forma que eu não conseguia controlar. Não estava nos meus melhores dias.

— Desculpa, é a TPM.

Forcei um sorriso, que Amanda retribuiu como se eu não estivesse sendo um pé no saco. Ainda bem que ela não era de guardar rancor. Era uma pessoa em paz com o mundo e não alimentava sentimentos ruins.

— Sim, culpe a TPM. Brigou com o síndico? É a TPM. A calça não serve mais? É a TPM. Inclusive...

— Ela se aproximou da minha mesa. — Não ter seguido meus conselhos e se recusar a ligar para o gostosão também é culpa da TPM.

Sarcasmo era pouco para as palavras que Amanda usava contra mim. Só que, mais uma vez, ela tinha razão. Eu não havia dormido muito bem e sabia de quem era a culpa: MINHA. Andava agoniada e ansiosa. Na noite anterior, após sair do trabalho, tinha passado na academia que frequentava e feito meu treino diário. Nada muito pesado, apenas o jump habitual. Acontece que Eduardo treinava na mesma academia que eu, e, depois de encontrá-lo na porta do meu apartamento, eu ainda não o tinha visto. Até o dia anterior...

Na noite em que eu encontrara Eduardo me esperando, consegui inventar uma desculpa: falei que não estava me sentindo bem. O que não era totalmente mentira. Estava desnorteada depois da conversa com Dereck. Sentindo que eu o estava dispensando, Edu fora embora.

Mas no dia anterior ele tinha vindo com uma conversa de que me encontraria no karaokê, que queria conversar comigo. Fiquei de orelha em pé, pois não sabia mais o que fazer. Estava na cara que minha história com ele tinha terminado antes mesmo de começar.

— Então o Will ganhou um violão e... Manuela!

— Desculpa, não ouvi. Pode repetir?

— Eu disse que o Will se recuperou bem da última cirurgia, até ganhou um violão novo.

Eu estava perdida, pensando nas palavras de Edu e em Dereck. Não conseguira resistir e acabara ligando para ele, assim que chegara em casa. Tinha achado seu cartão na bolsa e fiz a ligação, mas Dereck não me atendeu.

Fiquei intrigada, pensando se ele já tinha desistido de me conhecer melhor, ou seja lá o que

quisesse comigo. Aquilo realmente me abalou. Mais do que a conversa com Eduardo.

— Impossível conversar com você hoje, Manuela — disse Amanda, chamando minha atenção mais uma vez. — Te vejo mais tarde, no karaokê.

Tentei chamá-la, mas ela saiu, me deixando sozinha. Eu precisava me recompor, não podia deixar Dereck consumir meus pensamentos daquela forma. Respirei fundo, ajeitei o jaleco e avisei Ayra para pedir que meu primeiro paciente entrasse. Depois eu conversaria com Amanda; queria saber como Will estava.

Ele era um paciente antigo do hospital, apesar de ainda ser um adolescente. Aos dezesseis anos, lutava incansavelmente contra o tempo. Seu coração poderia falhar a qualquer momento, e somente um transplante poderia salvá-lo. Ele visitava o hospital desde os dez anos, quando descobriu que sofria de insuficiência cardíaca, e nos últimos meses vinha perdendo a luta para a doença. Depois de várias paradas cardíacas, a equipe médica optou por mantê-lo no hospital até que conseguíssemos um doador. Will foi cadastrado como prioridade, mas mesmo assim a espera era agonizante.

Existem mais de duzentas pessoas na fila esperando um coração, e a realidade é que quarenta por cento delas não terão a chance de senti-lo bater no peito. Will podia aguentar cerca de dois meses, não mais que isso. Se as pessoas soubessem quantas vidas poderiam salvar ao se declararem doadoras de órgãos, milhares de pacientes e seus familiares agradeceriam eternamente.

Com Clara, sofremos até o último minuto, até que Felipe a salvou.

Sorri. Eu nunca conseguiria esquecer-lo. Na verdade, nem queria.

— Doutora. Manu...

Era Ayra. Acenei com a cabeça e ela entrou com meu primeiro paciente. Ele sorriu ao me ver.

Era uma das melhores coisas na minha profissão: ajudar alguém. Aprendi com Felipe que muitas vezes o sorriso é o remédio para as dores mais desconhecidas. E ele era exatamente assim: arrancava sorrisos por onde passava. Quando partiu, não foi diferente: nos deixou com um sorriso no rosto.

— Oi, Duque. Vem com a mamãe, vem.

Joguei as chaves de casa na mesa e a primeira coisa que fiz foi pegar meu xodó nos braços. Duque era um gato vira-lata que eu tinha resgatado de um abrigo. O lugar ficava próximo ao hospital, e às vezes levávamos algumas crianças da pediatria lá. Duque tinha acabado de chegar e me olhava com uma carinha tão triste, tão carente, que foi amor à primeira vista. No mesmo dia voltei para buscá-lo.

Como se sentisse que eu não estava muito bem, Duque foi mais carinhoso do que nunca, praticamente se derreteu em meus braços. Fiz um carinho em seu pescoço e o coloquei de volta no chão.

Estava um pouco cansada, mas feliz, pois tinha conseguido desenrolar meu dia. Falei com Amanda, visitei Will e aproveitei meus minutos de folga na parte da tarde para ficar um pouco com as crianças. Diego me ligou para confirmar o karaokê e eu suspirei aliviada quando escutei meu amigo. Ele estranhou meu tom de voz e expliquei que conversaria com ele à noite. Diego fez de tudo para descobrir do que se tratava, ficou preocupado comigo, mas o fiz entender que não era nada muito grave e que conversaríamos pessoalmente.

As terças-feiras de karaokê eram sagradas, sempre na primeira e última semanas do mês. Nos reuníamos em um barzinho e soltávamos a voz. No início era só o pessoal do hospital — médicos, enfermeiros e funcionários do setor administrativo —, mas depois Diego e o irmão de Amanda se

juntaram a nós. Nicholas era o oposto da irmã. O que ela tinha de desinibida, ele tinha de tímido. Mais diferentes, impossível.

— Prontinho. Sei que você estava com fome, seu desesperado.

Duque ronronou e se esfregou nas minhas pernas por pelo menos uns dois minutos antes de começar a comer. Eu só ria como uma boba. Amava aquele gato, e ele passara a ser minha companhia essencial.

— Sei... Sei... Também quero carinho, mas não posso me atrasar.

Precisava me arrumar em meia hora. Não era muito difícil, já que eu não tinha muitas frescuras na hora de me vestir, ainda mais para sair com amigos, e vinte e cinco minutos depois eu estava pronta, com um short jeans levemente desfiado na barra e uma bata azul. O que eu menos queria naquela noite era algo me apertando ou ter que me preocupar com uma saia subindo. Precisava me sentir livre, e, para completar o look confortável, calcei sapatilhas. Como eu amo sapatilhas! Tenho certeza de que o inventor do salto alto era um homem que detestava as mulheres ou queria se vingar de alguma.

Infelizmente, meu cabelo é uma desgraça. Lavei, sequei, apliquei musse nas pontas e ainda assim continuou duro como vassoura. Se bem que no espelho estava legal, cacheado e no lugar. Pelo menos era uma vassoura comportada.

Como eu já ia sair de novo, tinha estacionado na rua. Passei pelo porteiro e dei boa-noite, mas, quando saí do prédio, tive uma surpresa de tirar o fôlego.

Sério! Aquele homem ainda me mataria do coração.

Recostado no meu carro, sorrindo de orelha a orelha, Dereck parecia estar diante da sétima maravilha do mundo.

— O que está fazendo aqui? — perguntei assim que me aproximei, mas depois me arrependi do tom de voz que usei. Torci para que ele tivesse entendido que eu estava surpresa, não com raiva.

Ele abaixou um pouco a cabeça e continuou sorrindo. Eu parecia uma idiota diante dele. Cada vez que ele sorria e aquela covinha se formava, meu corpo se contraía.

— Boa noite, Manuela. Fico feliz que tenha gostado de me ver. Excelente recepção. *Thanks*.

— Engraçadinho. — Foi impossível continuar séria. — Boa noite, Dereck. Só fiquei surpresa em ver você aqui recostado no meu carro.

Ele me olhou incrédulo, se levantando. Isso já era de se esperar, todo mundo ficava assim quando descobria o que eu dirigia. Não era muito comum para uma garota. Dereck passou as mãos pelo carro enquanto dava a volta e analisava cada detalhe. Seus olhos brilhavam de empolgação, e por um segundo imaginei se era assim que ficavam quando ele transava.

Pensamento impróprio, eu sei, mas não consegui resistir.

— Um Opala Diplomata, motor seis cilindros, rodas aro vinte cromadas e interior original? Está brincando comigo, baby?

Balancei a cabeça em negativa.

— Mulher, você existe? — perguntou ele, agora de frente para mim.

Eu queria dizer que sim, que estava ali, que existia, mas ainda estava perplexa por encontrá-lo na porta do meu prédio sem nenhum aviso.

— Dereck... — comecei, mas ele me interrompeu, segurando minha mão com carinho.

— Vim pedir desculpas. — Fiquei confusa. — Por não ter atendido sua ligação. Queria ter retornado, mas preferi vir.

— Como soube que era eu?

— Só algumas pessoas têm meu número. Descartei todas as outras possibilidades e só restou a doutora. — Ele deu de ombros, me deixando totalmente constrangida.

— Não queria atrapalhar.

O.k., estava ficando difícil raciocinar com ele fazendo círculos na minha mão com o polegar. Pensamentos impertinentes mais uma vez, Manuela?

Deus, como lidar?

— Não me atrapalhou. Eu estava... — Ele hesitou um pouco, e vi que se sentiu desconfortável. — Em um compromisso com Ryan, meu primo, nada de mais. Pensei em convidar você para jantar. Estou morrendo de saudade da pizza brasileira, e assim podemos conversar sobre as fotos nos sites. Só vi hoje.

— Ah, é... Aquilo.

Levei o dedo à boca, me lembrando da manchete estampada no *Diva Glamorosa*. Não dava para acreditar!

Dereck me observava enquanto eu roía a unha do polegar. Minha mão livre ainda era acariciada, ele não a soltava. Seus olhos se arregalaram e um lado de sua boca se levantou em um sorriso sacana.

Certo... Acho que entendi! Sem polegares na boca.

— Não apareceu meu rosto, fica tranquilo.

— Eu me preocupo sim. Não quero arrastar você para a loucura que é a minha vida, mas está difícil ultimamente.

Senti a amargura na voz dele ao falar da fama e não soube muito bem o que fazer. Não sabia se conseguiria conviver com tudo aquilo. Deixar de ser quem eu era, de fazer o que gostava, de ser livre no mundo. Não conseguia entender por que as pessoas se importavam tanto com fama e status. Dereck ainda tinha uma desculpa: fazia parte do pacote de quem ele era. Não era simplesmente uma questão de ser famoso, ele era muito bom no que fazia. Cantar era sua vida, assim como medicina era a minha. A fama tinha sido uma consequência para ele.

Em um gesto involuntário, levei a mão ao ombro dele e fiz um carinho. Recebi um suspiro em resposta. Ele parecia cansado, abatido. Olheiras emolduravam seus lindos olhos azuis e o cabelo estava mais bagunçado do que de costume, como se ele não se importasse. Vestia calça jeans e uma camiseta branca, justa no peitoral. Minha mão escorregou por seu braço, e, quando senti o músculo rígido, foi a minha vez de soltar o ar preso nos pulmões.

Dereck me encarou. Seus olhos pousaram em minha boca, e mordi o lábio inferior. Mais uma vez senti que o beijo estava próximo. Meu coração disparou e o sangue passou a correr rapidamente pelas minhas veias. Eu sentia um arrepio atravessar todo o meu corpo, e meus pés se esforçavam para se manter firmes no chão.

Eu me lembrei do conselho de Amanda: “Não tem por que vocês não se darem essa chance”. Foi como se escutasse a voz dela em meus ouvidos.

Munida de uma determinação que desconhecia, dei dois passos na direção dele, eliminando a distância entre nós.

— Manuela... eu preciso. — Meu nome saiu entrecortado de seus lábios.

A forma como ele falava... Seu sotaque ao pronunciar meu nome completo... Só ele conseguia fazer aquilo comigo. Só ele conseguia fazer “Manuela” soar como a palavra mais doce e quente do mundo.

Eu ia beijá-lo.

“Hoje você não escapa...”

Merda!

Merda!

Merda!

Vou matar a filha da mãe da Amanda!

Dereck sorriu ao ouvir o toque do meu celular, quebrando o clima que nos envolvia. Fiquei nervosa, mas poderia explicar a música usada como toque. Amanda tinha passado um bom tempo mexendo no meu celular, e naquele momento eu entendi o que ela tinha aprontado. Trocar o Coldplay por Ludmilla foi o fim da picada.

A música continuou tocando e não ia parar até que eu atendesse. Quase joguei todo o conteúdo da bolsa no chão, tentando achar o maldito celular.

— Um minuto — falei, erguendo o dedo para que Dereck aguardasse.

O filho da mãe estava se divertindo com meu desespero.

— Espero que você tenha uma boa explicação para me ligar neste exato momento, Amanda.

Já deixei claro que a hora não era apropriada.

— VOCÊ ESTÁ ATRASADA! — gritou ela, e afastei um pouco o aparelho da orelha, tentando evitar a perda da audição. — Traz esse traseiro gordo para cá AGORA.

Dereck inclinou a cabeça, e tenho certeza de que ele ouviu sobre o meu traseiro, pois olhava minha bunda descaradamente. Lancei um olhar duro, indicando que o tinha pegado em flagrante. Ele simplesmente balbuciou um “foi mal”, mas continuou encarando.

Foi mal?! Filho da puta!

— Dereck! — bradei com ele.

Ops! Decisão errada.

— Dereck?! Tá de brincadeira comigo? — disse Amanda, do outro lado da linha.

Eu me recostei no carro ao lado de Dereck e simplesmente entreguei os pontos.

— Vaca sortuda. Traz o roqueiro aqui e vamos acabar com o pessoal do administrativo.

Geralmente montávamos equipes: médicos contra enfermeiros ou contra o administrativo. A diversão era garantida, mas não acho que Dereck curtiria. Porém, Amanda desligou antes que eu pudesse inventar uma boa desculpa.

— Quer ir ao karaokê comigo? — perguntei, esperando que ele dissesse não, ou sim, ou não...

Arghhhhh! Estava tudo uma bagunça.

Dereck se afastou de mim e me olhou um pouco desconfiado, nitidamente desconfortável. Jurei para mim mesma que quebraria a cara da Amanda.

— Não precisa ir, sem problemas. A gente se vê outro dia.

Então ele puxou novamente minha mão e a segurou contra a dele.

— Faço qualquer coisa para passar algumas horas ao seu lado.

Minha boca se abriu e se fechou. Eu não conseguia processar o que ele tinha acabado de falar. Dereck Mayer queria passar algumas horas ao meu lado? Ele estava ficando um profissional na arte de me desestabilizar. Sua mão na minha, suas carícias inocentes, seu sorriso natural, suas covinhas lindas, nosso segundo quase beijo...

Isso é tão errado!

— Você vai gostar do pessoal.

Pensei em quem estaria no karaokê e só então me lembrei de Diego e Eduardo. *Droga!* Eu estava ferrada. Edu estava me esperando e teria uma surpresa muito grande ao me ver com Dereck.

— Vamos no seu carro ou no meu? — perguntei.

— E perder a chance de dirigir um Opala Diplomata? — disse ele, olhando com reverência para meu carro. — *Never, baby!*

— Quem disse que vou deixar você dirigir a minha garota?

— “Garota?” — repetiu ele, sorridente.

Eu queria quebrar todos os dentes da boca dele, só para que parasse de sorrir daquela forma.

— Tá. Espera um minuto.

Entrei no prédio e pedi ao porteiro que ficasse de olho no carro dele, estacionado pouco atrás do meu. Quando voltei, joguei as chaves para ele. Dereck pegou e logo já estava sentado ao volante. Antes de ligar o motor, ele analisou cada detalhe do interior do veículo.

— Vamos lá, garota.

— Vamos — respondi, já sentada no banco do passageiro.

— Não você. Ela...

Afundi no banco, sem graça, e pedi mentalmente para que o chão se abrisse na minha frente.

Seria uma noite longa, muito longa.

“Eduardo e Mônica”, Legião Urbana

O trajeto até o bar foi tranquilo. O constrangimento inicial logo se dissipou e conversamos animadamente sobre as aventuras que eu já tinha vivido com minha garota. Dereck me contou que também já tivera um Opala e que viajara com ele pela famosa Rota 66, que cruza os Estados Unidos.

Fiquei encantada com o entusiasmo dele ao contar suas aventuras. Dereck era um espírito livre, mas eu sentia a tristeza no fundo de sua alma.

Encarei-o por um momento enquanto ele estava concentrado no trânsito, e foi inevitável pensar no que ele tinha feito pela felicidade de Clara. Acima de tudo, ele tinha provado ser um homem de caráter quando ajudou Ferraz e Clara a ficarem juntos, mesmo sabendo que a perderia para sempre. Lindo, talentoso, educado, altruísta, além de sexy, muito sexy. O que mais uma mulher poderia querer?

— Você ainda a ama?

Não resisti a perguntar sobre minha amiga.

— Claro. Ela foi especial para mim, foi a primeira que me enxergou de verdade. Ela viu além do Dereck Mayer rock star. Com ela eu me sentia real, sentia que podia ser eu mesmo, sem efeitos especiais. Eu era simplesmente o Dereck da Clara. Sim, ainda a amo.

Não sei se fiquei feliz ou triste com a resposta. Por um lado, foi bom ver que ele não tinha vergonha de demonstrar os sentimentos, mas, por outro, foi triste saber que era um amor tão impossível para ele quanto Felipe tinha sido para mim.

— Acha que algum dia vai esquecê-la?

— Não. — Ele sorriu, e senti sua dor. — O que é verdadeiro não se esquece. As pessoas cometem um grande erro ao dizer que deixaram de amar. Não tem como deixar de amar. O amor real sempre vai estar com você. E, sim, antes que me pergunte, eu acredito que podemos amar mais de uma vez. Por que não? Por que temos que limitar um sentimento tão bonito como o amor? Amo muito a Clara, sempre vou amar, mas tenho certeza de que isso não vai me impedir de amar outra mulher, até mais do que um dia já a amei, ainda que o carinho e o amor que sinto por ela permaneçam para sempre no meu coração.

Enquanto ele estacionava, eu pensava em suas palavras. A vida inteira eu tinha nutrido a ideia de que só se ama uma vez, que o amor verdadeiro não dá uma segunda chance, mas Dereck não acreditava que fosse assim. E eu precisava concordar com ele em um ponto: apesar de o meu amor por Felipe nunca ter sido correspondido, tinha certeza absoluta de que ele estaria para sempre em meu coração.

Quando Dereck se preparava para abrir a porta, eu o impedi, segurando seu braço. Precisava

esclarecer alguns pontos.

— Diego está aqui. — Ele não esboçou reação, acho que não ligou o nome à pessoa. — O irmão do Ferraz. Nós somos amigos — expliquei.

Dereck não disse nada. Saiu do carro e deu a volta para abrir a porta para mim. Apesar de saber que ele não tinha nada contra Diego, achei que devia contar a ele sobre a presença de um Ferraz ali no evento.

Ele me estendeu a mão, que aceitei imediatamente.

— Só amigos? — perguntou ele, com uma carranca que me fez sorrir.

— Só amigos.

— Então não teremos problemas. O almofadinha até que é legal para um Ferraz.

— Eduardo também vem. — Dessa vez fiquei um pouco nervosa.

— Escuta, Manuela, eu só quero passar um tempo com você. Tudo bem? Não quero te atrapalhar nem nada. Só quero saber mais sobre você.

Não tem nenhum mal em passar um tempo com um amigo, não é? Aliás, todos ali eram meus amigos. Eu tentava me convencer disso, mas sabia que não estava sendo sincera comigo mesma.

Só depois que entramos é que percebi que estávamos de mãos dadas. Dereck não tinha me soltado desde o momento em que saíra do carro, e eu tinha aceitado, mas precisava parar por ali, pois precisava conversar com Edu e pôr um fim na nossa história, pelo bem de nós dois.

— É HOJE! — gritou Amanda assim que nos viu. Ela pulou da banquetta e nos interceptou antes de chegarmos à mesa onde estava com nossos amigos. A vaca sequer me cumprimentou. — Prazer, Amanda — disse, estendendo a mão para Dereck.

— Prazer. Dere...

Mas ela o cortou:

— Dereck Mayer, astro de rock mundialmente conhecido, tô sabendo.

— Amanda... — reclamei, mas, para meu desgosto, Dereck entrou na dela.

Estava começando a achar que levá-lo comigo havia sido uma má ideia.

— Você é a melhor amiga do “traseiro gordo”?

Ela deu de ombros.

— Cara, já viu o tamanho dessa bunda? — Ela apontou para o meu traseiro.

— Ei... Querem parar de falar da minha bunda como se ela não fizesse parte do meu corpo?

— *Sorry, baby.*

— Caralho, amiga, ele fica muito sexy falando inglês. Amo gringo! — sussurrou Amanda em meu ouvido.

Olhei para o céu, pedindo paciência, mas, com Amanda, nem a ajuda divina poderia me socorrer.

O bar era charmoso, decorado como um pub inglês e com um palco em frente às mesas. Como era terça-feira, estava praticamente vazio. Nem preciso dizer que fomos o centro das atenções quando chegamos.

— Manu, assim é sacanagem, né? Trazer um cantor profissional para a sua equipe é desonesto até para você que adora trapacear no karaokê — provocou Gustavo, diretor financeiro do hospital.

Ele era jovem, simpático e divertido. Todos o adoravam. Ele animava qualquer festa. Gustavo foi até Dereck e o cumprimentou. Ainda bem que não deu uma de fã; se comportou com discrição. Todos

riram da cara de derrotado de Gustavo, menos eu, Diego — que me olhava com um ar de *que porra é essa?* — e Eduardo, que me encarava com decepção.

É... Ele já tinha entendido tudo, ou pelo menos deduzi que sim.

— Não se preocupem, não vim para cantar — esclareceu Dereck antes do início da brincadeira.

— Claro que não. — Edu levantou a voz. — O que um astro americano faria em um karaokê numa terça-feira? Isso aqui não é digno da sua fama — provocou, com amargura.

Amanda me fez o favor de repreendê-lo:

— Edu! Porra, o que deu em você? — Ela o cutucou com tanta força que imaginei a marca roxa que ficaria. — Dereck é amigo da Manu e veio se divertir como qualquer um de nós. Segura a sua onda — disse ela, entre os dentes.

— Sem problemas, Amanda — disse Dereck. — Vou reformular meu comentário: eu não tenho cantado em karaokê, bar, estádio nem estúdio. Estou tendo alguns problemas para voltar aos palcos, por isso vou tentar me manter concentrado até os dias dos shows, focando no que realmente importa.

Meu coração se apertou com aquela revelação e tive vontade de abraçá-lo. Não imaginava que ele estivesse com tantos problemas, pensava que fosse exagero da mídia ou rebeldia de celebridade para chamar atenção, mas Dereck realmente parecia perdido e desamparado.

Um a um, os presentes ficaram em silêncio, e Eduardo se mexeu desconfortavelmente na cadeira. Ele não deveria ter feito aquele comentário, mas não posso culpá-lo. Qualquer um, diante de todas as fofocas dos últimos meses, imaginaria que Dereck fosse apenas mais um rebelde sem causa do mundo do rock. Mas eu, por incrível que pareça, acreditava que não.

— Foi mal aí, cara — murmurou Eduardo, mesmo que a contragosto.

Dereck assentiu.

— Ainda estou lutando para colocar as coisas no lugar — completou.

— Edu, você é o primeiro — disse Amanda, se aproximando de Eduardo e o levando para o palco. Mesmo com cara de pouco amigos, ele foi.

Amanda sabia que Dereck tinha me abalado, mas o que eu estava fazendo com Edu não era certo. E eu me sentia péssima por isso.

— Bem-vindo de volta. — Diego se aproximou para nos cumprimentar. Sua mão apertou forte a de Dereck e os dois se encararam. — Espero que isso não seja um problema. Você sabe, para o meu irmão.

Diego foi curto e grosso, e eu queria estrangulá-lo. Lancei um olhar mortal para ele, mas o filho da mãe me ignorou. Sério, o que tinha acontecido com aqueles homens e seus hormônios? Não podem se sentir ameaçados que já partem para o ataque! Depois a mulher é que é o sexo frágil.

— Não será — respondeu Dereck, igualmente firme. — Clara fez a escolha dela, e eu a respeito. Não tenho a menor intenção de me intrometer na vida deles, até porque o que mais quero é a felicidade dela.

— Então não teremos problemas. — Diego soltou a mão de Dereck e deu dois tapinhas nas costas dele. — Além do mais, temos uma amiga em comum.

Ele sorriu para mim e me puxou para um abraço com todo o carinho do mundo. Era incrível como eu me sentia bem com ele.

— A senhorita tem muita coisa para me explicar, dra. Manuela.

— Depois conversamos — sussurrei em seu ouvido, antes de lhe dar um beijo no rosto. — Mas não é nada disso que você está pensando.

Acho que ele não acreditou em mim. Nem eu acreditava no que dizia.

Eduardo se manteve afastado, apenas me observando. Amanda me fez o grande favor de mantê-lo entretido, mas, mesmo sabendo que não estava acontecendo nada entre Dereck e mim e que a história com Edu não era séria, eu me sentia uma traidora.

Dereck interagiu muito bem com todo mundo enquanto a batalha no palco começava. Nicholas chegou e quase caiu para trás quando o viu à nossa mesa, e é claro que tietou um dos seus cantores preferidos. Dereck foi atencioso e ainda o convidou para os shows.

Por incrível que pareça, Dereck e Diego estavam bem entrosados. Falaram sobre tudo: futebol, carros e até minha bunda virou alvo das brincadeiras deles. Diego contou sobre seu acidente e a recuperação. Dereck ouviu atentamente e contou que estava passando por um momento profissional ruim. Claro que Diego sabia o porquê, mas, gentilmente, não teceu nenhum comentário sobre a Clara, e eu agradei internamente por isso.

— Sua vez, Diego! — gritou Amanda, interrompendo nossa conversa. Eu estava tão absorta conversando com os dois que perdera a noção do tempo. — Suba no palco, Príncipe, e arranque alguns suspiros.

Fuzilei Amanda com o olhar: ela não tinha jeito mesmo.

Diego sorriu e deixou na mesa a cerveja que tomava antes de seguir para o palco. No caminho, recebeu palmas e assovios das mulheres presentes. Ele estava de terno, tinha ido direto do escritório, então tirou o paletó, arregaçou as mangas da camisa azul-clara e se livrou da gravata, jogando-a sobre Amanda, que imediatamente soltou um gritinho histérico.

Eu o observava com orgulho. Tínhamos enfrentado momentos difíceis enquanto ele estava em coma.

— Só amigos? — sussurrou Dereck em meu ouvido.

Um choque percorreu toda a minha espinha, fazendo minha pele arrepiar. Apertei as pernas, excitada. Sentir seus lábios tão perto era muita provocação.

— Sim... amigos... — balbuciei.

Vendo minha reação, o filho da mãe se aproximou ainda mais de mim.

— Suas bochechas estão rosadas, suas mãos estão suando, seus olhos quase se fecham quando eu te toco. Se você fica assim só de estar excitada, fico imaginando como seria você gozando.

— Dereck, eu não sei por que você está fazendo isso — murmurei.

— Cara, esse homem me arrepia. — Amanda se jogou na cadeira onde Diego estava, mais uma vez chegando numa hora inconveniente. Até parecia que ela sentia o cheiro. — Eu seria capaz de jogar minha calcinha para ele.

— Já falei para você dar uns pegadas nele — brinquei, para aliviar a tensão do ambiente.

Dereck se afastou um pouco e voltou a tomar sua cerveja como se nada tivesse acontecido.

— Até rolou uns beijinhos no último karaokê, mas não daria certo. Somos opostos. Diego tem toda aquela coisa de esperar a mulher certa. Não é para mim. A gente se mataria em alguns meses.

— Isso é verdade — concordei.

Encaramos Diego em cima do pequeno palco, e ele fez sinal de positivo com os polegares. A

introdução da canção soou, e não pude deixar de reparar as reações de Dereck. Ele balançava o pé e tamborilava os dedos no ritmo. Impressionante como a música fazia parte dele.

— O moleque não é ruim. — Dereck apontou a cerveja para o palco. — Se trabalhasse um pouco mais a voz, tivesse algumas aulas e um bom empresário, poderia até conseguir alguma coisa no ramo. — Bem na hora em que ele disse isso, Diego desafinou, levando todo mundo à gargalhada, inclusive Dereck. — Melhor não. Ele deve ser um excelente advogado.

Diego terminou a performance, alcançando exatos cinquenta e cinco pontos.

— Foi horrível, Diego! — falei, debochando do seu desempenho.

— Eu sei. James Morrison não foi uma boa escolha. Na próxima fico com o sertanejo. Luan Santana, talvez.

— Sua vez, Dereck. — Amanda se levantou e o puxou pela mão. Todo mundo nos encarou, inclusive as pessoas das outras mesas. — Vamos lá, uma musiquinha só. Apresente-nos um rock de qualidade.

Dereck tentava se livrar, mas Amanda o segurava com força. Eu sentia como ele estava desconfortável, mas não sabia o que fazer.

— O.k., só uma — concordou, sem graça, ganhando palmas de todo o bar, que agora estava mais cheio.

Dereck subiu ao palco e escolheu uma música no monitor.

Quem um dia irá dizer que existe razão

Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer

Que não existe razão?

— Caralho! — gritamos Amanda e eu, em uníssono.

Dereck cantava em português.

Dereck cantava Legião Urbana.

Cantava “Eduardo e Mônica”.

Eu estava de queixo caído. Não conseguia pensar em mais nada, estava focada no que sentia, e o responsável pelo meu estado se encontrava ali no palco, cantando uma das minhas músicas preferidas. Quando ele terminou a apresentação, tive que me controlar, pois estava totalmente desnorteada. Nem olhei quantos pontos ele fez.

De repente, todas as pessoas que estavam no pub começaram a gritar o nome de Dereck, inclusive o pessoal do hospital. Amanda subiu no palco e segurou sua mão, tirando-o dali. As palmas continuaram e algumas pessoas se aproximaram, pedindo autógrafos e fotos. Percebi que Dereck se enrijeceu ao ouvir seu nome ecoar. Ele não se mexia, praticamente sufocado pelas pessoas. Parecia alheio a tudo, até mesmo a mim, que fui até lá para ajudá-lo. Segurei sua mão, mas ele não reagia, estava perdido em um mundo só dele. Eu não conseguia alcançá-lo.

— Dereck, olhe para mim — implorei, e aquilo pareceu despertá-lo.

— Eu não posso ficar.

Ao dizer isso, ele saiu correndo, empurrando todos que estavam na sua frente, que se afastaram, abrindo espaço. Amanda observava, incrédula.

Levei alguns segundos para entender o que estava acontecendo, mas, assim que acordei do transe,

corri atrás dele. Chegando à porta do bar, olhei para todos os lados.

— Droga! — xinguei. — Cadê você?

Não sabia o que fazer.

— Se a senhora está procurando um cara todo tatuado, ele foi por ali — disse o manobrista, indicando a direção.

Praticamente saltei em disparada, sem nem agradecer. Ele não podia ter ido muito longe.

Dessa vez eu ia matar Amanda.

Andei alguns metros até encontrá-lo recostado em um muro, perdido nos próprios pensamentos. A dor em seu rosto era tão grande que tive vontade de chorar, mas me contive. Dereck encarava o chão, mas seu olhar estava longe. A luz do poste iluminava seu lindo rosto e revelava todo o seu pânico. Os olhos azuis estavam vazios, as pupilas dilatadas encarando o nada.

Ao me aproximar, ouvi sua respiração ofegante e vi seu rosto sombrio. Dereck parecia estar sufocando. O suor escorria pela testa, as mãos estavam cerradas, ao lado do corpo, o maxilar contraído. Eu o observei sem tocá-lo. Mesmo sendo médica, não sabia como agir.

Ele gemeu, como se pedisse socorro, e só eu pudesse ajudá-lo. Precisava trazê-lo de volta.

— Dereck, sou eu, Manuela. — Seu corpo inteiro começou a tremer freneticamente. — Estou aqui com você.

Segurei sua mão com força, e ele apertou a minha de volta, me mostrando que estava ali, que conseguia me ouvir. Apertou meus dedos com tanta força que doeu, mas não me importei. Eu não conhecia aquele homem, não fazia ideia do que o levava até mim, mas sentia sua dor. E, no momento, eu era tudo o que ele tinha.

— Vem comigo, Dereck. Volta para mim.

Ele não reagia e eu já estava entrando em pânico também. Olhei de um lado para outro e não havia ninguém que pudesse me ajudar. Respirei fundo, buscando forças. Estava sozinha e precisava agir.

Foi quando fiz uma coisa que tinha vontade de fazer desde a primeira vez que nos encontramos: acariciei seu rosto com a outra mão, para que ele sentisse que eu estava com ele. Ele não me encarava, ainda com o olhar perdido. Aproximei a boca dos seus lábios e o beijei de leve. Dereck ainda mantinha os dentes cerrados, então rocei o nariz em sua bochecha, com ternura. Aos poucos, senti sua mão afrouxar, indicando que ele estava sentindo.

Dereck relaxou o maxilar, aliviando um pouco sua expressão, mas ainda não me olhava. Continuei a passar os lábios por seu rosto, beijando o canto da sua boca, mordiscando o lábio inferior, lambendo o piercing e me deliciando com seu gosto.

Fechei os olhos. Eu estava fazendo aquilo para ajudá-lo, mas meu corpo inteiro se acendeu com um desejo avassalador. Queria sentir suas mãos em mim, queria sentir seu corpo sobre o meu, queria ouvir sua voz sussurrando que me desejava. Necessitava do seu toque, desejava sentir sua pele na minha. Dereck despertou meus instintos adormecidos. Era errado estar com ele, mas ao mesmo tempo era tão certo...

Eu não podia pensar no passado, não naquele momento.

Senti mãos fortes segurando meu corpo, uma delas na nuca, a outra nas costas. Era assim que eu o queria. Era como um sonho.

— Manuela... — Sua voz grossa fez meu corpo se arrepiar, me lembrando que não era um sonho.

Abri os olhos e me deparei com ele me encarando, o corpo praticamente colado ao meu. Suas mãos seguraram meu rosto e me forçaram a encará-lo.

— Dereck...

Fui arrebatada por um beijo devastador. Ele beijava minha boca com a mesma intensidade com que me apertava contra seu corpo. Dereck me virou, me colocando contra o muro. Coloquei as mãos em seu peito, passeando por aquele corpo escultural. Sentia os músculos definidos sob a camiseta que ele usava, como tremiam ao meu toque.

O beijo não terminava. Estávamos sem fôlego, mas nenhum dos dois ousou parar. Dereck era o único oxigênio de que eu precisava.

Trilhei o caminho até seu pescoço e ele segurou minhas mãos. Sua boca desgrudou da minha por alguns segundos, mas a intensidade com que ele me olhava não me deixava sentir falta dos seus lábios.

Dereck segurou meus braços na lateral do meu corpo. Com os pulsos presos na altura dos ombros, eu estava imobilizada enquanto ele roçava o quadril contra o meu, me fazendo sentir sua ereção. Ele fez questão de mostrar como estava excitado com nosso beijo, e eu adorei saber.

Eu ia morrer.

Certeza.

O tesão já me consumia inteira. Eu nunca tinha me sentido tão quente com apenas um beijo. Dereck era misterioso, intenso, devastador. Cada célula do meu corpo desejava aquele homem e implorava por seu toque.

Sem dúvida, eu estava perdida. Estava à sua mercê. Ele podia fazer comigo o que quisesse.

“Stay with me”, Sam Smith

— Ah, por favor — gemeu Manuela, na minha boca.

Você devia largá-la agora!, gritava uma voz na minha cabeça, mas eu simplesmente não conseguia soltá-la, não conseguia obedecer à razão. Quanto mais sentia que precisava me afastar, mais minhas mãos a mantinham grudada ao meu corpo.

Sua boca era quente, sua língua passeava em meus lábios. Eu estava excitado. Estava pronto. E Manuela parecia tão ávida por aquele momento quanto eu.

Ela afastou a perna devagar, e, com uma das mãos, levantei sua coxa, fazendo com que ela me enlaçasse.

— Porra! — xinguei alto quando me encaixei nela.

Ela aproveitou que a soltei e começou a acariciar meu pau por cima do jeans. Eu ia explodir, precisava tirá-lo para fora ou ele seria esmagado pelo zíper da calça.

Minha mão viajou por seu corpo. Sua pele macia estava arrepiada. Eu a queria ali, contra o muro. Cogitei simplesmente abaixar o short dela e comer aquela mulher sem piedade ou pudor, sem medo de sermos pegos. Éramos puro instinto e desejo. Manuela gemia descontroladamente, me deixando ainda mais pervertido.

Soltei seus lábios por um segundo. Ela abriu os olhos.

Putá merda! Ela seria minha perdição.

Tinha os mesmos olhos da Clara. A mesma cor. O mesmo brilho de desejo.

Senti sua pele arder em minhas mãos e tive que me afastar para não me queimar. Deixei que sua perna caísse no chão e soltei seu pescoço. Manuela piscou repetidas vezes, me encarando. O único poste que nos iluminava me permitiu vislumbrar sua reação.

Ela estava confusa. Eu via em seus olhos que não fazia ideia do que estava acontecendo. Dei as costas para ela, pois seu olhar era difícil de suportar. Passei as mãos pelo rosto várias vezes, descontrolado.

O que eu estava fazendo?!

Caminhei alguns passos e desferi um golpe certo no muro. Coloquei tanta força no braço que o movimento fez meu ombro sofrer as consequências. Mas, apesar da dor física, o que doía mesmo era o remorso por ter feito aquilo com Manuela.

Ela era amiga da Clara. Não era certo o que eu estava fazendo.

— Ficou maluco, Dereck? — gritou ela ao me alcançar. Ela segurou meu braço e olhou para minha mão machucada. — Quer quebrar a porra da mão, é isso?

Sentindo sua mão na minha e a preocupação em sua voz, fiquei ainda mais confuso. Eu estava com

ela, junto com seus amigos, agindo como se fôssemos um casal normal. Tínhamos entrado no bar de mãos dadas como se pertencêssemos um ao outro.

Eu sentira ciúmes ao vê-la nos braços do irmão fedelho do Ferraz e depois quase a tinha comido contra um muro, no meio da rua. Era tanta coisa errada que eu não sabia nem por onde começar. Estava fodido.

E, para piorar, ela é que me fizera voltar. Eu estava no escuro, mas senti seu toque. Ela disse que estava ali por mim, que ficaria comigo e que eu podia ficar calmo. Ninguém nunca tinha me dito isso. Eu quis voltar, eu chamei por ela. Minha mente repetia seu nome, mas meu corpo não reagia.

Então senti o toque de sua boca, o carinho que ela fazia em meu rosto, e minha consciência foi retornando. Sua voz ficou mais perto, até que voltei. E, quando voltei, a vi de olhos fechados, como se estivesse entregue a mim.

Foi impossível resistir. Agi por impulso, por instinto, mas não podia ter acontecido. Não enquanto eu a beijasse pensando em Clara.

— Desculpe, eu não sei o que está acontecendo comigo. Eu... — gaguejei, sem saber como fazê-la entender que aquilo tinha sido um erro. — Eu não podia ter beijado você, foi muito errado da minha parte.

Sacudi a cabeça, pois Manuela não merecia aquilo. Ainda mais depois de toda a merda que eu tinha feito na noite anterior. A orgia, a cocaína. Ela não merecia o Dereck que eu havia me tornado.

— Entendo. — Ela se afastou, e imediatamente senti falta do toque de sua mão. — Só fiz isso para ajudar você, não tive a intenção de te agarrar. Não se sinta culpado. A culpa foi minha.

Que merda é essa que ela está falando?

Eu a puxei para mim e ignorei a dor que irradiava pela minha mão.

— Me agarrar? Culpa? Do que você está falando?

Ela abraçou o próprio corpo, se afastando. Vi seu desespero, seus olhos revelando que ela realmente acreditava em cada maldita palavra que acabava de me dizer. Sorri nervosamente, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Como ela estava enganada!

— Você não entendeu. — Segurei seu rosto com as duas mãos, fazendo com que me encarasse. — Foi um beijo inesquecível, mas não devia ter acontecido, porque eu não sou a pessoa certa para você. Não posso fazer isso com você, entende?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

— Não quero machucar você, Manuela — completei.

Ela desviou os olhos, tentando entender minha explicação e os próprios sentimentos. Estava tão confusa quanto eu.

— É a primeira vez que você sofre uma crise de pânico?

Eu a encarei, sem querer confessar que não era a primeira vez.

— Não foi nada. Só fiquei um pouco nervoso com a situação.

— Dereck, presta atenção. — Ela tirou minhas mãos do rosto. — Você teve uma crise. Ficou fora do ar por vários minutos. Nada fazia você voltar. Não sou psiquiatra, mas, pelo que vi, você precisa procurar ajuda profissional.

Eu me esquivei do seu olhar, sem acreditar no que ela me dizia. Manuela, assim como todos os

outros, não sabia de nada. Eu não estava doente, só estava me sentindo pressionado.

— Já falei para não se preocupar, eu não tenho nada. Só estou ansioso com os shows no Brasil.

— Dereck...

— Vou acompanhar você de volta ao bar e depois vou para casa.

— E vai voltar como? Esqueceu que veio comigo?

— Táxi — respondi, já caminhando.

O mais engraçado era que novamente estávamos de mãos dadas. Mais cedo, quando chegamos ao pub, ela tinha me soltado assim que vira o playboy. Fiquei desconfortável. Era para ser apenas uma noite com uma amiga, mas eu estava incomodado com os olhares que ele lançava a Manuela, como se ela fosse sua propriedade. E agora, mais uma vez, lá estava eu com os dedos entrelaçados nos dela, como se isso fosse certo.

— Pode soltar — disse ela, notando nossas mãos unidas.

Ignorei seu pedido.

— Me sinto mais seguro assim.

Acho que ela percebeu a mudança de tom na minha voz.

Não era mentira; eu realmente me sentia mais seguro ao lado dela, e tinha a impressão de que sua voz dizendo meu nome ficaria na minha memória por mais tempo do que gostaria.

Voltamos ao bar, e meu corpo enrijeceu assim que avistei a entrada do local. Automaticamente, estufei o peito e levantei a cabeça, em uma postura defensiva. Senti um aperto em minha mão e relutei em olhar, mas, no fim, perdi o pouco da razão que me restava. Olhei para Manuela, que caminhava ao meu lado. Ela sorriu.

— Está tudo bem.

Meu Deus! Como ela conseguia me quebrar com apenas três palavras?

— O.k., baby! — foi a única coisa que consegui pronunciar, apesar de minha cabeça transbordar com perguntas como *mas que merda você está fazendo?* e *qual foi o feitiço você jogou sobre mim?*.

Algumas perguntas realmente não merecem ser respondidas. Pelo menos não no momento que desejamos. As respostas surgem quando menos se espera, e muitas vezes não entendemos os caprichos do tempo.

— O que aconteceu? Vocês saíram feito loucos.

— Não foi nada, Diego. Dereck recebeu uma mensagem urgente e eu só fui conferir se ele estava bem. Sabe como é, gringo perdido no Brasil...

Ouvi a conversa entre Manuela e Diego atentamente. Ele me encarava enquanto ouvia a explicação da amiga, e é lógico que não acreditou naquela baboseira. Ele era mais inteligente do que isso. Ainda mais sendo irmão de quem era.

— Ufa! — exclamou a loira ao nosso lado, aliviada. — Achei que tivesse sido alguma coisa que eu disse. Você ficou estranho, não gostou do pessoal gritando seu nome?

— Meu primo — inventei. — O moleque só sabe se meter em confusão, por isso tive que sair.

Tentei soar descontraído, usando Ryan para amenizar um pouco a situação. E nem era mentira que ele só se metia em roubada. Mesmo assim, o clima continuou pesado, indicando que eu deveria sair dali o mais rápido possível.

— Bem, preciso ir. — Encarei Manuela. — Obrigado pelo convite e me desculpa por fazer você

perder parte da sua noite.

— Está tudo bem.

Mais uma vez, aquelas três palavras me desarmaram.

Manuela subiu o olhar até meu rosto, e vi que ela estava muito preocupada. Nem de longe parecia a mesma mulher que havia chegado ao bar duas horas antes.

— Tem certeza de que sabe chegar até o meu prédio? — perguntou ela. — Eu posso levar você.

Levantei o celular, mostrando o mapa no visor.

— Tenho seu endereço gravado no GPS — expliquei.

Mais uma vez, todo mundo nos encarava, e me dei conta de que tinha sido um comentário infeliz. Nos últimos tempos, eu me sentia nervoso perto de muita gente. Perdia o rumo, não sabia como me comportar.

Dei um abraço de despedida em Manuela. O calor de sua pele me atingiu, e por isso me apressei em me afastar. A proximidade dela me descontrolava, fazia meu corpo tremer. Em seguida, me despedi de Amanda e acenei para o resto da galera.

Manuela se afastou, foi para a mesa onde estavam seus amigos. Eu a acompanhei com o olhar, observando todos os seus movimentos. Meus olhos não desgrudavam. Era quase o que eu sentia quando via...

Levantei o rosto e dei de cara com Diego no exato momento em que pensava em Clara. Ele me puxou e perguntou:

— O que está acontecendo entre você e a Manu?

Diego foi direto ao ponto, como eu já esperava. Sua voz saiu baixa e contida, de forma que ninguém entreouvisse nossa conversa.

— Não está acontecendo nada, e, se estivesse, não seria da sua conta. Pelo que sei, vocês são só amigos. Foda-se o que você pensa de nós. Da minha vida cuido eu.

— Você está muito enganado — continuou ele, com o mesmo tom de voz. — Já devia ter aprendido que por aqui tratamos amigos como família. E por isso prezo a felicidade da Manu. Você não esqueceu a Clara, está na cara, então não machuque a Manu. Ela não merece.

Eu queria ficar puto com Diego, mas sabia que ele tinha razão. Apesar de não gostar de sua interferência, aquele aviso ajudaria a me manter afastado de Manuela. Ela realmente não merecia um cara fodido como eu, e Diego estava mais do que certo em tentar me manter longe dela.

— A gente se vê por aí — disse Diego, e deu um tapinha no meu ombro.

— Não conte com isso — retruquei, lacônico.

Dei as costas para ele, mas, antes de chegar à saída do bar, ouvi Diego murmurar:

— Algo me diz que você está fodido.

Em menos de meia hora o taxista me deixou na porta do prédio de Manuela, onde meu carro estava estacionado. Não demorei a chegar em casa. Ao entrar no apartamento, encontrei Ryan na sala. Passei direto para o quarto, onde peguei um baseado. A maconha me tranquilizava, e eu estava precisando me acalmar.

— Achei que fosse chegar mais tarde. Está tudo bem? — perguntou meu primo, surpreso, enquanto eu me jogava na cama.

— Me dá o cinzeiro? — pedi.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Ficou surdo? Me dá a porra do cinzeiro.

Ryan alcançou o cinzeiro prata em cima da mesa e o estendeu para mim. Olhei para o objeto com *Las Vegas* gravado e me lembrei do show que tinha feito certa vez em um dos cassinos da cidade do pecado. Apoiei a cabeça no travesseiro e nos minutos seguintes não fiz mais nada a não ser tragar a maconha e deixar minha mente esvaziar. Pelo menos era disso que eu tentava me convencer.

— Você devia parar com isso, Dex. Faltam menos de duas semanas para as apresentações. É a sua chance de mudar sua imagem. Você não pode estragar a porra toda.

— Eu queria alguma coisa mais forte. Tem coca na geladeira? — perguntei, brincando com o nome da bebida.

Ryan balançou a cabeça em reprovação. Dei uma última tragada e deixei o baseado no cinzeiro. Acho que a maconha não me relaxava mais.

Fui até a cozinha e voltei com o pacote nas mãos. Logo uma carreira de cocaína se formava no tampo de vidro da mesa. Eu sabia que aquilo era errado, sabia que me fodia, mas minha mente não me obedecia mais. Todo viciado sabe, mas não dá a mínima, pois o prazer momentâneo é mais forte que o medo das consequências.

— Isso aí, porra — gritei, extasiado ao inalar o pó.

Voltei a me deitar. Olhei para Ryan e fiquei apavorado em pensar que ele pudesse seguir os meus passos. Eu estava sendo um puta de um mau exemplo para meu primo, mas a droga era boa, e não havia nada que eu pudesse fazer a não ser me entregar a ela.

“Let her go”, Passenger

— Desembucha, Manu. O que está acontecendo entre você e o roqueiro da Clara?

— Ele não é da Clara — respondi ao Diego, um pouco ríspida, confesso.

Meu amigo inclinou o corpo para trás e levantou as mãos em rendição.

— Desculpa, hoje foi um dia complicado — falei. — Não está acontecendo nada entre Dereck e mim. Foram só coincidências. Acabei encontrando com ele por acaso e o convidei para ir ao karaokê. Tentei ser educada, só isso.

— E também foi coincidência sair com ele da inauguração da boate no final de semana?

Todo mundo já havia ido embora, mas, infelizmente, meu carro foi o último a ser trazido pelo manobrista. Eu sabia que Diego não me deixaria até que estivesse dentro dele.

— O que é isso? — perguntei, sorrindo. — Um interrogatório? Resolveu fazer hora extra e me tratar como um dos seus clientes?

Meu sorriso não amenizou a situação, pois Diego fechou ainda mais a cara, fazendo uma careta de desgosto. Minha sorte foi que o carro chegou e eu finalmente poderia fugir dele. Peguei as chaves da mão do manobrista, mas, antes de eu entrar no carro, Diego segurou meu braço.

— Não quero ver você sofrer. Sempre te disse que você merecia um cara que te amasse incondicionalmente. Eu te adoro, Manu, e não quero que você passe pelo mesmo sofrimento que viveu com o... — Ele ficou mudo de repente.

— Felipe. Pode dizer o nome dele. É Felipe, o ex-noivo da Clara. O cara por quem eu fui apaixonada e que agora está morto.

— Me desculpa. Eu não queria te magoar. Só me preocupo com você.

Diego se aproximou e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Por que não podemos nos apaixonar um pelo outro? — perguntei.

Eu já havia feito essa pergunta a ele, e Diego sempre me respondia com o mesmo sorriso e a mesma explicação.

— Nossa amizade vale mais que dois corações partidos. — Ele me deu um beijo na testa. — Por favor, tome cuidado.

Eu tinha certeza de que ele não se referia apenas ao trânsito, mas também a tudo que estava acontecendo.

— A gente se vê no fim de semana. Vou ter dois dias de folga, podemos ir ao cinema.

— Fica para uma próxima, gata. Estarei fora. O mano quer comprar uma casa na serra e eu fiquei de olhar algumas que ele selecionou.

— Ele é louco por ela, não é? — falei, pois sabia que Ferraz compraria aquela casa só para manter

Clara e a filha, Vitória, longe de qualquer aborrecimento.

— Meu irmão enfim está completo. Não existe Alexandre sem Clara, nem o contrário.

Enquanto eu absorvia aquelas palavras, ouvi uma buzina estridente atrás de mim. Sem perceber, Diego e eu tínhamos fechado o trânsito em frente ao bar, e as pessoas já estavam reclamando.

— Melhor você ir. Quando eu voltar a gente se fala.

Ele me deu mais um beijo na testa e, depois, um na bochecha. Assenti com a cabeça e entrei no carro.

Assim que ganhei as ruas, meus pensamentos começaram a voar. Diego tinha razão: alguma coisa estava acontecendo entre Dereck e mim. Só me restava saber o quê.

Chegando em casa, tirei a roupa e fui para o chuveiro. Precisava lavar a alma e ver se encontrava um pouco de paz na água morna.

De banho tomado, coloquei uma camiseta de dormir e me joguei na cama. Adormeci quase imediatamente.

“Manu, vem comigo, quero te apresentar uma pessoa.”

“Claro.”

Eu simplesmente obedecia ao som da voz de Felipe. Era como se ele me enfeitiçasse e eu estivesse à mercê de sua vontade, sempre pronta para segui-lo. Mais uma vez, eu caminhava ao seu lado. Sorríamos pelos corredores e conversávamos com cada paciente que encontrávamos no caminho. Éramos tão parecidos! Apaixonados pela medicina e obcecados pelo bem-estar das pessoas, acreditávamos no melhor da vida.

Mas a namorada dele estava entre nós. Felipe falava com doçura da tal Clara, os olhos brilhando toda vez que tocava em seu nome. Ainda assim, eu estava apaixonada e lutaria com unhas e dentes pelo homem que amava.

Paramos na porta de uma das salas de tratamento, mas não me importava o lugar, eu precisava dizer que o amava, que havia me apaixonado por ele. Respirei fundo e segurei seu braço. Seus olhos azuis me encararam.

“Preciso te dizer uma coisa.”

Meu peito se encheu da paixão que sentia por ele, e o sentimento estava pronto para se transformar em palavras prontas quando fui interrompida por ele.

“Oi, minha princesa, desculpa pelo atraso.”

Ele entrou na sala, e eu a vi pela primeira vez. Os olhos dela brilharam por Felipe com a mesma ternura que eu via nos dele. Um nó se formou na minha garganta e eu congelei. Só podia ser ela a namorada de quem ele tanto falava.

Ele se aproximou da garota pálida com cabelo sem vida e olhos com olheiras arroxeadas, mas o rosto de Felipe dizia nitidamente que ele a achava a mulher mais linda do mundo. Sentada em uma cadeira de hemodiálise, ela teve a total atenção do homem por quem eu estava apaixonada.

Eu sabia que ela estava doente, mas não sabia que era tão grave. Apesar de sermos amigos, Felipe era um cara muito reservado.

“Manu, esta é a Clara, minha princesa.”

“Oi.”

Ela estendeu a mão. Segurei a respiração e abri um sorriso. Meu coração estava sangrando. Foi o sorriso mais sem graça de toda a minha vida, mas também o mais necessário. Fui até ela e aceitei o cumprimento.

“Felipe fala muito de você.”

“Manuela é muito competente, uma das médicas mais jovens e promissoras do hospital. Ela é minha inspiração.”

Eu tentava detectar nas palavras alguma coisa que explicasse meus sentimentos. O porquê de ter me apaixonado por ele. Felipe olhou para Clara, e para ela, sim, ele sorria com os olhos, a amava com os olhos, seu olhar transbordando todo o sentimento que os envolvia.

“Felipe está exagerando, ele que tem recebido os maiores elogios da equipe avaliadora. Seu namorado será um excelente médico.”

“Noivo!”, corrigiu ela.

Foi como um soco no estômago. Olhei para Felipe com uma expressão de espanto. Ele se sentou ao lado de Clara e levantou a mão direita dela, que ostentava um belíssimo anel de noivado.

“Por isso é que eu queria apresentar Clara a você. Acabamos de ficar noivos e queria que você fosse a primeira aqui do hospital a ficar sabendo.”

O nó que havia se formado em minha garganta rasgou meu peito. Pensei que fosse desmaiar.

Era uma dor diferente de tudo que eu já sentira. Por um segundo pensei que tivesse parado de respirar.

“Manu?”, ouvi alguém chamar.

“Desculpa, só fiquei surpresa. Você me pegou direitinho”, disfarcei. “Parabéns! Quando vai ser o casamento?”

Quando vi os dois se entreolharem, me dei conta da besteira que tinha dito.

“Me desculpem.”

“Tudo bem, eu não ligo. Lipe quer casar em alguns meses, assim que terminar a residência, mas...” Ela olhou para o próprio braço, para os fios que a conectavam à máquina. “Não sabemos o que vai acontecer amanhã. Ainda mais quando se tem dois rins doentes.”

“Vai dar tudo certo.”

Foi algo automático, como se eu estivesse ouvindo algum paciente. Segurei a mão dela e a apertei, tentando transmitir segurança, assim como fazia com eles. Vi que Felipe me olhava com gratidão.

“Felipe disse que seremos boas amigas.”

O homem ao lado dela sorriu, um sorriso que eu nunca tinha visto em seu rosto e que me fez perceber: eu só poderia ser uma amiga. Exatamente isso... uma amiga.

Segurei as lágrimas que ameaçavam escorrer dos meus olhos e pisquei para eles.

“Com certeza.”

Maria Clara me encarou com um sorriso no rosto. Felipe acolheu em seus braços a mulher que amava. Eu me afastei.

Era o certo a fazer.

E foi o que fiz.

Suando frio e com lágrimas nos olhos, foi assim que acordei depois de sonhar com o dia em que eu conhecera Clara. Sempre tinha flashes do passado, mas nos últimos dias eles vinham se

intensificando. Não eram somente sonhos, eram avisos, um prelúdio do que estava para acontecer.

Eu estava encantada; apaixonada, talvez. Não sabia distinguir o que sentia por Dereck, mas sabia que era forte. Cada vez mais ele preenchia os espaços vazios que até então eu fazia questão de não ocupar.

Me apaixonar de novo? Eu não sabia se suportaria viver aquilo outra vez.

DERECK

— Um estúdio de gravação? — perguntei, procurando algum sinal de que Danilo estava brincando comigo.

Depois da noite de merda que tive, acordei quase na hora do almoço, com o toque do meu celular. Pensando que era Manuela, atendi sem nem olhar o visor, mas, para minha decepção, era meu amigo me convidando para almoçar. Tentei recusar o convite, mas Danilo disse que tinha algo importante para falar comigo, então acabei aceitando. Levei Ryan junto. Ele estava atento à nossa conversa.

— Não só um estúdio. A ideia é oferecer tudo de que o profissional precisa, desde o estúdio de gravação até o empresário para cuidar da carreira. E o diferencial disso tudo vai ser você.

Danilo estava animado com o projeto e tentava a todo custo me incluir nele, mas eu não entendia como poderia fazer a diferença depois de eu quase ter destruído minha carreira.

Danilo ergueu o indicador, chamando minha atenção.

— Você será a peça principal do projeto. Além de ser tudo isso que eu falei, o estúdio será também uma espécie de caça-talentos. Podemos fazer audições e lançar bons profissionais no mercado. Não só aqueles de um único sucesso, mas cantores e compositores de qualidade. E você é melhor que ninguém para reconhecer um talento.

— Não sei, Danilo... — Ainda não sabia o que responder.

— Dereck, você não é só um cantor. Você é um músico completo. Eu entendo todos os problemas pelos quais que você está passando, mas isso não quer dizer que precise abandonar a música. Explore outras oportunidades. Invista em novos projetos. Eu sei que o rock faz parte da sua vida, mas sei também que você nunca se negou a conhecer outros gêneros.

— Nisso você tem razão.

Eu adoro todo tipo de música. Sempre acreditei que um verdadeiro músico deve saber reconhecer uma obra-prima, seja em qual gênero for.

— Eu posso cuidar da parte administrativa — disse Ryan. — Não sei se Dereck avisou, mas sou formado em administração. Claro que terei que me adequar ao sistema usado no Brasil, mas dou conta. E seria o máximo trabalhar com vocês. Se já não tiver uma pessoa em mente, é lógico.

Olhei incrédulo para Ryan. Danilo sorriu.

— Está contratado.

Meu amigo apertou a mão do meu primo e ambos me olharam, esperando minha resposta.

— Ryan, seu filho da puta. Eu devia ter deixado você em casa — repreendi, mas não surtiu efeito. — Preciso pensar. É um passo muito importante. Eu teria que me estabelecer no Brasil por um tempo, e não sei se estou pronto para assumir tantas responsabilidades.

Ambos pareceram achar meus argumentos razoáveis.

— Eu entendo. Pense na proposta como uma forma de lidar com tudo isso. Fique no Brasil por um

tempo e depois, se quiser voltar, pensamos em um substituto para você. Mas no momento não vejo ninguém melhor para o cargo.

— Vou pensar, *bro*. — Assenti. — Agora vamos almoçar, estou morrendo de fome.

Assim que chegamos em casa, conversei com Ryan sobre a proposta de Danilo. Meu primo estava mais do que animado, e isso fez com que a balança pendesse para o sim, para que eu aceitasse participar do projeto, mas precisava pensar um pouco mais antes de tomar uma decisão.

— Saindo... — cantarolou Ryan.

Peguei uma cerveja e me instalei no sofá. Aproveitei o silêncio para imaginar como seria morar no Brasil por um tempo e refletir sobre a proposta de Danilo. Eu concordava que seria um bom negócio, mas ainda tinha medo. Medo de não suportar estar na mesma cidade que Clara, medo de esbarrar com ela e não conseguir me controlar, medo do que sentia por Manuela.

Medo de me perder em um caminho sem volta.

“Primeiros erros”, Capital Inicial

Saí do hospital disposta a aproveitar ao máximo meus merecidos dois dias de folga. Já era noite, e estava louca para tomar um belo banho e me jogar na cama. Plantões acabavam comigo, mas eram necessários. Faziam parte da minha profissão, e eu amo o que faço, então amo tudo que vem junto com a medicina.

Aquele dia, no entanto, tinha sido mais cansativo do que o normal. Edu se esquivara de uma conversa, mas consegui falar com ele durante uma pausa para o café. Apesar de tudo, ele era meu amigo, e passávamos muito tempo juntos no hospital. Por isso, fiz questão de me explicar. Ele disse que me entendia, que não podíamos mandar no coração e que estaria me esperando caso eu mudasse de ideia. Dei um beijo no rosto dele e encerrei a conversa. A decepção nos olhos dele me perseguiu durante todo o dia.

Fui até o estacionamento alongando o corpo, tentando desatar os nós que tinham se formado nas minhas costas. *Aposto que vou ter câimbras quando me deitar.*

Abri a bolsa para pegar as chaves do carro e, assim que levantei a cabeça, quase caí dura no chão. Depois de malditos três dias sem nem me dar uma satisfação, sem nem ligar para avisar que estava bem, Dereck apareceu do nada.

— Boa noite, Manuela — disse ele, como se nada tivesse acontecido.

Estava recostado no meu carro com a cara mais deslavada do mundo, como se não tivesse tido uma crise de pânico na minha frente, como se não tivéssemos trocado um dos beijos mais intensos da minha vida. Vai ver que, para ele, aquilo era banal.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, ríspida. Não consegui ser amável depois de ele ter me ignorado por dias.

Parei na sua frente e ele me encarou. Estava lindo como sempre, mas dessa vez eu não me deixaria levar pela sua beleza.

— Vim buscar você para jantar. Pelo seu humor, você realmente precisa de uma boa comida e de uma taça de vinho. Anda, me dá as chaves. Eu dirijo.

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara.

Ele ignorou minha fúria e se aproximou.

— Eu posso explicar. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Mas é uma história longa, e acredito que aqui não seja o melhor lugar para contar.

— O que é isso?

Até então eu não tinha notado, mas Dereck segurava duas sacolas.

— Nosso jantar. Quando cheguei aqui, esbarrei com Amanda. Ela me contou que você adora

comida italiana e ainda me indicou um ótimo restaurante aqui perto. Podemos jantar na sua casa ou na minha.

Ele levantou as sacolas, sorrindo, mas não respondi.

— Vamos lá, linda, tem até sobremesa. Eu mereço uma chance.

Eu não conseguiria dizer não, então acabei cedendo. Por mais brava que estivesse, eu também tinha uma parcela de culpa. Sabia que Dereck não estava bem. Na verdade, tinha conversado com uma psicóloga do hospital e agora tinha quase certeza de que ele estava com sérios problemas. Poderia ter ligado para saber como ele estava, mas fui orgulhosa. E, como ele não tinha entrado em contato no primeiro dia, acabei ficando decepcionada.

Fiz uma troca: peguei as sacolas das mãos de Dereck e lhe entreguei as chaves do carro. Antes de me afastar, ganhei um beijo no rosto, o que me pegou desprevenida. Não esperava um gesto tão inocente depois da intensidade do que tínhamos vivido.

— Vamos para a minha casa. É mais perto, e eu preciso de um banho.

Ele sorriu, feliz por eu aceitar o convite.

Entramos no carro, e Dereck dirigiu até meu apartamento, seguindo minhas instruções. Dereck perguntou como tinha sido no trabalho e respondi de forma sucinta, até porque era evidente que ele estava mantendo a conversa em terreno seguro, e eu queria fazer o mesmo.

— E seu namorado?

— Não tenho namorado. Eu e Edu somos só amigos.

Não ousei olhar para ver sua reação, não queria ter nenhum tipo de esperança. O fim da minha história com Edu podia até ter sido provocado por Dereck, mas isso só confirmava que eu realmente não sentia nada por ele.

— Sinto muito — disse Dereck, mas percebi a contradição em sua voz.

— Sente mesmo?

— Para falar a verdade, ainda não sei. Estou decidindo.

Ficamos em silêncio por um tempo. Quando voltamos a conversar, em nenhum momento falamos sobre a noite do karaokê ou sobre o que havia acontecido entre nós. Dereck não me perguntou o motivo do meu rompimento com Eduardo e eu também não levantei o assunto.

Estacionamos na garagem e pegamos o elevador.

— Vamos lá, doutora, que eu vou alimentar você.

— Acho que estou bem crescidinha para ser alimentada, não acha? Não sou nenhuma criança.

Em vez de sorrir como de costume, Dereck desviou o olhar para meu corpo. Eu tinha trocado o uniforme, no hospital, por calça jeans e camiseta. Não estava nem um pouco elegante, mas, pelo olhar de Dereck, ele não se importava muito com o que eu vestia.

— Ah, mas não é mesmo — disse ele.

Senti meu rosto queimar. Minha provocação tinha se virado contra mim, pois agora eu me sentia tímida e insegura. Logo eu, que sempre fui tão confiante. Aquele homem realmente tinha tirado meu chão.

Entrei no apartamento já procurando por Duque.

— Ei, bebê, cadê você? — Como se sentisse a presença de um estranho em nosso refúgio, ele apenas colocou a cabeça para fora do quarto, em vez de ir até mim como sempre fazia. — Acho que

ele está se sentindo ameaçado. Afinal, ele é o homem da casa.

Peguei meu gato nos braços. Dereck sorriu e foi até a cozinha deixar as sacolas. Ele observava cada detalhe do apartamento. De repente, me senti sufocada. Ele enchia o lugar com sua presença, algo que eu nunca tinha sentido.

Soltei Duque e o filho da mãe me contradisse na caradura: saiu correndo para se esfregar nas pernas de Dereck. Fiquei de queixo caído.

Gato traidor.

— Acho que não teremos problemas. Eu amo animais, principalmente gatos. Só não tenho um porque seria um pouco complicado, já que eu vivo na estrada.

Dereck pegou Duque, que se aninhou em seus braços. Ele envolvia meu gato junto ao peito, e desejei ardentemente ser uma gatinha, só para ganhar o mesmo tratamento. Já havia experimentado a sensação de estar presa àquele homem, e, por mais que relutasse, meu corpo implorava por mais.

— Já que vocês se tornaram amigos — Duque parecia estar no paraíso com os carinhos de Dereck —, vou tomar um banho. Estou cheirando a hospital. Cuida do nosso convidado, bebê.

Dereck soltou o gato e foi até mim. Cada passo que ele dava na minha direção era como se eu estivesse sendo arrastada para o inferno. E o pior: eu me deixava levar de bom grado.

— Você tem um cheiro ótimo. — Ele roçou o nariz no meu pescoço. Foi difícil me concentrar nas palavras que ele dizia. — Quando voltar, a mesa vai estar posta.

Dereck se afastou, me deixando desestabilizada.

Tentei buscar seus olhos, mas ele se virou rapidamente, como se quisesse esconder algo de mim, esconder o que dizia seu olhar. Não tive opção.

— Está tudo no armário. Pratos na primeira porta e taças na segunda. Os talheres estão na gaveta e...

— Vá tomar seu banho, Manuela. Eu e o Duque nos viramos por aqui.

Tive que sorrir diante de sua confiança. Dereck estava mais espontâneo do que nunca, e imaginei como ele conseguia ser tão natural, mesmo sofrendo tanto. Dei as costas para ele e fui até o quarto.

O banho demorou um pouco mais do que o habitual. Devo confessar que acabei caprichando no visual. Lavei e sequei o cabelo, abusei do hidratante e escolhi um vestido que ressaltava minhas curvas. Quando me olhei no espelho, suspirei. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, mas já havia ido longe demais para não descobrir o que era.

Quando voltei à sala, não vi ninguém. A mesa estava posta, assim como Dereck prometera, mas ele não estava lá. Foi então que o vi na cozinha, agachado ao lado da pia, colocando leite para Duque. Seria difícil esquecer aquela cena: um dos cantores mais famosos do momento na minha cozinha, alimentando meu gato. Ou eu era muito sortuda, ou o destino tinha resolvido brincar comigo.

— Pelo visto vocês já se enturmaram.

— Ele começou a arranhar a porta da geladeira e eu imaginei que fosse fome. Espero ter acertado.

— Fez bem, obrigada.

Peguei a caixa de leite da mão dele para guardar. Quando fechei a porta da geladeira, senti sua respiração nas minhas costas. Fiquei parada por alguns segundos, mas não podia me virar, pois não sabia o que encontraria e estava com muito medo de admitir que, fosse o que fosse, eu queria aquilo mais que tudo.

— Pronta, dra. Manuela?

Tomei coragem e me virei.

Dereck havia puxado a cadeira para mim, como um verdadeiro cavalheiro. Fui até ele e me sentei. Ele tinha posto uma toalha branca rendada na mesa da sala. No centro, o vinho estava no decantador — não fazia ideia de como ele tinha achado, pois eu nem lembrava que tinha um —, e a comida, embora ainda na embalagem descartável, parecia ótima. Pelo menos uma vez na vida Amanda tinha dado uma dentro. Comida italiana era minha perdição, eu não vivia sem uma boa massa.

— Belo apartamento — comentou Dereck. — A vista é ótima, e o bairro parece bem seguro.

Ele serviu o vinho. Sem suportar mais, explodi:

— Dereck... — Ele colocou a taça na minha frente, mas ignorei. — O que exatamente você quer de mim? E, por favor, sem metáforas. Eu preciso saber o que está acontecendo aqui.

Colocando os dois cotovelos na mesa, ele apoiou o queixo nas mãos antes de me responder:

— Quero ser seu amigo, nada além disso.

Fiquei decepcionada, e acho que ele percebeu.

— É tudo que tenho a oferecer no momento — continuou ele. — Já falei que temos muito em comum, e acredito que vamos nos dar bem. Mas não pense que é fácil para mim. Você é linda, é difícil estar tão próximo de você e não sentir tesão. Porra! É uma das mulheres mais gostosas que eu já vi. Seu corpo inteiro exala sensualidade, seja de uniforme ou calça jeans. Você não precisa de muito para chamar a atenção dos homens à sua volta, é uma coisa sua. Prova disso é que quase perdi meu pescoço quando cheguei ao bar com você. Seu namoradinho estava prestes a me matar. Você é naturalmente sexy, Manuela, e tenho que me segurar para não comer você em cima dessa mesa, pois é o que eu gostaria de fazer neste exato momento.

Engoli em seco.

— E por que não faz?

Apesar de estar perplexa com tudo que acabara de ouvir, eu ainda queria saber por que ele não deixava seus instintos agirem. Se eu era tudo aquilo que Dereck falava, por que ele não me tomava? Por que tinha fugido de mim aquele dia e sumido?

— Para mim, existem duas formas de se fazer sexo: ou você esquece a pessoa com quem transou no dia seguinte, ou vira um relacionamento. Não estou preparado para assumir nada no momento, mas também não quero que você suma da minha vida. Então, não vamos transar.

Simples assim!

— Certo. Apenas bons amigos... — ironizei, pegando o prato que ele acabava de me servir. — Como foi seu dia, amigo?

— Produtivo — respondeu ele, ignorando minha brincadeira. Parecia extremamente animado. — Recebi uma proposta que vai me fazer permanecer no Brasil por mais tempo do que eu esperava. Ainda não aceitei oficialmente, mas é quase certo. E faltam só alguns detalhes para os shows. O repertório já foi escolhido e estou esperando minha banda chegar para os ensaios finais.

— Uau! — exclamei. — Isso é um grande passo. E que proposta é essa que deixou você tão entusiasmado?

Com a conversa mais relaxada, consegui saborear o jantar. O vinho escolhido por Dereck combinava divinamente com o ravióli aos quatro queijos.

— Um caça-talentos.

— Um o quê?

Ele riu.

— Um amigo me propôs sociedade em um estúdio de gravação. Vou ser uma espécie de caça-talentos, porque o lugar não será só um estúdio. A intenção é descobrir artistas de qualidade e lançá-los no mercado com toda a assistência necessária.

Senti a empolgação em suas palavras e achei o máximo a ideia. Dereck me explicou, em seguida, como tudo funcionaria e como seu primo também estava se envolvendo no novo projeto. Ele falava de música com tanto entusiasmo que senti uma pontinha de tristeza por tudo que ele tinha passado nos últimos tempos. Eu desconfiava que seus problemas estivessem ligados a Clara, mas segui meu coração e fiquei em silêncio. Não era o momento de tocar no assunto, nem em Clara, nem sobre a possível doença dele. Dereck estava feliz, e também fiquei por vê-lo tão bem.

Terminamos o jantar e seguimos para a sala. Ele não estava brincando quando disse que tinha comprado a sobremesa: um pote de brigadeiro de colher.

Nos ajeitamos no sofá para ver um filme no Netflix, e parecia que nos conhecíamos havia anos. Eu me sentia muito bem ao lado dele.

Até que ele anunciou:

— Acho que está na minha hora.

Eu tinha me apoiado em seu ombro e cochilado em algumas partes do filme. *Meu Deus, que vergonha!*

Voltei a me sentar e o fitei.

— Se quiser, pode dormir aqui.

Não sei o que deu em mim, mas o fato de ele ir embora me deixava insegura, com medo de que aquela noite não se repetisse.

— Amigos... — lembrou ele. — Não me tente, Manuela.

— Por que você me chama assim?

— Assim como? Não é esse o seu nome?

— Todo mundo me chama de Manu. Você é o único que não usa meu apelido.

Ele se pôs de pé e ofereceu a mão, me ajudando a me levantar do sofá.

— Já falei que não sou como todo mundo. Além do mais, acho que “Manuela” combina com você: é forte, impactante e com a sonoridade perfeita.

Sorri, pois ele já havia transformado meu nome em música.

Dereck me abraçou, me segurando firme nos braços.

— Obrigado por tudo — sussurrou. — Por me deixar ficar, por me ouvir. Há tempos eu não tinha uma noite tão agradável, e espero repeti-la outras vezes.

— A noite foi ótima. — Nesse momento, sentimos algo roçar em nossas pernas. — Acho que Duque também gostou da ideia de ver você por aqui outras vezes.

Ele sorriu, e seu rosto revelava algo que eu ainda não tinha visto nele: serenidade.

Dereck foi embora prometendo voltar, e eu tinha certeza absoluta de que estaria à sua espera.

“É isso aí”, Ana Carolina

— Nunca pensei que um astro de rock fosse ao cinema.

O comentário dela me fez sorrir. Fazia quase duas semanas do jantar no apartamento de Manuela e desde então não conseguia me afastar.

— Estava esperando fãs enlouquecidas, paparazzi e dezenas de seguranças atrás de nós? — perguntei, sarcasticamente.

Manuela baixou a cabeça e sorriu. Se ela soubesse como aquele seu sorriso me fazia bem, não pararia nunca. Pela sua reação, deduzi que sim, ela achava que eu era o Bon Jovi da atualidade.

Caminhávamos pela rua calmamente depois de um filme regado a pipoca e refrigerante.

— Não é bem assim — falei. — Sou muito famoso nos Estados Unidos, talvez lá precisássemos de tudo isso, mas no Brasil é mais tranquilo. Por isso gosto tanto de ficar aqui. Apesar de ser conhecido, ainda consigo passar despercebido em alguns lugares e fazer coisas comuns, como ir ao cinema com uma amiga. Mas isso vai mudar um pouco depois do primeiro show, pode ser que fique tumultuado.

Minha banda havia chegado e faltavam dois dias para o primeiro show. Eu ensaiava todos os dias, mas continuava desconfortável quando tocava guitarra.

O tempo que passava com Manuela estava me ajudando. Ela sempre falava de música, me fazendo cantar e comentando sobre os shows, o que me deixava mais confiante. Ela também me aconselhou a buscar ajuda para evitar novas crises de pânico, mas recusei. Não aceitava que estivesse doente.

Minha dependência química, sim, era um problema. Ficar sem usar drogas realmente era muito difícil, mas eu não queria que Manuela me achasse a porra de um viciado. Diminuí bem a frequência e usava só quando já não aguentava mais.

Eu fumava depois de quase todos os ensaios, mas nunca quando ia me encontrar com ela. E, considerando que nos víamos dia sim, dia não, me sentia mais limpo do que nunca.

Todo mundo tinha notado minha mudança, o clima estava muito melhor. Ryan debochava dizendo que construiria um altar em homenagem a Manuela, mas ele estava certo. Todas as minhas mudanças eram graças a ela.

Só que respeitar nosso acordo de amizade estava sendo mais difícil do que eu imaginava. Eu a desejava. E muito.

— Estarei na primeira fila.

— E eu vou cantar uma música para você.

Paramos de frente um para o outro enquanto esperávamos o táxi, nos encarando. O ar estava denso e meu corpo pegava fogo sempre que eu estava perto dela, mas eu precisava me segurar. Não era o momento ainda, embora eu soubesse que ele chegaria.

— Primeiro as damas.

Abri a porta do táxi e ela entrou. Dentro do carro, continuamos em silêncio, elevando a tensão a um nível incalculável. Permanecemos assim durante todo o caminho.

— Manuela...

— Boa noite, Dereck.

Eu não sabia o quê, mas sabia que precisava dizer alguma coisa. Ela saiu do carro sem me olhar, e me dei conta de que a situação estava ficando insustentável.

— Para onde, senhor? — perguntou o taxista.

— Pode seguir essa avenida mesmo.

— Dia difícil?

Olhei para o prédio de Manuela e pensei que não, o dia não estava difícil, eu é que o tinha deixado assim.

— O senhor nem imagina.

MANUELA

Dormir depois de mais um encontro maravilhoso com Dereck foi difícil. Eu não conseguia pregar o olho sem me lembrar do tempo que passávamos juntos, por isso cheguei ao hospital muito antes do horário para assumir meu plantão. Seriam as vinte e quatro horas mais longas da minha vida.

Pedi que o primeiro paciente entrasse. Não gostava de deixá-los esperando, mesmo que ainda tivesse um tempinho antes de começar. Era um adolescente. Estava pálido e suando frio. De cara, achei que fosse uma intoxicação alimentar ou algo assim.

— O que está sentindo? — perguntei a ele, mas quem me respondeu foi a mãe, que estava ao seu lado.

O garoto olhou para ela como se não fosse ele quem estivesse sentindo os sintomas. Sempre achei isso engraçado, e era uma situação mais do que comum.

— Acho que ele comeu alguma coisa estragada na escola.

Ouvi atentamente tudo que ela contava. Olhei para o paciente e afastei tudo o que tinha na mente, todos os meus pensamentos e problemas. A medicina é minha vida, e naquele momento, mesmo com todos os motivos do mundo para estar distraída, a única coisa em que eu conseguia pensar era em como fazer a dor do garoto passar.

No início da noite, quando chegou a hora do meu intervalo, me dirigi à ala da pediatria. Queria ver Will, saber como ele andava. Não estava com fome, então pulei o jantar.

— Ei, garotão, como vamos?

Will me abriu um sorriso de orelha a orelha, e eu simplesmente parei, estática, sem entender o motivo de sua alegria. Quando olhei para trás, fiquei estarrecida em ver quem estava ali.

— Diz que eu não estou sonhando. — Will esfregou os olhos, de forma dramática. — Você é o Dereck Mayer?

Dereck olhou para mim, e eu desejei de todo o coração que ele não ignorasse Will. Aquele menino já tinha sofrido demais, e tudo de que ele não precisava era a indiferença de seu ídolo.

Acho que ele ouviu minha súplica, pois abriu um sorriso sincero e foi até a cadeira em que o garoto estava.

— E aí, *brother*? Sim, sou eu, Dereck. Quer dizer que você curte um rock?

Os olhos de Will brilharam no momento em que Dereck se sentou ao lado dele. Quase chorei de emoção. Era uma cena muito linda, e peguei o celular para tirar uma foto. Achei que Dereck não se importaria. Will com certeza iria querer ter aquela lembrança.

— Cara, eu conheço todas as suas músicas. Estão todas no meu MP3. Nem acredito que você está aqui! Qual vai ser a sua próxima música? Tem algum clipe novo? Adoro os seus clipes! Eu preciso ver um show seu.

— Uma coisa de cada vez, Will. Isso está parecendo um interrogatório.

Repreendi Will, pois ele não parava de tagarelar.

— Desculpa, Dereck.

— Tudo bem, garoto. Vamos fazer um trato: eu levo essa moça bonita para conversar um pouco e amanhã volto aqui para você e eu batermos um papo. E você aproveita para me mostrar o que sabe fazer com aquele violão.

Dereck encarou o violão que estava pendurado ao lado da cama. Will abriu um sorriso, mas logo fechou a cara. Eu sabia o que viria a seguir.

— E por que você quer conversar com a Manu?

Dereck arqueou as sobrancelhas e me encarou. Sua boca se contraiu quando ele segurou um sorriso.

— Ela cuidou de mim há um tempo. Quero agradecer, só isso — explicou.

— Acho bom.

Foi um pouco engraçado ver Dereck dando satisfação para um adolescente, mas Will era muito apegado a mim e a Amanda. Ele sentia um leve ciúme.

Dereck prometeu a Will que voltaria, e, em troca, meu paciente disse que prepararia uma música especialmente para ele. Pela cara do Will, eu tinha certeza de que ele ia aprontar alguma.

— E o que você quer conversar comigo? — perguntei, tentando parecer contrariada com sua aparição repentina, mas acho que não consegui disfarçar o sorriso. Era inevitável.

— Nada de mais. — Ele segurou minha mão. Seu toque era quente e reconfortante. — Só não consigo passar um dia inteiro sem sua maravilhosa companhia.

Eu sabia que tudo aquilo era demais. A atenção dele, o carinho. A vontade de estar perto. No entanto, por mais estranho que parecesse, não conseguia achar uma prova de que Dereck estava me enganando.

— Você devia descansar. Amanhã é um grande dia.

Ele sorriu, mas desviou o olhar, como se estivesse me escondendo alguma coisa.

— Está tudo bem? — perguntei, aflita.

— Sim. Só passei para ver você, não é a mesma coisa por mensagem. Aquilo estava me irritando.

Dessa vez fui eu quem sorriu, pois, entre um paciente e outro, trocávamos algumas mensagens pelo celular.

— Você vai estar lá?

Não entendi por que ele me perguntava aquilo de novo. Eu já tinha dito que iria.

— É claro. Vou estar na primeira fila, já falei.

O alívio no rosto dele me deixou preocupada. Nossa relação era meio fora do normal. Dereck

precisava de mim e eu ansiava por ele. Estávamos longe de sermos somente amigos, mas não ultrapassávamos a barreira que nos levaria além.

— O que o garoto tem?

Sentamo-nos em um sofá de uma das salas de espera do hospital.

— Está à espera de um transplante de coração.

— É foda.

O comentário dele me lembrou Clara. Durante todo aquele tempo que passávamos juntos, eu percebia que ele evitava falar nela, mas de vez em quando algo o fazia lembrar e ele desviava o olhar, mostrando que seu amor por ela era maior do que eu podia imaginar.

— Preciso ir — falei, me levantando de repente. — Estourei meu tempo de descanso. A gente se vê amanhã.

Ele se despediu com um beijo no rosto e se foi.

Fiquei pensando em como tudo aquilo iria acabar. Mesmo que eu conseguisse alcançar o coração dele, um dia Dereck partiria. E eu sabia que esse dia estava próximo.

— Diga ao garoto que eu volto — gritou ele, antes de desaparecer pela porta.

Sorri, mas ele não viu.

Estava chegando ao meu consultório quando senti um puxão no braço. Em um primeiro momento, pensei que Dereck tivesse voltado, mas então percebi que era Eduardo.

— O que aconteceu com você? — perguntou ele.

Tentei me desvencilhar, mas ele apertava meu braço com força.

— Quer fazer o favor de me soltar, Eduardo? Está me machucando.

— Desculpa, só fiquei preocupado. Eu vi você com ele. Manuela, você tem que se afastar desse cara. Ele não faz bem para você.

Queria gritar com Edu, dizer que ele estava errado, que Dereck era tudo que eu queria, mas ele tinha razão, e não me ocorreu nenhum argumento válido para rebatê-lo.

— Agradeço sua preocupação. — Dei um abraço rápido nele. Não queria levantar suspeitas no hospital, por isso logo me afastei. — E me desculpe por eu ter te dado falsas esperanças.

Ele abriu um sorriso triste, o que me fez me sentir culpada. Não queria carregar a culpa de ter partido o coração de alguém, ainda mais o de Eduardo.

— Agora eu preciso ir — falei, constrangida. — Se cuida, viu?

Dei um breve aceno e passei por ele.

Suas palavras martelavam em minha mente, mas não chegavam ao meu coração.

“I’ll fight”, Daughtry

— Precisa de mais alguma coisa, *bro*?

Levantei a cabeça e encarei Ryan, que estava em pé na minha frente. Ele tinha um celular na mão e um fone no ouvido. Balancei a cabeça em negativa, respondendo a sua pergunta. Olhei para o lado e vi minha guitarra. Novamente, eu e ela estaríamos juntos em um palco no Brasil. A ansiedade por esse momento me arrepiava.

— A casa está lotada.

Meu primo realmente acreditava em mim.

— Ela já chegou?

— Não que eu saiba. Vou pedir ao Johnny que dê uma olhada. — Ele falou ao celular: — Por favor, verifiquem a fila. O Dereck só vai começar quando todos estiverem dentro.

Johnny tinha uma missão especial naquela noite: levar Manuela aos bastidores assim que ela chegasse. O que era para ter acontecido havia dez minutos. Minha médica favorita estava atrasada.

Fui até o banheiro e mais uma vez pinguei algumas gotas de colírio nos olhos. Não queria que ela visse o que estava acontecendo. Não queria que ela percebesse como eu era fraco.

Eu não tinha conseguido me controlar. Desde que acordei, sentia a pressão sobre mim e não tive outra saída a não ser usar o velho método. Fiz isso escondido, pois Ryan não podia saber que eu estava drogado, totalmente anestesiado.

Peguei o colete que estava em uma arara e vesti por cima da camiseta branca. Só faltava aquilo para entrar no clima do show. Era de couro preto, mesma cor da minha calça jeans.

Minha banda aguardava em outro camarim. Eu tinha pedido privacidade, e eles entenderam que eu precisava me concentrar. Mal sabiam que não conseguiria pensar em mais nada se Manuela não chegasse.

Estava ansioso, com medo e chapado.

— Sabia que tem centenas de garotas lá fora? E que elas me juraram de morte quando passei com seu segurança? Preciso verificar a validade do meu seguro de vida.

Ainda de costas, soltei um suspiro de alívio. Ela tinha chegado. Tudo estava em seu devido lugar.

Estava mais linda do que nunca. Usava uma calça jeans escura rasgada, larga no corpo, saltos altos pretos e uma blusa branca, caída em um dos ombros, deixando a pele à mostra. O cabelo, como sempre, estava solto, formando os cachos que eu tanto adorava.

Fui até ela determinado a tê-la em meus braços. Abracei Manuela e a suspendi do chão, como se o contato total com seu corpo pudesse me acalmar.

— Está tudo perfeito lá fora. — Eu a soltei. Ela me encarou e completou: — E aqui dentro também.

— Dereck, um minuto para sua entrada. *Sorry!*

Ryan segurou um sorriso quando me viu agarrado a Manuela.

— Ryan, conheça oficialmente minha amiga Manuela.

Eu a soltei e ela estendeu a mão para cumprimentar meu primo. Ryan agiu como sempre: sendo um grande babaca. Estendeu as duas mãos e reverenciou Manuela, como se ela fosse uma salvadora.

— Santa Manuela! Obrigado pelos milagres concedidos. Eu avisei ao Dex que vou erguer um altar em seu nome.

Ela me olhou desconfiada.

— Ryan, se eu te matar o show vai ser cancelado!

— Não. Você não é nada sem mim. Agora vamos. Vou colocar Manuela no lugar dela e você vai para o seu: o palco.

Não tive tempo de responder. Em segundos, Ryan já a arrastava para fora do camarim. Ela me soprou um beijo, e me senti revigorado.

Hora de entrar.

— *Let's go!* — gritei para a banda assim que cheguei ao camarim deles. — Vamos quebrar tudo e cantar a porra do rock que o Brasil espera!

Todos gritaram entusiasmados. Dimitri ergueu um copo com tequila e fez um brinde:

— A Dereck Mayer!

Todos levantaram os copos.

— Ao Dereck!

Brindaram em meu nome, e senti a adrenalina pulsar em minha veia. Engoli a tequila e senti como era doce a sensação do ardor queimando a garganta.

Estava pronto.

MANUELA

O segurança me conduziu até um dos melhores lugares. Eu me sentei e fiquei aguardando Diego chegar. Tinha avisado a Dereck que o levaria, e ele não se opôs. Ainda bem, pois não conseguiria passar por tudo aquilo sozinha. Amanda estava de plantão e praticamente chorou lágrimas de sangue quando não conseguiu alguém que a substituísse. Até cogitamos levar Will, mas, infelizmente, ele não tinha condições de sair do hospital.

Clara foi outra que fez de tudo para ir mas não conseguiu. Vitória teve febre, obrigando-a a cancelar de última hora. Eu havia dito a Clara que ia ao show, mas ainda não tinha contado tudo que estava acontecendo entre Dereck e mim.

— Está mais cheio que da última vez — comentou Diego enquanto se aproximava da mesa em que eu estava.

Era afastada, e só mais algumas pessoas estavam próximas. Acho que todos eram familiares ou amigos. Assim que Diego se aproximou, pulei sobre ele e lhe dei um abraço. Meu amigo ficou meio desconcertado, sem entender.

— O que foi que eu perdi?

— Nada. É só nervosismo.

— Sei.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, as luzes se apagaram, mergulhando a plateia em uma penumbra exceto por algumas luzes no palco.

— Lá vamos nós — disse Diego, e não demorou muito para que eu entendesse seu comentário.

As mulheres atrás de nós gritavam ensandecidas. Meus olhos se arregalaram, e tentei assimilar tudo que estava acontecendo. Nem em meus melhores sonhos eu me imaginaria vivendo aquilo.

Um por um, os integrantes da banda entraram e tomaram seus lugares. O baterista tinha o cabelo espetado, e, quando digo isso, quero dizer que se alguém caísse em cima dele poderia ter um pulmão perfurado. Ao lado estava o baixista.

— Hoje é dia de rock, Brasil! — gritou Dereck.

Eu me levantei. Não conseguia mais ficar sentada diante do que via. Refletores começaram a piscar, quase me cegando e me deixando ainda mais nervosa. De repente a luz parou de oscilar, focando em um único ponto do palco. Ele estava lá, mais lindo do que nunca.

Meu coração disparou quando vi seus olhos me buscando no meio da multidão. Assim que me achou, duas covinhas surgiram em seu rosto. A guitarra pendurada em seu ombro o deixava ainda mais sexy, se é que isso era possível.

Diego levou os dedos à boca e assoviou, fazendo muito barulho. Olhei para meu amigo, que deu de ombros como se dissesse: *estou com você para o que der e vier*.

— Esta é uma noite muito especial — dizia Dereck, no palco. — Já faz um tempo que não canto por aqui, por isso estamos ansiosos. Quero que vocês se preparem para cantar com a gente.

Ele colou a boca no microfone e deu as costas para a multidão que gritava seu nome. Seu rosto estava tenso, como se ele usasse uma máscara.

Dereck levantou o dedo para a banda e respirou fundo. Depois de três toques na bateria, a música começou. Era uma de sua autoria, e todos estavam em êxtase com a performance dele. Eu tinha passado a última semana com Dereck e sabia o que aquela apresentação significava para ele, sabia como tinha se esforçado. Era sua carreira que estava em jogo.

A música falava de um cara que lutava para impressionar uma garota. Ele viajaria para as estrelas se fosse preciso, desde que ela não se afastasse de seus braços. A voz de Dereck soava alta, rouca, penetrando em nossos ouvidos de uma forma singular. Ele fechava os olhos no refrão, sentindo cada palavra que cantava — fiquei imaginando se cantava para mim. Seu corpo era um show à parte, se movendo ao ritmo da música, sensual.

A cada canção eu percebia que Dereck se sentia mais confortável e confiante, dominando o palco e todos que estavam ali. Tudo girava em torno dele.

Quase no fim do show, ele se sentou em uma banqueta e pegou um violão. Então me lembrei do que ele havia prometido e senti um calafrio.

“Vou cantar uma música para você.”

Ele começou a dedilhar o violão, arrancando suspiros das garotas. Tirou os óculos, me encarou e disse:

— Esta canção vai para uma garota especial. A música não é minha, mas a letra fala muito do que estou sentindo neste momento. Vamos de “I’ll fight”.

Fiquei sem ar.

— Pegou pesado — disse Diego, gargalhando, mas não desgrudei os olhos do palco nem para

repreendê-lo.

Dereck cantou as primeiras estrofes olhando para mim, declamando cada nota como se eu fosse a pessoa mais importante para ele. Quando chegou ao refrão, fechou os olhos. Parecia se convencer das palavras que cantava.

But if you ever fall down straight to the bottom

And you can't get back where you started

Any place, any time

*You gotta know for you I'll fight**

Lágrimas inundaram meus olhos, e eu realmente acreditei que aquilo poderia dar certo.

Ele terminou a canção prolongando a melodia. Eu estava pronta para ir até lá e me jogar em seus braços, sem me importar com o show, com a multidão nem com as fãs enlouquecidas, quando sua voz grossa soou novamente no microfone:

— Obrigado pelos meus melhores dias. — Ele olhava diretamente para mim. — *Thanks, my friend.*

Meu queixo caiu e desejei que o chão se abrisse.

Amiga?! Era só assim que ele me via? Como uma amiga, que servia apenas para curar suas feridas? Fiquei furiosa, e queria confrontá-lo. Queria ir até Dereck, mas suas palavras me detiveram.

Diego não estava ao meu lado quando decidi que era hora de ir, mas o avistei voltando do bar com dois copos nas mãos. Nem esperei que chegasse, fui até ele. Meu amigo foi embora comigo. Parti sem olhar para trás.

Eu merecia muito mais que aquilo. E, se Dereck não estava disposto a me dar, não perderia meu tempo mais uma vez. Já tinha passado por aquilo antes e sabia muito bem como era doloroso.

* Mas se você algum dia cair direto para o fundo/ E não puder se reerguer/ Em qualquer lugar, a qualquer momento/ Você tem que saber que por você eu lutarei.

“Let me down slow”, The Rolling Stones

— Certo, onde eu assino?

Danilo começou a comemorar assim que liguei para avisar que aceitava a oferta. Já em meu apartamento, com o contrato nas mãos, meu amigo parecia que tinha ganhado na loteria.

O show tinha sido um sucesso, mas, ao deixar o palco, não encontrei Manuela. Explodi. Surtei totalmente.

Ryan procurou Manuela por toda parte e liguei milhares de vezes, mas foi tudo em vão. Ela me ignorava, e eu estava muito puto para ir atrás dela a fim de entender o que tinha acontecido. O mundo que explodisse! Pedi a Ryan que desse uma desculpa à imprensa e me tranquei no camarim. Só saí de lá depois de cheirar todo o pó que tinha e beber mais do que conseguia lembrar.

Ela estava me ignorando fazia dois dias. Não sabia o que tinha dado nela, mas, fosse lá o que fosse, tinha feito com que se afastasse de mim.

Voltei a me concentrar em Danilo. Ele estava animado, mas eu continuava com um pé atrás. Mesmo depois de ter mandado o contrato para meus advogados analisarem, não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa. Afinal, era um caminho totalmente diferente, apesar de também envolver música.

— Tenho certeza de que você não vai se arrepender. Esse negócio é a sua cara.

Mesmo com algumas dúvidas, resolvi fechar com Danilo. Precisava ficar mais um pouco no Brasil. E Manuela era o motivo principal para meu *sim*.

Assinei meu nome em cada uma das páginas do contrato e entreguei toda a papelada ao meu sócio. Estava feito!

— Ryan, como está sua documentação? — perguntou Danilo.

— Tudo certo. Faltam só alguns documentos, que vou providenciar esta semana — respondeu meu primo, com entusiasmo. — Eu já tinha me preparado para passar um tempo aqui, por causa dos shows.

Ryan havia tido uma longa conversa com a mãe. Não quis me intrometer, mas acabei escutando boa parte. Parece que tia Rachel queria que ele voltasse, mas meu primo estava muito seguro em sua decisão de ficar comigo. Ele dizia que estava na hora de ter os próprios planos. No fim, acho que conseguiu convencê-la.

— Que tal irmos à Voyeur pra comemorar? — propôs Danilo.

Não precisou falar duas vezes e Ryan já foi se aprontar:

— Vou buscar minha jaqueta.

Esse adorava uma boa putaria.

— Eu passo — falei calmamente.

Olhei o celular e havia apenas um lugar aonde eu queria ir, apenas uma pessoa com a qual compartilhar minha decisão. Mas não falei nada, pois não queria ouvir nenhum comentário. Já bastava o interrogatório da minha banda, que me infernizou durante os últimos dias com perguntas sobre Manuela.

Enquanto Ryan se aprontava, ficamos Danilo e eu na sala. Eu tomava uma cerveja enquanto meu amigo bebia água.

— Vai ser bom para você — dizia ele. — Uma oportunidade de dar a volta por cima. Dereck... eu acredito em você.

Sorri, balançando a cabeça.

— O problema, meu amigo... — levantei a garrafa de cerveja — é que nem eu acredito em mim.

— Pronto!

Ryan desceu de um pulo os últimos degraus da escada e se juntou a Danilo.

— Deixa o carro, eu vou sair.

Ryan me olhou surpreso. Acho que daria um braço para saber aonde eu iria, embora já imaginasse.

Quando os dois saíram, eu me levantei. Ela ocupava todos os meus pensamentos. Eu precisava com urgência estar com Manuela outra vez.

Não demorou para eu chegar ao meu destino. Sorri como um bobo quando vi seu carro estacionado na porta. Parece que ela fazia aquilo constantemente. Parei o meu próximo ao dela e desci.

Apreciei por alguns instantes o Opala. Quando o vi pela primeira vez, não imaginava que a dona daquela máquina seria uma mulher tão sexy como Manuela. Mas depois percebi que combinava com ela. Diferente, forte, único.

Olhei para a janela de seu apartamento e as lembranças das noites que passamos juntos me invadiram. Sempre fui um cara sensível, observador, intenso e emotivo. A vida inteira, minha mãe disse que era por causa da música. Acredito muito nisso, pois sempre coloquei todos os sentimentos nas palavras que cantava e nas melodias que compunha.

Ouvi uns passos, e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Mente e corpo já sabiam quem era. Não precisava nem olhar para ter certeza: Manuela estava chegando.

— O que está fazendo aqui, Dereck?

Assim que me virei, ela me encarou com espanto. Eu também a olhava com a mesma surpresa. Todo o sangue do meu corpo parecia ter viajado para minhas mãos, que começaram a queimar, assim como meus olhos.

Eu não sabia decifrar o que estava sentindo, mas sabia que precisava agir, ou faria uma besteira sem tamanho.

— Nada — praticamente grunhi. — Estava passando e vi seu carro parado, não resisti a namorar um pouco sua garota. Pensei em chamar você para dar uma volta com ela.

Eu sabia que ela ia sair, porque estava produzida: cabelo preso e um vestido azul até os joelhos que envolvia perfeitamente seu corpo. Depois de analisar o visual, meus olhos desviaram para a causa de todo o meu desconforto.

O médico estava ao seu lado. E sua cara de poucos amigos revelava que minha presença não era

bem-vinda.

Os dois tinham voltado. Devia ser ele o motivo para o sumiço repentino de Manuela.

O recado foi dado, mas eu não o aceitaria. Manuela já fazia parte da minha vida. E, sem pensar no que estava fazendo, minha reação foi lutar. Queria que ele soubesse disso.

O cara mantinha uma postura altiva, nariz em pé, e fez questão de passar o maldito braço pela cintura dela. Manuela ficou visivelmente desconfortável, mas não o impediu. Eles estavam juntos.

— Desculpa, Dereck, mas temos um aniversário de uma colega do hospital e Edu está indo de carona comigo — disse ela, como se tentasse se explicar.

Edu. O nome dele soou nojento aos meus ouvidos.

Manuela estava nervosa, parecia não saber como conduzir a situação. Confesso que eu também não sabia lidar com a cena que via à minha frente, menos ainda com os sentimentos que aquilo despertava em mim. Olhei para o tal Edu e tenho certeza de que vi um sorriso aparecer em sua boca.

Ela ainda tentou amenizar o clima, mas sua voz saiu mais como um sussurro:

— Quer ir com a gente?

— Acho que o Dereck tem mais o que fazer. Afinal, hoje é sábado. Nosso amigo roqueiro não deve dispensar uma boa noite. Além do mais, ele deve estar colhendo os louros do show. Parabéns, aliás.

— Obrigado — respondi, de má vontade e sem tirar os olhos de Manuela.

O playboy bateu em meu ombro, como se tivesse dito a maior verdade do mundo, como se fosse meu amigo. O sarcasmo escorria de suas palavras, e, se eu tinha alguma dúvida de que ele estava marcando território, acabou ali.

— Dereck...

Manuela tentou argumentar, mas desviou o olhar, sem saber o que dizer.

— A gente se vê por aí, cara — disse o playboy, tratando de se despedir. — Vamos, lindinha.

Sorri ao ouvir o apelido patético que o idiota tinha dado a ela. Manuela estava longe de ser “lindinha”, e estava na cara que aquele idiota não valorizava a mulher que tinha ao lado.

“Desculpa”, balbuciou ela, sem emitir som. Sorri para acalmá-la, e ela me deu um beijo no rosto antes de entrar no carro e se acomodar ao volante.

Apenas observei os dois partirem. Ainda tentava assimilar tudo que havia sentido com aquele encontro — talvez ciúme, talvez medo de que ela se envolvesse com outro e me deixasse, assim como Clara fizera. Eu estava cada vez mais perdido e confuso, e minha única certeza era de que não conseguiria voltar para casa.

Entrei no carro e mandei uma mensagem para Ryan. Iria até a Voyeur encontrá-lo.

Um pouco de distração: era tudo de que eu precisava.

— O gatinho vai querer companhia?

A voz era tão melosa e performática que feria meus tímpanos.

Sorri forçadamente. Não, eu não queria companhia, ou pelo menos não a que ela me oferecia, mas fiquei calado.

— Danilo disse que podemos usar a boate como uma extensão do estúdio. Talvez alguns dos profissionais possam se apresentar aqui. Seria como um termômetro.

Ryan não se importava em falar de trabalho com uma ruiva quase seminua sentada no colo. Ainda bem que a loira que investia em mim percebeu que do meu mato não sairia nenhum coelho, que dirá

um pau das minhas calças, e logo se afastou, procurando outra vítima para seu papinho. Ela não fazia meu tipo. Muito silicone e pouco conteúdo.

Eu não prestava muita atenção ao que Ryan dizia. Na verdade, tinha ido até ali atrás de distração, mas não chegara a tomar sequer duas doses de uísque. Nem o álcool descia bem. Toda a banda estava ali, e vi quando Kevin tirou um pacote do bolso da jaqueta. Além de mim, ele era o único que usava drogas, mas isso nunca interferira em sua performance no palco. Ele era o melhor baixista que a banda já teve.

— Quer dar um tapa? — Mesmo à meia-luz, vi Kevin colocando o pó sobre a mesa e pegando o canudo. — Só para relaxar.

Olhei para o irlandês à minha frente e reparei em sua aparência. Cabelo loiro e curto, olhos verdes e quase a mesma altura que eu. Era o segundo que mais pegava mulher na banda. Por incrível que possa parecer, o primeiro não era eu, e sim Dimitri. O cara comia todas as mulheres que davam mole para ele.

A palavra “relaxar” ecoou em minha mente. Soava perfeita para aquele momento. Assim que vi a carreira de cocaína, meu corpo estremeceu. Comecei a suar frio, a boca secou. Era como se não tomasse água havia semanas, tamanha a fissura.

Me inclinei para a frente e deixei a fraqueza tomar conta de mim mais uma vez.

Esfreguei o nariz até inalar totalmente o pó. Então deitei a cabeça no encosto do sofá e peguei o celular do bolso.

Abri a agenda e fui passando os contatos. Geralmente eu parava em Clara, mas dessa vez avancei até Manuela. Disquei e aguardei chamar, enquanto via Kevin preparar mais uma carreira.

O som ecoava em meu ouvido, e eu imaginava o que dizer a ela. A raiva voltou a tomar conta de mim assim que me lembrei do seu sumiço após o show. Eu tinha acabado de cantar para ela, e ela simplesmente fora embora. As lembranças do sorriso do idiota e da mão dele na cintura dela intensificaram o sentimento. Pensei em desligar e desistir, mas não deu tempo.

— *Hello, my friend.*

Não era ela, mas eu conhecia aquela voz.

— Oi, Amanda. Como vai? Posso falar com a Manuela?

Me levantei do sofá e me afastei um pouco das pessoas que estavam no camarote. A Voyeur estava lotada, mas ninguém ali me interessava.

— Digamos que a Manuela está um pouco impossibilitada agora. — Escutei Manuela rindo e, mesmo chapado, percebi que estava bêbada. — Acho que ela exagerou na tequila. Vou levar minha amiga para casa.

Eu me lembrei dela me contando que era fraca para álcool.

— E o cara que estava com ela? — perguntei, sem me importar em parecer um louco.

— Edu teve que ir para o hospital. Uma emergência com um conhecido. Na verdade, ele mal chegou e já saiu.

Suspirei aliviado. Pelo menos os dois não estavam juntos.

— Me fala o endereço, vou buscar vocês.

Rezei para que Amanda atendesse meu pedido e não desligasse sem me dizer onde estavam.

Deus me atendeu. Fui até o carro em tempo recorde, desviando de todos no caminho. Nas

circunstâncias em que estava, a última coisa que eu queria era ser parado por alguém. Sabia que estava alto, que a cocaína já fazia efeito, mas a vontade de estar com Manuela foi mais forte que as possíveis consequências de dirigir doidão.

Elas viriam, não havia dúvidas. Apesar disso, ter algo com que me preocupar era mais importante do que simplesmente não ter nada. E o nada era algo que eu conhecia muito bem.

MANUELA

Tudo ao meu redor girava.

— Meu Deus, nunca mais vou beber... — murmurei comigo mesma.

Abaixei a cabeça, colocando o rosto entre as mãos, mas logo percebi que era má ideia.

Tudo tinha acontecido muito rápido. Foram apenas algumas doses de tequila e parecia que um elefante dançava tango sobre minha cabeça.

Amanda surgiu do nada com um copo na mão.

— Toma isso. — Obedeci sem questionar. — Água tônica. Receita infalível para acalmar o estômago. Agora me diz: o que deu em você?

Excelente pergunta!

Olhei em volta e não vi mais ninguém por perto. O bar em que estávamos era pequeno e tinha sido fechado para a comemoração do aniversário de uma das médicas do hospital. Estávamos na área externa do bar, onde a música soava baixa.

— Eu quero ele... — confessei, não sei se para Amanda ou se para mim mesma.

— Quem, o Edu?

— Não... — Respirei fundo. — O Dereck.

Amanda não disse nada, apenas me encarava. Eu tinha vontade de gritar com ela, comigo, com todo mundo. Não sabia o que estava acontecendo dentro de mim. Tudo era muito estranho, e eu estava novamente experimentando sensações que havia muito tempo não sentia. Dereck ter dito que eu era uma ótima amiga fez com que eu me escondesse por dias, e eu não queria passar por aquilo novamente. Queria ser muito mais que uma amiga. Merecia muito mais.

Ainda amava Felipe, sempre o amaria, mas nunca me fiz de vítima, sempre ansiei pelo dia em que meu coração seria novamente de outra pessoa. Sempre esperei pelo momento em que me veria como o amor da vida de alguém, mas nem em meus piores pesadelos imaginaria que esse alguém viesse a ser Dereck.

Estava tudo muito errado!

— Ele esteve na minha casa hoje, me viu com Edu. Não sei o que dizer sobre a reação dele. Parecia estar com ciúme, o que eu não entendo. — Joguei as mãos para o alto, frustrada. — Ele deixou claro que não ia rolar nada entre a gente a não ser amizade. Amanda, ele disse no meio do show que eu era uma amiga. Argh!

Assim que o vira de costas na frente do meu prédio, meu corpo tinha se enrijecido e meu coração começara a bater descompassado. Edu percebeu como eu me sentia e me fuzilou com um olhar de censura.

Dereck tinha feito sua escolha, e eu havia feito a minha ao convidar Eduardo para ir ao meu apartamento.

— Manu, eu não sou a melhor pessoa para dar conselhos amorosos. Na verdade, sou péssima. — Amanda sorriu, um pouco sem graça, o que me fez prestar atenção em suas palavras. — Mas está na cara que vocês estão ligados. Eu vi como ele olhava para você no karaokê. Senti todo o seu entusiasmo nas últimas semanas. Porra, um simples cinema deixou você nas nuvens! E, apesar de eu achar o Edu um cara interessante, não é ele quem você quer, e não é certo o que você está fazendo com ele.

— O Dereck só quer a minha amizade. Ele está um pouco perdido, não sabe lidar com a perda da Clara e com o caminho que a sua vida profissional está tomando — expliquei. — Ele me quer como um refúgio, como um apoio. Amanda, eu já passei por isso uma vez, não quero viver isso de novo!

— Bom, querendo ou não, diga “oi” para o seu amigo, pois ele acaba de chegar. E, meu Deus, o homem sabe como deixar uma mulher quente.

Levantei a cabeça, sem entender muito bem o que Amanda dizia, mas quis correr assim que meus olhos se fixaram na porta.

Sim, eu o queria, e agora ele estava ali na minha frente.

Confusa, desviei os olhos para Amanda, que apenas me estendeu o celular, sem deixar de analisar milimetricamente o homem que caminhava até nós.

— Você devia colocar senha.

— É. Devia.

Guardei o celular, indignada com a capacidade de Amanda ser tão cara de pau. Só havia uma maneira de Dereck ter chegado até ali, e é claro que Amanda era a responsável.

— Eu te deixo sozinha por uma noite e você quer beber todas as tequilas do mundo?

Ele me olhava com um ar divertido, mas havia algo diferente, algo que eu não reconhecia.

— Todas? — Amanda bufou. — Foram só quatro doses. E aí, gato, tudo bem?

— Não, mas vai ficar.

— Eu sou fraca para álcool — expliquei, e os dois riram.

— Percebi — disse Dereck. — Vamos lá, eu te levo em casa, já que o playboy te abandonou.

Ele estendeu a mão, que aceitei, e me levantou. Em sincronia, olhamos para nossos dedos, que se entrelaçavam de forma natural.

— Ele teve que atender uma emergência.

Dereck me abraçou. Descansei a cabeça na curva do seu pescoço, inalando seu cheiro inebriante. Ele usava um perfume forte, cheio de personalidade. Era impactante. Pousei a mão em seu peito e a deixei ali.

— Sorte a minha.

Três palavras foram o suficiente para me desestabilizar por completo. Amanda já tinha saído, e não foi uma boa ideia ficarmos sozinhos. Me afastei um pouco e fitei sua boca.

Seus dedos apertaram os meus, como se ele estivesse travando uma luta. Lembranças do nosso único beijo me invadiram, e tudo que eu mais queria era reviver aquelas sensações. Nossos olhos não se desgrudavam, o que estava me deixando incomodada.

Eu estava desarmada diante dele.

— É estranho... — sussurrou Dereck. — Eu me vejo nos seus olhos. Isso nunca aconteceu.

Dizendo isso, ele se virou rumo à saída. Peguei a bolsa de cima da mesa e o segui. Os convidados

que se divertiam na pista de dança não nos notaram, apenas Amanda me viu sair, me lançando um olhar de aprovação.

Duque estava dormindo e não se importou com o barulho que fizemos quando chegamos. Dereck deixou seu carro no estacionamento do bar e veio dirigindo minha garota. Eu ainda estava um pouco zonzinha, não conseguia entender por que as pessoas bebiam tanto. A sensação é horrível. Você perde o controle do próprio corpo.

— Você está bem? — Era a décima vez que ele me fazia essa pergunta.

— Sim. Como vocês conseguem ficar bêbados? — falei, dirigindo a ele minha indignação. — Isso é uma droga.

Dereck estava de pé na minha sala, as mãos nos bolsos do jeans que combinava com a jaqueta escura. O estilo Dereck de se vestir.

— Com o tempo você se acostuma e já não faz o mesmo efeito. — Não sei por quê, mas, após dizer isso, seu olhar se desviou, como se ele se sentisse culpado. — Vou chamar um táxi.

Antes que ele pudesse tirar o celular do bolso, eu o alcancei. Precisava fazer alguma coisa.

E fiz.

Me joguei sobre ele, enlaçando seu pescoço, puxando-o para mim.

— Por favor, não faz isso — suplicou Dereck, mas suas mãos tomaram conta da minha cintura, me segurando firme. — Não quero fazer isso com você, Manuela. Você é diferente.

— Não quero ser diferente.

Eu ia explodir. Até minha voz soava carregada. Não me reconhecia, mas estava disposta a deixar a Manu de lado para ser a Manuela forte e decidida de que Dereck tanto falava. A Manuela *dele*.

Ele não desgrudava as mãos da minha pele. Pelo contrário, seus dedos se cravaram em meu quadril, fortes e desesperados. Levei a boca até seu rosto e deslizei o nariz por seu pescoço, fazendo com que ele soltasse um gemido abafado.

Uma de suas mãos subiu pela lateral do meu corpo, arrastando o tecido do vestido junto. Dereck mantinha a cabeça levantada, me deixando explorar seu pescoço, e era o que eu fazia, deslizando a ponta da língua por toda a extensão de sua pele.

De repente, o vestido não cobria mais meu corpo, e minhas pernas cruzaram na cintura do homem que eu tanto desejava. Dereck segurou minha bunda, caminhando comigo grudada a ele. Seus olhos presos aos meus revelavam que ele me daria o que eu tanto queria — e o que ele também desejava.

Fui jogada no sofá sem nenhuma delicadeza.

Observei cada movimento que ele fazia. Primeiro, o chão do meu apartamento recebeu sua jaqueta e depois a camiseta preta. Minha boca salivou com a visão de seu peito nu, e me sentei pronta para tocá-lo, mas Dereck segurou minhas mãos assim que eu toquei seu abdômen.

Apesar de ver desejo em seus olhos, eu via também algo sombrio.

— Se vamos fazer isso, será do meu jeito. Eu preciso disso, preciso que me deixe comer você da minha maneira.

Assenti com a cabeça.

Eu queria.

Queria apenas me deixar levar.

Ele se ajoelhou na minha frente e se encaixou entre as minhas pernas, afastando meus joelhos.

Minhas mãos tinham vida própria, queriam acariciá-lo, mas não me atrevi a contrariá-lo. Dereck estava muito sério quando disse que faria do seu jeito.

— Você é uma tentação, Manuela. Gosta de provocar, não é? Quer me deixar maluco, é isso? — perguntava ele insistentemente, mas eu não tinha forças para responder. Estava envolvida por uma nuvem de tesão que me paralisava. Queria gritar e pedir por mais, mas meu cérebro não me obedecia, a voz simplesmente não saía.

Vendo minha reação, Dereck continuou me torturando. Seus dedos tocavam lentamente a parte externa e nua das minhas coxas. Estava muito lento.

— Quero ver se vai continuar muda quando eu estiver enterrado em você. Porque, baby, eu quero você gritando meu nome.

— Dereck...

Implorei para que ele continuasse falando. Suas palavras me levavam a um patamar de desejo que eu não sentia fazia muito tempo. Perigosamente, seus dedos foram explorando o lado interno das minhas pernas. Eu sentia minha barriga se contrair e o calor me tomar por inteira.

Merda! Eu estava tão louca de tesão que seria capaz de gozar antes que ele fizesse algum movimento. Não que eu fosse diferente da maioria esmagadora das mulheres, mas o clima, o álcool e o fato de ser Dereck me tocando faziam com que tudo ganhasse uma proporção surreal.

— Me diz o que você quer. — Joguei a cabeça para trás e gemi assim que senti seu dedo ultrapassar a calcinha. Ele estava muito próximo. — Se não me disser, eu vou parar. O que você quer, Manuela?

— Por favor, me toca — implorei.

Se ele fosse embora, eu morreria.

— Tira o sutiã.

Levei as mãos às costas e soltei o fecho da lingerie, como ele pediu. Meus seios se libertaram, e fiquei impressionada com a sensibilidade que tinham adquirido.

Com o olhar desafiador, Dereck observava tudo, cada movimento que eu fazia. Como ele era lindo, com todas aquelas tatuagens e piercings...

— Coloque os pés no sofá — ordenou ele.

Obedeci: flexionei os joelhos e fiz como ele pediu, ficando totalmente exposta. Só a calcinha de renda me separava dele.

— O que você quer? — repetiu Dereck, mais alto e mais ríspido.

Puxei todo o ar dos meus pulmões e pedi.

— Me toca, por favor, e não para de falar — implorei, chorosa.

Ele abaixou a cabeça por alguns segundos e, quando a levantou novamente, vi as covinhas se formando em seu rosto, acompanhadas de um sorriso cafajeste.

Não senti vergonha. Era o que eu queria.

— Quem diria, a dra. Manuela gosta de ouvir sacanagem. — Enquanto falava, ele puxava o tecido da calcinha para o lado.

Vi quando ele entreabriu a boca e deixou que a língua deslizesse por entre seus lábios. Desejei que fizesse aquilo em mim.

— Vou chupar sua boceta até você implorar que eu pare, e, quando isso acontecer, vou enfiar a

língua dentro de você até você gozar na minha boca.

Ele me atacou ferozmente. Num movimento involuntário, tentei me afastar, mas suas mãos me prendiam no sofá, mantendo minhas pernas abertas de uma forma agressiva.

Eu sentia dor onde seus dedos se cravavam em minha pele, mas o tesão era ainda maior. Seus lábios não se movimentavam, somente sua língua girava em torno do meu clitóris.

Ele sabia exatamente o que fazia. Levei as mãos aos seios e comecei a me tocar. Dereck levantou os olhos, analisando o movimento que eu fazia, e pareceu gostar do que via.

— Muito linda... — Seus dedos abriam meus grandes lábios. Eu estava pronta para gozar quando ele passou a língua em toda a minha extensão. — Eu falei que você ia gritar meu nome, não falei?!

Não entendi o que ele queria dizer, até que senti seu dedo me invadir.

— Dereck... Dereck!

Sim, eu gritei. Mas, assim como prometera, ele não parou. Seu dedo entrava e saía de mim, tocando em um ponto desconhecido, enquanto sua língua brincava com meu clitóris. Levantei as costas do sofá, me arqueando, mas Dereck me empurrou de volta, me segurando com a mão livre.

— Goza, Manuela. Estou aqui para receber tudo o que você vai me dar.

De repente, senti um vazio. Ele tinha retirado o dedo.

Mas em poucos segundos me invadia novamente, dessa vez com a língua.

Eu já estava à beira de um orgasmo indescritível quando ele começou a fazer um som com os lábios. Sua língua vibrava conforme ele emitia sons desconexos, e aquilo estava me levando à loucura. Era como se estivesse cantando uma melodia, com meu clitóris preso em seus lábios durante aquele excitante concerto.

— Vou gozar, Dereck... Não aguento mais... O que você está fazendo?

Gritei novamente, e ele intensificou os movimentos.

Eu estava alucinada. A luxúria nos envolvia e me fazia tremer.

O orgasmo veio arrebatador, me deixando fora de mim. Meu rosto queimava, e eu tinha certeza de que ninguém no mundo estava tão saciada quanto eu.

Abri os olhos vagorosamente, somente para vê-lo tirar a calça. Seu pau estava pronto para me foder. Era lindo.

Minha boca salivou, e ansiei pelo momento em que pudesse ter tudo aquilo na boca. Dereck abriu um preservativo e o desenrolou por toda a extensão do pau, deixando claro que meu desejo de chupá-lo seria adiado. Eu ainda estava escancarada para ele, sentia meu gozo escorrer por entre meus grandes lábios, molhando a calcinha.

Dereck se aproximou e rasgou a calcinha em um só movimento.

Ele guiou o pau até minha boceta e eu me segurei no sofá, aguardando o momento em que ele me teria por inteiro.

— Caralho! — esbravejou ele enquanto seu pau abria espaço dentro de mim. O membro de Dereck era grosso, do tamanho perfeito. — Está vendo isso? Você me engolindo inteiro? Gulosa, safada... *Shit!*

Dereck passou a falar em inglês. Ele me preenchia por completo, tornando o prazer quase insuportável, não dando tempo para traduções.

De joelhos, ele colocou o corpo sobre o meu e sua língua deslizou por entre meus seios até chegar

à minha boca e me consumir em um beijo de tirar o fôlego. Ele chupava minha língua com ferocidade, e eu retribuía igualmente voraz.

Quando ele começou a se movimentar mais rápido, eu o abracei e usei a força que me restava para puxá-lo ainda mais para dentro de mim.

Rápido. Muito rápido.

Meu corpo balançava, e eu lutava inutilmente para não me entregar a outro orgasmo que já crescia. Era uma questão de tempo até eu me desmanchar novamente.

— Boceta gostosa — disse Dereck, entre os dentes. — Eu falei para você não me provocar, mas você não escutou. Queria meu pau dentro de você, não é, dra. Manuela?

Não respondi. Não tinha forças.

— Olha para mim! — gritou ele, e segurou meu maxilar, me fazendo encará-lo. Seu olhar era sombrio, não parecia o mesmo, como se algo o estivesse possuindo. — Amanhã você vai se lembrar de não me provocar.

Suas estocadas passaram a ser avassaladoras. O barulho ecoava por toda a sala.

Inclinei a cabeça para trás, aguardando o que viria.

Fiquei perdida nas sensações. Dereck beijava meu pescoço, seus dentes mordiscavam meus seios. Lambia e chupava meus mamilos. Eu gemia em troca. Tudo começou a queimar e eu não queria olhá-lo, mas Dereck puxou meu rosto, como um animal. Sua expressão emanava dor ou outro sentimento que o transfigurava, me deixando ainda mais confusa.

— Vou gozar... — avisou ele. — E você vai ver o que eu realmente sou: nada.

— Dereck, você é tudo — tentei dizer, no momento em que ele colocou o braço entre nós e começou a massagear meu ponto sensível.

— Preciso de você comigo — suplicou ele.

Suas arremetidas se tornaram inexplicáveis, me dando o prazer pelo qual eu ansiava.

Gritei... gritei... gritei.

Mas não sei se emiti algum som, pois estava fora de mim. Dereck segurou meu quadril e me penetrou fundo uma última vez, caindo sobre meu corpo enquanto eu sentia seu pau estremecer dentro de mim.

Ficamos em silêncio por vários minutos.

— Dorme comigo — sussurrei em seu ouvido. Ele levantou o rosto e me encarou. — Por favor.

Sorrindo, ele balançou a cabeça.

— Vamos tomar um banho.

Eu não sabia o que sentir.

Dereck se levantou e tirou a camisinha antes de me estender a mão. Eu estava tonta, não mais pelo álcool, e sim pelas sensações que havia experimentado. Foi tudo muito intenso, e minha mente ainda não conseguia assimilar o que havia acontecido, mas de uma coisa eu tinha certeza: um sentimento novo tomava conta de mim, e não era paixão ou amor, mas medo do que estava por vir.

“Every time I look at you”, Kiss

Acordei, mas minha vontade era não abrir os olhos. Lembranças da noite anterior martelavam minha mente e eu me recusava a enfrentar as consequências das minhas ações.

Sentia Manuela enroscada em mim.

Seus braços estavam sobre meu peito e suas pernas estavam entrelaçadas às minhas. Eu me mantinha imóvel, com medo de que ela acordasse, pois ainda não sabia como começaria a pedir desculpas e a implorar que ela continuasse em minha vida.

Manuela estava bêbada, não tinha noção do que estava fazendo. Seu corpo pedira por sexo, o que era natural. Somos adultos e estávamos atraídos um pelo outro, resistindo ao desejo havia muito tempo, mas eu deveria ter me controlado, deveria ter resistido e não cedido ao tesão que me consumia.

Não podia ter agido como agi, feito um animal descontrolado que almejava apenas saciar seus instintos. Manuela não era uma presa, um objeto, era uma mulher incrível que sairia correndo assim que percebesse quem eu realmente era.

Sentir sua respiração em meu pescoço me fazia querer correr. Eu não podia ter feito aquilo.

Desde o início eu sabia. Manuela era diferente, era muito melhor que qualquer uma das minhas groupies ou as prostitutas aleatórias com quem vinha transando nos últimos meses.

Foi mais forte do que eu.

Estava louco de desejo e infelizmente não consegui conter minha vontade de fazê-la minha. Dei a ela o que queríamos. Sem pensar em arrependimentos, sem me importar com o dia seguinte, sem pensar em como ela se sentiria assim que soubesse que, enquanto transávamos, a cocaína pulsava em minhas veias.

Eu estava drogado, mas não foi por causa da droga que me entreguei. A conexão entre nós era cada vez mais forte, mais incontrolável. No entanto, tenho certeza de que sem aquela merda eu não teria feito mal à única mulher que conseguira tirar Clara da minha cabeça.

Eu tinha sido um bruto, agido como um animal.

Manuela iria me odiar.

— Dereck...

Put a que pariu! Ela acordou.

Abri os olhos e vi dois cristais verdes me encararem.

Ela não tinha consciência de como era linda, ou tinha e simplesmente não se importava, o que a deixava muito mais interessante. Estava totalmente nua, coberta apenas por um lençol.

— Perdeu o sono, dra. Manuela?

Acaricieei seu cabelo e senti que ela relaxou, como se estivesse com medo de que eu me afastasse e minhas palavras tivessem aliviado o temor. Eu estava inclinado a fazer exatamente isso segundos antes de seus olhos me encararem, porém, mais uma vez, fui fraco e desisti.

— Volte a dormir, Manuela. O dia ainda nem clareou.

— Só se você prometer que também vai dormir.

Ela fez uma carinha de criança mimada, e só pude rir do seu jeitinho manhoso. Aquele era um lado seu que ela ainda não havia me mostrado. Puxei seu corpo para mais perto do meu e levantei o lençol, cobrindo a nós dois. Ela voltou a deitar no meu peito, bem acima do meu coração. Eu me apavorei.

Eu ansiava pelo dia em que me entregaria a outra com a mesma intensidade com que me entregara a Clara, e uma coisa precisava reconhecer: Manuela era perfeita para mim. E, se alguém podia me trazer de volta, essa pessoa seria ela.

Dei um beijo em seu cabelo e fechei os olhos. Não demorou muito para o sono me nocautear. Eu estava muito cansado, não só pelo sexo, mas por tudo o que tinha feito antes de me encontrar com Manuela. Na verdade, estava mentalmente exausto. Muita coisa ao mesmo tempo, e uma variedade de sentimentos novos para assimilar.

— Droga! Droga! Porra! Seu drogado filho da puta!

Enrolei uma toalha na mão direita e soquei a parede do banheiro várias vezes. Eu queria era arrebentar a cara naquele azulejo. O ódio tomou conta de mim e o pânico me dominou. Eu estava com medo, muito medo.

Nos últimos anos e principalmente nos últimos meses, nunca havia tido uma noite tranquila de sono. Sempre tinha pesadelos, lembranças tristes, insônia. Trocava o dia pela noite, mas não adiantava.

Então, assim que acordei e percebi que Manuela ainda estava ao meu lado, que já era dia e que eu tinha dormido uma noite inteira ao lado de uma mulher incrível, sorri aliviado, me achando uma pessoa normal, desejando uma vida normal. Mas o sorriso desapareceu assim que me sentei na cama com a intenção de me levantar para preparar o café da manhã para Manuela. Quando ela se virou para o outro lado, meus olhos foram atraídos para o seu quadril.

Eu não acreditava no que estava vendo. Não acreditava no que tinha feito.

Levei a mão fechada à boca e mordi os nós dos dedos, contendo o grito de terror que se construía em minha garganta.

Manuela estava toda marcada.

Roxos do tamanho da palma da minha mão manchavam sua pele lisa e delicada. Marcas de dentes cobriam a barriga e os seios. Seu lindo corpo estava cheio de placas vermelhas. E o animal culpado por tudo aquilo era eu.

— Meu Deus — murmurei, tentando me controlar.

Não podia acordá-la, não podia ver o pânico em seus olhos e a certeza de que me riscaria de sua vida depois de perceber o que eu era capaz de fazer, então me levantei devagar, sorrateiro, o movimento típico de quem tem culpa e está prestes a usar a covardia como proteção.

A covardia é o escudo mais comum de quem não acredita no poder do perdão. E eu não acreditava que Manuela pudesse me perdoar. Eu mesmo não sabia se me perdoaria.

Olhei para o espelho e me amaldiçoei. Amaldiçoei o dia em que voltei para o Brasil. Amaldiçoei o

Jack Daniel's que me fizera parar no hospital. E, principalmente, amaldiçoei o dia em que Manuela sorria para mim.

Saí rapidamente do banheiro e segundos depois cheguei à sala. Vesti a cueca boxer e a calça jeans, que estavam no chão.

— Hoje não, garoto. — Acariciei o pelo de Duque, que ronronava, pedindo comida. — Sua mãe já vai acordar, e trate de ser um bom garoto.

Já estava totalmente vestido, com a mão na maçaneta para ir embora, quando ouvi uma voz.

— Então é isso? — A voz de Manuela estava carregada de um misto de decepção e tristeza. — Quer deixar um cheque como pagamento? Se vai me tratar como uma prostituta, pelo menos quero receber por isso. Acho justo!

— Você não sabe o que está falando.

Eu sentia raiva do seu tom. Será que ela não percebia que havia chegado aonde mais ninguém conseguira?

— O que eu sei é que você é um filho da puta de um covarde. Um cara que fala tanto de sentimentos, que vivencia sensações que a maioria dos homens desconhece ou tem coragem de assumir, e agora está fugindo como um adolescente de merda? Correr para não admitir que se arrependeu, que foi horrível e que não vai se repetir?

Eu me virei para ter certeza se era mesmo Manuela quem estava falando aquilo. Palavras descabidas que não faziam nenhum sentido. A insegurança e a baixa autoestima não combinavam com ela.

Um choque atravessou meu corpo. Manuela estava enrolada no lençol, o cabelo cacheado caindo sobre o ombro. Linda, tão naturalmente bela que não precisava de mais nada para enlouquecer um homem. Não precisava de mais nada para *me* enlouquecer.

Fui até ela e senti seus olhos se arregalarem com minha aproximação. Parado na sua frente, levantei o tecido que cobria seu corpo. Manuela observou meu movimento.

A dor pela antecipação do que eu veria a seguir era palpável.

Puxei o lençol, deixando-a nua. Levei os dedos até sua cintura e acariciei os roxos que manchavam sua pele.

— Isso não é nada. A gente só exagerou — disse ela.

Balancei a cabeça, mais uma vez transtornado.

— Eu fiz isso, Manuela. Machuquei você. Não finja que eu não sou um animal, não me trate normalmente depois de eu ter marcado você inteira.

Ela levou a mão ao meu rosto, mas me esquivei. Não merecia seu carinho nem qualquer tipo de afeto.

— Eu quis isso, não sou idiota. Sei diferenciar sexo violento de violência. São coisas totalmente distintas.

Meu corpo inteiro tremeu ao ouvir aquela barbaridade. Segurei seu braço e a arrastei até o quarto. Acendi a luz e a coloquei de frente para o espelho.

— Jura que era isso que você queria? Seu corpo marcado? Você não pode estar falando sério. — Alterei o tom de voz, para que ela entendesse como era errado o que eu tinha feito. — Eu machuquei você, Manuela!

Voltei para a sala, determinado a ir embora. Ainda escutei meu nome ser chamado quando cruzei a porta, mas estava tão desesperado que não olhei para trás.

Deixei-a sozinha. Não poderia voltar a fazer aquilo com ela. A única saída era me afastar.

“Um dia lindo”, O Rappa

— Ele ligou?

Eu tentava esquecer a última vez que vira Dereck, mas Amanda insistia em me lembrar a melhor e ao mesmo tempo pior noite que tivera nos últimos tempos.

Sete dias. Uma semana desde o melhor sexo da minha vida.

Tinha sido tudo perfeito. Dereck me deu um prazer indescritível, uma explosão de sentimentos e sensações. Eu me senti uma mulher completa.

Até o dia seguinte.

Nunca imaginei que passaria por aquilo. Estava acostumada a ser quem determinava o que aconteceria após uma noite de sexo. Invariavelmente, era eu que mandava o cara embora. Ver Dereck deixando meu apartamento daquela forma mexeu comigo, me fez perceber como eu estava vulnerável. Tive medo de ficar sozinha e de nunca mais voltar a sentir tudo aquilo.

Dereck foi embora sem olhar para trás. Deixou marcas em meu corpo que logo sumiriam, ao contrário da decepção em meu peito, que talvez nunca desaparecesse. E Amanda não entendia isso.

— Estou acompanhando ele pelas redes sociais. Parece que aconteceram alguns problemas no segundo show. Teve um atraso enorme e os fãs reclamaram, mas depois todo mundo elogiou a performance dele.

Eu não queria ouvir nada daquilo e não entendia qual era a intenção de Amanda em ficar me atualizando sobre a vida de Dereck.

— Vamos deixar uma coisa clara: ele não ligou. Eu também não vou ligar. Acabou, Amanda. Agora vê se não me enche mais o saco sobre esse assunto. O Dereck não faz parte da minha vida. Ele já passou. E, vai por mim, as lembranças que deixou são amargas.

Era assim que eu me sentia: amarga. Dereck deixara em mim um sentimento de frustração enorme. Bem que ele tinha me dito para ficar longe, que sexo para ele era questão de momento, que depois descartava as mulheres. Mas a burra praticamente implorou para transar com ele.

Patética!

Eu me levantei da cadeira da cafeteria e não voltei a olhar para Amanda, que permaneceu calada. Precisava voltar para meu consultório e verificar minha agenda. Havia muito o que fazer, e eu precisava tirar Dereck da cabeça.

— Oi, Manu. — Eduardo me abriu um belo sorriso assim que me avistou. — Manu, você está bem? Eu tinha parado por alguns segundos, olhando para seu rosto. Edu ainda sorria para mim.

É... eu ia esquecer o Dereck. Por bem ou por mal.

— Que tal um cinema?

Seus olhos brilharam com meu convite, e, se possível, seu sorriso se alargou ainda mais. Infelizmente, a porra do meu subconsciente foi mais forte que eu e imediatamente imaginei duas covinhas em seu rosto. *Dereck, filho da puta.*

— Você não tem plantão hoje?

— Estou na clínica. Nada de plantões esta semana.

Ele assentiu, compreendendo.

— Posso te buscar às nove?

— Nove horas — confirmei, mas por um momento me arrependi do que estava fazendo.

Era errado usar Edu para esquecer Dereck. Ele gostava de mim. Apesar de ter se revelado um pouco possessivo, era um cara bacana e merecia uma chance. Além do mais, às vezes o errado se torna necessário.

Edu me deu um beijo no rosto.

— Você não vai se arrepender, prometo — sussurrou ele em meu ouvido.

— Não tenho dúvidas.

Devolvi o beijo e segui meu caminho. Antes de entrar no consultório, olhei para trás: lá estava ele no mesmo lugar, olhando para mim.

Eu estava muito ferrada.

Entrei na UTI e vi Will na cama. Amanda estava ao lado dele, ainda de cara feia para mim por causa da nossa discussão. Eu sabia que tinha exagerado e que lhe devia um pedido de desculpas, mas achei que ela esqueceria, como sempre fazia. Dessa vez, porém, ela estava realmente magoada comigo.

— E aí, gatinho, como está?

Will tinha sofrido um ataque cardíaco dois dias antes. Na verdade, estávamos ficando preocupados. Se não aparecesse logo um coração, ele não resistiria. Tinha sido por pouco.

— Cara, já falei para não me chamar de gatinho. Isso não faz sucesso com as mulheres.

Parecia uma bronca, mas eu vislumbrava um sorriso em seu rosto. Um pouco tímido, mas ele parecia tranquilo com tudo o que estava acontecendo.

— Como você está?

Segurei sua mão e a acariciei, demonstrando que estava ao seu lado.

— Não foi dessa vez. — Ele sorriu. — Ainda estou meio grogue por causa dos remédios, mas Amanda disse que já vai passar. E que história é essa de cinema com o dr. Eduardo?

Encarei Amanda. Ela deu de ombros.

— Não me olha assim. Eduardo esteve aqui e comentou comigo que vocês iam ao cinema.

— Merda! Eu ainda tinha esperanças — bradou Will, chamando nossa atenção.

— William Rodrigues, eu tenho idade para ser sua mãe, menino.

Amanda deu uma risada, e fiquei feliz por ela não estar totalmente chateada comigo.

Will ficou emburrado. Ignorei sua careta, mas, assim que me virei, ouvi o garoto sussurrar:

— Minha mãe não é tão gostosa assim.

Minha amiga soltou uma gargalhada e eu lancei um olhar de fúria para ela, mas logo comecei a rir também. Will não tinha jeito, era um típico adolescente, e, quando se juntava com Amanda, os dois quase punham o hospital abaixo.

— Ele está bem? — perguntei a Amanda, baixinho.

— Acabamos de fazer um eletro. O coração dele está falhando. O dr. Joaquim disse que talvez Will não suporte outra parada — explicou ela, discretamente, certificando-se de que o Will não a escutava.

Não quis prolongar o assunto por medo de que ele nos ouvisse.

— E nós duas? Estamos bem?

Fiquei apreensiva. Eu não suportaria perder a amizade de Amanda.

Ela pensou por alguns longos segundos antes de responder:

— Só se você me contar todos os detalhes do seu encontro com o “Edu ossos gostosos”.

Fiquei atônita. Aquela era nova.

— “Ossos gostosos?”

— Você não sabe? Piada interna sobre ortopedista gato.

Balancei a cabeça, ainda incrédula com o apelido que ela havia colocado em Eduardo, mas não questionei, pois seria pior.

— Combinado. Conto tudo.

— Todos os detalhes — reforçou ela.

— Todos os detalhes.

— Até os sórdidos?

— Até os sórdidos, Amanda.

Antes de sair, olhei mais uma vez para Will. Ele era o segundo paciente com quem eu me envolvia emocionalmente. O primeiro tinha sido Clara, com quem eu dividira todas as tristezas e sofrimentos de estar à espera de um transplante.

Como se pressentisse que estava pensando nela, assim que saí do quarto meu celular tocou. O nome da minha amiga surgiu no visor.

— Olá, sua sumida. Está transando tanto com o Lobo Mau que esqueceu sua amiga? — brinquei.

O silêncio do outro lado me fez ficar apreensiva.

— Clara, aconteceu alguma coisa?

— Manu, eu vi o Dereck.

O chão desapareceu dos meus pés.

— Manu, está me ouvindo? — perguntou ela, ansiosa.

— Eu ouvi... — pensei alguns segundos no que falar. — Clarinha, a gente precisa conversar. Tem uma coisa que você precisa saber.

“Don’t look back in anger”, Oasis

— Manu, não temos a noite toda, lindinha! — gritou Edu.

Bufei em frente ao espelho. Por pouco o batom que eu estava passando não foi parar no nariz. Se ele soubesse como eu detestava que me chamassem de lindinha...

Eu deveria ter cortado o apelido no início, mas acabei deixando rolar. Agora seria impossível fazê-lo parar de me chamar assim, como se eu fosse uma adolescente de quinze anos.

— Manu! — gritou ele novamente.

— Já vou!

Seria uma noite longa.

Cheguei à sala, e, depois de longos minutos me encarando abertamente, Eduardo resolveu que era hora de falar. Pelo menos causei uma boa impressão.

— Uau... você está maravilhosa. Sou um homem de sorte.

Receber um elogio é sempre bom para a autoestima, ainda mais vindo de um homem como Eduardo, que era o sonho de toda mulher: bem-sucedido, inteligente e educado, sem falar na beleza física: olhos azuis, cabelo castanho, corpo atlético de quem pedalava todos os dias e um sorriso de destruir corações.

Acabei encarando-o mais do que gostaria. Ele estava de jeans escuro e camiseta branca de mangas compridas, com decote em V, que lhe dava um ar mais jovem. Edu tinha estilo, então ele praticamente ficava perfeito em tudo que vestia. Ainda assim, eu me sentia imune a todo o seu charme.

Fazia uma semana que tínhamos voltado a sair. Edu estava sempre muito presente, galanteador, e beijava muito bem. Claro que ele tinha tentado algo a mais, mas pedi que fosse com calma, pois ainda não tinha esquecido a noite com Dereck, e, apesar de meu colega médico ser muito gostoso, não queria correr o risco de trocar os nomes dos deuses quando estivéssemos na cama.

Edu não desistia. Parecia que havia me tomado como um desafio, pois sua insistência em me conquistar só aumentava.

— Tem certeza de que não quer ir para um lugar mais calmo? — perguntou ele assim que chegamos à Voyeur. — Podemos ir a um barzinho com música ao vivo, o que acha?

Estávamos na fila para entrar. Edu me abraçou por trás, colocando as mãos na minha barriga e falando no meu ouvido.

— Já disse que você está linda?

— Algumas vezes. — Sorri.

Eu tinha decidido me arrumar mais naquela noite. Usava uma saia de couro preto com uma camisa um pouco transparente e me sentia bem. Isso incluía os malditos saltos altos.

— Vamos ficar aqui mesmo. Hoje estou a fim de dançar. Amanda disse que o DJ da noite é um dos melhores da Europa e eu quero conferir. Se bem que os gostos da Amanda são meio duvidosos...

— Com certeza!

Edu sorriu, mas não me soltou, e eu não sei por que aquilo estava me incomodando. Não eram os braços que eu queria em volta de mim, nem a boca de que eu necessitava no meu pescoço. Mas não iria me lamentar. Dereck tinha feito sua escolha, e eu estava acompanhada de um dos melhores partidos da cidade. Amanda estava certa, eu tinha era que aproveitar.

Inclinei a cabeça para trás e me apoiei no peito de Edu. Ele demorou alguns segundos para entender, mas, quando entendeu, não deixou barato: passou o nariz por meu pescoço até estar com a boca na minha orelha. Seu sussurro causou um leve arrepio pelo meu corpo.

— Você me deixa louco, sabia?

— E não somos todos loucos? Um bando de loucos perdidos neste mundo? — repliquei.

— Você não está mais perdida. Não enquanto estiver ao meu lado.

Sua declaração me fez suspirar. Foi um baque para mim, pois era a promessa do que eu ansiava fazia muito tempo: ter alguém ao meu lado. Mas tentei não pensar muito e decidi aproveitar a companhia de Edu.

Assim que entrei, me dirigi à escada, pensando que desceríamos para a pista, como de costume, mas Edu segurou forte minha mão.

— Hoje vamos ficar lá em cima. Um dos sócios é meu paciente e me convidou para conhecer a área VIP.

— *U-lá-lá!* — brinquei, sorrindo. — Mas temos que avisar Amanda. Ela vai ficar uma fera se não souber. — Tirei o celular da bolsa, pronta para mandar uma mensagem, mas Edu me interrompeu mais uma vez:

— Já avisei. Você acha que Amanda perderia tempo? Já deve até ter chegado.

Entre as coisas que Eduardo e eu tínhamos em comum estava o carinho por Amanda. E a certeza de que ela não era deste mundo.

Subimos um lance de escada e, como Edu previra, Amanda já estava no camarote, com Diego a tiracolo. Os dois dançavam animados, e a animação deles tomou conta de mim. Sorri ao ver meu amigo. Quando nossos olhares se cruzaram, me emocionei, tamanho era o carinho que sentia por Diego. E imediatamente me arrependi de tudo o que tinha feito na última semana. Em uma tentativa de afastar Dereck dos meus pensamentos, tinha usado Edu como um tapa-buraco e acabara não falando com Diego, com medo de suas broncas.

— Como está minha médica favorita? — disse Diego, se aproximando e me puxando para um abraço.

— Perdida — falei baixinho, para que só ele me ouvisse. — E você, como está?

Diego se afastou e vi a preocupação em seus olhos, mas, ao ver Eduardo ao meu lado, ele deixou para lá.

— Extremamente cansado — respondeu. — O mano está cada vez mais ausente do escritório, e com a saída do Nando ficou tudo muito mais complicado.

— O Nando deixou vocês? — perguntei, perplexa.

Nando era um advogado brilhante que tinha se criado debaixo das asas de Diego, por isso eu nunca

imaginária que ele deixaria a Ferraz, ainda mais em um momento como aquele, quando Alexandre havia decidido que diminuiria a carga de trabalho para curtir a filha e a esposa.

Pensando em minha amiga, me lembrei do nosso encontro aquela semana. Não tive coragem de falar sobre meu envolvimento com Dereck. Não sei o que aconteceu, mas, assim que vi Clara, travei. Não queria que ela pensasse que eu era uma traidora. Ela me disse que vira Dereck em um restaurante, mas que ele não a vira. Apesar de não ter nenhuma dúvida do amor de Clara por Alexandre, senti todo o carinho que ela nutria por Dereck. Ela sabia que ele não estava no Brasil para lhe causar problemas. Quando ela me confessou isso, soube que era o momento de contar sobre meu envolvimento com ele, mas não tive tempo: Alexandre chegou ao café em que estávamos e achei melhor não falar sobre Dereck na frente dele. Clara poderia estar tranquila com a presença do ex-namorado no Brasil, mas eu não podia dizer o mesmo do marido dela.

Voltei a prestar atenção no que Diego dizia.

— Na verdade, ele tirou uma licença. A mãe está muito doente e parece que o pai não consegue cuidar dela sozinha. Mal de Parkinson. Não tinha como segurá-lo no escritório. Família acima de qualquer coisa.

Era apaixonante como Diego falava da família. Um verdadeiro príncipe.

— Ei, eu estou aqui! — Amanda se aproximou, sacudindo as mãos para chamar minha atenção. — Sei que não sou tão charmosa quanto o Di, mas tenho minhas qualidades.

Ela passou as mãos pelo corpo, deixando escorregar até as coxas cobertas por uma saia vermelha que ia até a cintura. Um cropped da mesma cor com um pouco de transparência completava o visual mulher fatal da minha amiga.

— Você é muito gostosa! — elogiei, e me aproximei para um abraço. — Mas, convenhamos, é o Diego.

Ela levantou a mão, balançando-a no ar como se eu tivesse razão.

— O que vocês vão beber? — perguntou Edu.

— Uísque — respondeu Amanda.

— Só uma água, por favor.

Nem a pau que eu beberia novamente. De jeito nenhum! *Nope! Never!*

Amanda sorriu para mim, entendendo meus pensamentos.

— Da última vez não deu muito certo, né?

Sacudi a cabeça, concordando.

Eu me lembrei da última noite em que tinha bebido, da frustração ao ver Dereck indo embora do meu apartamento. Nunca mais ele dera sinal de vida. Eu só sabia das notícias do seu último show.

— Deixa de chorumelas e vamos dançar.

Amanda me arrastou até o centro do camarote e nos soltamos ao som do DJ de quem ela tanto tinha falado durante a semana.

— Ele é lindo — sussurrou.

Olhei na direção em que Amanda olhava. Ela babava por um gatinho que passava ao lado do nosso camarote. Devia estar na área ao lado, pois entre um camarote e outro havia um corredor que dava para a escada, por onde ele tinha passado. O cara era bem bonitinho e até me lembrava alguém, só que eu ainda não sabia quem.

Sorri, pois Amanda não tinha jeito. O cara devia ser uns dez anos mais novo que ela. Como se minha amiga se importasse com idade.

Ela se virou, apoiando as costas no parapeito do camarote, e seus olhos seguiram predadoramente o garoto até ele perceber que estava sendo observado. Assim que Amanda notou o olhar correspondido, virou-se, como se aquilo não fosse o que ela queria.

— Está no papo — vangloriou-se. Ela olhou o relógio de pulso, conferindo as horas. — Dou dez minutos para ele voltar.

— E como você pode ter tanta certeza disso?

— Aqui é Amanda, baby. Cola em mim que é sucesso.

— Colar em você? Você só pode estar louca.

Ela sorriu, sem se importar com o meu comentário. Continuamos dançando, e logo Edu e Diego se aproximaram. Apesar de as dúvidas explodirem em meu cérebro a todo momento, relaxei um pouco mais e passei a aproveitar a noite. A presença de Diego aliviava meu nervosismo com relação a Edu.

— Oito minutos e cinquenta segundos. Nada mau.

Levei alguns instantes para entender sobre o que Amanda falava: o gatinho que ela havia secado estava parado na porta do nosso camarote. A sensação de que eu o conhecia ficou ainda mais forte. Amanda deu um “tchauzinho” para mim e seguiu rebolando na direção do cara.

Os dois trocaram sorrisos e Amanda seguiu com ele para o camarote ao lado, confirmando o que eu havia pensado. Acompanhei os dois com o olhar até sumirem de vista, mas continuei sem lembrar quem era o cara.

— Vou cumprimentar uma amiga que está pista — avisou Diego, me dando um beijo no rosto. — Já volto.

Ficamos somente Edu e eu. O clima do local mudou completamente, ficando mais pesado, e, por mais que eu tivesse decidido dar uma chance a ele, o desconforto era constante, surgia sem que eu pudesse controlar. Eu estava cada vez menos à vontade com Eduardo.

Ele se aproximou e grudou o corpo ao meu, me embalando no ritmo da música. Seus olhos pousaram sobre meu rosto e vi o quanto me desejava. Ele fez um movimento e previ que me beijaria, então me afastei abruptamente e me desvencilhei de seus braços. Sua expressão foi de nítida decepção.

— Preciso ir ao banheiro — falei, forçando um sorriso.

— Claro, lindinha. Acompanho você.

— Não precisa. — Praticamente gritei. — Não vou demorar — completei, agora mais gentil, na tentativa de consertar a lambança que tinha feito.

Dei um beijo em seu rosto e saí.

Estava no corredor que dava acesso ao banheiro quando vi Amanda praticamente correndo na minha direção.

— Acho que é hora de irmos embora — disse ela.

Achei aquilo estranho, pois ela era arroz de festa, sempre a última a sair.

— O que foi? O molecote não deu conta da Amanda? — brinquei, e continuei abrindo espaço entre as pessoas para chegar ao banheiro, mas ela segurou meu braço. — Amanda, você está me deixando preocupada.

— Digamos que o garoto com quem eu estava conversando é primo de um astro do rock. — Ela levantou a sobrancelha e mordeu a boca, demonstrando nervosismo.

Tudo fez sentido. Eu conhecia Ryan, primo do Dereck. Eles estavam juntos no dia em que nos reencontramos, ali mesmo na Voyeur, e também no dia do show. Como pude esquecer?

Fiz com que Amanda soltasse meu braço e fui na direção do camarote. Estava com raiva. Queria uma explicação daquele filho da puta e não podia deixar a oportunidade passar. Precisava saber por que ele tinha desaparecido.

— Manu, por favor, eu sei que não tenho muito jeito com essas coisas de dar conselhos, mas, por favor, só dessa vez, me escuta!

Amanda praticamente suplicava, então eu parei, a poucos metros de onde Dereck estava.

— Não vai lá — pediu ela.

Infelizmente, eu estava com tanta raiva que ignorei suas súplicas. Assim que me virei, voltei a ouvir os lamentos dela.

— Obrigada pela parte que me toca — dizia Amanda. — Depois não diga que não avisei. Ninguém me escuta mesmo, não sei por que ainda tento...

Primeiro vi Ryan. Estava de costas discutindo com Dereck, as mãos no peito dele, impedindo que andasse. Falavam em inglês, e, a cada palavra de Dereck, Ryan o empurrava. Passei os olhos pelo local e senti como se tivesse levado um soco na barriga: estava cheio de mulheres, uma mais linda que a outra. Loiras, ruivas, morenas. Duas se pegavam no sofá, praticamente transando. Vários copos estavam espalhados sobre a mesa, coberta por um pó branco que eu sabia muito bem o que era.

— Quando cheguei, ele estava cheirando.

As palavras de Amanda me acertaram em cheio. Dereck estava se drogando!

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu me lembrava de todas as nossas conversas. Dereck nunca escondera que estava desequilibrado, sempre foi transparente. Algumas notícias na mídia levantavam essa hipótese, mas eu nunca havia tido motivos para acreditar que os boatos fossem verdadeiros.

— Gostou do que viu? — gritava Dereck por cima do ombro de Ryan, que tentava segurá-lo, impedindo-o de se aproximar de mim. — Esse sou eu...

Ele abriu os braços, mostrando as mulheres e as bebidas ao redor.

— Dex, por favor, você não pode chegar perto dela nesse estado. Me escuta.

— Me solta, Ryan — rosnou ele para o primo.

— Desculpa, mano, mas dessa vez não vou obedecer. Você gosta dela, eu sei disso, e se eu te soltar depois do tanto de pó que cheirou você vai fazer uma besteira. Não faz isso, primo. *Take it easy, please.*

Eu tentava entender o que Ryan dizia, assimilar as palavras, mas tudo me enojava. Meu estômago se revirava e minhas mãos queimavam com uma vontade imensa de dar umas boas bofetadas na cara do Dereck.

E foi o que eu fiz.

Caminhei até ele determinada. Vendo que eu não pararia, Ryan se afastou. Ainda de braços abertos, Dereck abriu um sorriso. Não me concentrei nele, não me concentrei nas covinhas que se formavam em seu rosto, me concentrei somente na raiva que sentia por ele estar destruindo a própria vida.

O tapa estalou. O rosto de Dereck virou, e assim que ele me encarou novamente eu me dei conta de tudo.

— Você estava drogado — falei, constatando o óbvio. — Por isso estava tão diferente naquele dia. Por que não me contou?

— Puta que pariu, Manuela. — Dereck passou as mãos pelo cabelo, me deixando ainda mais preocupada. Era palpável a dor em seus olhos, transmitindo toda a culpa que ele sentia por aquela noite e o que ele devia ter sentido ao acordar e me ver toda marcada. — Você não me deu escolha. Estava tão linda e gostosa, implorando para eu te comer... Queria o quê? Eu te desejei desde que pus os olhos em você. Mas eu queria te afastar de tudo que eu sou!

Dereck se aproximou de mim e me segurou pelos punhos, sustentando meus braços no ar. Tentei me afastar, mas ele foi mais forte. Ryan se pôs ao lado dele, como se estivesse pronto para intervir caso as coisas saíssem do controle.

— Você não me deu escolha — vociferou Dereck novamente.

— O que está acontecendo aqui?

Era a voz de Eduardo.

Péssimo momento.

Dereck apenas olhou, viu quem tinha chegado e me soltou, mas se manteve próximo enquanto Ryan ia até a porta, impedindo a entrada de Eduardo. Ouvi os dois discutindo, mas não consegui tomar uma atitude.

— Vai embora com o mauricinho. Ele é perfeito para você.

— Do que você está falando?

— Meu Deus, Manuela, como você é ingênua. — Ele foi extremamente frio, sarcástico. — Você não faz parte do meu mundo. — Dereck foi até o sofá, tirou uma nota de dentro da carteira e a enrolou. Eu observava cada detalhe sem acreditar. — Droga, álcool e putas. Essa é a minha vida. Quer dar um tiro? — Ele apontou para o canudo que acabara de fazer.

No momento em que o vi cheirar a carreira à sua frente, lágrimas desceram pelo meu rosto. Senti alguém me puxando enquanto ele me encarava com ar de deboche.

— Vamos, lindinha. Esse cara é um babaca drogado.

— Escuta o seu namorado, “lindinha”. Eu sou um filho da puta de um drogado. Aqui nunca será o seu lugar.

Percebi o desprezo em sua voz, como tentava fazer com que eu me sentisse inferior a ele, mas eu sabia que era o contrário — sabia que ele queria me fazer entender que não era bom o suficiente para mim.

Eu queria ficar, queria ajudar Dereck de alguma forma, mas Edu tinha razão em chamá-lo de babaca. Por isso, quando Amanda me puxou em direção à saída, eu me deixei levar. Minha amiga e Ryan trocaram olhares, mas Amanda balançou a cabeça em negativa, deixando claro que ela também não apoiava aquele tipo de conduta.

— Você está bem, amiga?

Amanda percebeu que eu estava muito abalada e me abraçou com carinho, mostrando que estava ao meu lado.

— Não, mas vou ficar.

Edu e eu aguardamos a chegada do carro em frente à boate. Eu não conseguira encontrar Diego para avisar que estava indo também, então mandei uma mensagem.

— Francamente, Manu. — Até então, Edu tinha se mantido em silêncio. — Não acredito que você se envolveu com aquele cara. Logo você, tão inteligente. Como foi cair na lábia daquele drogado metido a roqueiro?

— Você não sabe do que está falando — retruquei, contida, pois tinha muita gente em volta e eu não queria ser o centro das atenções mais uma vez.

— Claro que sei! Ele só quer usar você. O cara é famoso. Você viu como é a vida dele. Acha que ele é homem de uma mulher só? Acha que ele é homem para você?

Eu já não aguentava mais ouvir Edu falar. Apesar do ódio mortal que eu sentia por Dereck, eu entendia o que ele estava passando, por incrível que pareça. Ele tinha perdido a mulher que amava e quase perdera a carreira, tudo que o fazia feliz.

E eu estava perdendo minha paciência.

“Os cegos do castelo”, Nando Reis

— Aonde você vai, Manu?

Ignorei os gritos de Eduardo e saí correndo como uma louca. Queria ir embora o mais rápido possível.

Não acreditava no que tinha acabado de ver. A cena embrulhava meu estômago. Era por isso que ele se mantinha tão distante, por isso que não se abria. Era por isso que não me deixava entrar em sua vida.

Eu me sentia frustrada e, mais ainda, decepcionada. Dereck estava destruído por causa de Clara. Tudo que ele fazia nos últimos tempos girava em torno do amor que ele perdera, e eu não sabia como tinha me apaixonado por alguém naquele estado.

Sim, eu tinha me apaixonado. Depois de tanto tempo, meu coração tinha voltado a bater mais forte por alguém, só que, mais uma vez, esse alguém não me pertencia.

Virei a esquina correndo, sem nem pensar para onde iria. Fugir de todo mundo e ficar sozinha era tudo o que eu queria. Não havia mais vozes. A música da boate já soava distante.

Entrei em uma rua estreita e me apoiei no muro por alguns minutos, tentando estabilizar a respiração. Estava ofegante e cansada. Passei a mão pela testa e sequei o suor que pingava. Ainda era madrugada, e me assustei quando percebi que não reconhecia o local em que estava. Apesar de saber que não tinha me afastado muito da boate, não me lembrava do caminho que tinha feito até ali.

Além de tudo, estava perdida.

— Droga! — gritei.

— Depende de qual tipo você quer. Também estou esperando — disse uma voz na escuridão.

Olhei para os lados e vi um homem se aproximar. Ele tinha o cabelo bagunçado, usava jeans, camiseta de marca e um relógio que com certeza não era falsificado. Suspirei, um tanto aliviada, pois ele não me parecia tão ruim. Bem, pelo menos não me faria mal.

— Não, obrigada.

— Que isso, gatinha. Vai se fazer de rogada agora? Estamos no mesmo barco. Eu, você e o meu amigo ali. — Ele apontou para um ponto atrás de mim.

Como se minha vida dependesse de quão devagar eu me mexesse, me virei lentamente. O homem se aproximava com um sorriso no rosto e uma garrafa de uísque na mão. Olhei em volta: não havia mais ninguém, apenas eu e o medo que agora me controlava.

— Vi você na boate. Te achei muito linda, gata.

Assim que ele disse isso, um calafrio percorreu meu corpo. Ele se aproximou. Notei seus olhos vermelhos, assim como os de Dereck. O outro cara se aproximou ainda mais, cambaleando de tão

bêbado, e fiquei encurralada entre os dois.

— Ela é gostosinha, não é? — disse o cara atrás de mim.

— Aham. É, sim.

Três palavras que me colocaram em pânico.

O que estava à minha frente me encarou, me olhou de cima a baixo e sorriu. Um sorriso que deixou seu rosto sombrio. Temi pelo que poderia acontecer comigo e então, não restando mais dúvidas de que estava em apuros, gritei:

— Socorro! Alguém...

O cara atrás de mim passou os braços na frente do meu corpo, me segurando, ao mesmo tempo que o homem à minha frente tapava minha boca.

— Sem escândalo, gatinha. Vai ser melhor assim.

Eu me sacudia e batia os pés no chão, tentando me afastar, mas ele era muito forte, era como nadar contra a correnteza. Mesmo assim, eu não parava. Só imaginar o que estava por vir me deixava desesperada. Eu não podia deixar aquilo acontecer.

Apesar de me debater muito, não consegui evitar que me arrastassem para um beco. Eu sabia que se entrassem comigo ali tudo estava perdido, então me desesperei, sabendo que era minha única chance de escapar.

— Para com isso, sua vagabunda, ou vai ser pior. Além de te comer, vou fazer um estrago nesse seu rostinho.

Senti algo frio no rosto: uma faca pequena. Por um instante parei e apenas me deixei ser carregada, temendo pela minha vida, mas, quando estávamos chegando, decidi que aquilo seria pior que a morte.

Eu preferia morrer a ser violentada.

Voltei a espernear e a me debater com todas as forças que me restavam. O ar faltava em meus pulmões e minha garganta se fechava em consequência de todo o pavor, mas continuei lutando.

Aproveitando um momento de distração do homem que tapava minha boca, mordi sua mão.

— Sua puta maldita! — gritou ele, levantando a mão em punho.

Senti o impacto. Meus olhos se fecharam e minha cabeça girou violentamente. Tudo ficou escuro e roguei a Deus por um milagre, zonha em meio à dor.

— Coloca ela no chão. Acredita que essa cadela me mordeu?

Risadas. Palavras. *Meu Deus! Levanta, Manuela, por favor.*

— Vou mostrar pra ela o que é bom, e depois é a sua vez.

Por favor. Alguém me ajuda.

Quando finalmente consegui abrir os olhos, vi que ele tirava o cinto. Tentei gritar, mas minha voz não saiu. Tudo ficou escuro novamente.

Mãos geladas pousaram sobre meus ombros e senti minha blusa sendo rasgada. Meu primeiro impulso foi tentar esconder os seios, mas não consegui. Senti uma dor forte no mamilo direito quando os dentes do homem se cravaram em minha pele.

— Você é muito gostosa. Olha pra mim. — Ele puxou meu rosto, me obrigando a encará-lo. Abri os olhos mesmo sem querer. — Vou acabar com você. E depois de te foder vou deixar o meu amigo ali — ele segurou meu queixo, virando meu rosto para o cara que estava encostado na parede — começar tudo de novo. Depois a gente vai meter juntos. Você vai gostar, gatinha. Dois paus enfiados

em você. Vai ser gostoso, você vai ver.

— Não... — falei, quase inaudível.

— Vai, sim. Olha só para você, tem cara de que é uma putinha gostosa. No final — ele abriu um sorriso repugnante —, você vai gozar gostoso.

Não sei como consegui, mas usei o que me restava de forças e cuspi no rosto dele.

A consequência veio logo em seguida. Mais uma vez senti a pancada no rosto e a escuridão se fechando. Dessa vez foi um tapa, mas com tanta força que pareceu um soco. Minha cabeça tombou.

Tentei pensar em algo de que gostasse muito. Ocupei minha mente com meus pacientes e meus amigos: Clara, Will, Amanda, Diego e até Dereck.

Ouvi gritos, ruídos desconexos, e pensei que tudo estava acabado. Tinha perdido a noção do tempo, mas já esperava o fim. Tudo que vinha em minha mente era que estavam me matando.

Mais gritos.

— Desgraçado! Eu vou matar você.

Não era possível.

Tentei abrir os olhos, mas só vi um vulto branco. Vários minutos agonizantes, preenchidos apenas por sons indecifráveis.

Senti meu corpo ser erguido do chão, e, mesmo sem entender por quê, uma onda de alívio tomou conta de mim. Era como se o fim não fosse tão ruim quanto eu pensava.

— Pelo amor de Deus, Manuela, vai ficar tudo bem. Eu prometo. Só fica aqui comigo.

Eu não precisava abrir os olhos para saber quem era. Apenas uma pessoa me chamava de Manuela. Era o motivo para eu ter chegado até ali, mas também o motivo para eu estar viva.

Fechei os olhos novamente.

“Iris”, Goo Goo Dolls

Manuela foi embora e me perdi em meus pensamentos. Era como se eu fosse um mero espectador da minha própria vida. E o único vilão.

Durante os últimos dias, não conseguia fazer mais nada a não ser continuar na mesma merda de sempre. O que não era muito difícil, pois, desde que Clara me deixara, eu fazia a mesma coisa: drogas e sexo, sexo e drogas. Era o que me consumia.

Afundi o máximo que pude em tudo aquilo do qual precisava me afastar, mas que a cada dia fazia mais parte de mim e de quem eu era. O show quase foi um desastre. Se não fosse por Ryan, eu nem tinha subido ao palco, de tão doido que estava. Maltratei meus pais, que tinham viajado até ali só para me assistir. Ignorei a imprensa. Fumei, cheirei, bebi. E, depois de muito esforço, consegui começar o show.

As últimas semanas tinham sido o mais profundo inferno, como se fosse possível me atolar ainda mais naquele meu mundinho de autodestruição. Sentia raiva, saudade, remorso, indignação. Minha rotina se resumia a noitadas regadas a sexo, álcool e drogas. Praticamente não dormia desde a última vez que tinha estado com Manuela. Desde que passara a noite inteira em seus braços, não conseguia descansar.

Fui ao hospital, ao apartamento dela, ao seu restaurante favorito, mas não tive coragem de me aproximar. Cheguei a segui-la quando ela se encontrou com Clara, e me senti dividido, sem saber o que sentir.

Por isso, quando vi Amanda chegando ao nosso camarote, acompanhada de Ryan, meu corpo imediatamente entrou em frenesi. A mera possibilidade de ver Manuela já me deixava desnorteado. Sério, eu parecia um adolescente prestes a se encontrar com a primeira namoradinha.

Mas então me toquei, lembrei por que a havia abandonado naquela manhã: eu não era bom o suficiente para ela. E, não, eu não estava me fazendo de vítima. Realmente não queria arrastá-la para minha vida de merda.

A carreira de pó já estava à minha frente quando Amanda e Ryan chegaram, foi só aspirar. Eu sabia que a garota contaria a Manuela, na verdade estava torcendo por isso. Talvez assim ela se conformasse em ficar longe de mim.

Danilo não se preocupava com o que fazíamos, e naquele local não havia paparazzi. Johnny ficava na porta do camarote, vigiando qualquer um que se aproximasse, permitindo acesso somente à minha banda e às garotas de programa contratadas para a noite. É... nos últimos dias eu tinha comido algumas. Aquilo me fazia bem. Eu esquecia as duas mulheres da minha vida, porque, é claro, Manuela não vinha sozinha, trazia consigo as lembranças de Clara. E, assim como eu não tinha sido quem

Clara precisava que fosse, também não bastaria para fazer Manuela feliz.

No entanto, por mais que eu transasse, nenhuma mulher me saciava como Manuela. Nada poderia ser comparado ao sexo que tínhamos feito. Por alguns momentos as bonecas bem-vestidas e maquiadas me faziam bem, mas nenhuma fazia *sentido*. Para elas, eu era apenas um prêmio. Uma noite trepando com Dereck Mayer. Por isso é que Manuela e Clara eram diferentes: elas me viam como eu realmente era.

Ali, no camarote da boate, levei alguns segundos para decidir o que fazer. Assim que caiu a ficha da merda que eu tinha feito, corri como um louco atrás dela, mas não a achei em nenhum lugar. Encontrei Amanda furiosa na porta da boate, pois Manuela tinha saído sozinha. Não avistei o idiota que estava com ela antes, mas não podia culpá-lo: eu era o único responsável pelo que estava acontecendo.

Comecei a procurar Manuela pelas ruas próximas, eu e Ryan, que me acompanhava todo o tempo. Ele não disse uma única palavra, e agradei por sua ajuda silenciosa. Minha consciência fazia um excelente trabalho ao me punir impiedosamente.

Minutos depois, me deparei com um beco escuro. Desejei desesperadamente que Manuela não tivesse entrado ali, mas, para minha desgraça, um som chamou minha atenção. Com os olhos, busquei por Ryan, que verificava o outro lado da viela. Entrei em pânico quando percebi que meu primo também havia escutado um grito abafado.

O ódio se apoderou de mim.

Dois homens estavam com Manuela. Um deles a tocava.

Avancei contra ele e, como um touro descontrolado, o joguei na parede. Meus olhos queimavam, e eu não pensava em mais nada a não ser em matar aquele desgraçado. Meu punho desceu contra seu rosto diversas vezes, impiedosamente — eu não conseguia parar. Ouvi barulhos, escutei a voz de Ryan, mas não me virei. Só o que eu queria era espancar o homem que havia tocado nela. Queria que ele virasse uma massa em minhas mãos.

Apesar da pouca luz, percebi que meu desejo não estava muito longe de se cumprir. Os olhos do filho da puta embaixo de mim estavam esbugalhados. O sangue descia por seu rosto e já faltavam dentes em sua boca.

Levantei o braço mais uma vez, com a certeza de que sua morte seria minha paz, mas fui impedido por Ryan, que me deteve ao dizer aquele nome:

— A Manuela...

Olhei para trás: minha Manuela estava caída no chão em posição fetal, rasgando meu coração e expondo todos os meus medos. Medo de perder mais alguém.

Corri até ela e a peguei nos braços. Fechei os olhos enquanto escutava Ryan murmurar algumas palavras ao telefone. Apertei Manuela contra meu corpo e tentei rezar. Se existia um Deus que pudesse salvá-la, eu rogaria para ele. Se existisse algo que pudesse tirar a dor da minha Manuela, eu trocaria tudo que tinha na vida pelo seu alento.

Por um momento seus olhos se abriram, e os meus se fecharam quando vi o esverdeado de seu olhar em meio à vermelhidão.

— Obrigada... — murmurou ela, antes de apagar.

Acho que ela não tinha noção do que estava acontecendo, pois sua gratidão era o que eu menos

merecia naquele momento.

— Meu Deus!

Levei as mãos ao rosto, me sentindo impotente.

Manuela estava imóvel no leito. O soro em sua veia me deixava ainda mais desesperado. Sentado ao seu lado, eu sentia o ódio vibrar em meu corpo. *Ela podia ter morrido*, acusava minha consciência. Se eu não tivesse chegado a tempo, nunca teria me perdoado. Estaria perdido.

Balancei a cabeça, angustiado. Eu estava sendo egoísta, pensando somente em como seria minha vida se algo tivesse acontecido a ela, sem sequer imaginar como seria quando Manuela acordasse.

Me aproximei da cama e toquei sua mão. As escoriações mostravam quanto havia lutado. Senti meus olhos queimarem ao pensar no que se passara e me segurei para não desabar. Sua respiração estava agitada, fazendo seu peito subir e descer em um ritmo irregular.

Agradei por ela estar respirando.

— Estou aqui, minha linda. Por favor, fique bem — supliquei.

Na verdade, para estar ali eu precisara superar alguns obstáculos.

Amanda partiu para cima de mim assim que saí da ambulância. Socava violentamente meu peito, mas seus golpes eram insignificantes, ao contrário do olhar, que revelava uma força e um ódio descomunais. Ela me queria longe de Manuela e fez questão de deixar isso bem claro.

— Se chegar perto dela outra vez, vou até o inferno só para rasgar essa sua carinha bonitinha. Estou falando sério, Dereck. Não a arraste para a merda da sua vida. Ela não merece isso.

Já sabíamos que Manuela não tinha sido violentada, apesar de estar muito machucada, mas pensar nos agressores me provocava náuseas. Tive que ir ao banheiro duas vezes, pois não suportava me lembrar da cena sem vomitar. Para minha sorte, Ryan chamou a polícia e passou duas horas na delegacia explicando o que havia acontecido enquanto eu acompanhava Manuela ao hospital. Quando chegou, me informou que eu também teria que prestar depoimento. Não me importei. Só o que me preocupava era ela.

Irredutível, Amanda só me deixou ver sua amiga quando Diego chegou. Nunca pensei que ficaria tão aliviado ao ver um Ferraz, mas só ele foi capaz de convencer Amanda a me deixar vê-la.

— Depois que você voltar, teremos uma conversa de homem para homem — disse ele, antes de me deixar entrar.

Segurei a raiva, pois não estava em posição de exigir nada, muito menos de fugir das consequências dos meus atos.

Fazia duas horas que eu havia deixado Ryan, Amanda e Diego na sala de espera. Meu tempo com Manuela estava acabando, logo eu teria que deixá-la, mas eu não havia dito nem uma palavra do que ela precisava ouvir. Estava apaixonado e queria que ela soubesse que meu coração batia exclusivamente, inteiramente por ela.

Mas não falei nada.

Eu me levantei e a fitei mais uma vez. Seu rosto estava sereno, apesar das marcas deixadas pela brutalidade daqueles filhos da puta. Ao pensar neles, minhas mãos se fecharam e tive que me lembrar como se fazia para respirar.

— Eu vou voltar, Manuela, por você.

Beijei sua testa, selando minha promessa.

Era chegada a hora. Ou eu mudaria ou perderia a única mulher que conseguiria juntar meus cacos.

Ao sair do quarto, alguém chamou meu nome. Clara correu na minha direção e me abraçou, aos prantos. Fechei os olhos e inalei o perfume doce que exalava dela. As lágrimas escorriam profusamente e seu rosto emanava sofrimento.

— Ela vai ficar bem? — perguntou.

Sua presença era muito familiar e ao mesmo tempo muito perturbadora. Eu me sentia deslocado diante dela, mas também surpreso ao perceber que alguma coisa havia mudado. Meu coração reconhecia Clara, acho que sempre o faria, mas naquele momento batia unicamente por Manuela.

— Ela é mais forte do que a gente pensa. Coloca nós dois no chinelo — brinquei, tentando aliviar a tensão, mas dizendo apenas aquilo em que acreditava.

Clara se afastou. Por mais que as lágrimas continuassem caindo, um sorriso tímido surgiu em seus lábios. Ela sabia o que estava acontecendo entre Manuela e mim. E eu não queria esconder nada.

Ao levantar os olhos, vi Alexandre a alguns metros de nós. Sua postura mostrava que, mesmo acreditando que o abraço que Clara havia me dado não passava de um gesto de amizade, ele se sentia desconfortável. Eu não poderia culpá-lo, pois tinha tentado lhe tirar a mulher que amava.

Fui até ele e estendi a mão. Era a primeira vez que o via desde que deixara meu apartamento, em Nova York.

— Precisa de um advogado? — perguntou ele, para minha surpresa. — Você está machucado, e, segundo o que seu primo nos contou, os desgraçados levaram uma surra épica. Pode se complicar.

Sua postura era profissional, mas também de alguém que se solidarizava com o que eu estava passando, entendia os sentimentos decorrentes da situação. Estava na cara que ele só queria ajudar. Levei a mão ao rosto, um pouco abaixo do olho esquerdo: não tinha me dado conta de que estava ferido.

— *Thanks!* — agradei. — Vou acionar os advogados da gravadora. Com certeza eles têm profissionais atuando no Brasil.

Ferraz tirou um cartão do bolso e me entregou. O nome “Alexandre Mendes Ferraz” reluzia no cartão. Balancei a cabeça e o guardei no bolso. Diego se aproximou e falou:

— É melhor você ir embora. O Eduardo esteve aqui faz pouco tempo e está transtornado, culpando você pelo que aconteceu. É melhor evitarmos mais um confronto, porque isso não ajudaria em nada na recuperação da Manuela.

Suas palavras me atingiram como um soco no estômago, mas não tive outra opção a não ser concordar. Eu precisava ir embora. Toda a adrenalina da noite tinha potencializado os efeitos da cocaína, e agora viria o mais difícil: a sensação de fracasso.

Assenti com a cabeça e, antes de sair, sorri para Clara, que era consolada pelo marido. Ryan saiu primeiro, depois de trocar algumas palavras com Amanda, que ainda mantinha a cara fechada para mim.

— Queria que você soubesse o quanto fez mal a ela — disse Diego, segurando meu braço —, mas, pela dor nos seus olhos, estou vendo que já sabe. A culpa já está cobrando um preço alto de você.

Puxei o braço, e ele se afastou, liberando o caminho.

Ryan me aguardava em frente ao hospital. Entrei no carro, permitindo que meu primo me levasse para longe dali. Tinha consciência de que, se continuasse na cidade, não estaria longe o suficiente.

A distância protegeria Manuela de mim, mas tudo o que eu desejava era que essa distância deixasse de existir em algum momento de nossas vidas.

“Wherever you will go”, The Calling

A sensação de acordar como se na noite anterior tivesse enfrentado Ronda Rousey numa luta de UFC não é muito legal. Ainda mais se você não durou nem um segundo no ringue.

— Um pouquinho de corretivo e, *voilà*, vai ficar linda!

Sentada na beira da cama munida de um nécessaire e um espelho, Amanda tentava me animar. Duvido muito que maquiagem resolvesse meus problemas, pois nem argamassa disfarçaria o estrago. Isso sem falar em como eu me sentia.

— Como vai, dra. Manuela?

Gilberto entrou no quarto com o sorriso de sempre, o mesmo que acalmava muitos dos nossos pacientes. E, naquele momento, eu era um deles.

— Um pouco zozna — respondi ao meu colega de clínica geral.

— Isso é normal depois do que você passou.

Ele conferiu meus sinais vitais. Meus olhos arderam ao seu toque em minha pele, pois sentia vergonha pelo que tinha acontecido comigo. Fui uma irresponsável. Não deveria ter saído da boate daquela forma, e paguei um preço caro por minha infantilidade. Só não foi mais grave porque Dereck apareceu.

Perguntei por ele assim que acordei, e a única resposta que recebi de Amanda foi “Afastese dele”. Eu sabia que minha amiga estava certa. Todo o meu envolvimento com Dereck tinha me levado até aquele momento. E, por mais que as atitudes tenham sido minhas, Dereck tinha sido a catapulta que me lançara naquele abismo. Eu precisava me afastar. Agora mais do que nunca.

Meu Deus, quase fui estuprada.

A constatação fez lágrimas brotarem em meus olhos. De repente, senti tudo de novo: os braços daquele homem me envolvendo, sua boca mordendo meu mamilo e dizendo as atrocidades que pretendia fazer comigo, o sorriso do amigo dele, excitado em assistir àquela violência.

Voltei a tremer descontrolada, como tinha acontecido ao acordar e ver Clara ao meu lado, segurando minha mão. Ela chamou por Amanda, que entrou como um foguete no quarto. Minhas melhores amigas quase me sufocaram com tanto carinho. Choramos juntas, quase causando uma inundação, mas também celebramos minha vida. E não havia ninguém que entendesse mais sobre a vida que aquelas duas: Amanda, por lidar com a morte diariamente, e Clara, por quase ter perdido a sua.

— Tente se acalmar, Manu. — A voz de Gilberto me trouxe de volta à realidade. — Sei que você deve ter passado por momentos horríveis, mas pense que está bem, sã e salva. O pior já foi. Em algumas semanas não vai haver sequer um hematoma. E, com a quantidade de maquiagem que a

Amanda trouxe, ninguém vai notar nenhuma diferença no seu rosto.

Segui os conselhos do meu médico e acalmei a respiração, lembrando a mim mesma que poderia ter sido pior. Eu estava bem, no hospital, que era minha segunda casa, e rodeada de amigos que me amavam.

— Posso entrar?

Sorri quando Diego apareceu na porta. Meu príncipe estava mais lindo do que nunca, com uma polo azul que realçava seus olhos impressionantes.

— Claro, Di. Você é sempre bem-vindo.

Ele se aproximou e me abraçou. Descansei a cabeça em seu peito e não falei nada por vários segundos, apenas inalando o cheiro que vinha dele. Ele acariciava meu rosto e passava as mãos pelo meu cabelo.

— Vai ficar tudo bem, Manu. Pensa que foi um sonho ruim e que você está acordada agora e pode esquecer tudo.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, fazendo com que a pele ferida abaixo dos meus olhos ardesse, mas não me importei. Eu me sentia segura nos braços de Diego e não tinha a intenção de deixá-los tão cedo.

Ele passou um bom tempo me explicando tudo que aconteceria criminalmente. Os dois caras que me atacaram tinham sido presos em flagrante e passado a noite na delegacia, mas Diego me alertou que eles poderiam não ficar muito tempo por lá, já que, como eu havia percebido, os dois eram “cidadãos abastados”. Ou seja, tinham grana para pagar um bom advogado para tirá-los da cadeia. Apesar de tudo, porém, meu amigo estava confiante. Afinal, meu caso estava nas mãos de ninguém menos que Alexandre Mendes Ferraz, um dos melhores advogados do país.

— Manu, você pode dizer ao escrivão tudo que me disse antes.

Meus olhos vagavam entre Alexandre e a moça de camiseta preta da Polícia Civil. Como o meu estado ainda inspirava cuidados médicos, o delegado aceitara que meu depoimento fosse colhido no hospital.

Senti medo por ter que reviver todas aquelas sensações, mas sabia que era preciso. Clara acompanhava o marido, e era ela quem segurava minha mão. Alexandre fez um sinal com a cabeça, indicando que eu podia começar.

A moça digitava em seu notebook cada palavra que saía da minha boca. Conteí tudo que havia acontecido, sem revelar o motivo que me fizera sair sozinha da boate, é claro. Não queria envolver Dereck naquela história, por isso não citei seu nome. Aleguei apenas que tinha me desentendido com um amigo e por isso estava andando sem rumo pelas ruas.

Porém, ao terminar de contar os detalhes do ataque, foi inevitável falar em Dereck. A escrivã fez diversas perguntas sobre meus salvadores, sabendo que se tratavam de Ryan e Dereck. Percebi que ela enfatizava as agressões sofridas pelos canalhas que me atacaram. Olhei para Alexandre e, sem que fosse preciso dizer uma única palavra, ele entendeu minha súplica.

— Acho que a senhora está desviando do assunto. Poderia se ater ao fato de que minha cliente foi molestada, quase estuprada por dois pervertidos? Os rapazes são criminosos. Basta olhar o rosto da dra. Manuela para ver as marcas da crueldade cometida contra ela.

Eu nunca tinha visto Alexandre tão irritado, mas ele falava com uma altivez que me arrepiou.

Assim como eu, a policial se encolheu. Ela tentou disfarçar, mas eu sabia que havia ficado impressionada.

— E foi assim que ele me conquistou — murmurou Clara.

Sorri e, então, me concentrei na conversa que Ferraz mantinha com a policial.

— Com todo o respeito, dr. Ferraz, estou apenas fazendo meu trabalho. Também acho repugnantes tais atos, mas estou aqui como uma cumpridora da lei, e o senhor sabe muito bem que devemos nos ater a todos os detalhes.

Ele assentiu, concordando com ela. A escritã saiu por alguns minutos, e aproveitei para sanar uma dúvida que corroía minha mente.

— Alê, o Dereck vai ter problemas?

— Não sei, Manu. Pode ser que os seus agressores apresentem queixa de lesão corporal contra eles. Caso o delegado do caso seja extremista e ache que houve tentativa de homicídio, pode ser ainda pior.

Levei as mãos à boca. Eu sabia que Dereck tinha uma parcela de culpa no ocorrido, mas ele me salvara e não merecia ser preso.

Ferraz continuou:

— Não conheço o delegado, ele assumiu recentemente essa unidade, mas hoje à tarde darei uma passada por lá. Quero ter uma conversa com ele, pedir cópias dos autos para saber como agir.

Ele parou de falar assim que a policial retornou, com meu depoimento impresso. Assinei uma via e dobrei a que ficaria comigo.

— Obrigada. Caso seja necessário, voltaremos a procurá-la. A senhorita tem um excelente advogado e, com certeza, seus agressores pagarão pelo que fizeram.

Assenti.

— Eu a acompanho — ofereceu Alexandre, e os dois saíram.

— Ah, amiga, não fica assim! — disse Clara. — Tudo vai se resolver.

— Eu estou apaixonada por ele, Clara — confessei.

Eu precisava dizer aquilo a alguém, e Clara me parecia a pessoa mais certa para me escutar.

— Eu amo Dereck — continuei. — Sei que é errado, mas não consegui evitar. — Dei de ombros enquanto lágrimas rolavam pelo meu rosto. — Eu me apaixonei.

Ela me olhou com ternura.

— Eu sei como é sentir que as coisas não fazem sentido e achar que tudo parece errado. Mas, se me permite dizer, é recíproco. Quando Dereck saiu deste quarto, ontem à noite, estava destruído. A dor dele era palpável. Na hora percebi por que ele sofria. E eu não poderia estar mais feliz com a escolha que o coração dele fez. Pode parecer estranho, ainda mais nas circunstâncias em que você se encontra, mas acredite: vocês foram feitos um para o outro.

Refleti sobre o que Clara me dizia, mas ainda não sabia em que acreditar, então mudei de assunto.

— E a Vitória? — perguntei, querendo saber sobre nossa princesa. — Você ficou a manhã toda comigo.

— Tá tudo bem. Ela ficou com a minha mãe.

Sorri. Minha amiga, mais do que ninguém, merecia a felicidade. Acredito que meus pensamentos estamparam-se em meu rosto, pois foi justamente sua frase seguinte:

— Você merece toda a felicidade do mundo, Manu. Basta acreditar que merece, e ela virá.

Clara foi buscar Vitória, enquanto Amanda foi até o meu apartamento apanhar alguns objetos pessoais. Eu ficaria mais um dia no hospital. Achei desnecessário, mas Gilberto julgou mais prudente, em especial devido aos fortes analgésicos que eu estava tomando.

Diego ficou comigo quase todo o tempo. Estava ao meu lado quando Eduardo foi me visitar pela... deixa eu pensar... quinquagésima vez?

— Como está se sentindo? — perguntou Eduardo.

— Como se tivesse levado dois socos na cara.

— Pelo visto está ótima. O humor ácido de sempre.

Diego riu baixinho.

— Lindinha, você tem que tomar cuidado. Não pode ficar andando por aí sozinha.

Diego e eu nos entreolhamos, estarecidos.

— Quer dizer que a culpa é minha? — perguntei, incrédula.

— Não é isso, Manu. — Eduardo passou as mãos pelo cabelo, nervoso. — Mas você deu chance ao azar, né? Sair da boate no meio da madrugada, sozinha e ainda por cima vestida daquele jeito...

Diego se colocou de pé, uma postura rígida que me deu arrepios.

— Puta que pariu, Eduardo! Está querendo dizer que a Manu é culpada por quase ter sido estuprada?

Meu amigo estava praticamente gritando. A raiva brilhava em seus olhos como eu nunca tinha visto. Ele era sempre contido, educado, quase nunca se alterava.

— Diego, você sabe como ninguém que, infelizmente, o mundo está assim. A Manu foi uma irresponsável por ter saído sozinha daquela forma. Se tivesse voltado para casa comigo, nada disso teria acontecido.

— Dieeeeeego! — gritei assim que ele o levantou pela gola do jaleco. Queria me levantar da cama para evitar a briga, mas o soro me impediu.

— O mundo está como está porque merdinhas como você andam vomitando asneiras por aí. A culpa não é, nunca foi e nunca será da Manuela. Tira o seu traseiro machista daqui ou serei obrigado a te dar uma lição sobre respeito ao próximo.

Meu queixo caiu ao ver Eduardo sair transtornado do quarto quando uma enfermeira chegou, pondo fim à discussão. Estava horrorizada com o posicionamento dele. Como diz o ditado: é nos momentos difíceis que as pessoas se revelam. E Eduardo, com toda aquela pose de bom-moço, havia se revelado um perfeito babaca machista.

— Meu herói! — exclamei, piscando de forma exagerada para Diego.

— Não fode, Manu, você sabe como eu detesto esse tipo de pessoa. Culpar a vítima do estupro é o mesmo que inocentar o estuprador.

Parei de sorrir. Diego realmente estava transtornado, o que não me surpreendia, pois ele era militante no combate à violência contra a mulher.

— Preciso ir. — Ele olhou o relógio e me deu um beijo apressado. — Me faz o favor de não receber mais esse babaca no seu quarto?

Apenas assenti. Não poderia negar nada a Diego, não depois de ele ter ficado ao meu lado todo o tempo.

Depois que Diego saiu, resolvi dormir um pouco. Ainda sentia dores no rosto, mas o incômodo era cada vez menor. Adormeci e, apesar de todas as emoções das últimas horas, apenas um assunto rondava minha mente, como um animal pronto para atacar minha sanidade.

E ele se materializou na minha frente assim que abri os olhos.

— Me perdoa, Manuela? — suplicou, sem conseguir me encarar.

Senti, por um segundo, que tudo ao nosso redor havia congelado. Era como se apenas Dereck e eu estivéssemos em movimento.

— Eu vou me internar, estou indo para a reabilitação, não consigo parar sozinho. E o que aconteceu com você... — Ele abaixou a cabeça e murmurou: — Não sei o que eu faria se tivesse acontecido algo mais grave. Não suporto a dor de ser o culpado pelo seu sofrimento.

Saber que ele se afastaria me deixou em pânico, por mais que eu tivesse consciência de que era o melhor a ser feito.

— Estarei de volta em pouco tempo e peço que, se achar que sou digno de compartilhar a vida com você, me espere. Prometo que vai valer a pena. Eu vou te provar que não acabou. Nossa música está apenas começando. Espero que você queira ouvi-la ao meu lado.

Dereck não deixou espaço para as minhas palavras, logo se levantou e plantou um beijo terno em meus lábios. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto ao vê-lo partir, e, assim que ele desapareceu pela porta, amaldiçoei meu destino, me entregando ao choro que insistia em se libertar.

“Há tempos”, Legião Urbana

— É isso mesmo que você quer, primo?

Balancei a cabeça, confirmando.

Ryan já havia cuidado de tudo. Tinha passado o dia todo ao telefone, comunicando minha decisão ao meu empresário e descobrindo qual era a melhor clínica do país para o tratamento de dependência química. Também escreveu a nota que enviaríamos à imprensa.

Por incrível que pareça, conseguimos vaga em uma clínica próxima a Gramado. Foi um alívio poder ter o apoio da minha família e ao mesmo tempo estar longe o suficiente de Manuela.

Pela manhã, fui à delegacia. Até pensei em dar o braço a torcer e ligar para Alexandre, mas Ryan acionou o advogado da gravadora e nos encontramos em frente à unidade policial. Meu depoimento foi rápido, cerca de quarenta minutos. Foi um martírio reviver tudo, mas era necessário. Fui informado de que talvez precisasse ser ouvido outra vez, e comuniquei que viajaria.

Uma hora depois de me despedir de Manuela, eu já estava no aeroporto. Diante dela no hospital, fiz duas promessas, e tinha intenção de cumpri-las. Deixar Manuela naquele quarto foi uma das decisões mais difíceis da minha vida, mas era necessário.

Durante o embarque, acabei sendo descoberto. Mesmo estando em meu limite, tirei algumas fotos e autografei agendas, camisetas e os mais diversos papéis. Ryan interveio no momento certo e conseguiu apaziguar um pouco as coisas até eu enfim entrar no avião.

Me recostei na poltrona e fechei os olhos, respirando fundo. Estava pagando por todos os erros que cometera na vida. O que aconteceu com Manuela foi o fundo do poço.

Eu até poderia me afundar ainda mais em um abismo sem fim, mas, se minhas ações respingavam naqueles que eu amava, era minha responsabilidade protegê-los.

Amor. Será que alguém conseguiria definir um sentimento tão abstrato? O que era amar alguém? Eu amava Manuela?

Essas perguntas rondaram minha cabeça por toda a viagem, e cheguei à conclusão de que não poderia ser outra coisa o que eu sentia por Manuela. A urgência em estar com ela era igual à necessidade de respirar. Eu até poderia ficar sem ar, mas não poderia mais ficar sem Manuela.

Essa constatação foi um choque, mas também um alívio. Demorei muito a reconhecer meus sentimentos, e implorava ao destino que me desse mais uma chance de estar com ela.

— Dereck, acorda, mano. Chegamos.

Levei alguns minutos para entender o que estava acontecendo. Eu tinha dormido durante boa parte da viagem. Assim que despertei, senti uma vertigem e meu estômago embrulhou. Amaldiçoei a mim mesmo. Tudo aquilo era efeito da droga que eu havia consumido. Mas tinha que ficar de pé, mesmo

me sentindo mal.

Fiz todo o caminho da área de desembarque até o estacionamento tentando me esconder o máximo possível. Ryan tinha alugado um carro, que nos esperava quando saímos do aeroporto. Estava começando a segunda pior parte da minha decisão: a primeira fora me afastar de Manuela, e a seguinte seria confessar todas as minhas merdas para meus pais.

Eu estava muito ferrado.

— Ah, meu Deus! Miguel, homem, corre aqui. Olha quem chegou!

— Estou velho, mas não estou surdo, Magda. Quer parar de gritar? — Assim que chegou à porta, meu pai estacou, me encarando com surpresa. — Filho.

Olhei para as duas pessoas mais importantes da minha vida e não consegui me mover. A emoção era tanta que deixava minhas pernas bambas. A felicidade de estar em casa era sublime.

Da última vez que eu vira meus velhos, no meu segundo show no Brasil, eu, mais uma vez, tinha feito merda. Eles retornaram para Gramado no dia seguinte e nem pude me desculpar pessoalmente.

Enfim, joguei a mala no chão, fui até minha mãe e a puxei para os meus braços.

— Que saudade que eu estava de ter você em casa, meu filho!

Ela chorou em meu ombro, enquanto meu pai se aproximava, se juntando a nós em um abraço.

— Bem-vindo, Dereck. Sentimos sua falta.

Soltei minha mãe e abracei meu velho.

— E esses cabelos brancos? Vamos passar uma tinta nessa porra aí — brinquei, me divertindo com a reação do meu pai.

— Ainda posso te dar umas palmadas, seu moleque. Devo ter errado muito no passado, viu? Roqueiro, tatuado e ainda por cima sem educação.

Meu pai me soltou, resmungando, mas eu não ligava. Ele sempre fazia isso.

— Ah Miguel, deixa o garoto. O importante é que ele está em casa — disse minha mãe, voltando a me abraçar.

Ao olhar para meus pais, constatei o quanto tinham envelhecido. Ele caminhava com um pouco de dificuldade e minha mãe parecia mais frágil do que da última vez que a vira. Eu tinha sido um filho da puta, mal dera atenção a eles, me importando com todos menos com quem realmente valia a pena.

— “Vai lá estacionar e depois volta aqui” — repetia Ryan ao chegar, resmungando. — Só esqueceu de dizer que todas as casas da rua são iguais, seu puto. Desculpa pelo palavrão, tia Magda, mas o Dex me tira do sério.

Minha mãe o puxou para um abraço demorado.

Passei parte da noite explicando a minha mãe por que tinha demorado tanto para visitá-los. Inventei algumas desculpas sobre as notícias que eles leram sobre mim e garanti que ficaria tudo bem. Pedi perdão por minhas atitudes e prometi que não voltaria a dar mancadas como aquelas. Conte também sobre o estúdio, que estávamos animados com o projeto.

Meu pai não comentou nada. Minha mãe parecia feliz com a nossa conversa, mas ela sabia que eu não estava no meu melhor momento, eu via isso em seus olhos.

Para o jantar, minha mãe fez comida para um batalhão, mas era seu jeito de garantir que não faltasse nada. Arroz, feijão, bife e salada — quer comida mais brasileira que essa? Pode até ser banal para quem mora aqui, mas fora do país nem sempre conseguimos ter acesso a pratos típicos nossos.

Mesmo com o banquete à minha frente, meu estômago protestava, se negando a aceitar qualquer alimento que fosse.

— E como vai sua mãe, Ryan? — perguntou meu pai, durante o jantar.

— Vai bem, tio Miguel. Depois que meu pai morreu, ela decidiu viajar o mundo. Acho ótimo. Eu tive que voltar para a faculdade, por isso ela ficaria muito sozinha. Assim ela pensa menos na perda.

— Foi difícil para todos nós — murmurou meu pai.

Vi nos olhos de Ryan que nada daquilo era verdade. Tia Rachel tinha abandonado o filho, isso sim.

— Vocês vão ficar aqui ou na pousada? — perguntou minha mãe, tentando amenizar o clima triste que ameaçava se instalar.

Ryan e eu nos entreolhamos, e decidi que era a hora de contar. Assim que o dia amanhecesse, eu seguiria para a fazenda onde funcionava a clínica de reabilitação. Não era longe, mas eu sabia que poderia receber visitas apenas nos finais de semana. E, embora tivesse certeza de que meus pais sabiam de toda a merda que eu vinha aprontando, confessar aquilo abertamente era mais difícil do que eu imaginava.

Encontrei a mão da minha mãe sobre a mesa e a apertei. Ela apenas me olhou, esperando minhas palavras.

— Eu vou me internar, mãe. A senhora sabe, o álcool e... — Emudeci, sem saber como continuar. — Tudo que não me faz bem. Preciso ficar sozinho por um tempo. Ryan já organizou tudo. Tem um lugar bacana aqui, e eu achei que era melhor estar perto de vocês.

Lágrimas brotaram dos olhos da minha mãe. Meu pai se levantou e foi até ela para confortá-la.

— Sabíamos que as coisas não iam bem, mas sempre deixamos você seguir sua vida sem nossa intervenção — disse meu pai. — Sua atitude de buscar ajuda é louvável, meu filho. Sua mãe e eu estaremos sempre do seu lado.

As palavras dele transmitiam toda a esperança dos meus pais em relação a mim. Eu tinha muitas pessoas por quem lutar, e eles me mostraram que eu não estava sozinho naquela batalha.

Após o jantar, expliquei um pouco mais sobre como funcionaria a reabilitação. Eu odiava aquele nome, mas, por ora, não tinha como substituí-lo.

Ryan precisava acompanhar de perto o projeto do estúdio, então partiria logo depois que eu me internasse, mas prometeu que voltaria assim que possível.

Deixamos meu primo se instalar em um dos quartos e minha mãe me levou até o meu. Ela havia reformado o lugar desde a última vez que eu estivera lá. Desviei o olhar das paredes e encarei o chão. A última vez que tinha estado em Gramado fora com Clara. Nos refugiamos ali antes de ela ir para Nova York comigo.

— Como estão as coisas, de verdade? — perguntou ela, de forma terna, sorrindo como se eu ainda fosse seu garotinho. Na verdade, acho que ainda era. — Está com medo?

— Não. — Sorri. — Eu preciso muito disso, mãe. Outras pessoas dependem de mim. Elas precisam que eu esteja bem, e é isso que vim buscar.

Não havia espaço para o medo, não naquele momento.

Ela me olhou esperançosa.

— E a menina Clara?

Me sentei na cama, e minha mãe fez o mesmo, ficando ao meu lado.

— Está bem. Eu a vi ontem, mas ela não faz mais parte da minha vida. — Sorri, balançando a cabeça.

— Tem outra mulher? Ah, meu Deus! — exclamou minha mãe.

Não sei se ela estava feliz ou se queria me dar umas palmadas. Acho que as duas coisas.

— Médica. Linda, educada, inteligente e, acima de tudo, minha amiga.

— Por que não a trouxe? Preciso conhecer esse anjo.

Fiquei pensando nas palavras da minha mãe e controlei a vontade de ligar para Manuela. Ryan prometera me manter atualizado, mas não seria a mesma coisa que ouvir a voz dela no meu ouvido.

— É um pouco complicado — respondi, envergonhado demais para contar o que tinha acontecido.

Minha mãe jogou as mãos para cima e se levantou em um rompante de indignação.

— Por que você não consegue arrumar alguém sem problemas?

— Porque eu sou diferente, mãe. Não me dou bem com nada que seja normal e certinho demais. Preciso ser desafiado.

Ela balançou a cabeça.

— Você é meu filho, e isso basta.

Minha mãe me deixou sozinho no quarto depois de um longo abraço, e comecei a arrumar minhas coisas. Precisava de um banho, e foi isso que fiz.

Tirei a roupa e as joguei em um canto do quarto. Entrei no box. Enquanto a água caía, uma música veio em minha cabeça, mas eu não conseguia cantar. A letra não saía, era como se algo bloqueasse minhas cordas vocais. Por um momento me senti sufocado e preso. Fechei o chuveiro e fui até a janela do quarto. Tinha vontade de gritar até libertar tudo que estava aprisionado. Mas não o fiz. Engoli em seco, trancando as emoções novamente. Tudo ia passar.

Só pedia que não demorasse, pois estava prestes a enlouquecer.

“Love will show you everything”, Jennifer Love Hewitt

— *Jamais!* — *Fui enfática. — Não me peça isso, Lipe. Não posso.*

— *Manu, você é a única que pode me salvar.*

Eu sentia o desespero em sua voz ao suplicar pela minha ajuda. Balancei a cabeça em negativa. Ele não tinha o direito de me pedir aquilo, era demais para mim. Eu até suportaria ver Lipe com Clara, casado, com filhos lindos, mas aquilo...

Ele estava me pedindo ajuda para se matar.

Felipe deu a volta na mesa e se ajoelhou na minha frente. Estávamos em meu consultório, que eu tinha assumido havia pouco tempo. Estava feliz com tudo que vinha acontecendo. Até meu mundo desmoronar.

Tínhamos acabado de voltar de um congresso no Canadá com a notícia de que Felipe estava com um aneurisma cerebral em estágio tão avançado que a cirurgia não era mais uma opção. Só lhe restavam poucos meses de vida, e, desde que ele me contara isso, eu tinha passado a questionar as vontades de Deus.

Até agora...

— *Somos compatíveis, Manu. Clarinha e eu. Minha princesa precisa do meu rim para viver, para continuar a brilhar neste mundo. Você precisa me ajudar* — implorou ele mais uma vez.

Eu me levantei sem olhar para ele.

— *Você vai morrer se entrar naquela sala de cirurgia. Eu sei disso e você também sabe. Não tem chances de você sobreviver a um transplante na situação em que está. Felipe, como médica, eu não posso fazer o que você está me pedindo.*

— *Então faça como amiga.*

Ele também se levantou, indo até mim e segurando minha mão, com carinho.

— *Você vai morrer* — *enfatizei.*

Uma lágrima escorreu. Felipe levou o polegar até meu rosto para secá-la.

— *Não.* — *Ele sorriu, um sorriso de menino travesso. — Vou viver através dela.*

Suspirei, segurando o choro que trancava minha garganta. Respirei fundo algumas vezes, tentando me recompor. Precisava tomar uma decisão.

— *Você seria capaz de fazer isso por ela?* — *perguntei, mas já sabia a resposta.*

Ele alargou o sorriso, deixando transparecer o amor em seus olhos.

— *Quem ama de verdade é capaz de abrir mão de alguns meses de vida. Clara precisa disso, ela precisa dessa oportunidade que só eu posso dar. Você tem razão: eu vou morrer. Nós dois sabemos disso. Mas tenha certeza, Manu... — ele pôs minha mão acima de seu coração — ... minha missão*

estará cumprida. Não vejo outra explicação para Deus ter me colocado na vida da Clara. Nunca acreditei em destino, mas descobri que vim ao mundo com um propósito, e aceitei as escolhas que fiz até aqui. Escolhi dar vida a quem eu amo. E quero que você escolha estar do meu lado nisso. Só confio em você.

Não tive como negar. Ele sorriu.

— Quando você se apaixonar, vai se descobrir capaz de tudo para salvar quem ama.

— Tudo bem, amiga?

Amanda entrou no quarto segundos depois de eu acordar.

— Só um pesadelo.

Minha amiga me olhou com pesar.

Ela e Diego tinham disputado para passar a noite comigo. E, claro, Amanda saiu vencedora. Como não tenho nenhum familiar na cidade, agradeci de bom grado, pois não me sentia muito bem para ficar sozinha durante a noite, embora tenha sido difícil admitir isso. O que acontecera comigo, somado à partida de Dereck, tinha me deixado à flor da pele. Prova disso era o pesadelo que acabava de ter.

Falsificar os exames de Felipe foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Eu queria ter conseguido dizer não a ele, queria ter sido forte e não ter me deixado influenciar pelo amor que sentia, mas não consegui. Foi justamente esse amor que me fez arriscar tudo por ele.

Joguei as pernas para fora da cama e, antes de me levantar, passei as mãos pelo cabelo. Nem o ar-condicionado tinha impedido o suor de brotar em meu rosto. Sonhar com Felipe e Clara era sempre muito pesado para mim.

— Amiga, está tudo bem, obrigada — falei.

— Tem certeza? Posso ficar aqui, se quiser.

Sorri ao perceber a preocupação de Amanda. Ela estava sendo mais que uma amiga. Assenti, reforçando minha decisão, e ela foi embora, me deixando sozinha com minhas lembranças.

Olhei no relógio, que ainda marcava seis horas.

Pensei em caminhar pelo bairro, como sempre fazia, para aproveitar a tranquilidade da manhã, mas desisti diante do medo ainda tão presente.

Tomei um banho rápido, apenas para me acalmar. Assim que voltei, uma coisa sobre o criado-mudo me chamou a atenção. Reconheci o par de alargadores que Dereck usava quando fora à minha casa.

— Desnecessário — sussurrei.

O que eu menos precisava era de algo que me lembrasse Dereck.

Voltei a me deitar, na esperança de retomar o sono, pelo menos por mais algumas horas, mas as palavras de Felipe ainda ecoavam em minha mente.

Quando você se apaixonar, vai se descobrir capaz de tudo para salvar quem ama.

Embora soubesse que Felipe estava certo, eu não tinha certeza se seria tão forte para Dereck quanto Felipe tinha sido para Clara.

Provavelmente não.

“Savin’ me”, Nickelback

Havia papel e caneta na minha frente e meu trabalho era me descrever como eu me via, mas só conseguia pensar nas lágrimas de minha mãe ao me deixar ali. Meus pais ficaram juntos o tempo todo, enquanto Ryan tentava acalmá-los enumerando todos os pontos positivos da minha internação.

Minha primeira atividade em grupo na clínica tinha começado havia dez minutos e eu não conseguia escrever nada. Nem uma única palavra.

Talvez estivesse tão perdido que não fosse capaz de me definir. Tudo estava muito confuso, o que não colaborava com a inspiração. Uma noite eu estava numa boate cheirando uma carreira de cocaína e dias depois estava na companhia de estranhos expondo todas as suas angústias.

Por um lado era bom, pois percebi que não estava tão ferrado assim. É egoísta, eu sei, mas egoísmo é algo inerente ao ser humano, e ver que existem pessoas passando por problemas tão piores que os seus faz você colocar tudo em perspectiva. Talvez você caia, isso é inevitável, mas a queda não irá te matar.

A dor não vai te matar.

Quando a frase de Manuela me veio à mente, meu coração disparou. Eu teria que dar o meu melhor para voltar para ela, por isso olhei novamente para o papel e comecei a rabiscar as primeiras palavras.

Eu sou alguém perdido dentro de si mesmo.

Me encontrar não é achar meu lugar no mundo, e sim achar qual é meu mundo.

Existem vários, eu posso escolher, e eu devo escolher.

Escolher, inclusive, por qual dor sofrer.

Escolher a dor de ficar.

Ficar e ver nos olhos de quem amo que, apesar de tudo, ainda sou amado por eles também.

Entreguei a primeira folha que preencheria minha pasta.

— Até que não foi tão ruim para o primeiro dia — elogiou o instrutor da dinâmica.

— É porque muitos não entendem o quanto as palavras podem machucar.

Fui me sentar mais afastado. O homem, de uns quarenta anos, continuou me olhando após analisar o que eu tinha escrito.

Não entendeu?, questionei em silêncio. Pois é, nem eu.

Dizem que nos primeiros dias tudo é mais difícil, e isso vale para quase tudo na vida: emprego novo, casamento, turnê, academia. Só que, em se tratando de reabilitação, “difícil” é uma palavra leve demais para definir o que eu passava.

No início, achei que a adaptação seria fácil. Palestras, dinâmicas, jogos e terapia de grupo. *Fácil*. O que eu não sabia era que tudo não passava de distração para as reações que surgiriam. A dor, os suores, os pesadelos, a coceira, a angústia, o desespero, a baixa autoestima.

O processo de desintoxicação estava sendo mais doloroso do que eu imaginara. Os efeitos físicos da abstinência provavam que eu não fazia a menor ideia de como era dependente.

Tudo ficou ainda mais difícil quando tive minha primeira crise de pânico. Saí do consultório psiquiátrico transtornado. *Ainda mais essa*. Como se não bastasse tudo pelo que estava passando, ainda ouvi a confirmação de que estava de fato doente.

O médico me explicou que muitas doenças resultam do uso de drogas. Alguns estudos afirmam que o estresse, a depressão, a esquizofrenia e, claro, a síndrome do pânico têm mais chances de se desenvolver em dependentes químicos do que em pessoas que não usam drogas. Eu já sabia que os ataques que vinha sofrendo não eram normais, já tinha até pesquisado o que poderia ser, mas escutar em alto e bom tom que você sofre de uma doença psiquiátrica não é algo fácil de lidar.

Enfim, pelo menos tomei consciência de que precisava de tratamento e que precisaria continuar mesmo após sair da clínica. Seria um obstáculo a mais para eu recuperar de vez minha carreira.

E recuperar Manuela.

Incrível como tudo girava em torno dela. Qualquer coisa que eu pensasse me trazia à mente a imagem dela: linda, com o cabelo cacheado e a pele morena. Meu desejo por aquela mulher beirava a dor física. E eu não queria só seu corpo, queria chegar ao seu coração de uma forma que talvez ninguém tivesse chegado. E para isso eu precisava me reerguer.

Para Manuela confiar em mim, primeiro eu mesmo precisava confiar.

MANUELA

— Eu vou te provar que não acabou.

Eram palavras de Dereck, que eu repetia para Clara.

Minha amiga suspirou.

Estava sentada com os pés cruzados sobre o sofá e o queixo nas mãos, como quem assiste a uma série de TV. E bem parecia mesmo. Uma daquelas em que a mulher se envolve com o cara problemático, tem certeza de que deve cair fora, mas a atração é maior e ela não consegue ficar longe. Ótimo. Pegue a pipoca e acompanhe minha vida.

— Ele está em uma clínica de reabilitação. Não sei onde, nem quando volta, nem o número de telefone.

Clara desviou o olhar, a expressão triste e incrédula. Ela se culpava pelas besteiras que Dereck havia feito, e, mesmo que eu tivesse tentado convencê-la do contrário, não se acalmava. Ela era assim, achava que precisava carregar o mundo nas costas. Minha esperança era de que, quando Dereck saísse, Clara parasse de se martirizar.

— A culpa não é sua, Clarinha — falei mais uma vez.

— Em parte, é sim. E eu me preocupo muito com ele.

— Eles foram para Gramado.

Era Amanda. Olhei para ela, que estava com cara de quem havia falado demais.

— Dereck está internado em uma clínica lá.

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

— Tá bom! Tá bom! Eu sou uma péssima amiga, eu sei — gritou Amanda. — Do tipo: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. — Ela abriu um sorriso forçado, indicando que estava escondendo alguma coisa. — É o Ryan — falou, quase inaudível.

— É o quê? — gritamos Clara e eu ao mesmo tempo.

Eu já tinha entendido, mas fazia questão que ela repetisse.

— Eu sei. — Amanda jogou as mãos para cima, exasperada. — Sou uma péssima médica. Eu o beijei em pleno hospital. Ryan esteve lá, querendo saber notícias suas. Eu falei para ele se mandar, mas o moleque começou a defender o Dereck, a gente discutiu ... e quando eu vi... *Ploft!* Aquele moleque me dá nos nervos.

— *Ploft?!*

Meu queixo caiu um metro e voltou.

— É. *Ploft!* Aconteceu. Foi. Uau! Explosivo! Inesquecível!

Fiquei muda. Amanda tinha perdido os últimos parafusos que lhe restavam. Olhei para Clara, que parecia tão incrédula quanto eu.

— Estou fodida, Manu. — Amanda se deitou no sofá e escondeu o rosto nas mãos. — Ele não para de me mandar mensagens desde então, e o pior é que estou respondendo todas.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas logo fechei. O que eu poderia dizer? Que Ryan não era bom o suficiente para Amanda? Que ela ia sofrer muito com ele? Acho que Amanda sabia disso, pois esses são os mesmos obstáculos que ela levantava para me manter afastada de Dereck.

— Depois a problemática sou eu — comentou Clara.

Fiz o mesmo que Amanda: me joguei no sofá. Ela estava de folga, e eu, de licença médica fazia alguns dias, mas já me preparando para voltar a trabalhar. Até porque o hospital me fazia bem.

Clara tinha ido lá em casa depois que aleguei ter sorvete esperando por ela. Alexandre ficou com a bebê, e minha amiga chegou meia hora depois.

— Ryan é dez anos mais novo que eu. Sou uma papa-anjo.

Não consegui segurar a gargalhada. Quando me controlei, corriji alguns pontos que precisavam ser ressaltados naquela conversa:

— Primeiro: você não é uma papa-anjo. Segundo: Ryan não é nem de longe um ser angelical, está mais para demônio em pele de cordeiro. Aliás, que pele! — Amanda deu um sorriso malicioso. — Terceiro: nunca vi você assim, tão insegura, principalmente com relação a idade. Já vi você pegar caras de dezoito anos. Esse Ryan realmente mexeu com você, amiga. — Ela fez menção de dizer alguma coisa, mas a interrompi, dando continuidade à lista: — E, quarto: se a afirmação anterior estiver correta, e eu acho que está, você se fodeu tanto quanto eu. Acho que Ryan não tem os mesmos problemas que Dereck, mas ele tem cara de quem não vale o sal gasto no batizado.

“I still haven’t found what I’m looking for”, U2

Encolhi as pernas o máximo possível e abracei os joelhos. Meu corpo inteiro tremia e parecia prestes a se partir ao meio. Luzes de todas as cores existentes piscavam freneticamente diante dos meus olhos. Vozes me mandavam cantar — eu não sabia de quem eram, e todas falavam ao mesmo tempo. Algumas sussurravam que eu não daria conta. Ouvia gritos e vaias. Pessoas subiam ao palco, quebravam tudo, com raiva nos olhos.

Levei as mãos à cabeça e tapei os ouvidos. Sentia o suor escorrer pela testa e a garganta se fechar.

A sensação era de estar me afogando em uma piscina: o desespero, a dificuldade para respirar. Eu tentava alcançar a borda, sabia que me afogaria se não conseguisse, mas escorregava toda vez que me segurava, voltando a afundar. A água era como uma multidão esperando que eu caísse.

— Dereck...

Eu escutava a multidão me chamando, mas não queria subir no palco. Não conseguiria cantar. Não era mais aquele Dereck que ficava por duas horas com um microfone na mão sem pensar em mais nada a não ser na música.

— Dereck...

Mais uma vez meu nome era gritado e eu fazia de tudo para me esconder deles. *Porra... Será que não entendem?*

Abracei as pernas com toda a força, como se aquilo pudesse fazer todos desaparecerem.

— É só um pesadelo — ouvi alguém dizer. Tentei abrir os olhos, mas minhas pálpebras estavam pesadas, se fechando sem meu controle. — Vai ficar tudo bem.

Finalmente as luzes se apagaram. Consegui abrir os olhos por alguns segundos, apenas para perceber que tudo não havia passado de alucinações. Eu continuava na clínica. Tinha recebido uma injeção de calmante.

Encarei o enfermeiro e tive vontade de protestar contra o que ele fazia comigo. Não queria ser dopado, ainda que tivesse passado a vida me entupindo de álcool e drogas.

Três semanas internado. Eu me sentia bem melhor. Depois da última crise de pânico durante a aula de música, os médicos entenderam que esse era um ponto a ser trabalhado.

Comecei a interagir mais com a música. Era muito difícil, pois eu a relacionava a tudo por que passara, mas aos poucos me sentia fortalecido.

Ryan tinha levado meu iPod da última vez que me visitara, e aproveitei para ouvir algumas melodias que tinha gravado, ainda sem letra.

Durante os dias que passei internado, escrevi muito. Letras de músicas, fragmentos sem sentido — ou não — e muitas cartas. Cartas que nunca cheguei a enviar. Às vezes por medo, outras vezes pelo

fato de que as palavras talvez não significassem tanto para o destinatário quanto para mim.

Escrevi várias para Manuela, mas, assim como todas as outras, continuavam em envelopes, guardadas em uma caixa que minha mãe me deu.

Alguns sites de fofoca mencionaram minha internação, mas não passava de especulações, já que a gravadora tinha divulgado uma nota alegando um problema pulmonar. Uma grande mentira, mas que foi recebida muito bem. Enfim, dos males o menor. No fundo, eu achava que meus fãs sabiam o que estava acontecendo, mas o apoio que recebi deles foi essencial para entender que a música era parte de mim. *Hashtags* como #ForçaDereck, #EstamosComVocêDereck e #VoltaDereck me emocionaram pra caramba. Minhas músicas se tornaram as mais pedidas nas rádios de rock e meus clipes, os mais assistidos no YouTube. Contrariando as normas da clínica, Ryan tinha me mostrado tudo isso em seu celular, às escondidas.

Por mais que fosse publicidade gratuita e que a gravadora usasse meu nome e uma doença fictícia para obter cada vez mais lucros, tentei absorver o lado bom daquilo. Na reabilitação, que comecei a chamar de renascimento, eu vinha aprendendo a absorver o lado positivo de tudo que acontecesse.

O apoio dos fãs foi essencial. Se algum dia eu tinha imaginado abandonar a música, essa não seria mais uma opção.

Terminei de escrever uma última carta e me preparei para mais uma palestra. Em três dias eu me despediria de todos. Estava bem-humorado, o que facilitava tudo. Não resisti e rabisquei no papel: *o bom humor é a luz que guiará seu dia.*

Antes de sair do quarto, coloquei a carta em um envelope. Ao contrário das anteriores, aquela era direcionada a uma pessoa especial. Antes de guardá-la na caixa, anotei o destinatário.

Para: Dereck Mayer

Estava chegando a hora de voltar.

MANUELA

Eu olhava para as pessoas à minha volta e, apesar de ter todos os motivos do mundo para comemorar, me sentia perdida em minha própria casa. Comemorar meu aniversário não tinha sido uma escolha, já que era uma festa surpresa.

Enquanto o elevador subia, eu só pensava em descansar. Estava exausta depois de um longo dia de trabalho.

As únicas notícias que eu recebera de Dereck no último mês foram trazidas por Ryan. Ele e Amanda vinham saindo bastante nas últimas semanas, e eu perguntava por Dereck todas as vezes que o via no hospital. Ryan era sempre atencioso e me enchia de esperanças, dizendo que ele estava indo bem e que sempre perguntava por mim.

Mas nunca entrou em contato.

A ausência de Dereck me deixava cada dia mais frustrada. Pelo que eu sabia, ele podia receber visitas e sempre ligava para Ryan, mas, pelo visto, não sentia necessidade de falar comigo. Perguntei a ele por que seu primo não tinha me procurado, e a resposta dele soou mais como um prêmio de consolação: *Dereck precisa desse tempo sozinho.*

Nunca mais toquei no assunto. Deixei que o tempo passasse sem alimentar muitas esperanças.

Quando abri a porta do meu apartamento, foi como se algo tivesse acordado dentro de mim: era meu aniversário e eu nem havia pensado a respeito, apesar de ter estranhado o fato de ninguém me cumprimentar no hospital. Agora, o motivo estava ali na minha frente: praticamente todos os meus amigos, incluindo Diego, Alexandre e Clara.

Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!, cantavam juntos.

— Filhos da mãe — murmurei, meu coração batendo acelerado.

A mesa da sala estava repleta de petiscos e todos os convidados bebiam cerveja. Eu não fazia ideia de onde tinha saído aquilo tudo.

Amanda foi a primeira a me abraçar.

— Parabéns, amiga! Meu presente vai ser o último, então segura esse forninho — disse ela, piscando para mim.

Gargalhei. Aquela eu conhecia, pois Amanda passou quase uma semana falando aquele bordão idiota. Fazer o quê?! Essa era Amanda.

Depois dela, recebi os cumprimentos de vários amigos do hospital. Basicamente, o mesmo grupo que se reunia no karaokê, com exceção de Eduardo, que estava me evitando. Era melhor assim. Tivemos nossa chance, mas não era para ser.

Clara me estendeu uma caixa embrulhada para presente.

— Acredito que devemos recordar tudo que nos fez bem.

Desfiz o laço vermelho e respirei fundo quando vi o que tinha na caixa.

Uma lágrima desceu pelo meu rosto, mas logo a sequei.

— Obrigada. É um gesto muito altruísta da sua parte.

Ela balançou a cabeça rapidamente.

— Ele amava você, Manu. Tenho certeza de que Lipe a amava. Você foi a única em quem ele confiou. E isso eu não posso tirar de você.

Olhei para a caixa novamente e peguei o porta-retratos. A foto? Felipe entre nós duas. Estávamos abraçados, saindo de uma peça de teatro, e ele tirou uma selfie com o celular.

Um mês depois, ele morreu.

— Sem choro. É um momento de festa, não tristeza. Não é todo dia que se faz trinta e três anos.

— Não espalha! — brinquei, e ela sorriu.

Coloquei minha melhor cara e tentei aproveitar o resto da noite. Afinal, era meu aniversário.

Tudo correu bem, e até arrisquei alguns passos de dança na companhia de Diego, que me presenteou com um final de semana em Campos do Jordão. Acho que, na verdade, ele queria me dizer: *você precisa de uma folga*.

Diego tinha colocado para tocar a trilha sonora do filme *Guardiões da galáxia*, que incluía Marvin Gaye e Jackson Five. E eu balançava ao som de “Come and get your love”, do Redbone, quando Amanda foi andando animada até a porta.

Eu a segui com os olhos e vi Ryan entrar e dar um beijo no rosto da minha amiga. A intimidade dos dois era nítida e com certeza ia além daquele beijo inocente.

De repente, fiquei apreensiva.

Ah, meu Deus!

Meu coração disparou.

Amanda disse que meu presente chegaria depois, e eu só conseguia pensar em uma possibilidade: Dereck.

Fiz de tudo para não deixar a garrafa de cerveja cair, enquanto observava Ryan entrar. Infelizmente, meu coração murchou quando Amanda fechou a porta.

Decepção era meu sobrenome.

Onde eu estava com a cabeça quando pensei que Amanda convidaria Dereck para o meu aniversário? Por mais que estivesse sendo mais receptiva ao assunto, ela ainda achava que eu deveria me manter afastada dele.

— Parabéns, Manuela — disse Ryan, sorrindo.

Só então notei como ele era bonito. Quase uma cópia mais jovem de Dereck. Estava todo despojado em um jeans surrado e uma camiseta preta com decote em V.

Olhei para Amanda, que entendeu meus mais sinceros pêsames: Ryan era lindo, e ela estava muito ferrada.

— Pode me chamar de Manu.

Ele deu um sorriso tímido, pois sabia que só Dereck me chamava de Manuela. Parece que a família Mayer inteira fazia questão de evitar meu apelido.

— Tenho um presente para você.

Ele se apressou em pegar um envelope do bolso, mas, antes que me entregasse, eu o repreendi:

— Não precisava se incomodar, Ryan. Até tinha esquecido que hoje era meu aniversário, acredita? Amanda que foi uma filha da mãe ao me preparar essa surpresa.

Achei que minha amiga sorriria com minha brincadeira, mas não foi o que aconteceu. Senti a tensão no ar enquanto Ryan estendia o envelope, esperando que eu o pegasse.

Meu coração — que mal tinha se acalmado — voltou a acelerar, me impedindo de respirar direito. Meu peito subia e descia rapidamente, enquanto eu analisava as opções disponíveis.

Peguei o envelope da mão de Ryan e girei o corpo com a intenção de me afastar, mas, antes de ir, os fitei mais uma vez: Ryan e Amanda abraçados, os dois trocando um olhar cúmplice.

— Obrigada — falei.

A carta dançava em minhas mãos, e a dúvida pairou sobre mim, mas, se tivesse que me arrepender de algo, com certeza não seria de algo que não fiz.

Manuela,

Gostaria de poder dizer que estou sendo forte, mas a verdade é que sinto medo. Medo de me perder no caminho que escolhi percorrer, mas que descobri ser o único possível.

É engraçado como o destino manipula nossa vida. Confesso que entrar em coma alcoólico não me parece tão ruim agora, já que foi o que trouxe você para minha vida. Você se mostrou forte e decidida, mas também delicada e amável. Muitas Manuelas em uma só, e todas me enfeitiçaram. É loucura pensar que nos conhecemos há tão pouco tempo e mais ainda reconhecer como é forte a conexão que nos une. É quando me dou conta de que o tempo apenas alimenta nossas desculpas. “O tempo cura tudo”. “Dê tempo ao tempo”, “Não há nada que o tempo não resolva”. São muitas as frases feitas que usamos para justificar nossos medos.

Eu me apaixonei assim que coloquei os olhos em você. E não importa se faz um mês, uma semana ou um ano. O futuro não existe, nosso tempo é agora. E ele pode ser eterno, basta vivê-lo como se

fosse único.

Não afastei você de mim, Manuela. Afastei você do que eu poderia lhe causar. A dor é inevitável; sei que a sentiu e me culpou por isso, mas eu não poderia seguir ao seu lado sem antes me encontrar. Espero que algum dia me entenda e me perdoe.

Feliz aniversário.

Sempre seu,

Dereck

“Thinking out loud”, Ed Sheeran

Nunca me senti tão feliz em toda a minha vida. A sensação de voltar para casa foi algo extraordinário.

Coloquei a mochila no chão e olhei em volta, observando cada detalhe do apartamento enquanto o cheiro de limpeza penetrava em minhas narinas.

— Está do jeito que você deixou, não mexi em nada. Quer dizer, talvez eu tenha trazido uma pessoa.

Ryan coçava a nuca, com um sorriso nervoso.

Estreitei os olhos e aguardei explicações.

— Amanda — respondeu ele. — Acho que está na hora de deixar de trepar como um louco por aí.

Ryan tinha me contado que ele e Amanda estavam se encontrando havia algumas semanas, mas não achei que fosse tão sério a ponto de ele convidá-la para conhecer nossa casa.

— Como está Manuela? — perguntei finalmente.

— Uma fera — respondeu ele, rindo. — Não suporta ouvir seu nome.

Eu sabia que não seria fácil a reaproximação, mas ouvir que ela não queria saber de mim me deixava desolado.

— Nada que o tempo e um bom pedido de desculpas não resolvam.

— E o que seria *um bom pedido de desculpas*? — indaguei.

— Sei lá! — Ryan deu de ombros. — Pelo seu histórico, acho que subir o Cristo Redentor de joelhos, sentar no meio da torcida do Vasco vestido com a camisa do Flamengo ou cantar as músicas melosas de Ed Sheeran.

Torci o nariz para as sugestões. Vendo minha cara, ele completou, dessa vez sem nenhum tipo de ironia:

— Ou você pode dizer que foi um perfeito babaca e que não consegue mais ficar longe dela.

Sorri, apreciando suas palavras.

— Isso me soa muito bem.

— Agora, se ela não vai chutar sua bunda aí eu já não sei.

Ryan gargalhou, e pela primeira vez em um mês eu consegui sorrir com alegria.

Meus dias na clínica tinham sido sofridos, mas necessários. Não posso afirmar que era um novo homem, porque nenhuma reabilitação vai apagar toda a bagagem da minha vida, mas posso dizer que me tornei mais consciente e, principalmente, mais apaixonado do que nunca pela vida. Uma vida que me trouxe pessoas muito especiais, como Ryan e Manuela.

Apertei o ombro de Ryan. Ele tinha amadurecido cerca de dez anos nos últimos meses, confirmando sua competência. Não foi à toa que eu o escolhi para estar do meu lado.

— Obrigado por tudo, Ryan.

Ele sorriu, mas depois fez uma careta de nojo.

— Não vai cantar Ed Sheeran pra *mim*, né?

— Tipo assim: *So honey now... Take me into your lovin' arms... Kiss me under the light of a thousand stars. Place your head on my beating heart... I'm thinking out loud... Maybe we found love right where we are.**

Fiz toda uma performance enquanto cantava, deixando Ryan maluco. Colocava a mão no peito enquanto apontava para ele como se ele fosse o objeto do meu amor. Fechava os olhos e fazia biquinho, ameaçando beijá-lo.

— Eu realmente espero que a Manuela te dê outra chance. Na verdade, vou fazer uma promessa para que isso aconteça — bradou ele entre os dentes, e subiu a escada correndo.

Peguei minha mochila e, ainda sorrindo, dei outra olhada em volta, apreciando o apartamento que seria para sempre um lugar especial para mim.

Ao contrário de Ryan, subi a escada devagar, um degrau após o outro, seguindo o lema que passaria a fazer parte da minha vida.

Um passo de cada vez.

* Então, querida, agora/ Me abrace com seus braços amorosos/ Beije-me sob a luz de mil estrelas/ Apoie a cabeça sobre meu coração palpitante/ Estou pensando alto/ Talvez tenhamos achado o amor bem aqui onde estamos.

“42”, Coldplay

Eu permanecia na UTI.

As paredes brancas, o ar gélido, a luz fluorescente e o silêncio sepulcral eram como avisos de que não havia para onde ir e que aquela seria a última visão para milhares de pessoas no mundo. Apenas as paredes brancas.

Eu desejava fervorosamente que houvesse uma forma de paralisar o tempo, que as horas congelassem e as pessoas ficassem para sempre presas em algum momento onde tivessem sido felizes. Um momento em que não existissem doença, dor, lágrimas e morte. Um momento em que corações não falhassem.

Estava de pé junto à porta, as lágrimas descendo uma atrás da outra, sem que eu pudesse evitar. Will morreu uma semana depois de receber um novo coração. Seu corpo rejeitou o órgão, e ele não sobreviveu.

A dor rasgava meu peito e esmagava meus pulmões, me deixando sem ar. Eu queria gritar para o mundo o quanto aquilo era injusto. O quanto a vida era uma menina mimada que gostava de brincar com o sentimento das pessoas. Naquele momento, eu odiava a profissão que havia escolhido. Chega um tempo em que você deixa de ser médica e volta a ser humana, com coração, sangue nas veias e raiva na alma.

Em um rompante, deixei Amanda para trás e me dirigi ao quarto 205, o mesmo em que um menino de apenas dezesseis anos lutara com unhas e dentes por uma chance que não lhe fora dada. O mesmo quarto onde ele tinha cantarolado músicas enquanto era examinado. O mesmo que abrigara um ser inocente que só queria um coração batendo no peito para lhe devolver a vida.

O quarto de Will.

Eu já tinha me preparado para aquele momento. Sabia que as chances não eram grandes e que precisava deixá-lo ir, mas não conseguia. Eu via Felipe em Will: a vida inteira pela frente, o mesmo carinho com as pessoas, a mesma garra, o mesmo sorriso... e o mesmo destino.

— Espero que você tenha um propósito para tudo isso — murmurei, aos prantos. — Por que me tirar todos eles? — questionei, consciente de que Will era mais um a me deixar.

Olhei em volta, relembrando as brincadeiras de Will, que nem quando sentia dor deixava o sorriso se apagar. Nem no fim ele deixou que as esperanças morressem.

— Doutora Manu?

Sequei os olhos quando ouvi meu nome ser chamado. Quando me virei, mais uma punhalada do destino: eram os pais de Will. A mãe era amparada pelo marido, e a irmã de dez anos estava com eles.

— Eu queria agradecer — disse a mãe, com a voz embargada, me fazendo perder o ar. — Não sei

o que seria do meu menino se não fosse por você e a dra. Amanda.

Levei a mão à boca, sem conseguir conter a emoção.

— Não precisa agradecer. Eu amava Will.

— Precisa, sim. Tenho certeza de que foi esse amor que o manteve vivo por mais tempo. Vocês eram as heroínas dele. Meu menino disse que, se algum dia saísse do hospital, seria médico, para fazer pelos outros o que vocês faziam por ele.

Apenas assenti, lentamente. Não conseguiria dizer mais nada sem me desmanchar em lágrimas.

— Obrigada por me contar — falei, longos segundos depois. — Eu não sabia.

— Ele queria que você ficasse com isto — disse ela, estendendo para mim um cartão de memória. — Faz duas semanas que ele me entregou. Acho que ele já sabia.

Peguei o cartão, e a mulher se agarrou ao marido, chorando copiosamente. A dor de perder o filho era insuportável. Em seguida, a irmã de Will me deu um beijo no rosto e saiu, acompanhada dos pais.

A pior parte de ser um médico não é perder um paciente, mas avisar aos que ficam que a morte venceu.

Guardei o cartão no bolso do jaleco e peguei do chão o violão de Will, colocando-o na cama. Ele até poderia ter sido médico, mas, com certeza, a música estava em sua alma.

— Manuela...

Meu coração disparou de uma forma tão absurda que achei que teria um ataque cardíaco. Respirei fundo uma, duas, três vezes até retomar o controle do meu corpo.

Ele estava ali. Depois de mais de um mês sem ouvir sua voz, ela cantava para mim novamente.

Eu me virei lentamente e o observei.

Estava mais magro e, com o cabelo curto, parecia mais jovem. Os fios castanhos estavam penteados de forma despojada. Os alargadores tinham sumido, mas o piercing continuava brilhando no lábio. Vestia um jeans preto e uma camiseta da mesma cor, deixando à mostra todas as tatuagens que coloriam sua pele. Acho que nunca o tinha visto daquele jeito em público. Tão ele.

Meus olhos se encheram de lágrimas e meus ombros caíram, derrotados. Estava exausta. Não pensei em mais nada; não queria saber o que aconteceria dali para a frente, só queria dividir com Dereck a dor que sentia: desabei quando ele me abraçou. Passei os braços em volta de seu pescoço e chorei em seu peito. O cheiro dele me invadiu, me deixando ainda mais sem chão.

Chorei como se nunca mais fosse parar. Dereck apenas me mantinha junto ao corpo, a mão pesada sobre minha cabeça, a outra acariciando minhas costas.

— Vai ficar tudo bem, Manuela. Eu estou aqui.

“This time”, Jonathan Rhys Meyers

Estava longe de ser um conto de fadas. Muito longe de uma história de amor convencional.

Com Manuela em meus braços, eu tentava me convencer de que estava fazendo a coisa certa. Acreditava que havia um sentido em estar ali. Um sentido para a vida.

Tinha acordado sentindo que estava na hora de procurá-la. Dois dias haviam se passado desde o meu retorno, e, mesmo tendo certeza de que precisava me estruturar antes de nos reencontrarmos, Manuela não saía da minha cabeça nem por um segundo. A cada maldito tique-taque do relógio eu sentia como se fosse explodir.

A dúvida pairava em minha mente. Ryan se esquivava quando eu perguntava sobre Manuela, alegando que não seria um espião ao meu serviço. Claro que ri da forma como ele falou, mas entendi o recado.

Não adiantava adiar o inevitável. Aquela conversa teria que acontecer, e seria definitiva: ou Manuela me aceitaria em sua vida, ou eu aceitaria que precisava viver sem ela. Mas nem em meus piores pesadelos imaginei que a encontraria daquele jeito: destroçada.

Fui ao hospital para convidá-la para jantar. Queria colocar as cartas na mesa. Tinha muito a dizer e esperava que ela pelo menos me ouvisse. Claro, poderia ter ligado, mas a vontade de vê-la falou mais alto.

Ao chegar lá, a secretária de Manuela me avisou da morte de Will, alertando que não era um bom momento. Olhando-me com certa reprovação, Ayra contou que Manuela havia sentido a morte do menino mais do que qualquer um do hospital e que provavelmente iria para casa.

Não pensei duas vezes: fui procurá-la. Algo me dizia que sabia onde a encontrar, e minha intuição não falhou.

— Gostaria de saber as palavras certas. Gostaria de poder dizer que ele está em um lugar melhor, que era para ser assim e que a dor vai passar, mas não seria verdadeiro. A dor da perda é eterna, você só aprende a conviver.

Manuela soluçou, e me senti o mais fraco dos mortais.

— Chorar é necessário — completei.

Sua voz enfim se fez ouvir:

— Você não devia estar aqui.

Foi doloroso e prazeroso ao mesmo tempo. Eu sentia falta da melodia que emanava de seus lábios, mas aquelas palavras me derrubaram.

— Se quiser que eu vá embora, eu vou, é só dizer. Esquecer o passado é impossível, mas só Deus sabe como eu quero ficar com você.

— Por quê? — questionou ela, afastando-se e buscando meus olhos.

As palavras me vieram à boca, mas não tive coragem de dizê-las. Eu queria muito confessar que a amava, mas, embora eu estivesse preparado para dizer, ela não estava pronta para ouvir.

Tinha cometido esse erro com Clara e não o repetiria.

— Porque você é importante para mim — respondi.

A expressão no rosto de Manuela era indecifrável. Ela me abraçou de novo, e eu a sentia tremer, mas não sabia o que fazer para confortá-la. Comecei a pensar que tinha sido má ideia procurá-la em um momento tão doloroso, mas ela precisava de mim. *Foda-se*.

Em um rompante, ela se afastou, como se não estivesse entregue em meus braços segundos antes.

— Você passou um mês fora sem nem me avisar onde estava — Manuela me repreendeu. — Eu fiquei aqui, em uma cama de hospital, depois de quase ter sido estuprada. Você não deixou um bilhete, não deu um telefonema. Seu conceito de importante me parece um pouco inusitado, Dereck Mayer.

— Eu mandei uma carta.

— Há dez dias, Dereck.

Emudeci, pois sua feição me dizia que ela não tinha terminado.

— Eu não sou a porra de uma guitarra, para você colocar na caixa quando não quer mais tocar. Já sofri mais perdas do que consigo suportar. E você tem razão: nada faz a dor passar, mas, quer saber? É uma dor aceitável. Uma dor que você aprende a amar, porque é a certeza de que algo bom existiu.

— Manuela...

— Não. — Ela levantou a mão, seus olhos ordenando que eu me calasse. — Não estou pronta para lidar com a sua volta. Não sei se algum dia vou estar. — Engoli em seco quando vi mais lágrimas rolarem por seu rosto. — Eu teria ficado do seu lado. Teria apoiado você.

— Eu não era uma boa companhia — expliquei, baixinho. — Você e Ryan eram as pessoas mais próximas a mim. E o que eu fiz? — Minha voz se elevava. — Coloquei você em perigo, além de não ter sido um bom exemplo para meu primo.

Ela se mantinha de pé próximo à porta, como se a qualquer momento fosse sair e me deixar falando sozinho.

— O que aconteceu comigo foi uma fatalidade, não foi culpa sua. Pelo amor de Deus! — gritou ela, jogando os braços para cima, exasperada. — Você é um compositor brilhante e um excelente cantor. Batalhou a vida inteira para conquistar seus objetivos. É conhecido pela atenção especial que dá aos seus fãs, não pensa duas vezes antes de interromper o que estiver fazendo para retribuir um carinho, tirar uma foto ou dar um autógrafo. Um homem que abriu mão da própria felicidade pela mulher que amava. Um cara que tem cara de mau, mas que adora brincar com o meu gato. Um homem de coração enorme, com um talento incrível e de uma sensibilidade inacreditável. Esse é você, Dereck. E você ainda acha que não é um bom exemplo para seu primo? Basta olhar para o Ryan e ver o homem que ele é.

Aquela mulher não existia. Eu tinha agido como um canalha, a humilhado, tinha tentado afastá-la de mim, pensado somente na minha dor, nos meus sentimentos e no que seria mais fácil para mim, e Manuela ainda conseguia achar motivos para me elogiar!

— Sabe, Dereck, algumas pessoas tendem a abandonar o outro quando as dificuldades aparecem. Não posso julgá-las. O ser humano é egoísta por natureza e são poucos os que conseguem enxergar

o verdadeiro milagre capaz de transformar o mundo: o amor. E não estou falando do amor entre namorados. Existem muitas formas de amar, e uma delas é através da amizade. Seria muito fácil eu virar as costas para você, jogar na sua cara que você era um viciado e que não era bom o suficiente para mim.

Abaixei a cabeça, me sentindo um completo derrotado.

— Mas eu também poderia ter escolhido ficar do seu lado — continuou ela. — Você devia ter me dado a escolha de ser para você o que talvez mais ninguém tenha conseguido ser. Não seria fácil, ainda mais no momento em que eu me encontrava, mas seria o certo. Você me afastou, Dereck, e agora não sei se é possível recuperar o lugar que tinha na minha vida.

Fiquei mudo. Cada palavra que eu ouvia me atingia como a mais pura verdade. Manuela estava totalmente certa, e um pedaço de mim se sentia feliz por eu ter me enganado completamente.

Foi então que Amanda apareceu. Caminhou até nós com um ar preocupado, os olhos inchados, o rosto vermelho e a expressão triste de quem estava sofrendo tanto quanto Manuela.

— Eu chutaria você daqui, mas não é uma boa hora — disse ela para mim. — Manu, quer uma carona?

— Sim, Dereck e eu já terminamos nossa conversa.

Seu olhar gélido me fez despertar e perceber que ela estava me deixando. Não sei se para sempre, mas pelo menos por ora não me queria por perto. Então a deixei ir. Ela ainda olhou por cima do ombro antes de partir, dizendo:

— Obrigada por hoje.

Juro que vi um brilho diferente em seus olhos. Uma pequena faísca de esperança.

MANUELA

Eu não chorava mais.

Mesmo contra minha vontade, tenho certeza de que a presença de Dereck me acalmou. Eu não queria depender dele, mas os sentimentos seguem por caminhos desconhecidos.

Olhando pela janela do carro, eu pensava em nosso encontro enquanto Amanda dirigia.

— Ryan disse que ele passou por uma barra. Contou que a desintoxicação quase o matou e que várias vezes pensou em tirá-lo de lá. Não aguentava mais ver o primo sofrer tanto.

— Que foi? Virou a presidente do fã-clubes Dereck Mayer, agora? Você não o suporta, Amanda.

— O que eu não suporto é ver ele machucando você, Manu. Ou esqueceu que eu fui a primeira a dar força para você ficar com ele? — Ela não desviava os olhos da direção enquanto conversava comigo. — A merda já está feita, amiga: você se apaixonou e ele também. Tá na cara. O Dereck é um merdinha irresponsável, mas ele buscou ajuda.

— E me afastou dele — sentenciei.

— Egoísmo é um bicho desgraçado.

— Não estou sendo egoísta, e sim realista.

— Você está parecendo uma menina de quinze anos, Manu. Pelo menos reconheça que o melhor que o Dereck poderia fazer era se afastar. Pare de tratar a decisão dele como um crime hediondo. Você conhece o pior, e com certeza não é isso.

— O Felipe não tem nada a ver com isso — falei.

Amanda parou o carro e finalmente me encarou.

— Enquanto não se der conta de que ele tem TUDO a ver com isso, você não vai conseguir ser feliz.

Enquanto achar que o Dereck vai ser como ele, nunca será feliz. Nem com o roqueiro nem com ninguém.

Tirei o cinto de segurança e, antes de sair do carro, perguntei, mudando totalmente de assunto:

— Você vai ao velório?

— Não. Odeio velórios e enterros. Prefiro visitar os pais do Will depois.

Apenas assenti, dei um abraço em Amanda e não falei mais nada.

Minha amiga também se foi em silêncio. Pensei em dizer “obrigada” por suas palavras, mas ainda não sabia se tinha motivos para agradecer.

Tomei um banho demorado e deixei que a água morna envolvesse meu corpo, limpando meus pensamentos.

Estava questionando minhas próprias decisões. Amanda tinha razão em dizer que Felipe tinha tudo a ver com aquilo que eu estava vivendo. Sua indiferença ao meu amor e sua morte deixaram uma cicatriz que ficaria para sempre em mim. O medo de não ser escolhida e, pior, de perder uma pessoa amada ainda me assombrava.

Embora ainda fosse dia, tudo que eu mais queria ao sair do banho era um pijama e minha cama, mas, ao abrir o guarda-roupa, o envelope enviado por Dereck caiu aos meus pés.

Decidi reler a carta. Eu precisava urgentemente entendê-lo. Talvez não tivesse compreendido plenamente o significado daquelas palavras.

“I don’t want to miss a thing”, Aerosmith

Voltei para casa com as esperanças renovadas. Parecia um louco, eu sei, mas tinha certeza de que havia despertado algo em Manuela, e isso me bastava.

Encontrei Ryan no hall do apartamento.

— Estou indo à casa da Amanda — avisou ele. — Como foi com a Manu?

— Foi bom.

Ele levantou as sobrancelhas, incrédulo.

— Quer dizer — me apressei em explicar —, ela não chutou minha bunda. Pelo menos não fisicamente.

Ryan entendeu o que eu queria dizer. Manuela não tinha me chutado, mas suas palavras foram como socos no estômago.

— Pelo menos esse seu lance com a Amanda está sério — comentei.

Ryan abaixou a cabeça, envergonhado.

— Ela tem uma paranoia com a nossa diferença de idade. É foda, mas estou domando a fera.

Dei um tapa no ombro dele e sorri.

— Então vai lá. Ela precisa de você nesse momento.

Ryan saiu, e peguei o elevador. Eu precisava me segurar para não procurar Manuela de novo, tinha que reconhecer que ela precisava de tempo, ainda mais depois de um dia tão triste como aquele.

Os cômodos do apartamento pareciam pequenos diante da imensa aflição que eu sentia. Estava perdido dentro da minha própria casa. Um mês fora, vivendo uma rotina rigorosa, compartilhando momentos, experiência e esperanças com pessoas que eu nem sequer conhecia... O desafio de suportar a solidão havia começado. Assim que eu me internara, tinha dispensado a banda. Todos os músicos voltaram para casa, para suas famílias.

Peguei um caderno e o violão. Folheei as páginas: anotações que eu fizera na clínica. Muitas não tinham sentido algum, enquanto outras eram simples confissões, mas algumas certamente mereciam ganhar uma melodia.

Com um lápis na boca, comecei a dedilhar notas no violão e escrever uma música, tentando não pensar em mais nada. Por muito tempo a música tinha sido a coisa mais importante da minha vida, mas agora eu percebia que Manuela fazia mais falta que qualquer canção. Eu era como uma guitarra sem cordas: a estrutura continuava ali, mas faltava a parte mais importante, aquilo que dá sentido a sua existência.

Sem perceber o passar do tempo, já era madrugada quando parei. Meus dedos sentiam o trabalho exaustivo, ainda mais por eu ter passado muito tempo sem me dedicar tanto ao violão.

Ryan não voltou, e deduzi que passaria a noite com Amanda. Senti inveja do meu primo, confesso. Tudo que eu queria era estar ao lado de Manuela.

— Caralho, Danilo. Está ótimo.

Tinha tomado café da manhã e ido direto ao estúdio. Trabalhei o dia todo, e a noite já chegava sem que eu tivesse saído dali.

Durante minha internação, Ryan tinha tocado o projeto e me mantido inteirado de tudo.

— E a agência de publicidade? — perguntei, me sentando em um grande sofá de couro no centro da sala anexa ao estúdio.

Danilo me entregou um tablet para me mostrar algumas imagens. Basicamente, era material de divulgação. Olhei cada uma com atenção, aprovando o trabalho que havia sido feito enquanto estava fora.

— Muito boa essa agência que vocês escolheram. Amanhã o site já vai estar no ar, e a ideia de explorar o máximo possível as redes sociais me surpreendeu. O relatório de retorno desse tipo de divulgação que Ryan me apresentou me deixou bem animado.

Fiquei feliz em ver que Danilo reconhecia o trabalho de Ryan.

— Essa agência foi muito bem recomendada. Meu empresário usava os serviços deles quando fazíamos turnê pela América Latina.

— Bom, então a gente combina assim: amanhã vou fazer entrevistas com algumas candidatas a recepcionistas e você bate um papo com o pessoal para ajudar na parte técnica.

— O.k..

Ryan estava ao meu lado, analisando alguns currículos para o cargo de auxiliar administrativo, que trabalharia diretamente com ele. Sorri ao ver meu primo tão empenhado. Ele estava no caminho certo, apesar de tudo que tinha me visto aprontar.

O toque tradicional do iPhone ressoou no ambiente, e me levantei, levando a mão ao bolso. Imediatamente, pensei em Manuela, mas então vi Ryan atendendo o celular.

— Oi, minha loira... Sim, sim... Tudo bem.

Ele saiu da sala e voltei a me sentar. Aproveitando que estava sozinho e com o telefone na mão, liguei para Manuela. Precisava pelo menos saber como ela estava. Sentia que havia mais alguma coisa nos separando além de sua relação com Clara e minha ausência no último mês, mas não sabia o quê.

Eu precisava ser mais do que um dia já fora. E não seria fácil. Não bastava chamá-la de baby, ou presenteá-la com uma joia, pois nada disso fazia parte do mundo de Manuela. Eu tinha duas opções: ou me encaixava rapidamente aos seus gostos ou seria descartado como uma peça desnecessária.

— Oi, Dereck.

Sua voz foi absorvida por meus ouvidos e eu simplesmente me deleitei com a sonoridade. Já podia ver sua expressão: os olhos verdes se estreitando e os lábios formando uma linha fina, de quem não queria dar o braço a torcer.

— Queria ver você, se possível. Sei que não é um bom momento, mas não posso deixar você me apagar da sua vida sem antes me ouvir — falei.

— Tenho um compromisso hoje. O Diego está me esperando.

— Não tem problema. Espero você voltar.

— Não sei se é uma boa hora — rebateu ela.

A linha ficou muda por um instante. Eu sabia que deveria dar espaço a Manuela, mas também precisava mostrar que estava pronto. Que nada era mais importante que ela na minha vida e que por isso estava disposto a esperar.

— Dereck?

— Te espero na porta do seu prédio. — Achei que ela fosse retrucar, mas me antecipei, impedindo-a de falar: — Baby, eu disse que voltaria e que dessa vez seria para ficar. Acho melhor começar a se acostumar comigo na sua vida, porque eu não tenho a menor intenção de sair dela.

— Precisamos mesmo conversar. Definitivamente.

Aquela afirmação me fez tremer. Eu realmente queria conversar com ela, mas talvez fosse uma conversa difícil.

Senti um arrepio e percebi que havia mais alguém na sala. Quando me virei, dei de cara com Ryan na porta, me olhando com um sorriso no rosto. Acho que tinha ouvido parte da minha conversa.

— Preciso desligar — falei. — Até mais, baby.

Desliguei, ouvindo o suspiro de Manuela.

— Ela está sendo um pau na sua bunda, né?

Ryan se aproximou. Ele trazia uma garrafa de cerveja, e fiz uma careta. Por um momento minha garganta secou e meu estômago se contorceu de vontade de saborear a bebida, mas ele logo se desculpou, jogando a garrafa no lixo. Teria que me acostumar com aquilo, pois seria testado de todas as formas, mas estava preparado. Nada me puxaria para baixo novamente.

Eu me recostei no sofá, relaxando o corpo.

— Nos últimos meses, não fiz mais nada além de fumar, cheirar e beber — falei. — Eu comia para fumar. Dormia para cheirar. Trabalhava para beber. Minha vida girava em torno de coisas que estavam me destruindo. Mas agora eu sei por quem devo lutar.

— Por Manuela? — perguntou ele, pois era a resposta mais óbvia.

— Não. — Eu me levantei do sofá e dei as costas para meu primo. — Por mim.

MANUELA

O telefone ficou mudo, e olhei atentamente para o aparelho em minhas mãos. Ele ia ligar de volta; não era possível que desligaria assim do nada.

Para ser sincera, gostei da atitude de Dereck. Era tudo muito confuso: ao mesmo tempo que pedia para se afastar, eu torcia para que ele não desistisse. Na verdade, acho que queria uma prova de que não era apenas um capricho para ele, apenas um desafio. Queria que ele me provasse que eu era a única.

Putá merda!

Me joguei na cama, esticando os braços e respirando fundo. Precisava me decidir. Ou tentava mais uma vez, ou acabava com aquele sofrimento.

Meu celular tocou. Foi um sinal: Amanda havia me mandado mensagem avisando que já estava a caminho da minha casa. Tínhamos combinado de jantar juntas para espairar um pouco. A morte de Will estava sendo difícil para nós duas. Diego também iria nos encontrar, o que era ótimo, pois eu precisava urgentemente desabafar com meu melhor amigo.

Desliguei todas as luzes e saí. Na portaria, avisei que Dereck ficaria me aguardando. Admito que não estava em meu juízo perfeito. E essa insanidade toda tinha nome e sobrenome: DERECK MAYER.

— Amiga, acabei de falar com o Ryan — disse Amanda, no caminho para o restaurante.

— E...?

Ela ficou um tempo concentrada unicamente na direção. Estava estranha. Não parecia a Amanda que eu conhecia fazia tantos anos.

— A gente marcou de se encontrar no restaurante. Ele insistiu e eu não consegui dizer “não” — confessou.

O.k., que Amanda estava gamada pelo Ryan era nítido, mas convidar o cara para o nosso jantar era demais.

— Como assim? — questionei, surpresa.

— Não consegui dizer não.

— Você sabe o que está fazendo, Amanda?

— Não quero me envolver com ninguém agora. Estou em uma fase excelente da minha vida, e o que eu menos quero é um relacionamento sério, ainda mais com alguém tão complicado como Ryan, mas não estou conseguindo me afastar dele — admitiu ela. — Aquele moleque me irrita.

Sorri, pois conhecia aquela história de cor e salteado. Amor e ódio andam juntos e se confundem.

Fiz um carinho na mão dela. Amanda estava sendo meu porto seguro ultimamente, sempre ao meu lado, em todos os momentos. Quanto a Clara, eu a estava evitando ao máximo. Não nos víamos desde o dia em que ela fora à minha casa. Egoísta, eu sei, mas meu orgulho falava mais alto. Não queria ficar falando sobre o mesmo homem que tinha sido loucamente apaixonado por ela, o homem que quase destruía a própria carreira de sucesso por não conseguir lidar com a perda da mulher que amava. Eu queria ser tudo para Dereck, mas não sabia se algum dia chegaria aos pés de Clara.

Meu Deus, aqueles pensamentos autodestrutivos estavam acabando comigo.

Logo que chegamos eu avistei Diego no bar do restaurante. Fui falar com ele, enquanto Amanda aguardava Ryan do lado de fora. Puxei meu amigo pelo braço e o arrastei até uma mesa de canto. Ele estava lindo e irresistível como sempre e, para completar, de terno e gravata.

— Opa, opa! — exclamou Diego. — O que foi que eu fiz dessa vez?

— Não me impediu de fazer besteira.

Pedi uma água ao garçom. Diego já tinha uma taça de vinho nas mãos.

— Manu, sei que você está sofrendo pela morte do garoto, mas não foi sua culpa.

— Não estou falando sobre o Will.

— Não vai me dizer que essa sofrência toda é por causa do roqueiro?

— Sofrência? — repeti, sorrindo.

Era meu primeiro sorriso em dias. Apesar de descontraído, Diego não era de usar esse vocabulário.

— Apreendi com Amanda — justificou ele.

— Ah, claro.

Aquilo explicava tudo. A rata da internet devia ter soltado aquela perto do Diego. E, como tudo que não presta, pega.

— Manu, vou ser bem sincero com você sobre esse assunto: foda-se!

— Oi? — perguntei, perplexa.

Diego estava mandando eu me foder?

— Foda-se o que vão pensar. Foda-se o passado. Foda-se o futuro — explicou ele. — Cheguei à conclusão de que algumas pessoas ficam burras quando se apaixonam. Não entendem que a equação é simples: um mais um é igual a dois. Não tem nada conspirando contra vocês. — Ele apontou o dedo para mim. — Ou contra *você*. Então, seja a mulher que você sempre foi e pare de boicotar sua própria felicidade. Dereck errou, você se fechou. Ele pode ser inconsequente, mas você sente que não merece ele por ter complexo de inferioridade. Os dois estão errados e certos nessa história.

Todo o sangue do meu corpo fervia em minhas veias. Meu rosto queimava. Minha vontade era gritar com Diego, mas gritar muito. Eu era uma panela de pressão a ponto de explodir.

— E não precisa ficar toda irritadinha só porque eu não disse o que você queria ouvir — continuou ele. — Você veio falar comigo já contando que eu diria que essa história não vai terminar bem, mas esqueceu que eu sou um príncipe. — Aquele homem de um metro e oitenta e olhos azuis penetrantes piscou para mim. — Aconteça o que acontecer, sempre vou acreditar no amor.

Minha respiração se acalmou um pouco, meus pés pararam de formigar. Eu sempre sinto isso quando estou muito nervosa. Respirei fundo, tentando absorver tudo que Diego tinha dito, mas não consegui dizer uma única palavra.

— E deixa de ser patética. Se Dereck está limpo, “nada mais impede vocês de tentarem” — disse ele, desenhando aspas no ar. — Palavras da Clara.

— Ela disse isso?

— Disse. — Para minha surpresa, Diego começou a rir de repente. — E disse também que, se você e Dereck não se acertarem, bundas serão chutadas.

Então eu entendi. Aquela era a nossa Clarinha! A mulher que não levava desaforo para casa e que, mesmo sendo muito mais nova do que eu, era a pessoa que mais me inspirava.

Diego se aproximou e me deu um beijo na testa, antes de completar o sermão.

— Quem faz sua felicidade é você. O tempo não volta, Manu. Então, viva essa loucura. Sei que você ainda pensa no Felipe, mas posso perguntar uma coisa? — Certinho como era, ele queria minha autorização para entrar naquele assunto. — Será que você amava mesmo o Felipe? Será que tudo isso que você sentiu pelo noivo da Clara não foi uma fantasia? Um amor platônico? Quem sou eu para julgar seus sentimentos, mas você nunca viveu com o Felipe nem uma fagulha do que está vivendo com o Dereck. Pense bem se vale a pena abrir mão de um amor que pode dar certo por fantasias que nunca vão se concretizar.

Fiquei praticamente paralisada ao ouvir aquilo. Eu nunca tinha questionado meus sentimentos por Lipe, mas, colocando daquela forma, comecei a considerar a possibilidade de que Diego estivesse certo. Felipe era o homem ideal para qualquer mulher; perfeito para Clara, perfeito para mim. Eu comparava todos os meus relacionamentos com o que teria tido com ele, e não estava sabendo lidar com a realidade imperfeita.

Dereck era uma bomba prestes a explodir, e eu estava decidida a me arriscar ao lado dele. Poderia ser atingida no caminho, mas as cicatrizes valeriam a pena. Sempre valem.

“Whatever it takes”, Lifehouse

— Foda-se! — xinguei, e peguei a chave do carro.

Já tinha esperado demais, não aguentava ficar mais nem um minuto na portaria da Manuela. Precisava vê-la, com uma urgência irreconhecível. Eu a queria, e muito; mais do que conseguia suportar. Não sei se era a falta das drogas, mas meus pensamentos estavam mais difíceis de ser controlados.

Desesperado! Esse era o meu estado.

Tinha medo de que Manuela desistisse de mim ou que tivesse voltado para aquele idiota. Não, não podia sequer pensar nisso. Ficava doente só de me lembrar dela com aquele playboy. Era mais que ciúme, era o sentimento de fracasso. Ela merecia mais do que alguém que a chamava de *lindinha*. Sorri enquanto caminhava pela rua. *Lindinha* não combinava nem um pouco com a dra. Manuela.

Atravessei a avenida praticamente sem olhar para os lados, sem saber ao certo o que estava fazendo, por isso não vi que alguém estava recostado ao meu carro.

Manuela abaixou a cabeça assim que me viu, com um sorriso firme, mas logo levantou o rosto, me encarando. Seu polegar pousou entre seus lábios — ah, se ela soubesse o efeito daquilo em mim! Mas a verdade é que ela sabia e fazia de propósito.

Quando me aproximei, ouvi meu nome sussurrado:

— Dereck...

Não houve tempo para mais nada. Minha boca colidiu com a dela e nossos lábios se tocaram de forma sublime. Meu Deus! Eu estava amando. Não havia outra explicação.

Manuela sussurrou mais uma vez meu nome, afastando os lábios dos meus apenas para murmurar aquela palavra que soava como uma nota perfeita de guitarra em meus ouvidos. Não havia nada melhor do que ouvir meu nome sendo cantado por aquela mulher.

Segurei Manuela pela cintura e a apoiei no capô do carro. Ouvimos alguns assovios e buzinas, mas não nos importamos. Ela enlaçou minha cintura com as pernas e relaxou o corpo em meus braços.

— Vão se comer em casa! — gritou alguém.

Só assim despertamos do transe. A ficha caiu de repente: estávamos na rua, em frente ao prédio dela e diante de várias pessoas. Nos afastamos rapidamente.

— Onde eu estava com a cabeça? — murmurei ao me dar conta das possíveis consequências da nossa insanidade.

Ela baixou a cabeça. Sua língua deslizou para fora da boca, molhando os lábios, me deixando tonto de prazer. Foda!

— *Shit!* Se você ficar me provocando assim, não respondo por mim, baby.

Em uma análise milimétrica, ela passou os olhos por todo o meu corpo até chegar ao meu pau, que já implorava por um pouco de atenção. Se tivesse vida própria, o coitado estaria de joelhos, suplicando por míseros segundos de carinho.

— O que é tão engraçado, além do fato de a gente estar se pegando no meio da rua?

Eu nem tinha me tocado que estava sorrindo, mas Manuela percebeu, e não consegui segurar aquele pensamento idiota na minha cabeça.

— Estou imaginando que se meu pau tivesse vida própria ele estaria de joelhos, implorando a sua atenção.

A primeira reação de Manuela foi de espanto, pois a cena seria um tanto bizarra, mas depois ela sorriu, embarcando na minha loucura. Esse era o grande defeito dela: sempre aceitar minhas loucuras.

Ignoramos os olhares curiosos e subimos para o apartamento dela, sorrindo. Estávamos alheios a tudo e a todos. Era um dia para recomeçar.

— Dereck, a gente precisa conversar — avisou ela, deixando claro que aquela noite não seria apenas uma noite ardente de sexo.

Eu sabia disso, mas estava louco, e, se não tivesse uma dose significativa de Manuela, sufocaria em meu próprio desejo.

Já estávamos no quarto. Passamos rapidamente pela sala e, pela primeira vez, ignorei Duque. Manuela estava sentada na cama, enquanto eu a observava, ainda de pé.

— Primeiro eu preciso ter você, Manuela. Você não faz ideia do que foram as últimas semanas. Você não saiu da minha cabeça. Não conseguia dormir direito, e nas poucas vezes que pegava no sono sonhava com você nos meus braços. Eu preciso de você.

Seus olhos se tornaram grandes demais para o rosto, tamanha era sua perplexidade diante das minhas palavras. Eu sabia que aquele momento era muito importante. Sabia que as frases que pronunciava eram carregadas de promessas, mas estava seguro de cada palavra que saía da minha boca, pois eram ditas à mulher que tinha abalado meu mundo.

— Por favor, eu só não quero ser a segunda opção de novo.

Vi o brilho de pânico nos olhos dela ao dizer isso. Não era só ansiedade, era pavor. O desejo que ela sentia por mim era inquestionável, mas a dúvida persistia.

Antes de me aproximar, tirei as botas e a camiseta. O olhar de Manuela fixo no meu corpo era impagável, fazendo com que eu me sentisse o mais poderoso dos super-heróis da Marvel. A passos lentos, cheguei até ela. Com a mão direita, acariciei seu rosto, saboreando a maciez de sua pele. Sentada na beirada da cama, Manuela fechou os olhos, e foi lindo ver seu corpo reagir aos meus carinhos.

Rosto corado...

Respiração ofegante...

Pele arrepiada...

Pernas se contorcendo...

Como eu queria ter aquela mulher toda para mim! Ter sua alma. Alcançar seu íntimo, conhecer seus segredos. Será que um dia Manuela entregaria a mim mais que apenas o corpo? Será que um dia eu seria para ela o que nunca tinha sido para ninguém?

Algo me queimava por dentro quando eu pensava em Manuela longe de mim.

— Tire a roupa — pedi.

— Não.

Aquilo foi um tapa na cara. Eu estava pronto para me afastar quando seus olhos, cheios de faíscas, me impediram.

— Quero que você tire. Não: quero que você arranque as roupas do meu corpo. Quero que você seja o Dereck que me possuiu naquela primeira noite. Preciso disso. Preciso que você me trate como trataria qualquer mulher.

Então eu entendi. Ela queria se entregar a mim. Queria me dar o controle da noite.

Aceitei a oferta de bom grado, mas, antes de começar, eu precisava deixar uma coisa bem clara:

— Você não é qualquer mulher.

Ela levantou os braços e puxei o vestido, deixando minha deusa apenas de calcinha e sutiã. Um conjunto rendado branco, perfeito em sua pele morena. Manuela ficou de joelhos na cama, jogando a cabeça para trás e me dando um vislumbre de seu colo perfeito. O sutiã quase mostrava o bico dos seios, o que me deixou ainda mais perdido de desejo. Eu me ajoelhei de frente para ela, mas Manuela continuava de olhos fechados, mexendo o corpo de forma sensual.

Com os lábios, explorei sua pele, beijando cada parte do seu pescoço e deixando minha língua viajar até seus seios. Puxei a parte de cima de sua lingerie e expus um dos mamilos. Então lembrei que ela tinha pedido para falar durante o sexo. Aquilo me excitava; vê-la pedir por mim e por mais.

— Pronta, minha gostosa? — sussurrei enquanto minha boca ia de encontro ao seu mamilo duro, pontudo. A cor era indescritível e o gosto, inigualável. — Vou comer você, Manuela. E vai ser como você quer.

— Sim, por favor.

Porra! Ela praticamente choramingava. Como eu podia manter o controle se ela implorava para ser fodida? Eu estava muito ferrado.

Manuela abriu os olhos enquanto minha língua se fartava de seus seios. Meus joelhos vacilaram por alguns segundos, que quase me fizeram pôr a noite a perder.

Eu estava apaixonado. Não sabia como nem por quê, só sabia que Manuela não podia sair da minha vida. Ela era o meu pedido. Tudo que desejei desesperadamente em uma mulher e que agora recebia em dobro.

Apoiei as mãos nas costas de Manuela e a deitei na cama. Tomada pelo desejo, ela retirou a calcinha que usava, levou as mãos para o meio das pernas e começou a se tocar. Só aquela visão já bastaria para que eu gozasse. Senti a porra chegar na cabeça do meu pau e voltar.

Voltei para a cama após retirar a calça. Ela continuava se tocando, de pernas abertas, se contorcendo. Meus olhos registravam aquela cena, que com certeza não sairia tão cedo dos meus pensamentos.

Eu me deitei sobre ela e levei o dedo até a boceta, conferindo se estava pronta para mim. Não tinha tempo para muita coisa. Eu estava a ponto de explodir, e Manuela demonstrava o mesmo.

— Sempre estarei... — murmurou ela em meu ouvido, fazendo todos os pelos do meu corpo se arrepiarem.

“Estarei”... Nunca um verbo foi conjugado de maneira tão correta. Manuela falava no futuro, e eu

permitia que meu caminho se entrelaçasse no dela.

Me afundei em Manuela e fiquei totalmente imóvel quando senti sua bocetinha me apertando e me sugando. Tinha estado dentro dela apenas uma vez, mas foi o suficiente para descobrir que nenhuma outra seria igual.

Então, penetrei sem controle, louco de tesão e saudade.

— Tão molhada... tão quente... tão escorregadia — eu dizia enquanto meu pau entrava e saía de dentro de sua boceta.

Apoiei os braços ao lado de seu corpo e peguei o impulso necessário. Estoquei com força, e mais força, e, sussurrei em seu ouvido:

— Sempre estará...

Manuela tremeu em meus braços, e intensifiquei os movimentos, dando tudo a ela. Eu a comia ferozmente, metia na boceta e chupava os seios. Ela gemeu alto e se contraiu em volta do meu membro, me sugando, me aprisionando. Percebi que ela tinha gozado, e eu estava no mesmo caminho. Então, ela passou as pernas sobre as minhas costas, me puxando para mais perto. De repente, não era mais eu que a fodia. O corpo de Manuela se chocava contra o meu. Era doloroso sentir tanto tesão. Como era possível algo tão sobrenatural?

Seus olhos me encararam, e vi o quanto aquela mulher tinha mudado minha vida.

— Goza pra mim, meu rock star. Quero sentir. Quero ter esse prazer.

Eu não poderia recusar aquele pedido. Meu abdômen se contraiu e meu corpo inteiro se enrijeceu. Entreguei a ela não só meu prazer, mas meu corpo, minha alma e meu coração.

— Estou completamente apaixonado por você — confessei, não suportando mais.

MANUELA

Uma overdose de sentimentos. Era isso que estava acontecendo comigo.

Quando Dereck proferiu as palavras que formigavam em minha língua, um medo absurdo tomou conta de mim, paralisando meu corpo. Eu não conseguia respirar.

— Estou com medo — confessou ele. — Você me dá medo. Isso — ele apontou para baixo, para nossos corpos ainda entrelaçados — me apavora.

— Medo é bom — falei.

Dereck relaxou o corpo e apoiou a testa na minha, os olhos praticamente colados aos meus. Ele me escutava atentamente.

— O medo nos faz humanos, passíveis de erros e acertos. Quando estou com você, eu me sinto sem chão.

Ele afastou o rosto, desviando o olhar. Com um toque leve, puxei seu queixo de volta. Sorri, mas ele ainda tinha uma expressão de derrota.

— Sempre quis voar — completei.

Ele levou dois segundos para entender, e logo nossas bocas se uniram em um beijo carregado de todos os sentimentos do mundo. Se o destino existia eu não tinha certeza, mas sabia que o amor nem sempre chega da maneira que esperamos. Não é um sentimento perfeito e se revela onde menos se espera.

Dereck saiu de dentro de mim e, como da outra vez, me pegou nos braços e me levou ao banheiro.

Eu poderia me acostumar com isso.

— Também estou apaixonada — falei, sem conter as palavras. Dereck parou no meio do caminho, ainda me segurando, os olhos grudados em meu rosto. — E também sinto medo.

Ele abriu um sorriso lindo e beijou minha testa.

— Bem, que tal enfrentarmos esse bicho-papão juntos?

Fitei as covinhas em seu rosto, e, se eu tinha alguma dúvida, ela acabava de desaparecer.

Tomar banho com Dereck era uma das maravilhas do mundo e deveria ser tombado como patrimônio da Manu. Ele era incrivelmente atencioso, com as mãos sempre em mim, me tocando, me mostrando que me queria.

No final, eu estava com as mãos na pia, me segurando, enquanto Dereck me comia violentamente.

— Safada... Diz pra mim o que você quer. Diz, baby...

Ele falava tudo que eu queria ouvir. Tudo que eu gostava de ouvir. Sua boca suja me excitava, ao mesmo tempo que ele exalava sentimentos, mostrando que era muito mais do que sexo.

— Mais rápido, Dereck — supliquei, dolorosamente excitada.

Ele levou a mão ao meu clitóris e começou a massagear, tornando o prazer insuportável. Eu sentia meu interior se apertar, o gozo descer. Minhas pernas tremiam, mas suas mãos fortes me seguravam em pé. Eu queria desmoronar. Seria possível desmaiar de tanto prazer?

Eu me segurei firme na pia, até que Dereck gritou meu nome e palavras que eu não entendia. Compreendi que, quando sua mente perdia o controle, ele não distinguia o português do inglês, misturando os idiomas e me dando um vislumbre do verdadeiro Dereck Mayer.

Arqueei o corpo, e Dereck segurou minhas mãos às costas, me deixando imóvel e rendida a ele. Quis abaixar a cabeça, deixar a sensação me vencer, mas a posição me impedia. Então gritei, bem alto, para qualquer um ouvir, que, sim, Dereck estava em minha vida.

Gozamos, alucinados e perdidos em uma realidade só nossa.

— Você é linda — disse ele, acariciando meu cabelo, assim que parou de estremecer.

— É agora que você diz que eu sou sua — brinquei. Dereck me olhou confuso. — Os mocinhos sempre dizem isso.

Então ele sorriu, me deixando perdida em seu olhar.

— “Você é minha?” — Ele fez uma cara de espanto. — Você não é minha propriedade. É uma mulher. Aliás, uma bela mulher.

Ele me deu um beijo no rosto, e eu suspirei, aliviada.

— Não se preocupe, baby, essa é uma frase que você não vai ouvir de mim. Além do mais, estou longe de ser um mocinho.

“Patience”, Guns N’ Roses

Eu olhava para o teto e tudo era desconhecido, como se não estivesse em meu próprio quarto.

As coisas estavam, estranhamente, em seu devido lugar, perfeitamente encaixadas. Eu estava apaixonada, disso já sabia, mas ouvir de Dereck que ele também estava me deixou em um êxtase profundo.

Eu tinha medo. Era uma medrosa de merda, apavorada com todos os sentimentos que aquele homem me provocara desde que entrara em minha vida. Fiquei confusa, pois tinha passado muito tempo acreditando que Felipe fora meu grande amor e que, diante da grandiosidade do que havia sentido, não conseguiria amar novamente, mas Dereck me ensinou que é praticamente um pecado limitar algo tão sublime quanto o amor. Não se ama uma única vez e não se deixa de amar quem verdadeiramente faz a diferença em nossa vida.

O ciúme que sinto de Clara talvez nunca desapareça. Preciso aprender que ela sempre fará parte da vida de Dereck, assim como Lipe sempre fará parte da minha.

— Por que você me disse que não queria ser a segunda opção novamente?

Sua pergunta me fez acordar para o momento. Depois de fazermos amor lentamente (a pedido de Dereck), encostei a cabeça no peito dele e fiquei ali, apenas ouvindo o som do seu coração. Mas agora ele me questionava. Eu teria que confessar a Dereck algo que poucas pessoas sabiam.

— Eu era apaixonada pelo noivo da Clara.

— O velhote? — questionou ele, surpreso, virando de lado para me encarar.

Não pude evitar. Ri da forma como ele se referia a Ferraz.

— Não. Alexandre nunca teria olhos para mais ninguém. — Então lembrei que Felipe também não via nada além de sua princesa. — O que morreu.

Vi a expressão perdida em seu rosto.

— Conheci Felipe quando ele fazia residência no hospital — continuei. — Me apaixonei. Foi inevitável. Ele era sempre tão atencioso e prestativo que meu encanto foi quase instantâneo. Sempre o ouvia se referir à namorada como sua “princesa”, mas eu não a conhecia, por isso não foi difícil me apaixonar por um homem comprometido. Até o dia em que conheci Clara. Ela estava na cadeira de hemodiálise. Felipe me apresentou a ela no dia em que assumiram o noivado. Ficamos amigas, e prometi ser a melhor amiga que ela poderia ter. E foi o que eu fiz. Por isso, fui embora quando você disse no show que eu “era uma amiga”. Estava vendo tudo se repetir, e não conseguiria suportar viver aquilo outra vez.

Dei uma pausa para respirar um pouco. Sempre era muito difícil falar sobre minha relação com Felipe.

— Você participou da cirurgia? — perguntou ele.

Fiquei surpresa por ele saber tanto, o que só confirmava o quanto o homem que estava na minha cama era importante para Clara.

— Fiz muito mais que isso — respondi. — Dei a sentença de morte ao homem que eu amava. Felipe descobriu que tinha um aneurisma em estágio avançado. Os médicos lhe deram seis meses, mas ele viveu oito: o tempo necessário para Clara poder receber o transplante. Falsifiquei os atestados médicos e exames e deixei que ele fosse para a sala de cirurgia. Foi a última vez que o vi com vida.

As lágrimas já haviam se transformado em soluços, pois a emoção transbordava do meu coração. Não foi justo com Felipe, mas a vida nem sempre é justa, e estamos todos suscetíveis ao destino amargo que ela às vezes nos reserva.

Dereck colocou o corpo ao meu.

— Você tem noção do que fez? — disse ele, me encarando com um brilho diferente nos olhos. — Tenho muito orgulho de você.

— Eu poderia ter perdido meu registro médico.

— Por isso mesmo. Poucas pessoas são capazes de se arriscar pelo bem de outros.

— Você fez isso quando procurou o Alexandre nos Estados Unidos. Você abriu mão da Clara.

Ele sorriu, exibindo as covinhas mais uma vez.

— Talvez. De certa forma, eu sabia que tinha alguma coisa boa reservada para mim.

Meu rosto ardeu de vergonha por um instante.

— E seria eu? — falei, tentando manter um tom leve.

— Você é a brisa que faltava na minha vida, Manuela. Você trouxe calma para o meu coração, mas também consegue, com um único toque, derrubar todas as minhas barreiras. Quando disse que você era minha amiga, eu queria ter dito mais, mas eu não estava preparado. *Sorry!*

— Tudo bem. Devo dizer... — me virei bruscamente, ficando por cima dele — ... que você foi o melhor dos meus plantões.

— Viva o Jack Daniel's. — Ele gargalhou antes de me puxar para um beijo.

Dereck puxou o lençol que me cobria, expondo meu corpo. Minha pele se arrepiou ao sentir suas mãos passeando por minhas costas e traçando toda a extensão das minhas costelas, como se estivesse me desenhando. Suspirei alto, quase gemendo, como se a saciedade que havia sentido minutos antes tivesse se dissipado, deixando a fome tomar seu lugar.

Eu tinha fome dele. Fome de Dereck.

— Você é a mulher mais linda com quem tive o prazer de foder.

Engasguei. Como ele conseguia ser tão romântico e tão canalha em uma mesma frase?

— Devo me sentir lisonjeada? — falei, piscando várias vezes, mostrando que tinha entrado em seu jogo.

— Baby, veja o quanto eu te desejo. — Ele jogou o quadril para a frente, me mostrando o pau duro.

— Você pode sentir o que quiser, desde que não me impeça de afundar nessa bocetinha gulosa. Você se transforma quando estou metendo nela, sabia? Fica louca, uma gata selvagem, e isso só me dá vontade de comer você ainda mais.

Fechei os olhos e senti seus movimentos. Logo estava sendo preenchida de novo por ele, seu pau

me invadindo centímetro por centímetro enquanto suas mãos acariciavam minha pele. Ele se tornou mais feroz, me comendo com força mas devagar, um verdadeiro devasso.

— Segura a grade da cama — ordenou ele, enquanto metia forte.

Fiz como ele mandou: segurei a madeira, apertando firme, como se aquilo pudesse detê-lo.

Grande erro! Dereck começou a entrar em mim sem nenhuma delicadeza, toda a lentidão dando lugar a uma pressa sem limites. Era como se ele quisesse aproveitar cada segundo dentro de mim.

Eu sabia que não demoraria. Minha barriga já se contraía, o tesão dominava meus sentidos. Perdi totalmente o controle quando Dereck tocou meu clitóris, com movimentos que me fizeram sair do sério, e ficou assim por alguns minutos, me dizendo obscenidades, me fazendo implorar. Quando o orgasmo veio, poderoso e indecente, fazendo meu corpo se debater debaixo de Dereck, gritei seu nome.

E ele logo respondeu, cravando as unhas no meu quadril e afundando inteiramente em mim.

Pela manhã, acordei enroscada em Dereck. Ele me segurava de forma protetora, me deixando confortável com sua presença. Foi difícil recuperar o fôlego depois do sexo delicioso que tivemos. Era algo surreal e completamente novo, e eu ainda tentava assimilar tudo que estava ocorrendo.

Ainda precisávamos esclarecer alguns pontos, mas a noite anterior tinha sido intensa e muito importante, portanto adiei a conversa. Um passo de cada vez.

— O que esta significa? — perguntei, traçando uma de suas tatuagens com o indicador. Uma flor de lótus, no ombro direito. Logo abaixo havia uma frase em latim, que eu não entendia. — E esta? — Parei o dedo sobre as letras pintadas de preto.

Dereck se mexeu, me puxando para mais perto e fazendo minha cabeça repousar em seu peito.— Nada — respondeu ele, de forma bem natural.

Levantei a cabeça e o encarei. Dereck tinha a pele lisa, sem qualquer pelo, mas isso não o deixava menos másculo. Pelo contrário: era um rosto lindo, que combinava com ele.

— Como? — Eu estava confusa. Quem, em sã consciência, faria tatuagens sem significado algum? — Elas não simbolizam nada?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— Por que deveriam ter significado? — questionou, erguendo as sobrancelhas. Como eu não soube o que responder, ele continuou: — As pessoas procuram sentido para tudo, mas esquecem que não existe uma verdade única ou uma explicação que agrade a todos. Minhas tatuagens não significam nada, são só desenhos que me chamaram a atenção.

— Como dizem por aí, significa que você tinha dinheiro e o tatuador tinha um horário livre.

Ele sorriu, me deixando ainda mais impressionada com sua beleza. Aquele homem só podia ter sido desenhado por Deus. Com ou sem tatuagem, ele era lindo.

— Caramba! — Pulei da cama, olhando no relógio no criado-mudo. — Tenho vinte minutos para tomar banho e chegar ao hospital para assumir meu plantão.

Peguei a toalha e me dirigi ao banheiro. Parei na porta quando vi Dereck se levantando e me seguindo.

— Aonde o senhor pensa que vai?

— Tomar banho. — Ele ergueu a sobrancelha direita e ficou parado, me encarando, como se tivesse dito a coisa mais óbvia do mundo.

— Nem pensar. Não comigo. — Empurrei para a barriga dele a toalha que eu tinha na mão. Dereck a pegou com uma careta de desgosto. — Tem um banheiro nos fundos. Pode ir.

A careta se transformou em um bico de decepção. Deus do céu, eu ia partir a cara daquele homem se ele continuasse me olhando assim.

— Mas...

— Nada de “mas”. Se você entrar comigo nesse banheiro, só vou conseguir chegar na semana que vem.

— Safadinha... — sussurrou ele, antes de plantar um beijo na minha bochecha. — Você que manda.

Estremeci. Afinal, chegar atrasada em um plantão para ficar com Dereck não me parecia uma ideia tão ruim assim.

Desviei o olhar e sacudi a cabeça, afastando os pensamentos impróprios. *Foco, Manuela... Foco.*

Dereck saiu do quarto murmurando algo como “não acredito que vou tomar banho na área de serviço”. Fiquei vigiando até ele sumir de vista. Só então entrei no banheiro e fechei a porta.

Eu me encarei no espelho: estava dividida entre o que sentia e o que não queria sentir. Como dizia Rita Lee, amor é prosa e sexo é poesia.

Mas Dereck era a junção dos dois, com o extra de algumas notas musicais.

“A noite”, Tiê

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Confia em mim, Manu. Este encontro é mais do que necessário. Você é uma das minhas melhores amigas, uma que não abro mão de ter na minha vida. E o Dereck foi uma pessoa essencial para a minha felicidade. O Alê vai ter que aprender a conviver com isso.

Clara foi enfática. Ela estava determinada a nos juntar, por isso, desde que contei que dei uma nova chance a minha história com Dereck, ela vinha me atormentando com aquele convite, o que acontecia dia sim, dia também. Ironia do destino, eu sei, mas no fundo eu sabia que ela estava certa, embora tivesse a impressão de que a qualquer momento uma bomba explodiria no apartamento, jogando todos nós pelos ares.

Quando Clara propôs o jantar, minha primeira resposta foi “não”, mas, diante de sua insistência em tratar as coisas com naturalidade, acabei concordando. Na verdade, eu também precisava daquilo: a última prova de que Dereck tinha esquecido Clara e poderia voltar a amar. Com certeza estava sendo uma cretina em colocar em dúvida os sentimentos dele, ainda mais depois de tudo que ele vinha fazendo por mim, mas tinha percebido que Dereck ficou desconfortável quando comentei sobre o convite de Clara.

Como se notasse minha apreensão, Dereck colocou um sorriso no rosto e aceitou, dizendo que daria tudo certo, depois me puxou e me aninhou em seus braços.

Ele estava voltando a ser como antes, o que incluía piercings e alargadores. Estava até cogitando fazer mais uma tatuagem. A primeira com significado, segundo ele. Misterioso, eu tentei a todo custo descobrir o que era, mas foi inútil. Minhas investigações não deram em nada, só serviram para que ele me chamasse de curiosa.

Estavam atrasados. Clara não demonstrava, mas também se sentia incomodada: o relógio marcava oito horas e nenhum dos dois tinha aparecido. Alexandre estava preso em uma audiência, e Dereck, em uma reunião com o empresário.

De repente, a porta se abriu, e meus ombros relaxaram: era Ferraz. Assim que o viu, Clara soltou um suspiro de alívio. Alexandre foi até a sala, e me levantei para cumprimentá-lo.

— Como vai, Manu? — perguntou, mas senti que ele não queria saber sobre meu dia. — Desculpe o atraso.

Coloquei meu sorriso mais sereno e respondi:

— Não tem problema. Eu vou muito bem, na correria de sempre. O hospital nunca para. E você? Como andam os tribunais?

Ele colocou a pasta em uma mesinha ao lado do sofá e afrouxou a gravata.

— O de sempre — respondeu. — Ajeitando tudo antes das férias. — Ao dizer isso, ele olhou para Clara, sentada no sofá. Um olhar amoroso e ao mesmo tempo cheio de desejo. — Na semana que vem já estarei em casa com as minhas meninas.

Revirei os olhos. Não sei como Clara conseguia ficar ao lado dele sem suspirar a todo momento.

Enquanto ele a alcançava para cumprimentá-la com um beijo, a campainha tocou. Tremi, pois dessa vez era ele.

— Eu abro — ofereceu Alexandre.

Nós duas olhamos quando ele se encaminhou para a porta, andando como se estivesse marcando território: queixo erguido, costas eretas. Olhei para minha amiga, que sorria. Com os nervos à flor da pele, eu não entendia como Clara conseguia achar graça naquela situação.

Alexandre e Dereck trocaram um aperto de mão demorado, o que me intrigou. Não sabia se estavam falando de mim, de Clara ou de nós duas. *Meu Deus! Que situação constrangedora.*

Os dois foram até nós. Clara se levantou do sofá sorrindo, enquanto eu encarava Dereck tentando ler as expressões em seu rosto. Ele também sorria, mas me surpreendeu ao se virar lentamente para mim. Antes de fazer qualquer coisa, antes de dizer qualquer palavra, ele me deu um beijo na testa e sussurrou em meu ouvido:

— Estava com saudade.

Corei até a quinta geração com seu comentário, mas entendi a intenção dele: mostrar que eu estava em primeiro lugar. Que, antes de qualquer coisa, ele olhava para mim. Isso me deixou aliviada e mais confiante para combater o ciúme que insistia em me machucar.

Dereck se aproximou de Clara e a cumprimentou com dois beijos no rosto.

— Obrigada por ter vindo — disse ela. — Manu está quase tendo um filho de tanto nervosismo. Já falei para ela relaxar. Somos todos amigos e não quero que ninguém saia da minha vida.

Alexandre se aproximou da esposa e a envolveu em seus braços. Dereck estava de pé ao lado da poltrona que eu ocupava.

— Cadê a menina? — perguntou Dereck, com um brilho diferente nos olhos, ao notar o porta-retratos sobre a mesa de centro.

— Dormindo — respondeu Clara.

— A pequena é a sua cara — comentou ele.

— Eu que o diga — concordou Alexandre. — Está cada dia mais parecida com a mãe. Agora deu para fazer careta para mim, acredita?

Ferraz concordou com Dereck, eliminando qualquer mal-estar que o comentário de Dereck pudesse ter causado.

— Querem beber o quê? — perguntou Alexandre. — Vou abrir um vinho. — Antes mesmo de ele terminar de falar, Clara já o cutucou (nem um pouco sutil, diga-se de passagem). — Desculpa, cara. Vou pegar uma água. Mais alguém?

Eu sabia que Alexandre não tinha feito por mal, mas praticamente tive um miniataque de pânico com aquela pergunta.

— Cara, sem problemas, pode tomar sua bebida — disse Dereck. — Tenho que aprender a conviver com isso.

Percebi que eu e Clara fomos as únicas preocupadas com o fato de Alexandre falar de álcool na

frente de Dereck, que não demonstrou reação, mantendo a voz tranquila e serena. Isso me deixou muito feliz, pois vi que realmente estava se adaptando à nova realidade.

Respirei fundo, tentando relaxar. Clara tinha razão: eu exalava nervosismo, e não havia necessidade para tanto.

— Aqui no Brasil temos um ditado que é mais ou menos assim: “Companheiro é companheiro, filho da puta é filho da puta”. Ou seja, você não bebe, eu também não — disse Alexandre. — Simples assim.

De repente a risada tomou conta do ambiente, todos achando graça de um homem refinado como ele citar um ditado tão popular como aquele.

Clara terminou de colocar a mesa, sem permitir que eu ajudasse. Dereck perguntou como havia sido meu dia no hospital e me contou como tinha sido no estúdio.

Ele passou o dia em reuniões, por isso chegamos à casa de Clara separados, mas, de acordo com meu rock star, à noite recompensaria sua ausência. Eu já estava ansiosa. Por mais que amasse Clara, por mais que ela tivesse razão sobre aquele encontro, eu não via a hora de estar sozinha com Dereck.

O jantar transcorreu muito bem. Alexandre e Dereck conversavam abertamente, não demonstrando nenhum rancor por ele quase ter roubado a mulher de sua vida. E Dereck ria das piadas de Clara, mas sempre voltando o olhar para mim, agindo com uma naturalidade impressionante, como se ela não tivesse sido um grande amor e quase o levado a destruir a própria carreira e a própria vida. E eu estava no meio daquilo tudo, entre o homem que amava e minha melhor amiga.

Em certo momento, fiquei desconfortável por uma lembrança que Dereck e Clara compartilharam. Nada de mais, apenas uma curiosidade sobre um show de Dereck. Fui até a cozinha e tomei um gole de água, demorando mais que o necessário.

— Não faça isso.

Levei um susto ao ouvir a voz de Alexandre.

— Eu reconheço quando vejo alguém apaixonado — continuou ele. — Vai por mim, essa expressão me persegue. — Ele balançou a cabeça, sorrindo. — Ele te ama, Manu. Sei que é difícil para você, assim como não é fácil para mim saber que o cara que está ali conversando com minha esposa, com a mãe da minha filha, um dia já foi amante dela. Mas me deixa te dar um conselho: aquele homem ama você, assim como eu amo a Clara. Não deixe o ciúme atrapalhar isso.

— Eu sei que é coisa da minha cabeça. O Dereck está se mostrando um cara incrível.

— Então, pronto. Pare de sabotar sua felicidade. Não complique as coisas, pelo amor de Deus. Já basta tudo que eu e Clara passamos.

Sorri ao notar que a preocupação dele era genuína. Alexandre tinha um coração de ouro.

— Ei, vocês vão perder a sobremesa — disse Clara, da sala.

— Vamos lá.

Alexandre e eu voltamos a nos sentar à mesa. Segurei na mão de Dereck assim que o alcancei, e ele, em resposta, apertou meus dedos entre os seus, sorrindo. Colei meus lábios nos dele e lhe dei um beijo terno, demonstrando minha confiança.

Dereck retribuiu o gesto de afeto, mas soltou minha mão assim que viu o pote de doce de leite. Como criança, lambeu os lábios, fazendo todo mundo gargalhar.

Menos eu. Não achei a menor graça em ver sua língua deslizando por seus lábios — o que senti foi

bem diferente...

DERECK

Em poucos minutos estávamos em casa.

Não precisei convidá-la para subir. Ela desceu do carro antes de mim e tomou a frente, assim como estava fazendo com a minha vida. Cumprimentei o porteiro e entramos no elevador.

Manuela ficou me encarando. Era a primeira vez que sorria desde que deixamos a casa de Clara. Ela estava muito preocupada com o jantar, mas fiz o melhor que pude para fazê-la se sentir confortável todo o tempo. Se dissesse que foi fácil estar perto de Clara, estaria mentindo, mas tudo era diferente agora. Clara fazia parte do passado.

Assim que entrou em meu flat, os olhos de Manuela se fixaram na parede. Ela sorriu, surpresa. Em uma das paredes da sala, eu havia pintado o verso de uma música que compus na clínica, uma das primeiras, que significava muito para mim. Ela passou a mão por cada letra, como quem admira uma obra de arte.

Two ways

Two possibilities

Two chances

A choice

And no regrets

— Dois caminhos. Duas possibilidades. Duas chances. Uma escolha. E nenhum arrependimento — murmurou ela, traduzindo para o português.

De repente, sem perceber, cantarolei esse refrão, de olhos fechados, sentindo a presença da mulher que abalava minhas estruturas. Quando abri os olhos, Manuela me encarava. Um sorriso iluminou seu rosto, fazendo seus belos olhos brilharem.

— Muito melhor na sua voz do que em uma parede. Quero ouvir o restante.

— Quem sabe um dia — falei. — Vou subir para tomar um banho. Quer me acompanhar?

— Você é terrível.

Ela me deu a mão e me acompanhou. Antes de ir até o quarto, percebi que havia um recado grudado na estante, ao lado da tv. Peguei o bilhete e sorri ao ler.

— Minha mãe quer conhecer você, senão vai chutar minha bunda.

Uma gargalhada estalou no ar, me surpreendendo.

— Rindo de mim, dra. Manuela?

— Gostaria de ver essa cena: sua mãe chutando seu traseiro. Ela deve ser uma grande mulher.

— Posso levar você a Gramado para conhecer a fera. Ou a trago aqui, para conhecer o estúdio e...

— mordisquei sua orelha, enquanto completava em um sussurro: — E você.

Ela concordou, me deixando desarmado diante de sua coragem.

Era um passo muito importante. Ter Manuela perto de minha família seria uma sensação única.

Fizemos amor lentamente.

Amei Manuela com cada movimento durante o sexo. Foi sublime, e o brilho em seus olhos quando

estamos juntos será uma das visões que eternizarei em minhas lembranças.

— Dorme comigo? — pedi.

— Como?

— Pode parecer meio infantil, mas eu não consigo dormir sem você.

Manuela continuou com uma cara de quem não estava entendendo.

— Não consigo relaxar quando estamos separados. Você lançou algum feitiço em mim, baby.

— Acho que posso fazer isso hoje. — Ela piscou para mim, seu olhar transmitindo uma suavidade que me fascinava. — Mas ainda é muito cedo, Dereck.

Compreendi o que ela falava, mas não concordei. Eu queria estar o tempo todo com Manuela, e isso incluía passar todas as noites em seus braços. Sempre que a deixava em casa e voltava para minha cama vazia, o sono desaparecia, como se fosse engatilhado pela minha morena de olhos verdes.

— Só hoje... — insisti, embora não fosse muito sincero em minhas palavras.

Ela fez uma careta deliciosa. Fui obrigado a morder o canto de sua boca, puxando seu lábio com os dentes. Manuela também precisava estar junto de mim.

Ela se aconchegou ao meu lado na cama.

— Nos livros parece muito fácil — murmurou, deitando a cabeça em meu peito. — Nunca sei o que fazer com esse braço.

Ela sorriu, apontado para o lado direito. Achei graça de seu comentário, mas ela logo se ajeitou, parecendo confortável. Dei um beijo em sua testa e alcancei o interruptor, desligando as luzes do quarto.

— Obrigada por estar aqui — falei.

E, como se fosse mágica, adormeci em menos de cinco minutos.

“Apologize”, One Republic

A cena se repetiu todos os dias do último mês. Assim que eu saía do hospital, encontrava Dereck me esperando. Ele sempre me buscava nos fins dos meus plantões, e eu estava ficando mal-acostumada com tanto carinho e cuidado.

Evitávamos o máximo possível sair em público, pois Dereck queria manter nossa privacidade. No início eu brinquei com ele, dizendo que não me importava em sair nos jornais, mas Dereck ficou desconfortável e mudou de assunto, e eu também não voltei a falar sobre isso.

O estúdio ia de vento em popa. Era o assunto preferido da mídia. Dereck tinha dado a eles algo do que falar — e falar bem.

Pelo menos duas vezes na semana eu visitava a Brazilian Music. Tinha adorado o nome que os meninos deram à gravadora.

— Pode começar — avisou Dereck ao candidato.

Estávamos atrás de uma grande parede de vidro enquanto um jovem se posicionava do outro lado. Sentado em uma banqueta com um violão, ele deu início à apresentação.

It's too late to apologize, it's too late

*I said it's too late to apologize, it's too late.**

O garoto começou direto no refrão da música. Era o primeiro a se apresentar nas audições. Antes, os candidatos eram avaliados por uma equipe externa, e só depois dessa triagem é que chegavam ao estúdio para a audição com Dereck, que tinha a palavra final.

Eu estava animada. O menino cantava muito bem, mas vi Dereck abaixar a cabeça e achei que não tivesse aprovado. No entanto, quando vi seu corpo balançando ao ritmo, entendi o que era.

Aproveitei que Ryan estava distraído e me aproximei de Dereck. Puxei minha cadeira e me sentei ao seu lado. Tive medo de que ele surtasse, mas o máximo que aconteceu foi que suas costas se enrijeceram quando o toquei no ombro.

— Estou aqui — falei, na esperança de que minhas palavras bastassem. — Respire fundo e escute. Aos poucos você vai perceber que são só palavras cantadas. Você ama tudo isso, lembra? — sussurrei em seu ouvido.

— Tudo bem, primo? — perguntou Ryan.

Com o olhar, eu o fiz entender que não, não estava tudo bem, mas ia ficar.

— Vou pegar uma água — disse ele.

Assim que Ryan saiu da sala, eu me ajoelhei em frente a Dereck. Queria que ele me escutasse e se recuperasse, assim como no dia do karaokê, mas minhas tentativas de chamar sua atenção estavam

sendo inúteis.

— Meu amor, sou eu, Manuela. Vai ficar tudo bem.

Eu apenas ouvia sua respiração pesada e falha. Ele buscava o ar e bufava como um boi cansado, tentando conter o grito que se formava na garganta.

Ryan colocou um copo com água ao meu lado e foi falar com o candidato, que ainda se apresentava. Acariciei a mão de Dereck até sentir um aperto em resposta. Ele segurou meus dedos e, devagar, os levou aos lábios, beijando-os de leve. Quando eu menos esperava, ele se levantou e me puxou para si. Com um movimento rápido, me pegou pela cintura e me colocou sobre a mesa à nossa frente. Sua testa colou na minha, e senti o suor que descia por seu rosto grudar na minha pele.

— Obrigado por estar aqui — disse ele, antes de me presentear com um beijo casto.

Apesar de ter se mantido limpo durante todas aquelas semanas e de estar fazendo terapia em grupo e individual, além de estar tomando a medicação rigorosamente, sem hesitar em nenhum momento de sua decisão, a síndrome da qual ele sofria era um problema complexo. A recuperação não dependia apenas de sua força de vontade, e, por mais que Dereck fizesse o tratamento corretamente, as crises de pânico ainda o assombravam.

— Cancelei as apresentações de hoje — comunicou Ryan, voltando à sala.

— Tudo bem. Talvez seja melhor cancelar a semana inteira — disse Dereck, me deixando sozinha.

— Ele vai conseguir — disse Ryan, se aproximando de mim para um abraço. — Está melhor do que nunca. Dex vai dar a volta por cima.

Eu me afastei para encarar Ryan. Toquei seu rosto e tentei acalmá-lo, pois suas palavras estavam mais desesperadas que as do próprio Dereck.

— acredite em mim: vou fazer o possível e o impossível para ele voltar a ser quem era.

DERECK

— *Dereck, o diagnóstico é simples. Você está sofrendo de um transtorno chamado síndrome do pânico. Muitas vezes isso é desencadeado por uma situação traumática. Pode ser um acidente, a morte ou a perda de alguém querido. A síndrome do pânico está associada à depressão, mas talvez esse não seja seu caso, o que é um ponto positivo. Você precisa procurar um psiquiatra. Vou recomendar um...*

— *Psiquiatra? Como assim? Eu não estou louco — reclamei, me levantando.*

— *Sente-se, sr. Mayer, e me deixe terminar.*

Muito a contragosto, obedeci, até porque ela tinha um olhar muito duro. Era uma mulher alta, de cabelo cacheado e olhos castanhos. A cor de sua pele me lembrava Manuela.

— *Síndrome do pânico não tem nada a ver com loucura. O psiquiatra é o melhor especialista para tratar o seu problema, porque os seus sintomas têm relação com ansiedade e estresse. Os medicamentos vão ajudá-lo a enfrentar a situação e amenizar os sintomas.*

— *Tudo bem — concordei.*

Ela sorriu.

— *Vou sugerir algumas terapias alternativas, que ajudam a melhorar sua qualidade de vida e amenizam os sintomas. Eu geralmente recomendo trabalhos com música ou artes, mas acho que não é o seu caso, pois, pelo que vejo, suas crises têm a ver com a sua carreira. De qualquer forma, existem inúmeras coisas que podem ser feitas. Vamos escolher a mais apropriada. Exercícios de relaxamento*

também são ótimos para enfrentar as crises. E — eu sabia aonde ela queria chegar — mantenha-se limpo, ou a coisa pode ficar muito mais feia.

Enquanto voltava para casa, eu me lembrava da consulta na clínica de reabilitação, quando fui diagnosticado com a síndrome do pânico. As crises tinham se reduzido a quase zero desde que eu começara o tratamento — quase, pois ainda tive duas.

Manuela estava ao meu lado nas duas ocasiões, o que me acalmava, mas eu ainda a sentia um pouco retraída. Ainda havia alguma coisa que a fazia desconfiar do meu amor. Por isso, eu vinha preparando algo especial.

Estava ansioso para ver a reação dela. Tinha decidido que já estava na hora de fazê-la entender, de uma vez por todas, que ela era tudo para mim.

* É tarde demais para se desculpar/ É tarde demais/ Eu disse que é tarde demais para se desculpar/ É tarde demais.

“How long will I love you”, Ellie Goulding

Quando cheguei ao estúdio, a escuridão que tomava conta do local me surpreendeu. Dereck havia me avisado que tinha uma audição especial e que era para eu sair do hospital direto para a Brazilian Music. Eu não sabia por que ele me queria lá justamente naquela noite, mas venci o cansaço e fui. Eu lutava por Dereck a cada maldito segundo e renovava diariamente minhas forças, pois não podia perdê-lo. Fazia por ele o que não conseguira fazer por Felipe.

O silêncio era sepulcral. Não parecia que aquele dia alguém tentaria a sorte de ser o pupilo de Dereck.

Aos poucos ele tinha se acostumado com os testes, principalmente com toda a tietagem. Era impossível evitá-la. Cada um que entrava na Brazilian queria um pouquinho da atenção do seu ídolo. Tive que aprender a me controlar, a “fazer a fina”, pois a relação com as fãs do sexo feminino não era das mais fáceis. Claro que Dereck estava alheio a todas elas. Eu o sentia ligado a mim. Bastava um olhar para tudo se incendiar. Se isso não era amor, eu não sabia o que era.

O que sentíamos um pelo outro era diferente de tudo que já tínhamos vivido. E olha que Dereck e eu tínhamos era bagagem nas costas! Era justamente o que tornava tudo ainda mais especial: a descoberta de algo novo. Juntos, descobríamos sentimentos e sensações inéditos. Pela primeira vez eu caminhava na mesma linha que alguém. Lado a lado. Unidos.

Sempre acreditei em almas gêmeas, e eu finalmente havia encontrado a minha. Dereck e eu nos completávamos, inclusive nas cicatrizes que carregávamos.

Um bilhete sobre a mesa de som me mandava acender as luzes. Quando bati o dedo no interruptor, a luz clareou todo o ambiente, assim como iluminou meu coração.

Dereck estava do outro lado do vidro. Ele não podia me ver, mas a luz verde que se acendeu em sua frente lhe deu a confirmação de que eu estava lá, pronta para ouvi-lo.

Ele sorriu.

Meu coração simplesmente perdeu o ritmo. Lágrimas desceram dos meus olhos e levei as mãos à boca, tentando segurar a emoção, mas no fim desisti e me sentei na cadeira em frente, me entregando ao momento.

Dereck dedilhou algumas cordas no violão e o som ressoou por todo o ambiente. Não demorou muito até sua voz rouca acompanhar as notas perfeitas que ele tirava do instrumento.

— Estou meio enferrujado, mas a dra. Manuela merece o melhor de mim. Enquanto todos se calavam, enquanto as notas ficavam em silêncio, você trouxe o som para minha vida. Você é e sempre vai ser a melodia que me guia. Esta música é pra você, baby.

Tudo estava mudo.

As palavras não eram ditas.

Não era difícil entender que as notas estavam morrendo. Eu estava morrendo.

Mas você me achou.

Qual era a chance de eu te encontrar?

De me reencontrar?

Você fez meu mundo girar.

Trouxe de volta a canção de amor

e levou toda a minha dor.

Você se tornou minha melodia.

Aquela que para sempre vou cantar.

As palavras foram me acertando. Uma por uma. Era como se eu tivesse passado a vida inteira esperando por aquele momento. Dereck cantava com toda a sua alma, os olhos fechados e os lábios quase tocando o microfone. Seu rosto transmitia serenidade.

De repente, ele recomeçou a música, mas sua voz, dessa vez, gritava seus sentimentos por mim. Fiquei praticamente petrificada, apenas escutando o homem que tinha aprendido a amar.

Sim, eu o amava. Mais do que poderia imaginar. Muito mais do que esperava.

DERECK

Às vezes começamos a amar pelo motivo certo, por encontrarmos em outra pessoa nossa alma gêmea, mas às vezes o amor chega da maneira mais inesperada possível.

Meu amor por Manuela nasceu junto com minha salvação. Fiz dela meu apoio para sair da lama em que me afundava, e nossa relação não foi saudável enquanto não reconheci que ela não era minha heroína. Manuela era minha mulher. Aquela por quem meu coração ansiava. Pura e simplesmente.

Não estava sendo fácil. A batalha para me manter limpo era travada diariamente. Eu sofria a cada maldito dia, negando ao meu corpo o que ele tanto pedia, mas aprendendo a controlá-lo. Muitas noites, acordava suando e tremendo. As náuseas vinham com tudo, deixando minhas pernas bambas e fazendo minha cabeça girar.

Quando isso acontecia nas noites em que eu estava com Manuela, eu a deixava na cama e ia ao banheiro tentando fazer o mínimo de barulho possível, pois não queria que ela me visse naquele estado. Queria ser o tudo dela, e para isso eu me esforçava a cada minuto.

O início do tratamento, ainda em Gramado, foi crucial, mas a maior batalha se daria aqui fora. A síndrome do pânico tinha sido provocada pelas drogas, um nutrindo o outro e os dois me destruindo gradativamente. Mas a vida me trouxe Manuela, que, graças aos deuses, preenchia minha vida, sem deixar espaço para mais nada. Era ela, a música e eu. Mais perfeito que isso, impossível.

Sentar na frente dela com o violão foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Era a prova de fogo necessária.

Durante o tempo que passei internado, rabisquei algumas palavras aleatórias que lembravam minha relação com Manuela. Em uma das noites em que tive uma crise de abstinência, fui até a varanda e compus “Minha melodia”. Escrevi para ela. Cada palavra representava tudo que eu sentia e tudo o que Manuela representava para mim.

Foi a primeira música que compus em meses e foi a primeira que gravei em minha nova fase. Manuela foi minha tábua de salvação, e nada mais justo que ser a primeira pessoa a me ouvir cantá-la.

Dedilhei as últimas palavras e deixei o som do violão ressoar no ambiente por mais alguns segundos. Assim que terminei, foi como se o peso do mundo tivesse sido tirado das minhas costas. Eu ainda tinha medo, ainda suave quando pisava na Brazilian Music, mas a vontade de voltar me mantinha firme, e mesmo com medo eu continuava. Sílabas por sílabas, palavra por palavra, um tom de cada vez, assim eu seguia, como tinha que ser.

O silêncio tomou conta do lugar. Abri os olhos. Era tranquilizador saber que Manuela estava do outro lado; eu sentia sua presença mesmo sem vê-la. Nossa ligação era muito especial.

Fui ao seu encontro, mas a porta se abriu antes que eu deixasse a sala. Manuela tinha um sorriso no rosto e lágrimas nos olhos. Estava linda de calça jeans e camiseta amarela. O cabelo cacheado estava solto e o verde dos olhos parecia mais reluzente do que nunca.

Simplesmente linda!

Coloquei o violão no suporte e a encarei.

— Você foi maravilhoso — murmurou ela. — Mais do que isso... Você foi simplesmente Dereck Mayer.

Assim que ela me alcançou, eu a puxei para os meus braços, de onde ela nunca mais sairia.

— Você me trouxe de volta.

Ela balançava a cabeça, negando.

— Você sempre esteve aqui.

Ela pousou a mão no meu peito, e senti quando meu coração reconheceu seu toque.

Era a única e a melhor coisa que eu poderia fazer para provar meu amor por ela. Nada seria capaz de definir melhor meus sentimentos do que a música. E Manuela era minha música.

“Eu preciso dizer que te amo”, Cazuzza

Cheguei em casa mais cansado do que de costume. Estava sendo uma maratona tomar conta do estúdio e dar atenção ao meu amor.

Estava vindo de uma consulta médica. Parecia que eu estava progredindo com o tratamento, conseguindo me controlar. Já não sofria tantas crises de abstinência como antes e pensar em subir ao palco não era mais tão apavorante.

A retomada da minha carreira me preocupava. Meu tempo no Brasil estava se esgotando, mas Manuela e eu evitávamos tocar no assunto. Sabíamos que minha partida era inevitável, mas ainda não queríamos enfrentar esse obstáculo.

Meu empresário me pressionou até que eu assinasse o contrato da nova turnê. Dessa vez, passaria por países da Ásia, locais em que nunca tinha estado. Era um salto e tanto em minha carreira, mas eu não podia deixar Manuela de fora. Pedi a ele um tempo antes de anunciar a nova turnê, pois precisava conversar com ela com calma. Manuela era a prioridade em minha vida, e eu não quebraria essa promessa.

Ela era a dona da porra do meu mundo, mas eu ainda não havia lhe contado sobre minha partida. Tentava encontrar uma solução, pois sabia que ela nunca abandonaria a profissão para viajar comigo. Manuela ama a medicina, e seria o maior egoísmo da minha parte pedir que abraçasse meus sonhos em detrimento dos seus. Até cogitara aproveitar o almoço para lhe contar sobre a turnê, mas ela estava com tanta pressa que resolvi adiar outra vez. Almoçamos próximo ao hospital, pois Manuela estava de plantão.

Além dela, eu me preocupava também com Ryan, que tinha decidido ficar e ser meu representante na Brazilian Music. Claro que ele daria seu melhor para gerenciar o negócio, mas eu sabia que tinha sido seus sentimentos por Amanda o que o levava a tomar essa decisão.

O relacionamento entre os dois estava cada vez mais sério. Ryan praticamente tinha se mudado para o apartamento dela, o que era até bom, pois me dava mais privacidade. Manuela e eu precisávamos disso.

Engraçado como nossa vida muda sem que a gente tenha controle sobre isso. Assim que Clara me deixou, imaginei que nunca mais me envolveria com uma brasileira, mas Manuela me mostrou que era a mulher perfeita para mim, não importava sua nacionalidade.

Quando cheguei em casa, percebi que descansar não era uma opção. Aquela seria uma noite especial, mais uma entre as tantas que eu tinha com Manuela.

As luzes da sala estavam apagadas, apenas a cozinha estava iluminada. A música de Cazuzza ecoava baixinho pelo ambiente. Eu me aproximei em silêncio e, diante da cena que vi, meu medo de perdê-la

ficou ainda maior. Eu não poderia mais viver sem ela. Sem minha Manuela.

Manuela estava colocando pratos na mesa enquanto cantarolava. Fechei os olhos e deixei que sua voz deliciosa tomasse conta de mim.

*Quando a gente conversa
Contando casos, besteiras
Tanta coisa em comum
Deixando escapar segredos
E eu não sei que hora dizer
Me dá um medo, que medo.*

Assim que ela terminou a primeira estrofe, entrei na cozinha.

Cantei baixinho a letra que conhecia muito bem. Manuela levou um susto ao me ver, mas logo o sorriso tomou o lugar do espanto em seu rosto. Seus olhos brilharam em expectativa pelo que eu falava, então repeti o refrão, mesmo que Cazuza já cantasse outros versos. Queria ficar ali, exatamente na parte em que ele, mesmo com medo, confessava seu amor.

Fui até ela e segurei sua mão, fazendo Manuela rodopiar. Ela usava um vestido azul folgado, deixando-a livre. Para completar, os pés estavam descalços.

Linda e natural.

— É que eu preciso dizer que *eu te amo*... — sussurrei, abraçando-a.

— Então diga — suplicou ela.

— Eu te amo, Manuela.

Fitei seus olhos e eles brilharam, pois era a primeira vez que revelava através de palavras o que sentia havia tempos. Se soubesse que ficaria tão feliz, já teria dito antes, pois não era mais segredo para ninguém que eu a amava incondicionalmente.

Manuela me deu um beijo demorado. Nossas bocas se uniram, e eu sabia que estava em casa. Ela era minha casa. Meus braços rodearam sua cintura e senti como se o chão tivesse desaparecido.

— Preparei o jantar, mas acho que vamos partir direto para a sobremesa.

Faíscas brilharam em seus olhos, e senti quando a excitação se tornou insuportável. Manuela deslizou a língua pelos lábios, e meu controle foi pelos ares assim que ela soltou um pequeno gemido.

Eu a peguei no colo e subi a escada.

— Eu posso andar — disse ela, com uma risadinha que era bem característica dela.

— Vamos economizar suas pernas. — Dei um tapa em sua bunda, de brincadeira. — Você vai precisar.

Manuela me surpreendia cada vez mais. Ela era uma mulher fascinante, e as horas ao seu lado me faziam recuperar a sanidade. Eu era o contrário dos outros homens. A maioria perde o juízo com as mulheres, mas eu encontrei o meu. Manuela me trazia lucidez.

Estava animado. Na verdade, aliviado era a palavra mais adequada para o que eu estava vivendo.

— Dereck, eu preciso de você.

Sua voz era puro desejo. *Porra!* Meu pau ficava duro só de ouvi-la sussurrar meu nome. Ela estava extremamente excitada, a bocetinha pingando, implorando para ser saciada pela minha boca.

— Há quanto tempo você está planejando trepar comigo? — sussurrei em seu ouvido. Eu segurava seus braços, e senti os pelos de sua pele se arrepiarem. *Fuck!* Aquilo era muito bom. — Diz, doutora: há quantas horas você está imaginando minha língua na sua boceta e meu pau enterrado em você?

— Desde o almoço. Quando a sua maldita língua deslizou pelos seus lábios na hora de comer o doce de leite. Passei o dia todo me lembrando da sensação de ter sua língua dentro de mim. Satisfeito?

Ela falava de forma direta. Eu estava hipnotizado por suas palavras dizendo que me desejava.

Me lembrei de nosso almoço. No restaurante, eu tinha dito que doce de leite era uma das minhas sobremesas preferidas. Pelo visto, passaria a ser de Manuela também.

Ela se levantou da cama e saiu do quarto, me deixando surpreso. Estava aprontando alguma, mas eu ainda não sabia o quê.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Me satisfazer.

Deus! Eu a queria tanto que não conseguia sequer explicar essa urgência para mim mesmo. Apenas necessitava me afundar nela e esquecer todo o mundo. Apenas enxergar o brilho dos seus olhos quando a tomasse para mim.

Já tive muitas mulheres, tantas que não consigo me lembrar do rosto de nem metade delas. Algumas foram especiais e somente uma tinha chegado ao meu coração, mas Manuela não se encaixava em nenhuma categoria. Com ela, tudo era novo.

Quando ela voltou ao quarto, eu já estava sem a camiseta. Percebi quando ela engoliu em seco, analisando cada centímetro do meu abdômen. É tão fútil se vangloriar com isso, mas me senti o homem mais sortudo do planeta ao ter aqueles olhos verdes desejando meu corpo.

— Já te disseram que você é um belo homem?

Sorri.

— Algumas vezes — respondi, no mesmo tom de brincadeira.

Em vez de se sentir contrariada, Manuela prosseguiu, tirando o vestido.

O.k.! A dra. Manuela quer brincar.

— Alguém já te disse que você tem um belo par de seios?

— Algumas vezes.

Eu me aproximei dela antes de tirar a calça. Queria que ela fizesse isso. De joelhos na cama, segurei suas mãos. Fui controlador. Mas eu era assim antes de tudo acontecer, e Manuela estava trazendo minha vida de volta.

Ela deslizou os dedos sobre meu peito até chegar ao cós da calça. Assim que tocou o botão, eu a detive.

— Você precisa entender que não vai ter mais volta. Eu quero você, e quero para sempre.

— Essa é sua maneira de me pedir em casamento?

— Ainda não estou preparado para isso. Mas você é a única coisa da qual não abro mão.

Ela não respondeu, apenas abriu minha calça, sussurrando:

— Dereck...

Eu não precisava de respostas, o toque de sua mão me dizia tudo que eu precisava saber. Ela ficaria ao meu lado.

— Manuela... Deus do céu. Isso é bom.

Joguei a cabeça para trás quando senti suas mãos tirarem meu pau de dentro da calça. Ela tinha um sorriso sapeca no rosto.

— Mais uma vez, diz meu nome.

— Manuela — repeti.

Por alguns segundos, saí do meu próprio corpo. Manuela estava de quatro na minha frente, o cabelo balançando em um movimento de vaivém. Ela tomava meu pau na boca e o engolia o máximo possível. Sua língua deslizava pela cabecinha, dando longas lambidas. *Porra!* Era uma boca tão molhada e quente que meu corpo inteiro tremia.

Vi nossa imagem no espelho que tomava quase toda a parede do quarto e, puta que pariu, eu ia gozar. Minha calça estava na metade da minha bunda, como se fosse uma foda rápida ou proibida, fazendo meu tesão aumentar ainda mais. Com a mão esquerda, Manuela acariciava meus testículos, e, porra, céus, eu ia gozar.

Enfie as mãos no cabelo dela e deixei o quadril tomar a frente dos movimentos. Empurrava fundo, sentia sua garganta se abrir para me receber, mas também ouvia sua respiração ofegante quando eu recuava.

Eu estava duro como pedra, assistindo a tudo pelo espelho, vendo Manuela me fazer o boquete mais maravilhoso de toda a minha vida.

— *Yes... No... Stop...* — Eu murmurava palavras incoerentes. Meu corpo pesava, e eu não sabia se conseguiria me manter de pé. Resolvi interrompê-la, ou não sobreviveria àquela noite. — Deita. Se você continuar chupando meu pau dessa forma, isso não vai durar.

— Não quero que dure. Quero que você goze.

— Sim, dra. Manuela, isso vai acontecer, mas só quando a sua boceta estiver me sugando. Quero gozar bem fundo em você. Agora, deita.

Ela caiu para trás na cama, gemendo de forma sexy, só de calcinha e sutiã, esperando por mim e por minhas mãos, que ansiavam tocar seu corpo. A adrenalina em minhas veias; naquele momento, eu poderia cantar. Me levantei da cama e fiquei completamente nu, tirando a calça e a cueca, e me arrastei sobre o corpo de Manuela, deixando-a como eu. Nua!

Passei o nariz pela parte interna de sua coxa e apreciei a forma como ela se contorcia quando eu chegava cada vez mais perto. Seus gemidos enchiam meus ouvidos, e eu poderia apostar que era a canção mais esperada por mim. A pele entre suas pernas era macia e quente, e meus lábios deslizavam facilmente por suas coxas.

Teria que ser mais rápido. Eu ansiava por mais e não podia esperar. Deixei minha mão direita viajar mais fundo e abri seus grandes lábios. Visualizei o clitóris, e minha boca se encheu de água. Estava faminto por Manuela.

Não perdi mais um segundo sequer.

O grito dela ecoou pelo quarto no momento em que deslizei a língua por sua entrada. Suas pernas se fecharam na minha cabeça, me apertando. Comecei a acariciá-la, ignorando o clitóris propositalmente, mas quando bati a língua nele ela se contorceu em minhas mãos.

— Merda, Dereck! Pelo amor de Deus... Faz isso de novo.

Ver Manuela se desmanchando de prazer era até melhor que um orgasmo.

Expus seu ponto sensível e comecei a lambar com movimentos rápidos porém delicados. Queria que ela sentisse todo o prazer que eu podia proporcionar.

— Canta pra mim...

Paralisei ao ouvir aquele pedido.

Minha mão em seu seio.

Meus dentes em seu clitóris.

E meu nariz em sua boceta.

— Como da outra vez. Canta enquanto me chupa. Estou quase gozando, e só um verso que você cantar... *Merda!* Por favor, Dereck!

Uma excitação além do normal tomou conta de mim, e deixei o cheiro de seu sexo invadir meu nariz.

— É isso o que você quer, dra. Manuela? Minha língua tremendo no seu botãozinho, apertando você até sua boceta despejar tudo na minha boca?

— Sim... é isso... sim... sim...

Nunca ouvi tantos “sim” em uma mesma frase. Se é que posso considerar os sussurros de Manuela algo decifrável.

Fiz como ela pediu. Dei aquilo pelo qual ela implorava.

Comecei a fazer aquecimento vocal. Fazia um tempo eu havia aprendido que as técnicas que usava antes de entrar no palco podiam levar uma mulher à loucura, pois alguns dos exercícios mexiam com todos os músculos da boca. A ideia de usar isso entre as pernas de uma mulher era praticamente a descoberta do século.

— Ahhhh! Isso... humm... Sim... Porra, Dereck!

Seu corpo inteiro tremeu. Os seios estavam pontudos, se exibindo para mim, a pele suada e escorregadia. Lambi e bebi todo o líquido que Manuela me dava. Ela foi aos céus e aterrissou em minhas mãos.

Fiquei olhando para ela, saciada, o rosto vermelho, o cabelo selvagem com fios grudados na testa. Tão linda, me seduzindo a cada gemido.

— Minha vez. — Ela girou o corpo, me jogando na cama, assumindo o controle. — Me espere aqui.

Enquanto a observava rebolando aquele traseiro delicioso, não consegui conter meus pensamentos. Porra! Como eu queria aquela bundinha.

Antes de chegar à mesinha ao lado da porta do quarto, ela me olhou por cima do ombro. Meu coração começou a bater descompassado. Minhas mãos grudaram no lençol, o suor brotando na testa.

Não podia mais viver sem ela.

Eu só tinha me sentido daquela forma duas vezes: quando fiquei sem droga e quando fiquei sem Clara. E acho que Manuela era a junção das duas coisas.

Ela voltou logo, sorrindo como a moleca que era, segurando alguma coisa às costas e com cara de quem estava aprontando. Eu tinha a leve impressão de que já sabia o que era.

— Passei o almoço todo imaginando qual seria o gosto de doce de leite com Dereck. — *Mulheres e seus planos maléficos!* — Vou lambar cada centímetro do seu corpo, cada tatuagem, e quando terminar vou montar em você, deixando seu pau desaparecer totalmente dentro de mim.

Engasguei com suas palavras e desejei ardentemente que fizesse isso. E logo, pois meu pau já estava começando a doer de tão duro.

Manuela destampou o pote, enfiou o dedo no doce e começou a me lambuzar. Eu me contorcia em cima da cama. Era muita provocação. Aquela mulher estava me matando lenta e dolorosamente.

Achei que ela fosse passar o doce no meu pênis, mas me surpreendeu. Nos minutos seguintes, Manuela derramou doce em cada tatuagem que eu tenho, e, acredite, não são poucas.

Sua língua deslizava em minha pele, arrepiando todas as terminações nervosas do meu corpo. Mas ignorava meu pau propositalmente. E ele estava prestes a explodir.

Quando ela lambeu o nó dos meus dedos, deslizando-os para dentro da boca, não aguentei e a puxei pelo braço. Um pouco bruto, confesso, mas a necessidade era agonizante.

— Hora de comer o prato principal — murmurei, antes de capturar seu mamilo entre os dentes. — Me mostre como se faz, doutora.

Manuela se posicionou acima do meu membro. Ambos observávamos nossos corpos se unindo, seu quadril descendo, engolindo primeiro a cabeça e depois escorregando, deslizando, me recebendo por inteiro.

— Pare — pedi, desesperado.

Ela não hesitou em me atender.

Afundi os dedos em seu quadril, mantendo-a erguida, e arremeti forte, entrando completamente. Manuela soltou um grito, e segurei com mais força, tentando manter as coisas sob controle. Ela espalmou as mãos em meu peito e começou a se movimentar lentamente. Era demais para mim, eu ia gozar rápido. Muito rápido.

— Baby, não consigo me segurar mais. Eu sinto cada contração do seu corpo, e isso está me matando. Preciso que você seja rápida. Sua bocetinha está me apertando.

Ela ignorou totalmente meu pedido. *Sério*. Será que ela tinha ouvido alguma palavra do que disse? Pelo visto, não, pois jogou a cabeça para trás e levou as mãos aos seios, brincando com os mamilos enrijecidos pelo tesão. Seus olhos se fecharam, e senti que estava em um mundo só dela, um mundo prestes a desmoronar em um orgasmo.

Eu me segurei o máximo que consegui, me concentrando no rosto de Manuela e em sua pele morena que tanto me fascinava. Eu não podia gozar antes. *Porra!* Ela precisava ser mais rápida, a lentidão estava me matando. A boceta quente e úmida apertava a cabeça do meu pau e praticamente me sugava quando deslizava para baixo.

— Dereck... estou gozando.

— Graças a Deus — falei.

Ela cavalgou por mais alguns segundos e senti quando o orgasmo a dominou. Sua boceta me prendeu entre suas pernas, levando meu pau para mais fundo de uma forma que eu também não conseguiria suportar. Bombeeí três vezes e gozei, enquanto gritava seu nome.

Aquilo era o céu. E eu queria morrer naquele exato momento para dizer a Deus que minha vida tinha valido a pena.

“Always”, Bon Jovi

A palavra “felicidade” não comportava tudo que eu tinha vivido naquele último mês. Em algumas semanas, experimentei tudo que não conhecera a vida inteira.

Foi muito rápido, mas meu amor por Dereck só crescia a cada dia. Dereck ainda era Dereck, o mesmo homem que vi pela primeira vez na casa de Clara. Os mesmos olhos que me encararam naquele dia e que voltaram a me olhar durante aquele plantão.

Bendito plantão. Quando meu coração ainda sofria por Felipe, um homem que arrasaria minhas estruturas cruzou meu caminho. Parecia que estava tudo preparado, organizado por alguém que olhava por mim. Eu só podia imaginar que naquilo tudo tinha o dedo do Lipe.

Eu me lembrava de Felipe com carinho, mas não sentia mais aquela angústia de antes. Finalmente o tinha deixado partir. Um dia, quando eu estava de folga, Clara me chamou para visitarmos o túmulo dele, e deixamos flores para o homem que fez a diferença em nossas vidas.

— Eu sempre vou amá-lo, Manu. Felipe foi o homem que me ensinou o que é o amor. Se hoje tenho o Alê em minha vida, se hoje tenho uma família e um futuro, devo isso a ele.

O sorriso brilhava na foto dele.

Antes de sairmos, olhei uma última vez para seu rosto e agradei por ele ter feito parte da minha vida, por ter me dado alegria, inspiração e, principalmente, a melhor amiga que eu poderia ter.

— Você está bem? — perguntei, um pouco preocupada.

Não sabia o que era, mas o rosto de Amanda não reluzia a alegria dos dias anteriores. Ela e Ryan estavam cada vez mais firmes. Eu teria que comprar um vestido em breve, pois aquilo me cheirava a casamento.

— Algum motivo para não estar? — Ela sorriu e deu de ombros.

— Desembucha, Amanda. Você está com aquela cara de quem está me escondendo alguma coisa.

— O Ryan vai se mudar lá para casa.

Rá! Eu não disse?!

— E qual a novidade nisso? — brinquei. — Ele já está praticamente morando no seu apartamento, mesmo. Não sai de lá, e pelo visto você também não. Mal vejo você fora daqui.

Apontei o garfo para ela e percebi que Amanda ficava cada vez mais nervosa. Aquilo não estava certo. Amanda não me escondia nada, a não ser que fosse algo que me machucasse. Coloquei o talher no prato e a encarei. Seus olhos desviaram por um segundo, mas bastou para confirmar minhas desconfianças.

— O que foi, Amanda? Diga logo e para de me cozinhar em banho-maria.

Ela respirou fundo antes de soltar a bomba que explodiria em meu colo.

— Ele vai se mudar para a minha casa porque o Dereck está indo embora. Fechou contrato para uma nova turnê. Vai daqui a menos de um mês.

Ele não podia ter feito isso comigo.

A comida simplesmente voltou para minha garganta. Pensei que fosse vomitar no refeitório do hospital, na frente de todo mundo.

— Ryan decidiu ficar. — Ela pegou minha mão sobre a mesa, me fazendo um carinho. — Amiga, estou com isso entalado desde o início da semana. Eu sabia que o Dereck não tinha te contado, porque você não comentou nada.

Levantei da mesa em um acesso de fúria. Já era sexta-feira e o imbecil do Dereck tinha me escondido aquilo durante todos aqueles dias. Estava organizando sua vida sem mim. Eu já sabia que aquilo aconteceria, mas não contava que fosse tão cedo.

Como eu fui burra!

— Manu...

Os olhos de Amanda me pediam perdão por um erro que não era seu.

— Obrigada por me contar. Significou muito para mim.

— Não tome uma decisão precipitada. Dereck ama você.

— Será, Amanda? Será?

Ela balançou a cabeça em negativa, não concordando com meu questionamento. Eu estava tão machucada por ter sido a última a saber mais uma vez que fui inundada por dúvidas que achei que já houvessem ficado para trás.

Enquanto me dirigia ao consultório, mandei uma mensagem para ele.

Ei, como vão as coisas?

Logo ele me respondeu:

Com saudade da minha morena.

Mandei: *Alguma novidade?*

Entrei em minha sala e me sentei. O coração quase saltando pela boca.

Dereck: Sim, fui convidado para fazer a abertura de um festival de rock. Apenas algumas músicas. A banda não virá dessa vez.

— Mentiroso de merda! — gritei para o nada.

Até quando ele esconderia a turnê de mim? Uma raiva descontrolada me dominou. Coloquei o celular na gaveta, ignorando totalmente qualquer resposta que ele pudesse enviar. Estava em pânico, sem saber como agir naquela situação.

Respirei fundo e tentei me acalmar. Ainda tinha uma tarde inteira pela frente no hospital e, pelo bem dos meus pacientes, precisava esquecer Dereck. Pelo menos até descobrir o que fazer.

Quando entrei no apartamento, logo notei que não estava sozinha. As chaves do carro estavam sobre a mesa de centro e a música ressoava em todo o ambiente. Sorri apesar do ódio que sentia. Dereck estava retomando o controle de sua carreira. Tudo fluía normalmente, como tinha que ser.

Apesar de cansada, eu ainda tinha forças para uma briga, caso ele não me desse uma boa explicação para a mentira.

Entrei no quarto. Um arrepio percorreu minha espinha, fazendo minhas pernas bambearem.

Ele estava cantando!

Não me atrevi a acender a luz. No escuro, fui até o banheiro. Respirei fundo e parei na porta.

And I will love you baby always

And I'll be there forever and a day always

I'll be there till the stars don't shine

Till the heavens burst and the words don't rhyme

*And I know when I die you'll be on my mind.**

Dereck cantava uma das músicas mais lindas que já ouvi. “Always”, do Bon Jovi. Sua voz soava afinada e combinava perfeitamente com a canção. Coloquei a palma da mão sobre a porta, como se pudesse absorver cada palavra. O som saía abafado pela água que caía, pela minha respiração e pelas batidas do meu coração. Eu sentia cada pulsar na minha pele. Foi uma sensação inesquecível. Colei o rosto na porta, ainda na escuridão, perdida em pensamentos.

And I'll love you always

Quando percebi, já estava sentada no chão, abraçada aos joelhos. Ouvi um barulho e não tive tempo de me levantar ou secar as lágrimas que molhavam meu rosto. Encarei o homem de pé à minha frente: Dereck estava com o cabelo molhado, a toalha enrolada no corpo.

— Eu já sei de tudo — falei.

— Tudo o quê? Por que você me ignorou a tarde inteira? Fiquei preocupado. Você está chorando?

Ele se agachou para tocar meu rosto, mas me afastei.

— Já sei sobre a turnê. Você podia ter poupado a Amanda de ter que me contar sua mais nova conquista.

Seus olhos esbugalhados confirmavam: ele tinha mentido para mim.

— Não é nada disso, eu posso explicar — disse ele, se levantando e estendendo a mão para me levantar. — Tive medo.

Frente a frente, nos encaramos. Dereck me intimidava, mas de uma forma boa, confesso, pois havia tempos não me sentia tão viva.

— Porra! — esbravejou ele, passando as mãos pelo cabelo molhado, fazendo com que algumas gotas de água respingassem em mim. — Não sei o que deu em mim. Fiquei com medo de você me deixar. Eu estava tentando descobrir uma forma da gente superar mais essa. Podemos manter nossa relação à distância, pode dar certo.

Fiquei pensando: se Dereck mentia e escondia coisas importantes, mesmo dormindo ao meu lado praticamente todos os dias, como seria a milhares de quilômetros de distância?

— Eu não tive escolha — insistiu ele. — Desculpa...

Ele tentava se explicar, como se retomar sua carreira fosse um pecado imperdoável. Toda a raiva presente em meu corpo dava uma rasteira na minha razão. Eu queria gritar, estapeá-lo, amarrá-lo e encher sua cara de porrada até que ele entendesse que a música fazia parte de sua vida. Dereck nunca deixaria de ser quem era, mas eu estava magoada por sua atitude.

— Mais uma vez sem mim. Mais uma vez você me deixa de fora da sua vida como se eu fosse... eu fosse... um nada.

— Eu estava tentando proteger você! — gritou ele, desesperado.

— Não preciso que me protejam. Preciso de alguém que caminhe ao meu lado e divida a vida

comigo. Alguém que compartilhe comigo as conquistas e angústias. Alguém que me dê o direito de escolher.

Deixei as mãos caírem ao lado do corpo e tive que respirar fundo várias vezes. Virei as costas e saí do quarto. Não queria encarar Dereck, mas ouvi seus passos — seria impossível fugir daquela discussão.

— Quer parar e me escutar, porra? — bradou ele.

Parei. Girei nos calcanhares, e, ah, tendo covinhas ou não, sendo gostoso ou não, e mesmo tendo a voz mais sexy do mundo, Dereck iria ouvir poucas e boas.

— Primeiro: você está no meu apartamento. — Levantei um dedo e também a voz. Tinha que me manter firme se iria bater de frente com ele. Dereck não recuava em uma briga, sempre com frases eficientes e palavras duras para defender seus argumentos e rebater qualquer um que o desafiasse. — Baixe sua voz, pois eu não sou uma de suas putas. Segundo: você mentiu para mim. Escondeu uma informação que pode mudar nossa vida. Chega, Dereck. Estou exausta. Não quero viver assim.

Minhas palavras tiveram o efeito desejado: ele arregalou os olhos e me encarou com horror, como se não estivesse esperando uma atitude daquela.

Eu estava cansada daquele jogo. Já tinha perdido uma vez e sabia muito bem quando a vitória era impossível. Meu relacionamento com Dereck já tinha começado com prazo de validade.

Enquanto ele pensava no que dizer — o que para mim foi um ganho sem tamanho, mesmo que por alguns segundos —, seu celular tocou. Perdi a razão e, mesmo sabendo que faria uma besteira sem tamanho, provoquei Dereck colocando o dedo na ferida que mais lhe doía: os erros do passado.

— Não vai atender? Deve ser um dos seus amigos, convidando você para uma balada regada a prostitutas, álcool e pó. Onde vai ser dessa vez, em um prostíbulo ou na Voyeur? O que será servido? Loiras, ruivas, maconha, cocaína, uísque? — Fui ao extremo.

Não sobrou muito tempo para que eu pensasse no que acabara de dizer. Dereck aprisionou meu corpo entre o seu e a parede do corredor. Suas mãos rapidamente seguraram meus pulsos sobre minha cabeça. Eu estava presa. Seus olhos me encaravam com um misto de raiva e desejo. Ele estava tão próximo que eu sentia seu piercing tocando meu lábio. Deus! Como eu queria beijá-lo e dizer que o amava. Mas não podia.

— Para com essa merda, Manuela. Eu estou aqui. Voltei por você. Escolhi estar aqui.

— Esse é o problema! — gritei, irritada. — Se tivesse outra escolha, onde você estaria, Dereck? Me diz. Estaria comigo?

Mais uma vez o deixei sem fala. Ele me soltou, e me afastei da parede o suficiente para que meu corpo se recuperasse de sentir a pele dele na minha. Senti seu pau através da toalha, mas me concentrei em seu rosto e em suas palavras para não pensar no que ele poderia fazer comigo.

— Por que você não me entende? Eu estou tentando. As coisas estão se acertando e você simplesmente quer desistir, Manuela. Por quê?

— Sai daqui, Dereck! Some da minha casa e da minha vida! — gritei, deixando o desespero extravasar naquela única frase.

— Eu não posso. — Ele sacudiu a cabeça, como se eu fosse o único fio que ainda o mantinha de pé. Mas eu estava cansada de viver em volta de marionetes. Precisava de pessoas reais, não de fantasmas. — Não me peça para sair.

Virei as costas.

— O que você quer de mim? Diz, porra! O que você quer de mim? — Ele se aproximou e segurou meus cotovelos, fazendo meu braço se curvar. — Você quer sexo? — Ele rapidamente me soltou e deixou a toalha cair. — Quer ser a sra. Mayer, aquela que estampará revistas e jornais? É isso que todas querem. Fama, dinheiro e sexo. Só não achava que você seria assim.

Uma de suas mãos percorreu meu corpo de lado, acariciando minha costela até chegar ao meu pescoço, onde ele pousou os dedos abertos, sentindo minha veia pulsar.

DERECK

— É isso que eu quero — sussurrou, e fechei os olhos. Queria apreciar a voz dela, mas também me recusava a ouvir o que estava prestes a sair de sua boca. — Quero ser sua puta, quero que você trepe comigo, quero seu pau enterrado em mim por horas e horas até o desejo consumir a gente. Quero ocupar todos os espaços. Quero estampar os jornais, as revistas, os sites e aparecer na TV como sua mulher, sua única mulher. Mas não só isso. Eu quero mais.

Eu me afastei, me preparando para o que viria, mas Manuela se aproximou munida de uma determinação que eu nunca tinha visto nela. Seus olhos verdes me arrastavam para dentro dela. Senti sua angústia se transformar em dor. Ela me alcançou e espalhou a mão por meu peito, e seu toque fez minha respiração falhar.

— Eu quero isso — continuou ela, passando os dedos delicados sobre o lado esquerdo do meu peito. Imediatamente minha pele ardeu com o fogo que se alastrou. — Quero seu coração. Quero ser seu tudo.

Minha cabeça entrou em parafuso. Lembranças da conversa com minha mãe me voltaram à mente como se estivessem acontecendo de novo naquele apartamento.

Ela será o seu tudo.

Levantei o rosto e bebi da visão que era minha Manuela: vestida de forma simples, sem nenhuma maquiagem e de rabo de cavalo. Estava linda. Levantei a mão e toquei seu rosto. Manuela descansou a cabeça sobre a palma da minha mão e sorriu esperançosa.

— Você tem muito mais de mim do que imagina.

— Então fica. Fica de uma vez por todas.

Eu não sabia o que dizer. Estava diante das duas coisas mais importantes na minha vida e sentia que, a menos que as duas se encaixassem perfeitamente, como letra e melodia, uma me tiraria a outra e eu seria para sempre um homem aos pedaços.

Emudeci, e isso deixou Manuela ainda mais triste. Eu era um idiota por fazê-la sofrer depois de tudo que ela havia passado. Mas eu continuava perdido.

— Vai embora.

— Por favor...

— Vai embora, Dereck.

Ela não chorava mais. Seu rosto estava calmo, me dizendo que queria realmente aquilo. Mesmo contra minha vontade, eu me vesti e saí.

* E eu vou te amar, querida/ Sempre/ E estarei aqui, para sempre e mais um dia/ Sempre/ Estarei lá até as estrelas deixarem de brilhar/
Até os céus explodirem e as palavras não rimarem/ Sei que quando eu morrer você estará em minha mente.

“Ela vai voltar”, Charlie Brown Jr.

— Tem certeza?

— Tenho!

Respondi ao convite de Amanda. Ela havia passado em minha casa e tentava me arrastar para o show de Dereck. Estávamos afastados desde aquela briga. Não havia outra solução, e, por mais que eu quisesse correr para os braços do meu roqueiro, sabia que não podia exigir que ele me escolhesse. A música fazia parte dele. E Dereck fazia parte da música.

Pedir que abandonasse tudo para ficar ao meu lado seria extremamente egoísta. Em seu lugar, eu também teria mentido e também me sentiria perdida.

Eu tinha me afastado por causa de sua mentira, por ele ter escondido algo que me afetaria diretamente, mas mantive minha decisão por outro motivo. Porque nunca daria certo. Um relacionamento à distância? Com um astro do rock? Eu não era uma adolescente de quinze anos para achar que estava em um conto de fadas. Era uma mulher e desejava ter família, ter marido e filhos. Será que Dereck me daria isso? A resposta que encontrava não era muito agradável: *Não, Manuela, isso não vai acontecer.*

— Tudo bem, Amanda. Acho que ele vai ficar melhor sem mim.

Amanda me olhava com pena. Eu já tinha contado a ela minha decisão: depois do show, Dereck e eu teríamos uma conversa definitiva. Eu voltaria para o hospital e para meus pacientes, enquanto Dereck seguiria sua carreira. Como tinha que ser.

Amanda pegou a bolsa, me deu um beijo e saiu. Assim que ela atravessou a porta, as lágrimas surgiram. Sempre foram comuns em minha vida, mas ultimamente vinham com mais força. Sequei os olhos e me levantei do sofá. Não era assim que eu conseguiria ter aquela conversa, e não queria parecer uma derrotada para ele. Seria sincera. Dereck tinha mudado minha vida, virando-a do avesso e me fazendo amá-lo como talvez nunca tivesse amado outro homem, mas eu já estava calejada. Nem sempre temos o que queremos.

Tinha mandado uma mensagem para ele ainda pela manhã. Foi a primeira vez que fiz contato desde que paramos de nos falar. Nos últimos dias, eu sentia o desespero em suas palavras me pedindo para não o ignorar e quase quebrara diante de sua tentativa de me ver, mas mantive minha decisão. Seria mais fácil assim. Dereck cogitou não fazer o show marcado, mas o convenci do contrário. Na verdade, ameacei: só falaria com ele após a apresentação.

Resolvi tomar um banho demorado, como se a água pudesse lavar minhas incertezas. Fiquei embaixo do chuveiro por vários minutos, apenas relembrando tudo que tinha vivido nos últimos três meses: minha relação com Eduardo, que não terminou nada bem; o encontro com Dereck, que

transformou minha vida; as drogas, que quase o afastaram de mim; o ataque que sofri, que me marcaria para sempre. Por dias tive pesadelos e medo de sair à rua, mas fiz acompanhamento psicológico, e o pior já tinha passado. Por incrível que pareça, meus agressores continuavam presos. Quanto a Dereck e Ryan, eles não tiveram problemas. Tudo foi em legítima defesa.

Assim que saí do banheiro, o celular tocou. Demorei alguns segundos para decidir se atenderia ou não, com muito medo de Dereck ter desistido da apresentação, por isso fiquei aliviada quando vi o nome de Diego piscando na tela.

— Quer dizer que a mocinha continua birrenta?

— Não sei do que você está falando — respondi, me fazendo de desentendida.

Eu me sentei na cama, ainda enrolada na toalha enquanto me preparava para o sermão, mas não foi o que ele disse.

Eu tinha contado a Diego sobre minha briga com Dereck. Assim como Amanda, meu amigo me aconselhou a não ser tão durona, mas não adiantou de nada, pois eu continuava determinada a pôr um ponto final naquela história. Não via outra saída.

— Não vou dizer mais nada, Manu. Você tomou sua decisão e eu a respeito. Estarei ao seu lado, sempre.

— Obrigada, Di.

— Talvez ele não seja seu príncipe encantado.

— Não. Com certeza não é.

Diego e eu nos despedimos combinando um jantar. Nossa amizade só crescia a cada dia, ainda mais agora que eu me sentia perdida. Fiquei pensando sobre como era incrível uma pessoa fazer tanta diferença na vida de outra.

Desliguei o telefone e fui me vestir. Sorri amargamente, pois sentia que estava me aprontando para uma batalha. O que não deixava de ser verdade, afinal, eu tinha lutado com todos os meus sentimentos para tomar aquela decisão.

Quando fui pegar um brinco, vi o cartão de memória que a mãe de Will me entregara perdido entre as bijuterias, e a tristeza pela perda de Will me afetou novamente. O hospital não era mais o mesmo sem ele.

Rapidamente peguei o notebook e o abri sobre a cama. Encaixei o cartão de memória e abri as pastas. Will vivia tirando fotos no hospital, por isso um nó se formou em minha garganta ao prever o que veria.

E eu não estava errada.

Havia centenas de fotos minhas e de Amanda fazendo caretas, brincando, com outros médicos e enfermeiros, no jardim, enquanto contávamos histórias às crianças, e muitas com Will. Muitas selfies, vídeos engraçados e montagens carinhosas.

Mais uma vez chorei a perda, que é ainda mais dolorosa quando vem através da morte.

Algumas fotos e vídeos chamaram minha atenção. Uma delas mostrava a alegria do fã ao lado de seu ídolo. Eu me lembrava daquele momento, eu que tirei a foto, no dia em que Dereck conheceu Will. Outras me deixaram surpresa: eu não sabia que Dereck o tinha visitado depois daquele dia.

Abri um vídeo que quase me fez me desmanchar em lágrimas. Além de Will, toda a ala pediátrica tinha se beneficiado com as visitas de Dereck. Meu coração falhou por um segundo. Nada do que eu

vivi poderia ter me preparado para a cena que via. Se eu tinha alguma dúvida de que amava Dereck, elas morreram ali ao vê-lo brincando com as crianças.

“Canta para a gente, Dereck!”, pedia Will, entregando seu violão.

Dereck parecia desconfortável, e desconfiei que o vídeo tivesse sido gravado no auge das crises de pânico.

“Olha lá, será que dessa vez ele vai cantar?”, ouvi Amanda dizer, e não acreditei que ela tivesse me escondido aquilo. Enquanto o vídeo rolava, mandei uma mensagem para ela.

Ela me respondeu logo depois.

Seu roqueiro tudo de bom visitou as crianças algumas vezes. Pediu para não te contar. E, como eu não resisti a sua voz sexy e suas covinhas enlouquecedoras, cumpri a promessa. Will também prometeu. E, antes que você me aplique uma injeção letal, ele estava certo: era uma coisa que ele precisava fazer sozinho.

Fiquei de queixo caído.

Na tela do laptop, todas as crianças estavam sentadas. Dereck tocava como se o violão fosse um objeto sagrado. Seus olhos brilhavam e suas feições estavam completamente transformadas. Ele estava calmo, o sorriso não era forçado, tudo nele fluía naturalmente enquanto ele dedilhava as cordas, tirando notas perfeitas que me fizeram suspirar.

“O que vocês querem ouvir?”, perguntou ele, e o bando de adolescentes começou a falar ao mesmo tempo. Dereck jogou a cabeça para trás e gargalhou diante do caos que se instalou na sala. “Já que o violão é do Will e é a terceira vez que ele me empresta, vou deixar o moleque escolher.”

O carinho de Dereck por Will era emocionante. Um alívio me invadiu: pelo menos uma alegria ele teve antes de partir.

“Que tal Charlie Brown Jr.?”, sugeriu Will, irradiando felicidade. Acho que eu nunca o vi tão animado.

“Sério? Achei que você curtisse um sertanejo”, provocou Dereck.

Will fez uma careta.

“Sai dessa. Aqui é rock and roll”, reclamou o menino, fazendo o sinal clássico dos roqueiros. Os dois riram juntos.

Meus olhos não desgrudavam da tela do computador, que mostrava uma das cenas mais lindas que eu já vira. Dereck tocou por alguns segundos e logo sua voz começou a ressoar em todo o ambiente.

Fui arrebatada. Fui levada para um lugar desconhecido, pois nada no mundo se equiparava aos sentimentos que experimentei naquele momento. Dereck tinha o público mais especial que poderia existir.

Minha mente

Nem sempre tão lúcida

É fértil e me deu a voz

Minha mente

Nem sempre tão lúcida

Fez ela se afastar

Mas ela vai voltar

Mas ela vai voltar

Dereck não poderia ter feito escolha melhor. Will amava todas as músicas da banda, mas já tinha o ouvido cantar várias vezes “Ela vai voltar”. Will levantou a voz acima de todos e cantou a estrofe seguinte, deixando Dereck de olhos arregalados.

Todas as crianças batiam palmas no ritmo e cantaram junto com os dois o restante da música. A alegria era geral, e até algumas enfermeiras se juntaram próximo à janela, apreciando o show particular de Dereck.

Era irrevogável. Contrariando minha razão, meu coração foi se entregar justamente a quem não deveria.

Assim que ele terminou de cantar, as palmas soaram. Dereck entregou o violão a Will e trocou algumas palavras que colocaram um sorriso em meu rosto. Quando o vídeo acabou, meu coração parou junto com as imagens.

Uma mensagem em meu celular chamou minha atenção:

Ele não vai conseguir. :/

Tentei ignorar, mas não consegui. As palavras de Amanda e o vídeo a que eu tinha assistido tiraram meu chão.

Naquele momento, a única coisa que eu desejava era chegar àquele show a tempo de dizer a Dereck que iria com ele para onde ele fosse.

“Coming home”, Diddy-Dirty Money

— Mano, se concentra, você consegue. É só imaginar que já fez isso centenas de vezes. Lembra, Dereck, é a sua guitarra. Você ama o que faz.

Ryan tentava me acalmar, mas eu estava em pânico. O medo de não conseguir me tirava o equilíbrio. Era a primeira vez que eu subiria no palco desde que largara as drogas, a primeira vez em meses que cantaria sozinho, sem álcool ou cocaína. Era para ser a primeira de inúmeras vezes, mas eu simplesmente não conseguia. Sem ela, não conseguiria mais. Manuela era a melodia que me guiava, e sem ela eu sentia que a música não faria mais sentido.

Ryan tinha marcado aquela apresentação pois sabia que um show excelente colocaria um ponto final em tudo que eu havia passado nos últimos meses.

A Brazilian Music rendeu algumas notas positivas, notícias de que eu estava recuperado e pronto para retomar minha carreira e que voltar aos palcos seria a consagração de toda a minha luta.

— Não vou conseguir, Ryan. Essa merda tá me matando.

Olhei para meu primo e vi Amanda ao lado dele. Com um olhar melancólico, ela o abraçava como se quisesse dizer que ele não tinha culpa, tentando acalmá-lo. De repente, ele a deixou no canto da sala e foi até mim. Segurou minha cabeça com as duas mãos e me encarou determinado.

— Você foi ao fundo do poço, mas nasceu por sua própria força. Eu sei que está sofrendo, mas você é mais do que isso. Você não é de desistir sem lutar. Você ainda não perdeu, Dereck. Ainda é o meu exemplo. Mesmo quando estava na merda, eu via como você se preocupava comigo. Sua garra só me faz amar você ainda mais, *brother*. Agora sobe na porra daquele palco e mostra para o mundo quem é você e o que é capaz de fazer com uma guitarra nas mãos.

Eu me via nos olhos de Ryan, assim como via sua força. Ele era o reflexo do que eu já fora um dia.

— Faça por você — suplicou Ryan. — Só isso.

Assenti, concordando com ele. Mais uma vez, Ryan estava certo. Ele se afastou e voltou a ficar ao lado de Amanda. Um sorriso estampou seu rosto, e percebi como ele era moleque. Era um sorriso genuíno, de quem já havia visto muita merda, mas ainda acredita no melhor das pessoas. E ele acreditava em mim.

— Dereck Mayer no palco em cinco minutos — anunciou ele no rádio que carregava consigo.

Joguei a cabeça para trás e sorri, tamanha sua audácia.

— Eu tô é morta! — exclamou Amanda, animada, e não pude deixar de sorrir.

Naquele momento, Ryan pareceu notar alguma coisa.

— Escuta só isso — disse ele.

Parei um momento e me concentrei nos sons que vinham da plateia. Meus olhos queimaram, e a

emoção me deixou absorto. Estavam gritando meu nome. Um coro entoando um único pedido: minha música. Uma força descomunal passou a me guiar, a guiar meus movimentos. Acreditei naquilo. Acreditei no que eu era quando cantava. Acreditei que conseguiria.

A multidão explodiu em gritos assim que meus pés pisaram no palco, mas eu não enxergava mais nada. Apenas uma pessoa era captada por meus olhos, apenas uma pessoa fazia meu coração disparar.

Manuela estava do outro lado do palco, olhando para mim. A felicidade me invadiu: seus olhos estavam serenos e brilhantes. O verde que eu aprendera a amar se destacava em seu belo rosto. Ela sorriu, me deixando ainda mais perdido no momento que vivia.

Era inacreditável. Eu pensava que a tivesse perdido para sempre. A condição de só me ver após o show tinha me dado a certeza de que ela me deixaria. Por isso o pânico e o desespero.

Cheguei a dar o primeiro passo para ir até ela, mas ela fez um sinal me impedindo. Olhei confuso, sem saber o que fazer. Então vi Johnny ao seu lado. Ela trocou algumas palavras com meu segurança e entregou algo a ele. A multidão à nossa frente estava em silêncio, acompanhando o que acontecia.

De repente, o telão atrás de mim se acendeu e uma imagem surgiu diante de todos. As luzes do palco se apagaram, como se aquilo fosse programado, como se fizesse parte do show. Mal sabiam eles que o show era minha própria vida.

Nunca me gravei cantando, mas vou abrir uma exceção. Quem sabe, depois que eu partir, esse vídeo não viralize pela internet, me tornando um defunto famoso.

Eu conhecia a voz e o rosto de quem dizia aquelas palavras. Palavras que aos olhos de muitos poderiam soar como deprimentes, mas que faziam parte do humor negro de Will.

Depois de visitá-lo algumas vezes, passei a entender o carinho que Manuela sentia por ele. Mesmo à beira da morte, o garoto me ensinou mais sobre a vida do que eu poderia imaginar.

Passei muito tempo acreditando que fosse chegar um coração. Eu só pensava nisso, ficava sonhando em não precisar mais de hospitais e cirurgias.

Manuela tinha as mãos juntas, emocionada.

Às vezes eu ria quando queria chorar, brincava quando só queria era me esconder para sempre. Só a música e eu.

Will parecia sério demais, mas de repente sorriu para a câmera.

Este vídeo é dedicado a Dereck Mayer, meu ídolo, o homem que me mostrou que a música é muito mais que a união de ritmo e melodia. Ele me ensinou que a música significa aquilo que mais queremos na vida. Então, para mim, significa esperança.

Eu estava destroçado. Manuela chorava compulsivamente, e não aguentei mais: corri até ela e a abracei, enquanto os primeiros acordes eram entoados.

— É isso que você e a música representam para muita gente. Você não pode desistir. Eu sei que não vai, e te amo muito por isso.

— Manuela... — Seu nome ficou preso na minha garganta. — Eu te amo.

I'm coming home

I'm coming home

Tell the world I'm coming home

Let the rain wash away all the pain of yesterday

I know my kingdom awaits and they've forgiven my mistakes

I'm coming home, I'm coming home

*Tell the world that I'm coming.**

Encarei meu amor, incrédulo. A emoção transbordava de seus olhos, atingia minha alma. Will cantava “Coming home”, e dizer que estava *voltando para casa* nunca me pareceu tão certo. Segurei a mão de Manuela e não a soltei enquanto levava o microfone à boca.

Acompanhei Will, cantando o verso seguinte:

*I'm back where I belong, yeah, I never felt so strong.***

A banda que havia sido escolhida para me acompanhar notou o que eu fazia, e a bateria explodiu, fazendo todo mundo gritar e cantar junto comigo.

Levei Manuela até o centro do palco e deixei que Will cantasse parte da música, o que ele havia feito com maestria.

Manuela me olhava com admiração.

As palmas da plateia acompanhavam a música. Tudo me era familiar, tudo era natural demais.

Voltei a cantar o refrão, mas agora com mais vontade. Tudo explodia ao meu redor, e eu sentia que depois de muito tempo deixava a música tomar conta de mim. Toda a emoção que sentia transbordava nas notas que cantava.

Quando terminamos a música — Will e eu —, achei que o local fosse vir abaixo. Foi ensurdecador, e tremi ao escutar meu nome sendo gritado.

Manuela apertou minha mão e me dirigiu o olhar mais reconfortante do mundo. Em um instinto incontrolável, beijei sua boca. Senti o gosto de seus lábios e confirmei que aquele era o melhor sabor do mundo.

Deus, ela estava ali por mim.

Assim que me soltou, fitei seus olhos.

— Vai lá, meu rock star. Estarei aqui, esperando você, até o fim.

Eu não queria soltá-la, mas logo algo substituía Manuela em meus braços: minha guitarra, que Ryan tinha trazido. Não havia troca mais perfeita. E a única aceitável.

Fitei a mulher que havia transformado meu mundo e compreendi seu pedido. Encarei o público, ansioso por minha apresentação. Joguei o suporte da guitarra pelo pescoço e passei os dedos pelas cordas que ansiavam por meu toque.

Ryan posicionou o pedestal, e encaixei o microfone.

— Fazia muito tempo... Fazia muito tempo que eu não me sentia completo no palco. E espero que vocês sintam isso. OBRIGADO, BRAAAAAAAAAAAAAASIIIIIIIL!

Nada mais justo que explodir o nome do país que eu tanto amava.

Cantei as músicas seguintes com a alma, como se minha vida dependesse daquilo. Cantei como nunca havia cantado, o amor explodindo em meu peito e movimentando as palavras que saíam da minha boca. A todo momento eu olhava para Manuela, ao lado de Amanda e Ryan. Música após música, eu a sentia comigo. Ao meu lado. Entre uma canção e outra, eu ia até ela apenas para olhá-la.

— Te amo — me dizia ela, apenas movimentando os lábios, sem emitir som.

— Você é o meu tudo.

No final do show, fiz uma homenagem a Will, que, de uma forma ou de outra, tinha feito parte da

apresentação. Ele foi o impulso de que eu precisava para entender que desistir não era uma opção, assim como ele não desistiu. Lutou até o fim.

Antes da última música, olhei para Manuela e não acreditei no que vi: meus pais ao lado dela. Eu me emocionei ao ver minha mãe com as mãos em oração. Sua admiração era perceptível, e tive que me segurar para não quebrar. Meu velho me aplaudia, com orgulho nos olhos.

O mundo havia girado. Dias tinham se passado. Pessoas se foram. Palavras foram ditas. Lágrimas foram derramadas. Mas tudo de que eu precisava na vida estava ali, ao meu lado, me mostrando que a vitória só é verdadeira se você tem pessoas que ama, com quem compartilhar a glória de vencer.

Eu era a porra do homem mais sortudo do mundo, e nada nem ninguém me afastaria deles novamente.

Levei a boca ao microfone e me despedi do meu público:

— *Estou voltando para casa.*

* Estou voltando para casa/ Estou voltando para casa/ Diga ao mundo que estou voltando para casa/ Deixe a chuva levar toda a dor de ontem/ Eu sei que o meu reino me espera e que vão esquecer os meus erros/ Estou voltando para casa, estou voltando para casa/ Diga ao mundo que estou voltando para casa.

** De volta a onde é o meu lugar, sim, nunca me senti tão forte.

Epílogo

TRÊS ANOS DEPOIS

Amar é se doar, mesmo que não saibamos o motivo,
mesmo que nada faça sentido.

“Dear God”, Avenged Sevenfold

— Tenho um presente para você.

Fazia apenas meia hora que eu havia chegado em casa. Manuela estava me esperando, ansiosa e com a mesma saudade que eu trazia no peito refletida em seus olhos. Mas um presente era novidade. Não esperava por aquilo.

Ela se levantou da cama onde tínhamos feito amor minutos antes. O desejo que senti quando a vi foi incontável. Ela estava linda quando cheguei, vestindo apenas uma das minhas camisetas, o que fazia diariamente, tentando minimizar a dor por estarmos longe.

Eu estava louco de saudade, de tédio, de alegria por vê-la. Ela se jogou em mim, me abraçando e me beijando com urgência. A saudade era tanta que eu tinha vontade de me fundir a ela e não me separar nunca, mas a distância era inevitável. Tínhamos decidido assim.

Fiz do Brasil minha morada, o lar para onde sempre voltaria. Manuela ficou, fazendo o que sabia de melhor: cuidar de quem tanto precisava. Abriu a própria clínica — nada de plantões exaustivos para minha médica preferida. A maioria dos seus pacientes a seguiu, o que era merecido, por sua competência e profissionalismo. A clínica lhe dava mais liberdade, e sempre que podia ela ia ao meu encontro.

Eu estava em turnê, mas tive uma pausa de uma semana e fui para casa, direto da Austrália. Praticamente vinte e quatro horas de voo, mas não me importei, pois a falta que sentia dela era maior que todo o cansaço. Precisava voltar, estar perto da minha Manuela.

Ryan veio comigo, para fazer uma surpresa para Amanda. Meu primo agora era um homem casado. Depois de muitas idas e vindas, eles tomaram a grande decisão. O namoro dos dois foi uma verdadeira turbulência: Amanda tinha pívô curto e Ryan não levava desaforo para casa. Isso tudo fez os dois quase se matarem algumas vezes, mas, no fim, Ryan sempre acabava voltando, e Amanda sempre estava à espera dele.

Manuela e eu fomos padrinhos do casamento. Foi emocionante. Um dos presentes que dei foi a canção que compus para meu primo, agradecendo por sua amizade e dizendo que ele era um verdadeiro irmão para mim.

Ao chegar ao Brasil aquele dia, nem vi Amanda, deixei Ryan na porta de seu prédio e praticamente voei para casa. Manuela estava à minha espera.

Nossos beijos, assim que cheguei, evoluíram para o sexo. Delicioso, sublime e cheio de sentimentos. Eu a amava tanto que meu peito ficava apertado quando estava longe e meu coração

acelerava quando estava próximo a ela. Manuela me controlava de todas as formas possíveis.

Agora ela estava ao meu lado, os olhos brilhando de empolgação e um sorriso bobo no rosto. Ela passava os dedos pela tatuagem que eu tinha feito antes de sair em turnê. Quando viu sua música tatuada em minha pele, Manuela surtou. O refrão de “Minha melodia”, música que compus para ela, estava marcado para sempre em mim. De todas as formas possíveis.

Você se tornou minha melodia

Aquela que para sempre irei cantar

Puxei-a para mais perto de mim e beijei seus lábios de forma carinhosa. Quando ela tentou se afastar, mordisquei sua boca, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

Manuela se levantou e estendeu uma caixa em minha direção. Ela estava ansiosa para ver minha reação. Assim que a peguei, ela começou a me filmar com o celular. Fiquei intrigado e resolvi acabar com aquela agonia de uma vez por todas.

— Queria ter entregado assim que você chegou, mas você não me deu tempo — brincou ela.

— Nada era mais importante que ter você e matar essa saudade. Eu estava louco. Os caras não me aguentavam mais.

Ninguém me queria perto. Não aguentavam meu mau humor. No fim, acabava com Johnny, o único que compreendia o que eu passava.

Manuela mordeu o polegar, sinal claro de que estava nervosa. Aprendi isso com o tempo. Já sabia de cor todas as suas reações. Dedicava minha vida a fazê-la feliz e faria isso por todos os anos que me restassem.

Desfiz o laço da caixa. Uma fita azul, de seda. Abri a tampa e senti meu mundo girar. Nada, em toda a minha vida, poderia ter me preparado para aquele momento. Por vários segundos encarei o interior da caixa, perplexo, perdido nos pensamentos que me passavam pela cabeça.

— Isso é verdade?

Ela fez que sim, os cachos envolvendo seu pescoço, os olhos piscando em afirmativa.

Coloquei a caixa de lado e Manuela soltou um gritinho de surpresa quando aprisionei seu corpo junto ao meu.

— Tem ideia de como você me faz feliz, Manuela? Você pode imaginar a grandiosidade disso?

As lágrimas faziam seus olhos brilharem. Ela ergueu a mão e acariciou meu rosto.

— Pelo visto, em breve vai ter alguém mais importante do que eu.

Olhei novamente a caixa e retirei o cartão.

“Dentro de mim, dois corações batem por você.”

A chupeta, ao lado, eliminava qualquer resquício de dúvidas: eu seria pai.

Os sentimentos não cabiam em mim. Eu queria gritar, avisar a todo mundo que meu filho estava a caminho, mas nada me faria sair do lado daquela mulher. A mulher que era tudo para mim. Minha melodia.

Deixei a cama devagar. Olhei para Manuela, ali, linda, dormindo serenamente. Contemplei sua barriga, ainda plana, mas que logo cresceria. Ela era meu tudo, e agora traria ao mundo um ser que mesmo antes de nascer eu já amava incondicionalmente. Meu filho. Não via a hora de cantar para ele.

Fui até o escritório do nosso novo apartamento. Tínhamos decidido nos mudar, deixar o flat e o apartamento de Manuela para trás. *Vida nova!*

Abri o cofre e peguei um envelope. Algo que tinha permanecido em minha mente por todos aqueles anos. Eu me sentei na poltrona e encarei o papel que tinha nas mãos. A carta que havia escrito na clínica.

Estava na hora.

Para Dereck Mayer

Gramado, outubro de 2016.

Você conseguiu.

Lutou, batalhou até que tivesse sua vida de volta.

É, meu brother, foi foda tudo que a gente passou. Toda a angústia, a dor e o sofrimento. Por muito tempo achei que desistir seria o melhor, mas resolvi que, para o seu bem, deveria lutar. Então foi o que fiz — o que fizemos juntos.

Estas linhas são bobagens, tudo que escrevo são meras palavras jogadas em um papel, mas o sentimento, esse sim, o sentimento que está em meu coração, que me impulsiona a escrever, é o que realmente importa. O amor. Ele é o único milagre capaz de transformar o mundo. O único capaz de mudar sua vida completamente.

Não a deixe. Seja sempre a pessoa de que Manuela precisa. Deixe que ela o guie, que seja sua eterna melodia.

Não se sinta culpado. Sei que você deve se martirizar por tudo que fez, mas os grandes obstáculos lhe ensinaram que há algo maior que sua dor.

Sei que se você está lendo isso é porque uma fase se encerrou, um ciclo se fechou, e você está pronto para aceitar a felicidade. Apenas isso. Deixei esta carta para te lembrar que você deve viver um dia de cada vez. Uma luta de cada vez. Uma alegria de cada vez. Mas só quando estiver pronto. Pronto para viver e esquecer tudo que passou. Leia estas palavras, que foram escritas no momento em que decidiu que a vida era maior do que a dor, mas depois a destrua, pois você não precisará mais de nada. Apenas de si mesmo, Manuela e a música.

Aliás, já disse a Manuela que a ama hoje? Diga a ela todo maldito dia. Não desperdice essa oportunidade. Você não sabe quando vai perdê-la. E acredite: mesmo se vocês passarem a vida toda juntos, ainda não será suficiente. Ela sempre merecerá mais.

Dereck Mayer

Alguns anos depois...

DIEGO

— Tio Di! — grita Vitória assim que me vê entrando em sua casa.

Minha sobrinha é a coisa mais encantadora e fofa que eu já vi. Ela é linda como a mãe. Cabelo, pele, formato do rosto, tudo se parece com Clara. Apenas os olhos, extremamente azuis, são do meu irmão Alexandre e, por consequência, meus também.

— Ei, princesa. Olha o que o tio trouxe.

Estendo uma grande caixa de presente cor-de-rosa.

Clara e Alexandre me olham com reprovação. Na opinião deles, Vitória só deveria ganhar presentes em datas comemorativas, mas eu sei fazer muito bem meu papel de tio: estragar os sobrinhos.

Observo Vitória abrindo a caixa. Seus olhinhos brilham para a boneca de princesa que vi no shopping agora há pouco e não resisti em comprar.

— Olha, mamãe! — diz ela, toda sorridente.

Clara pega a boneca e observa a tiara em sua cabeça semicerrando os olhos e me fitando com raiva. Esse eu sei por que estou recebendo.

— Tio Di, blinca comigo de plíncipe e plincesa? — pede minha pequena.

— Claro.

Eu me sento no sofá próximo a ela e pego um dos bonecos que representa o príncipe.

— Você tem uma missão, tio Di? Quer estragar minha filha com contos de fadas?

Não falei? Conheço Clara como a palma da minha mão. Conheço tanto que sei muito bem que ela não impedirá a filha de viver um sonho. Apesar de ter escolhido o lado mau da família, ela acredita no amor.

Dou de ombros e flagro Alexandre sendo complacente com meu sorriso.

— Tenho que garantir o futuro de homens como eu. O que será deles se existirem somente “Claras” no mundo? — explico, provocando minha cunhada.

Ela sempre diz que, enquanto eu sou o príncipe, seu marido está mais para o lobo mau. E devo concordar. Alexandre não se encaixa nem um pouco na descrição de príncipe, sempre fui eu o mais romântico da família. Engraçado como isso não o impediu de se casar primeiro. Mas tinha que ser assim. Eles são as metades que se completam, e eu ainda não achei a minha.

Meu irmão gargalha ainda mais com meu comentário, mas logo se cala com o olhar que recebe da esposa. Com esse único gesto, você percebe quem verdadeiramente comanda essa relação. Clara tem meu irmão em torno do seu dedinho.

— Eu não fiz nada. Você só me mete em confusões, moleque — diz ele, levantando as mãos em sinal de rendição, mas depois aponta para mim. Clara sorri, dando a confirmação de que ele precisa. Meu irmão a puxa para um abraço e beija sua testa carinhosamente. — Eu amo que você prefira o

lobo mau, minha menina.

Cada vez que olho para eles, penso no quanto a vida pode ser dura, mas cada obstáculo vencido é a prova de que vale a pena lutar. Um casal que se ama e que nada foi capaz de separar. E Vitória é a prova viva do amor verdadeiro dos dois.

— Fica para o jantar, Diego.

Alexandre pega Vitória no colo e espera minha resposta.

— Fica para uma próxima, mano. Vou passar na promotoria para checar alguns processos — respondo, já me levantando.

Clara cochicha alguma coisa no ouvido de Vitória. Acredito que ela tenha orientado a menina a se despedir, pois minha sobrinha vem correndo, meio cambaleando, até mim. Ela estende os bracinhos e eu a pego no colo.

— Tchau, tio Di.

Ela me dá um beijo melado na bochecha, mas não me importo. Seu sorriso é tudo que preciso receber para me sentir bem. Um sorriso inocente e verdadeiro.

— Tchau, princesa. — Beijo carinhosamente sua testa.

Amo meus sobrinhos com o sentimento mais verdadeiro do mundo e estou me corroendo de saudade de Antônio. Nunca pensei que Priscilla faria tanta falta ao ir morar na Espanha. Claro que sempre senti saudade da minha irmã, mas com a chegada de Antônio esse sentimento se multiplicou. Só vejo meu sobrinho a cada três meses. Acho que por isso paparico tanto Vitória, como uma forma de compensar a atenção que não posso dar a Antônio.

Eu me despeço da minha família e sigo em direção ao prédio do Ministério Público.

Prestei concurso para promotor. Não estava muito confiante, já que, por causa do acidente, não me dediquei tanto aos estudos, mas passei em segundo lugar, e, como o primeiro colocado desistiu de assumir, acabei sendo convocado. Conversei muito com minha família antes de tomar a decisão de parar de advogar e me tornar servidor público. Alexandre me apoiou incondicionalmente, sempre me dizendo para fazer o que era melhor para mim. Meu pai, claro, como bom advogado que é, quis me convencer a continuar no escritório, mas no fim também ficou ao meu lado. Então, há cinco meses assumi a promotoria criminal da cidade.

No começo, achei que não conseguiria. É tudo muito diferente da área em que atuava até então, mas, depois dos primeiros meses, já estou adaptado e me sinto totalmente à vontade em meu novo trabalho.

Assim que estaciono o carro, percebo que parece não haver mais ninguém no prédio. O acúmulo de trabalho é grande, por isso, desde que assumi o cargo, frequentemente faço horas extras. Tento me policiar para não fazer isso sempre, mas é mais forte do que eu.

Pego uma pilha de pastas na sala dos estagiários e levo para meu gabinete. Tiro os sapatos e me sento confortavelmente no sofá. Quando abro a primeira pasta, a natureza do processo desperta a minha atenção de cara. *Lesão corporal e estupro de vulnerável em ambiente doméstico.*

Maria da Penha, uma lei que revolucionou o mundo jurídico, mas que não precisaria existir se dentro dos relacionamentos reinasse apenas uma palavra: RESPEITO.

Passo para a próxima folha, com os dados pessoais da vítima.

Larissa Marques - 23 anos.

Uma foto anexada mostra uma bela garota. Cabelo liso até os ombros, pele levemente bronzeada, sorriso meigo de uma menina que acabou de crescer, mas que ainda não deixou totalmente a infância. Seus olhos são o que mais me chama a atenção: castanho-escuros, nada de especial, mas reconheço neles um brilho de esperança. Algo diferente na maneira como as sobrancelhas estão arqueadas, completando um olhar sonhador.

Estico as pernas, ficando mais confortável, e me apoio no braço do sofá. Não consigo parar de olhar para a foto, mas o dever me chama e tenho que terminar a leitura do processo.

Antes de passar para a próxima página, dou uma última olhada na imagem e gravo aqueles olhos em minhas lembranças.

Ainda bem, pois o que vejo logo em seguida me revira o estômago.

A mesma garota, porém totalmente desfigurada. Meu corpo inteiro se enrijece e não consigo manter a postura. Desço as pernas e me sento ereto. A imagem à minha frente é revoltante; por um momento esqueço o cargo que ocupo e o ódio circula em minhas veias, junto com a vontade de matar o filho da puta responsável por uma crueldade como essa.

Larissa, a mesma com o sorriso de menina e o olhar sonhador da foto anterior, está com o rosto vermelho e machucado. Um olho mal se abre de tão inchado, a pele branca deu lugar a hematomas arroxeados e a sobrancelha traz um longo corte que provavelmente vai virar uma cicatriz.

Deixo o restante do processo no sofá e me levanto com a foto nas mãos. Só queria entender como alguém é capaz de uma crueldade como essa. Um verdadeiro monstro.

Instintivamente, passo o dedo pelo rosto tão machucado e encaro o olho da menina que não foi tomado pelo inchaço. Não há mais brilho, nem sonhos. Está vazio e gélido. Isso me destroça.

— O que fizeram com você, princesa?

Agradecimentos

Agradeço a todos que me ajudaram na produção desta obra.

Obrigada aos leitores que estavam ansiosos para conhecer a história de Dereck, um personagem que tinha tudo para ser apenas mais um, mas que se tornou essencial em *O amor não tem leis* — tanto para vocês como para mim.

Agradeço à minha família, que, como sempre, esteve ao meu lado. Pai, mãe, Naninha e Paulo: graças a vocês eu acredito na vida e no amor.

Minha eterna gratidão às minhas leitoras betas, que iluminam meu caminho: Gisah, Renata, Luana, Manu Torres, Luziana, Débora, Vanessa e Eri.

Também agradeço muito a Roberta Pantoja, minha querida editora, que lapida minhas palavras com todo o carinho possível.

Por fim, agradeço a Dereck Mayer, que, mesmo sendo um personagem, me ensinou mais sobre a vida do que eu poderia imaginar.



Foto: ROSANIA ALVES PIMENTEL SOLINSKI/
ESTÚDIO FOTO NOVA COLOR

CAMILA MOREIRA, vinte e nove anos, é taurina, goiana de nascimento e mato-grossense de coração. Formada em direito, começou a escrever nas horas vagas, no final de 2013, quando publicou na rede social Wattpad *O amor não tem leis* e *O amor não tem leis — O julgamento final*, que rapidamente se tornaram e-books best-sellers na Amazon. Em seguida, a Suma de Letras publicou as versões físicas das obras e lançou também o livro inédito *8 segundos*. Os romances tiveram repercussão internacional: Camila foi citada pelo jornal americano *The Washington Post* como referência da nova literatura erótica brasileira.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Thiago de Barros

Imagem da capa
YakobchukOlena/ iStock

Edição
Roberta Pantoja

Preparação
Sheila Louzada

Revisão
Clara Diament
Marise Leal

ISBN 978-85-438-0691-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Sumário

- Capa
- Rosto
- Nota da autora
- Playlist
- Prólogo
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- Epílogo
- Alguns anos depois...
- Agradecimentos
- Sobre a autora
- Créditos